

Alfred Rosenberg

# O rasto do judeu através dos tempos

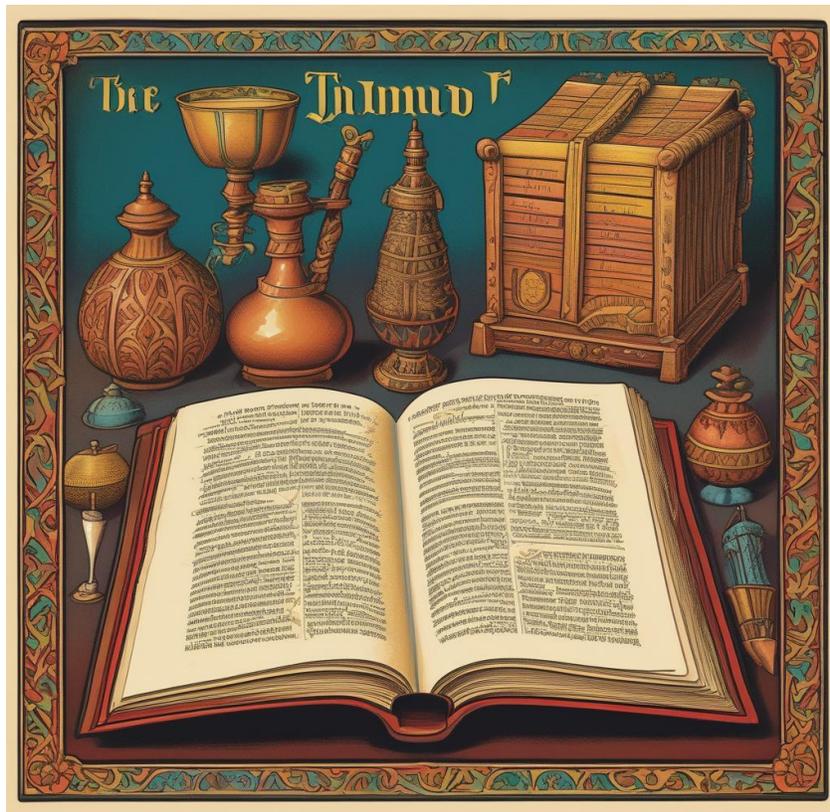
*mais*

## A imoralidade no Talmude

*mais*

Dr. J. Pohl

### Espírito do Talmude



# O rasto do judeu através dos tempos

## Prefácio original

O "Rasto dos Judeus" foi o meu primeiro artigo, escrito em 1919 e publicado em 1920. Uma vez que os debates relevantes encontraram interesse direto na luta posterior, já não foi republicado após a primeira edição. Mas hoje, quando todas as questões requerem uma pesquisa mais profunda para a educação escolar, este artigo escrito há 18 anos contribuirá com a sua parte para o conhecimento do judeu e do seu rasto através dos tempos, pois baseia-se na maior parte das vezes em fontes judaicas, que eram anteriormente desconhecidas do antijudaísmo. Para além de verificações estilísticas, não precisei de fazer quaisquer correcções, uma vez que quase tudo foi processado por mim. Alguns ataques pessoais contra políticos nos capítulos finais poderiam ser atenuados, algumas secções sobre a história das ideias encurtadas.

Por isso, espero que a nova edição seja útil para o conhecimento da inalterabilidade da natureza judaica. Para o futuro, tudo depende de as gerações vindouras compreenderem a profunda necessidade da luta do nosso tempo, para que não se cansem e enfraqueçam como os que nos precederam.

A.R.

Berlim, março de 1937.

## Perguntas gerais

### Díáspora

De facto, hoje em dia, seria supérfluo continuar a gastar palavras sobre a natureza da distribuição global dos judeus, mas os slogans, uma vez estabelecidos, parecem ter uma força e uma vitalidade insuperáveis. Continua a dizer-se, mesmo entre pessoas que tomaram posição sobre a questão judaica, que os judeus, afinal, foram obrigados a abandonar a sua pátria, que alguém os arrastou primeiro para a Babilónia e depois para Roma. Estes dois casos sempre citados são totalmente verdadeiros, mas são também os únicos. Já muito antes da destruição de Jerusalém e já muito antes do nascimento de Cristo, os judeus viviam dispersos por todas as terras conhecidas na altura. (Já antes do exílio, por exemplo, são prováveis casas bancárias judaicas na Mesopotâmia). Da Babilónia, peregrinavam por sua conta e risco para o Oriente; ao mesmo tempo, já viviam nas ilhas Jónicas, na Ásia Menor e, a acreditar nos profetas, em Espanha, para onde tinham vindo com os fenícios.

Mas as informações desta época ainda são escassas; mas os relatos de tempos posteriores mostram que os judeus preferiram aos milhares deixar a sua terra natal, onde, afinal, era preciso ocupar-se, para o bem ou para o mal, com o cultivo e as vinhas, e seguir ocupações mais fáceis e mais lucrativas. Mais tarde, falaremos mais sobre isso, mas é preciso dizer que os judeus estabeleceram inicialmente colónias permanentes com os fenícios, nomeadamente em Tiros e Sidon. Espalharam-se também pelo resto da Síria, tendo sido especialmente numerosos em Antioquia, Selêucia, Laodicéia e Damasco. Foram depois atraídos para a Ásia Menor, onde procuraram habitação tanto ao longo do caminho das caravanas como nas cidades costeiras da península. Assim, viveram em Kapadozien, em Phrygien, em Tarsus, Tralles. Nas ilhas jónicas, eram especialmente numerosos em Esmirna, Éfeso e Mileto, bem como em Halicarnasso e

Knidos. As suas colónias estendiam-se por Chipre, Rodes, Delos, Paros, Creta, Tessalónica, Corinto, Esparta e Ática.

Em Itália, é de Roma que nos chegam as primeiras informações fiáveis do ano 139 antes de Cristo. Também aqui os judeus já deviam estar estabelecidos há muito tempo, para poderem formar uma comunidade mais alargada, como a que já existia nessa altura. Nas cidades do Norte de África, especialmente no Egito, os judeus também viviam em maior número. Aqui, foram atraídos sobretudo para Alexandria e, em breve, já formavam uma forte minoria no seio de toda a comunidade. Graças ao governo tolerante de Ptolomeu Lagi, os judeus foram autorizados a viver em todo o lado, - e assim se fecha o anel de colónias judaicas à volta de todo o Mediterrâneo. As colónias mantêm uma comunicação estreita entre si, atraem novos colonos da Palestina, avançam cada vez mais ao longo das rotas comerciais, pelo que Estrabão tem razão quando afirma que, por volta do tempo de Cristo, já não havia nenhuma cidade que não fosse habitada - e dominada - pelos judeus.

Estas breves indicações, que podem ser multiplicadas à vontade, devem salientar: em primeiro lugar, que a emigração judaica da Palestina, iniciada já na antiguidade, se tornou cada vez maior e, em segundo lugar, que esta emigração foi *voluntária*. Nenhum povo tinha pedido aos judeus, e muito menos os tinha forçado, para se estabelecerem no seu meio; não, como se estivessem possuídos por um demónio, os judeus mudaram-se de uma terra para outra, e "ao fim de alguns séculos", como relata o historiador judeu Herzfeld, "e sobretudo sem qualquer compulsão visível do exterior, os judeus estavam estabelecidos em todas as paisagens desde Medien até Roma, desde Pontus até ao Golfo Pérsico, desde a Macedónia até à Etiópia, e não existia nesta enorme região de terras nenhuma cidade comercial significativa em que os judeus não estivessem representados".

## Comércio e usura

O espaço de que dispomos não nos permite seguir mais de perto a inclinação para o comércio na história do espírito judaico, em pormenor e até ao passado mais longínquo, onde poderia ser mais aprofundada. Apenas se deve dizer que esta inclinação não foi fruto de uma alegada exclusão violenta dos judeus por parte dos populares, mas foi sempre um impulso constante da vida judaica. Por si só, nenhuma repreensão pode ser pronunciada, pois o comércio e o comércio são elementos necessários da nossa existência, mas muito pode ser objetado em relação à natureza do espírito empresarial judaico, sobre o qual falaremos mais tarde.

O facto é que já no tempo de Salomão, e provavelmente muito antes, animadas rotas de caravanas atravessavam a Palestina até à Babilónia, que Salomão cobrava tributo aos mercadores que por ali passavam, que estabeleceu bazares em Damasco e noutras cidades, que já no seu tempo o comércio de cavalos com o Egito tinha assumido grandes proporções, que, finalmente, juntamente com os fenícios, foi empreendida a famosa viagem ao misterioso Ofir, a terra do ouro no extremo oriente. Para além da rota principal, que ia de Damasco através da planície de Jisreel até ao golfo de Acco, havia outras rotas comerciais frequentemente visitadas. Uma delas ia de Scytopolis a Sichem, a outra atravessava a Génova também para Sichem e daí para Jerusalém. Entre esta cidade e a cidade portuária de Ailat existia um intenso comércio; uma outra estrada ia até à cidade marítima de Joppe. Os judeus sempre mantiveram um comércio ativo de intermediários ao longo destas artérias comerciais e, no entanto, muitos deles, para poderem existir na terra, tiveram de se ocupar também de outras formas.

Quando foram levados para o exílio, abriram-se novas oportunidades para o espírito comercial dos judeus. Em pouco tempo, muitos deles, especialmente entre os persas tolerantes e totalmente dedicados ao cultivo, alcançaram grande riqueza. E quando os cânticos de lamento pela pátria perdida se tornaram finalmente realidade, não foi, digamos, todo o povo que regressou à

Palestina, mas apenas os pobres e os "piedosos", que foram obrigados a fazê-lo e que constituíam a menor parte dos expulsos. Os que ficaram para trás empurraram as suas empresas comerciais e bancárias cada vez mais para o Oriente e todos permaneceram em terras estrangeiras.

Os retornados encontraram uma terra pouco povoada que aguardava um cultivo enérgico. Se os judeus também tiveram de chegar a ela, não era isso que tinham em mente, o que a rápida emigração em massa para as terras acima mencionadas forneceu a melhor prova.

A grande mentira com que somos repetidamente mimados consiste na afirmação de que, através das leis de dispersão e de impedimento, o judeu tinha sido excluído de qualquer atividade que não fosse o comércio e, por isso, tinha necessariamente de passar a emprestar dinheiro. Muito pelo contrário: o judeu emigrou, *porque* esperava encontrar em terras estrangeiras o melhor terreno para esse lucro. Por isso, não é por acaso que foi precisamente nos grandes centros comerciais que existiram as colónias judaicas mais prósperas, pois se o coração do judeu ansiava por trabalho, então ele ter-se-ia mudado para uma terra com solo fértil e não para ilhas pedregosas e zonas portuárias estreitas. O autor pode tirar todos os exemplos que quiser para este facto da antiguidade, de todas as épocas e terras. Nas terras bascas de Espanha, por exemplo, ainda havia poucas cidades. Com a intenção de dinamizar o comércio nestas províncias, Sancho, o Sábio (1189), elevou a velha Gasteiz a cidade e emitiu um édito segundo o qual qualquer estrangeiro que vendesse as suas mercadorias poderia aí viver livre de quaisquer encargos. O resultado foi que um grupo de judeus de todas as partes de Espanha se mudou imediatamente para lá, para não perder a oportunidade favorável. Quando, na Pérsia, Abbas Sophir quis revitalizar economicamente o seu país devastado pela guerra, concedeu aos comerciantes estrangeiros privilégios substanciais. O resultado foi que, para além de outras pessoas, afluíram sobretudo judeus de todas as regiões. O mesmo se passou na Polónia, na Boémia e noutros Estados. O judeu não tinha qualquer sentimento de pátria, não podia adquiri-la em lado nenhum, também não ansiava por ela e deslocava-se como eterno errante para onde quer que o negócio dos intermediários e a usura pudessem florescer.

Aqui reside um traço de carácter inegável, que com o tempo se desenvolveu de forma cada vez mais rígida, mas que de forma alguma foi imposto ao judeu por pessoas más. Tal como o anglo-saxão, o escandinavo e o alemão se deslocaram para terras estrangeiras a fim de tornar férteis regiões desprovidas de gente, tal como construíram as suas quintas e, de arado na mão, construíram a sua vida em terras estrangeiras (irmãos de outra natureza que entretanto pesquisavam a terra e o cosmos), também o judeu foi irresistivelmente atraído para a azáfama colorida das cidades portuárias, das casas de câmbio e dos mercados anuais.

Os judeus, como já foi dito, estavam vigorosamente envolvidos no comércio da Babilónia, que transportava produtos chineses e indianos para o Ocidente e abastecia os mercados do Mediterrâneo com os seus próprios produtos preciosos. No entanto, os muitos mestres do comércio que são citados têm a pior reputação. As três cidades da Babilónia são especialmente infames e isso teve a sua razão de ser na atividade comercial dos judeus. Os judeus estavam avidamente unidos aos fenícios, mas frequentemente entravam em amarga disputa com os seus meio-irmãos raciais. Em Alexandria, ascenderam a reis das finanças do país através do seu comércio manhoso e dos seus negócios financeiros, tornaram-se colectores de impostos, emprestaram necessariamente dinheiro até aos reis (por exemplo, fizeram um câmbio de moeda para Agripa) e ganharam os cargos mais influentes na corte. Devido a este poderio judaico, surgiram várias revoltas populares, nomeadamente no ano 116, em que os judeus foram prejudicados, mas recomeçaram os seus negócios com grande tenacidade e em breve recuperaram a sua antiga influência.

E, tal como em Alexandria, os judeus viviam de uma atividade de intermediários em Cirene, na Etiópia (onde se supõe que um judeu foi tesoureiro da rainha Kandake, Apóstolos 8, 27), na Arábia, à volta do Mar Negro, nas ilhas gregas, onde se destacavam sobretudo no comércio de escravos.

Em suma, os judeus, desde a época histórica, seguiram a declaração clássica do Talmud, tract Jebamont Fol. 66a: "Faz 100 fl. no comércio para que se possa desfrutar diariamente de carne e vinho, mas 100 fl. no cultivo significa dificilmente sal e vegetais."

E quando o Rabi Eleazar viu um campo de cultivo onde se plantavam couves e beterrabas, disse: "Mesmo que alguém quisesse plantar legumes em longas fileiras, o comércio é melhor do que tu". Quando o rabino uma vez andou entre as fileiras e viu que elas balançavam para um lado e para o outro, ele disse: "Balança, que o comércio é melhor do que tu".

A usura e a burla sempre estiveram na ordem do dia; dever-se-ia ler com mais atenção os profetas, que não se cansam de apresentar queixas sobre estas características. As recorrentes admoestações do Talmude à honestidade também honram o pregador, mas mostram claramente que não foram ouvidas. (Além disso, só se aplicam aos judeus entre si.) E se se exigisse que não se fizessem pesos de metal, porque se desgasta (!), mas sim de pedra dura ou de vidro, e que se fizesse isso no sal, porque aí seria mordiscado, então estes mandamentos (ou deveríamos dizer sugestões?) não carecem de uma certa comédia e estão de acordo com Oséias, quando diz: "Canaã tem balanças enganadoras à mão, gosta de tirar proveito".

Se tomarmos em consideração as descrições de viagens ao longo dos tempos, deparamo-nos com a manifestação sempre recorrente de que os habitantes de todas as terras em que os judeus existiam em grande número estavam todos cheios de queixas sobre o comércio enganador e a usura insuportável dos judeus. E se os judeus e os amigos judeus cegos também estão sempre prontos a explicar isso como pura inveja, então isso ainda especula sobre a infantilidade muito grande dos leitores. Se o aparecimento da judiaria produz os mesmos resultados *em todo o lado*, então deve haver outra razão que não o desfavor dos habitantes da terra. Mas não precisamos de nos refugiar nesta visão teórica, pois os factos de todas as épocas são, na sua maioria, tão substanciados e tão numerosos que se pode abrir o primeiro melhor livro para apoiar essa visão e pode antes resistir do que ter de procurar a abundância.

Quando os judeus, como já foi referido, se mudaram para as cidades das terras bascas espanholas, a fim de aumentar o comércio, de acordo com a vontade de Sancho, o Sábio, acharam mais cómodo emprestar o seu dinheiro com juros aos camponeses pobres e aos cidadãos para os seus empreendimentos. Mas como esses juros eram naturalmente elevados, os bascos tiveram de hipotecar os seus bens e tornaram-se cada vez mais dependentes. O seu sentido de independência não tardou a revoltar-se contra os invasores estrangeiros que só queriam usura, e o conselho da cidade de Viktoria dirigiu diretamente um pedido de proteção ao rei, que emitiu também um decreto segundo o qual os judeus estavam proibidos de se envolverem em promissórias, "uma vez que, se as coisas continuassem assim, os cidadãos cristãos sofreriam os maiores prejuízos, e a cidade ficaria mesmo totalmente despovoada" (1332).

Na Pérsia, para onde, como vimos, muitos estrangeiros também tinham sido atraídos, "os judeus tinham, com os seus meios e truques, sugado tanto os súbditos nativos e empobrecido tanto os súbditos nativos que o grito chegou até ao próprio imperador", relata um cronista, e acrescenta: "que o ministro do Estado pensou durante muito tempo como se poderia livrar dos judeus sem alienar os outros estrangeiros".

Em Constantinopla, os judeus tinham-se estabelecido em grande número, onde também tinham conseguido grandes riquezas. "A maior parte do dinheiro", relata Tavernier, "encontra-se nas mãos do imperador e dos judeus; mas eu entendo os judeus que residem em Constantinopla. Porque, no que diz respeito aos que estão nas províncias, são pessoas miseráveis, e ainda mais miseráveis do que os cristãos, porque não cultivam a terra; e como não contam senão com as suas regateiras, nem todos podem ganhar o suficiente com o comércio." Os judeus adiantam dinheiro de Bassa, muitas vezes moedas falsas, supervisionam o sistema tarifário, "embora enganem principalmente os cristãos", têm igualmente o aluguer das alfândegas na Síria, na Palestina e no Egito, e Sargredo dá a sua impressão com as seguintes palavras fortes: "A avariza em Constantinopla é como uma prostituta baixa, como cujo proxeneta actuam os judeus".

A situação em Portugal e em França será abordada mais adiante; no que diz respeito a Espanha, os judeus já eram conhecidos desde os primeiros tempos como os traficantes de escravos mais sem escrúpulos, oprimiam os habitantes da terra com o seu dinheiro incomensurável e conseguiam derrubar as leis aprovadas para a proteção dos cristãos ou para impedir a sua execução. Por fim, recorreu-se às medidas rigorosas do batismo forçado e do desterro. Naturalmente, isso não deu em nada, e assistimos durante séculos aos altos e baixos da luta do ouro contra a lei civil, acompanhada de fanatismo religioso de ambos os lados.

"Desde os tempos mais antigos", escreve um historiador judeu, "que os judeus se dedicam a negócios monetários e de câmbio, a que os cronistas anti-judaicos deram o nome de usura". O historiador admite, no início da sua obra, que os judeus "eram tratados em pé de igualdade com os outros cidadãos, sim, gozavam mesmo de direitos especiais [Infanzonen-Recht]", pelo que a usura não é o resultado da hostilidade para com os judeus, mas sim, como noutros locais, a hostilidade de muitos cronistas contra os judeus tornou-se o resultado da usura.

"Onde é que existiu, durante a Idade Média, um mercado de escravos mais visitado do que em Tudela?", proclama Kayserling com orgulho, e continua: "O comércio com os judeus foi praticado pelos judeus de Espanha desde muito cedo; ganhou magnitude e importância aqui mais do que nos outros reinos da península e permaneceu intacto até à derrota total dos mouros, ou, se quisermos, até à expulsão dos judeus. Este comércio de escravos levou então Tudela à "categoria de importante cidade comercial". Mas todo este comércio se torna particularmente picante pelo facto de serem quase só os mouros a experimentar a boa sorte do tratamento escravo, ou seja, precisamente os descendentes dos homens que, séculos antes, tinham convocado traiçoeiramente os judeus para esta terra. Mas o destino cumpriu-se, pois, como Heman relata na obra citada, quando o último reino mouro foi derrubado, a expulsão dos judeus foi decidida.

Em *Roma*, uma cidade que tinha sido um centro de lutas políticas e religiosas ao longo de todos os séculos, onde mais um conquistador passava pela pilhagem e onde as guerras civis estavam na ordem do dia, a vida dos judeus não se desenhava, naturalmente, de forma muito contemplativa. Também aí, imperadores e papas tiveram de se preocupar com a questão judaica. Ou se afirmavam os seus direitos e liberdades, ou (por exemplo, no IV Concílio de Latrão, em 1215) se aprovavam regulamentos contra a usura judaica, ou se obrigavam os judeus a pagar a décima recusada, se proibiam de transgredir os clérigos, se submetiam os seus estatutos a um tribunal, etc. Os judeus eram já desde cedo proprietários de terras ricas, mas não para trabalharem eles próprios na terra, como relata Vogelstein-Rieger: "O tráfico de escravos foi alimentado com tanta avidez (especialmente muitos escravos foram importados de regiões gaulesas), a fim de recrutar forças de trabalho adequadas para as propriedades dos judeus." A história inconstante e fatídica dos judeus em Roma não pode ser discutida aqui em mais pormenor, bastando as indicações para mostrar que é semelhante à de todos os países.

Também noutras terras italianas, os judeus alcançaram igualmente grandes riquezas e poder, de tal modo que, por exemplo, em Cesena, alguém amaldiçoou vivamente que, através do seu capital, se tornariam senhores de toda a cidade, o que não surpreende, se soubermos que o magistrado estava completamente satisfeito, se os "prestamistas hebreus" não ficassem com mais de 20%. Os judeus tinham-se tornado tão poderosos em Livorno que os cristãos tinham de celebrar o sábado por causa deles, tal como em muitas outras cidades.

Veneza, Génova e Florença parecem ter sido, pelo menos durante algum tempo, uma exceção, uma vez que se diz que estes mercadores não eram inferiores aos judeus em astúcia. Acusações semelhantes às dos judeus foram também feitas contra os lombardos, como, por exemplo, em França, onde foram aprovadas leis contra eles. Isto mostra que, muitas vezes, também os europeus podiam ser "não cristãos, mas sim judeus baptizados", como se dizia na altura. Mas precisamente o facto de também se ter feito oposição aos lombardos prova que a usura enquanto tal era um fator fortemente sentido, que a defesa contra ela se dirigia a todos os que a praticavam e que, conseqüentemente, a lamentação espalhada por todo o mundo contra a usura e a burla dos

judeus, mesmo que ecoasse onde nem sempre se encontram provas escritas imediatamente disponíveis, tem a sua causa bem fundamentada.

Os judeus conseguiam e tentavam muitas vezes tornar-se indispensáveis aos governantes, na medida em que lhes adiantavam dinheiro para as suas operações militares, promoviam da mesma forma a sua ligeireza e generosidade, mas em troca extraíam juros elevados. Por isso, os reis também defendiam os judeus em todo o lado, e a agitação popular teve de aumentar muito antes de cederem ao pedido de limitação dos privilégios especiais dos judeus. Muitas vezes protegiam militarmente os judeus, como, por exemplo, em Navarra, onde um insulto contra um judeu era tão punido como se tivesse sido feito contra um grande espanhol; onde um judeu não podia ser preso por uma questão financeira; onde, sobretudo, estava livre de todos os impostos sobre as mercadorias. Em Tuledo, o rei D. Sancho (1170), atribuiu aos judeus, para sua maior segurança, a fortaleza como residência. A isto juntava-se o facto de os judeus não terem de remeter a décima sobre os bens que lhes chegavam em herança; se um judeu devia algo a um cristão, este devia apresentar duas testemunhas, "das quais pelo menos uma devia ser judia". Tudela revoltou-se em 1235, foi pacificada com esforço, recebeu uma nova constituição, até que a velha burla se instalou de novo.

Os reis de Navarra acabaram por ficar totalmente empobrecidos: regressam a casa sem encontrar uma super refeição, não podem pagar os cereais comprados aos judeus, etc. Se se pensa agora que os judeus teriam tido a mínima consideração pela difícil situação dos seus benfeitores, que tinham defendido os direitos dos judeus e os seus próprios direitos, engana-se redondamente. Ainda assim, conseguem fazer-se "indispensáveis". "Tudo era entregue como garantia: o camponês dava o seu arado, o cavaleiro o seu castelo, os reis as jóias, o bispo o seu anel."

Foi assim em todos os países: a frivolidade e o desejo de pompa dos governantes combinavam-se com a avarizia e a usura dos judeus; ambos só podiam ser separados com violência e o povo tinha de pagar. Por isso, Lutero diz com razão: "Ouço dizer que os judeus dão grandes somas de dinheiro e são, por isso, úteis aos governantes; sim, onde é que o vão buscar? Não dos seus próprios bens, mas dos bens dos súbditos e dos governantes, que eles roubam e assaltam com usura... Os súbditos têm de dar dinheiro e deixar-se roubar pelos judeus. Os judeus devem rir-se de nós próprios por nos deixarmos enganar e fazer de nós parvos". E outro alemão faz a seguinte observação filosófica sobre a usura dos judeus: "Se espremermos uma esponja molhada, ela dá água, mas primeiro absorveu a água para dentro de si: uma esponja assim molhada são os judeus, eles dão de facto algo para o bem comum, mas primeiro sugaram os cristãos através da sua usura. As aranhas tendem a apanhar as moscas com as suas teias, a alojá-las, a fazer-lhes casulos, mas com grande prejuízo para as pobres moscas, pois depois secam-nas de tal modo que ficam mortas. Os judeus são essas aranhas, dão de facto algum dinheiro, deixam-se notar como se se comportassem no interesse do bem comum, mas secam os cristãos com a sua usura. O dinheiro dos judeus, que eles dão para o bem comum, são verdadeiras teias de aranha, nas quais os cristãos ficam pendurados." O homem tinha todas as razões para fazer tais observações melancólicas, pois a Alemanha não foi uma exceção na órbita da questão judaica, e algo semelhante se repetiu aqui em todas as grandes cidades, como em Tudela, Constantinopla, na Pérsia e, como vimos, em Portugal e em França.

Ainda hoje circula o conto de fadas como se os judeus tivessem sido oprimidos e desprezados na Alemanha. Não é de todo o caso. Antes, podiam deslocar-se livremente e instalar-se em todo o lado. Mas não só, a igualdade com os habitantes do país foi tão longe que os judeus só podiam ser acusados pelos seus próprios juizes. O documento mais antigo que nos mostra este direito como um privilégio antigo e o confirma de novo data do ano 1230. Para além disso, foi estabelecido que nenhum cristão poderia apresentar queixa contra um judeu, se não estivesse em condições de apresentar pelo menos uma testemunha judia. As sessões do tribunal judaico realizavam-se habitualmente na sinagoga e mesmo os prelados da igreja católica tinham de se deslocar a essa sinagoga, se tivessem disputas legais com judeus.

Mas os judeus conseguiram alargar estes privilégios a todos os domínios com a antiga impudência herdada. No negócio de penhores amplamente difundido que praticavam, era suposto ser considerado suficiente que um judeu testemunhasse que tinha comprado honestamente um objeto roubado que encontrara! Quando lhe era exigida a devolução da sua propriedade, o proprietário legal era obrigado a pagar o preço que o dono da loja de penhores judeu afirmava ter pago. A lei de Goslar permite ao judeu, e só a ele, o privilégio de emprestar dinheiro contra objectos que ele sabia terem sido roubados. Assim, enquanto o alemão, no caso de ser encontrado na posse de bens adquiridos legalmente, era obrigado a devolvê-los ao proprietário sem qualquer indemnização, o judeu podia exigir-lhe um preço fixado por ele próprio!

A liberdade de usura era o objetivo perseguido com maior tenacidade e geralmente também alcançado. A taxa de juro legalmente fixada variava entre 33% e 125%, mas a taxa efetivamente exigida era frequentemente muito mais elevada. Por isso, vemos também, uma e outra vez, nobres, burgueses e camponeses na pior dependência dos judeus; uma grande quantidade de documentos testemunha este facto. O conde Walram von Zweibrücken encontrava-se nas mãos de 17 usurários judeus, na mesma cidade de Oberwesel foram nomeados nada menos que 217 devedores aos judeus, o conde von Öttingen penhorou a sua coroa de ouro, os condes Balthasar, Friedrich e Wilhelm von Thuringia estão totalmente nas mãos de cinco judeus de Erfurt. Em 1385, só um judeu de Ulm tem 43 letras de dívida para mostrar, há 55 hipotecas detidas por dois judeus de Erfurt. Quando um judeu de Munique fugiu e foi possível apanhá-lo mais tarde, encontraram-se com ele as jóias dos burgueses, da nobreza, sim, as pratas do rei. Estas exposições poderiam prolongar-se por páginas. Através da usura e do negócio de penhores, o judeu tornou-se também poderoso na corte dos governantes e dos prelados, a quem desempenhava frequentemente as funções de consultor financeiro e de cobrador de impostos. Ao lado deste judeu da corte estava quase sempre um escriba, que fazia a contabilidade em língua hebraica e que, por isso, tinha uma visão geral da situação económica.

A partir destas breves indicações já se podem tirar as conclusões necessárias. O poder dos judeus tornou-se cada vez maior, a raiva entre os judeus e o povo aumentou e um pogrom explodiu. Não se deve, no entanto, acreditar, como os judeus sempre afirmam, que sempre foram expulsos e maltratados pelos alemães. Muito pelo contrário. O judeu podia ter exercido todas as profissões até ao século <sup>XIII</sup>, tudo estava aberto para ele. Mas ele próprio não pensava em trabalhar lado a lado com os goyim, segregava-se estritamente e só se envolvia com os judeus na medida do necessário para o comércio. Não há qualquer vestígio de interesse para a natureza do povo anfitrião. Os judeus podem atribuir a si próprios o facto de terem sido pilhados pelo invasor sem escrúpulos, os alemães, que mais tarde se tornaram mais frios. O judeu também não era, como a palavra de ordem ainda diz, o pária da sociedade. De facto, judeu e usurário tinham-se tornado sinónimos, e o desprezo por esta ocupação era mais do que justificado.

*E não tenham o judeu em tão alta conta,  
Não confieis nele,  
Eles são os ladrões da vossa alma,  
O abusador das vossas mulheres,*

diz uma velha canção com franqueza, mas não se pode falar de maus-tratos constantes. O conde Philipp, do Palatinado, entrava na sinagoga com o filho, mas um judeu tinha de aceitar uma multa de dez florins, se pusesse a língua de fora perante uma imagem da Virgem Maria; em 1837, um padre de Regensburg teve de fugir de dois judeus que o queriam assassinar. E quando a comunidade judaica se recusou a castigar os culpados, o tribunal cristão contentou-se em proibir o tráfego com eles. De acordo com um cronista de Estrasburgo, as pessoas que insultavam um judeu tinham de esperar um castigo mais severo do que as que ofendiam um cidadão comum. Já desde os tempos mais remotos que os judeus eram os prestamistas da Câmara Municipal e do Governo; era preciso que o povo fosse realmente levado ao desespero para se revoltar

violentamente contra o seu poder. É um acontecimento sempre recorrente: o domínio dos judeus coincide sempre com o declínio do povo alemão, a sua retirada com a sua ascensão. Depois da segunda cruzada e na altura da Peste Negra (em meados do século XIV), a miséria da Alemanha atingiu dois dos seus pontos altos. O alemão com tendência para a lei e a ordem deixou então de ser tão capaz de resistir para não dar expressão à sua raiva anteriormente reprimida e expulsar os seus parasitas. O que se diz sobre o "envenenamento", etc., do lado dos judeus, com o objetivo de descobrir "razões", é conversa fiada, ou espalhada por pessoas que não conseguem distinguir entre a casca e o miolo, ou por judeus, que querem retratar os alemães como fanáticos idiotas (como, por exemplo, Graetz). Os alemães sentiram amargamente no seu próprio corpo que tinham um inimigo do seu povo e um explorador sem escrúpulos no seu território. O facto de, mesmo durante a Peste Negra, terem consciência do que estava em causa pode ser comprovado por um cronista de Erfurt, que dá como causa "o dinheiro sem fim que os barões e cavaleiros, burgueses e camponeses possuem dos judeus". Mas os surtos de desespero não ajudaram em nada. Alguns anos mais tarde, as condições voltaram a ser as mesmas, a penúria dos juro pior do que antes. Se a terra sofria com a guerra, os judeus, em última análise, ficavam com o lucro. Porque, tal como hoje, "todos os comissários eram judeus e todos os judeus comissários; os judeus têm uma lei e uma liberdade que se chama mentir e enganar, se isso lhes der lucro", diz um sinal profundo e sentido da Guerra dos Trinta Anos. "A observação avança", diz Liebe, "esse período de confusão da vida pública, que provocou imediatamente uma paralisia da vida económica e deu ao sentido comercial tenaz uma oportunidade para uma atividade implacável, não foi desfavorável para os judeus".

Depois, é preciso esquecer que todas as perseguições eram exceções, sempre registadas como tal, enquanto, por outro lado, há naturalmente relatos muito mais escassos sobre a vida quotidiana, e isso, afinal, é o que caracterizava a Idade Média. A revolta, que os historiadores judeus fizeram dos "massacres de judeus", é muito alargada; seria bom verificar uma vez quantas energias populares foram durante esse tempo pilhadas, lentamente sugadas, quanto desespero não relatado dos alemães se encontra entre elas. O desprezo geral pelo espírito judaico transformou-se mais tarde na rebelião tão periodicamente descarregada. As profissões artesanais, que até aos séculos XIII e XIV estavam abertas aos judeus, sem que estes se sentissem obrigados a praticar um ofício manual, passaram a estar fechadas aos judeus por princípio. Se antes o judeu podia viver na cidade (normalmente, preferia residir no seu próprio bairro), agora seguia-se a segregação, o gueto, a condição anteriormente existente era agora vista como norma. O judeu usurário era marcado exteriormente por um chapéu pontiagudo, não era permitido circular com ele, etc.

No entanto, esta exclusão não era assim tão má, mas era necessária na altura. O facto de o judeu se encontrar, de facto, no fundo da escala social, é já visível no título de "modesto", que o camponês também ostentava e que um retrato de Frankfurt relata: "Chegou ao ponto de lhes perguntarem tanto sobre a sua ordem judaica como ao imperador turco de Constantinopla." O abade de Trithem faz, em 1516, a seguinte declaração objetiva, ainda hoje tão apropriada e recomendável: "É explicável que uma aversão se tenha enraizado entre altos e baixos, eruditos e iletrados, contra os judeus usurários, e eu aprovo todas as medidas legais para a segurança do povo contra a usura dos judeus. Ou deveria, digamos, um povo estrangeiro e invasor governar-nos, e de facto não através de maior força, coragem e virtude, mas sim através do dinheiro, cuja aquisição parece ser a coisa mais querida para ele? Mas não é por meio de perseguições violentas e pilhagens que se deve libertar da praga judaica, mas sim por cortar os judeus de toda a usura e de todo o engano vergonhoso e pô-los a trabalhar utilmente nos campos e nos locais de trabalho". Estas e outras propostas semelhantes não deram em nada, tal como noutros lugares. Se, por exemplo, percorrermos os anais de Nuremberga e nos perguntarmos o que levou os burgueses a expulsar os judeus em 1499, a resposta é lacónica: "Os judeus estabelecidos em Nuremberga tinham uma vida muito boa. Tornaram-se arrogantes e desenfreados. A usura excessiva que praticavam, a ganância insaciável a que se entregavam e o aumento diário acabaram por irritar o

conselho e os cidadãos, que não queriam continuar a albergar entre si hóspedes tão maus e sanguessugas em detrimento do comércio." Se já em épocas anteriores, devido a várias questões económicas e religiosas, tinham eclodido revoltas, viu-se então que o problema não se resolvia assim e, em 1499, os judeus (para que nada lhes acontecesse, sob proteção militar) foram conduzidos para fora da cidade, "na qual se tinham sentado tanto tempo e na qual tinham ganho tantas riquezas através da usura devoradora". Que esta queixa era completamente justificada, vê-se já pelo facto de, em 1310, o Kaiser Heinrich VII. ter concedido aos Nurembergues um "favor" ["Vergünstigung"], no qual era proibido aos judeus tirar aos cidadãos mais de 43 1/3% e aos estrangeiros mais de 55% de juros *semanais*. Mas que belo favor!

Nas outras cidades alemãs, a situação era idêntica e a população assinava com alívio, se os judeus tivessem de abandonar a cidade. Assim fala o pregador Hartmann Creidius, por ocasião da expulsão dos judeus de *Augsburgo*: "E é uma grande vantagem para os cidadãos desta cidade, que ela tem em relação a outras cidades, uma vez que os malditos judeus sugam o sangue do pobre cristão não só através da usura e do preço excessivo, mas também através de todo o tipo de comércio e negócios tiram-lhe o pão da boca, de modo que muitos cidadãos, juntamente com a mulher e os filhos, tiveram de acabar na ruína e com a bengala dos mendigos."

Seria demasiado longo discutir a história de cada cidade alemã individualmente, e seria também supérfluo, pois a mesma coisa repete-se em todo o lado. Em 1539, foi promulgado um édito em toda a Alemanha, no qual se pode ler que se devia proibir aos judeus a usura, que deviam ser obrigados a trabalhos manuais, para que aprendessem a ganhar o pão com o suor do seu rosto, como os cristãos. Naturalmente, tudo isso foi em vão.

Se lermos os relatos sobre o comércio judaico da Idade Média, tal como foram escritos pelos cronistas alemães, então notamos neles, uma e outra vez, o seu novo espanto perante a astúcia judaica agaiana e novamente recém-despertada, da qual eles têm de falar. Falsificações de câmbio, notas de banco falsas, enganar jovens inexperientes, filhos de pais ricos, para que se esbanjem, notas de dívida emitidas em língua hebraica, que são tomadas por fé e mais tarde traduzidas não continham mais do que uma frase grosseira, troca de pacotes na venda, onde os compradores encontram em vez de mercadorias pedras ou palha, etc. Muitas vezes, a todas as queixas é acrescentada uma nota humorística do escriba, que troça da confiança dos alemães, muitas vezes procura imagens para retratar drasticamente a relação entre judeus e cristãos, por exemplo, quando está escrito "Um governante que coloca judeus entre os seus súbditos faz o mesmo que um proprietário de terras que coloca peixes jovens num dique e depois lança vários lúcios grandes, que comem a ninhada; quem é então tão tolo e faz da cabra o jardineiro? Quem é que, afinal, quereria fazer de uma raposa o pastor de gansos ou de galinhas? Acreditai bem, caros superiores, quando quiserdes atormentar apenas os pobres, então ponde judeus nas vossas terras".

Ultrapassaria o âmbito deste livro, se eu quisesse expor tudo isto mais pormenorizadamente. É preciso dizer que, em todas as épocas e em todos os países onde os judeus viveram em maior número, surgiram as mesmas reivindicações por parte das pessoas sobre a burla e a usura dos judeus. A este facto e à sua incontestável justificação, junta-se uma constatação ainda mais importante: Se naturalmente também havia elementos impuros entre os cristãos e se não faltavam ladrões e patifes, então todos estão de acordo na condenação das suas vigarices; a lei dos judeus, por outro lado, faz uma distinção pronunciada no comportamento dos judeus entre si e em relação aos não-judeus.

## Lei moral judaica

Mas que assim é, não pode existir hoje a mais pequena dúvida, embora os judeus apostem naturalmente tudo em apresentarem-se como ungidos com o óleo do humanitarismo. Ele também conseguiu isso, pois todos nós cometemos o erro de olhar para o passado judaico a partir de uma

visão de mundo germânica ou cristã e somos facilmente inclinados a transmitir ideias das quais os judeus estavam muito distantes. Se, por exemplo, falamos do próximo e queremos dizer com isso qualquer ser humano, então o judeu designa com isso apenas os judeus. Esses mandamentos tão humanos, que encontramos no Pentateuco, que também se encontram, enterrados como oásis no Ocidente, no Talmud, e que aceitaríamos de bom grado como se encontrássemos algo humano mesmo aí, contêm simplesmente o sabor amargo da repetida diferenciação entre judeus e goyim (não-judeus, pagãos). (no tratado Baba Kamma Fol. 113 b, lemos: "Diz-se em Deut. 22,3: com todas as coisas perdidas do teu irmão, o que significa: deves devolvê-las ao teu irmão, mas não precisas de as devolver a um pagão". - Rabi Chanina disse: "O que é que isso significa, o que está escrito em Lev. 25,17: não se deve tirar proveito dos próximos? Resposta: com aquele a quem se está ligado por Thora e regras, deve-se preeve-lo." Noutros lugares, diz-se que a proibição de roubar só se refere aos judeus entre si, sim, e até que só se refere ao roubo humano.

A conversa de Jakob com Raquel, que consta do Talmude, é considerada um clássico. Jakob diz a Raquel: "Queres casar comigo?" Ela responde: "Sim, mas o meu pai é um vigarista e não o podes alcançar". A isto Jakob: "Eu sou irmão dele na vigarice". Então ela perguntou: "É então permitido que um grande homem seja grande no engano?" A isto ele respondeu: "Para com os puros mostras-te puro e para com os falsos infieis, ver Salmo 18,27."

Aparentemente, os rabinos não encontram nada de repulsivo nestas máximas do seu pai tribal Jakob, uma vez que repetem esta história várias vezes com prazer. Noutro aspeto também, não são atormentados por escrúpulos: quando Hamã diz a Mardochai que se deve ficar feliz com a queda de um inimigo, ele responde: "Isso só se aplica a um israelita, mas de ti diz o Dt 33,29: derruba-os das suas alturas".

No entanto, toda a forma de consciência judaica da lei vem à luz não só nestas declarações e regulamentos, mas sobretudo na história de um acontecimento concreto pintado com um prazer visível: O rabino Schila repreendeu um homem que tinha coabitado e dormido com uma mulher egípcia. O mesmo homem foi ter com o rei e caluniou-o com as palavras: "Há um homem entre os judeus que julga sem a permissão do rei". O rei envia-lhe imediatamente um mensageiro. Quando o rabino Schila chegou, os juizes falaram: "Porque é que repreenderam este homem?" - "Porque ele dormiu com uma jumenta", foi a resposta. "Tens testemunhas?", perguntaram. - "Sim!", disse ele. Então Elias veio em forma humana e confirmou-o. "Se é assim", continuaram os rabinos, "então ele está condenado à morte". A isto o rabino respondeu: "Desde o dia em que fomos expulsos da nossa terra, temos autoridade para matar, mas vós podeis fazer com ele o que quiserdes." Enquanto os juizes analisavam o assunto, o rabino Schila começou a proferir um ditado: 1 Cr 29,11: "Teu, eterno, é a grandeza e o poder." Os juizes perguntaram-lhe: "O que é que disseste?" Ele respondeu: "Eu disse assim: bendito [gebenedeit] seja o misericordioso, que criou o reino na terra, bem como o reino no céu, e vos deu poder e misericórdia no tribunal". Os juizes cutucam: "Este homem é muito caro à honra do reino", e estenderam-lhe um bastão e falaram-lhe: "Fala-lhe de justiça".

Quando o rabino Schila saiu, aquele homem falou com ele (a quem tinha repreendido): "Será que o misericordioso faz um milagre desses para os mentirosos?" O rabino: "Infame! Não se chamam jumentos?" Como está escrito em Ezequiel 23,20: "Cuja carne se parece com a carne do jumento". - Quando o rabino viu que o homem ia dizer aos juizes que lhes tinha chamado asnos, pensou: "Este é um homem perseguido e a Tora diz: quem te quiser matar, bate-lhe." Pegou no bastão e matou-o. Depois disse: Como me aconteceu um milagre através do versículo 1 Cr 29,11, quero declará-lo: tua, eterna, é a grandeza, isto refere-se à obra da criação, etc. Segue-se toda uma série de ditos bíblicos sem sentido, amontoados". Este pouco pode falar uma linguagem clara sem muitos comentários; nele está contido tudo: o desprezo louco por tudo o que não é judeu, a mentira sancionada pelo profeta Elias e o assassinio aprovado pela Tora. Se lhe juntarmos as palavras do 5º livro de Moisés 23,20: "Podes fazer usura contra os estrangeiros, mas não contra o teu irmão", então este é o motivo económico. O motivo nacional ressoa na história do imperador persa que, à semelhança dos europeus de hoje, se aproxima dos judeus, estende os braços da

tolerância e diz: "Vinde, queremos todos tornar-nos um povo!" "Está certo", responde-lhe Eabbai Tanchum, "nós, os circuncidados, não podemos tornar-nos iguais a vós, por isso deixai-vos circuncidar e tornai-vos iguais a nós".

Esta separação nacional e esta moralidade com duplo solo é um facto inegável do passado e do presente judaico, tanto na sua como na prática. Não quero fazer aqui muitas citações, apenas as palavras dos académicos mais autorizados e, simultaneamente, totalmente pró-judaicos: "É um começo conspícuo de pensamentos de impudência, se os rabinos reunidos tentam convencer o público cristão de que os judeus são obrigados ao mesmo comportamento moral em relação a todos os seres humanos e rotulam o judaísmo como a religião do amor ao próximo." Deste facto, no entanto, resultam conhecimentos muito importantes.

Que o cristão, o europeu, se desvie tanto, sim, que caia muitas vezes ainda mais do que o judeu, ele possui na sua doutrina moral incondicional algo que, mesmo no mais profundo declínio, lhe indica o caminho para cima. O mandamento da sociedade europeia, escrito e não escrito, opõe-se ao roubo e ao engano. A tendência do homem para se entregar ao seu egoísmo recebe através da moralidade um contrapeso, o judeu, por outro lado, recebe através da sua doutrina moral um grande influxo de energias para o seu impulso natural, que se junta a uma energia racial de qualquer forma tenaz. (Mais sobre isto mais tarde.) Se o judeu vê na propriedade de um não judeu uma coisa que por direito lhe pertence de facto, então os bens dos pagãos são como o deserto sem dono, e qualquer pessoa que se apodere deles adquiriu-os honestamente, não há adultério com uma mulher não judia: "A mulher por casamento não existe para os pagãos, elas não são de facto as suas mulheres", o que significa este roubo legalizado contra toda a gente. Toda a usura, toda a fraude, cometida ao longo dos séculos contra todos os povos do mundo, não deve, portanto, ser vista como um *desvio*, mas sim, pelo contrário, como a *observância* da lei do Sinai e dos doutores do Talmude. Por isso, já Lutero escreve indignado sobre este facto, por isso Goethe pensa sobre os judeus: "Eles têm uma fé que os justifica para roubar os estrangeiros"; daí Fichte proclamar desesperadamente: "Que os judeus, afinal, não queiram sempre acreditar em Jesus Cristo, que até não acreditem em nenhum deus, se não acreditassem em duas leis morais diferentes e num deus anti-humano."

Se alguém ataca os judeus, isso não acontece para limitar a liberdade de pensamento, como eles também pretendem indignadamente, mas sim para atacar uma legislação que é exatamente contrária à de todos os Estados. É preciso afirmar, de uma vez por todas, que uma raça com este sentido de direito não pode ser capaz de ser justa em relação à dos europeus e que, consequentemente, os judeus também devem ser impedidos para sempre de exercer influência através dos cargos públicos que ocupam, pois um juiz judeu não pode nem pode atuar de outra forma que não seja proteger e defender sempre e em todo o lado apenas os judeus.

Os ingénuos entusiastas da humanidade pensam agora que as leis judaicas seriam ultrapassadas na nossa idade avançada. A isto há que contrapor que cerca de nove milhões de judeus, ou seja, quase dois terços de todos os judeus do mundo, continuam a ser os mais estritos seguidores do Talmude. Por isso, as leis de todos os Estados sempre foram também um espinho para o judeu e ele sempre se esforçou por trabalhar contra elas ou por as explicar com astúcia talmúdica para os seus objectivos. Por isso, vemos também que os judeus raramente se esforçaram por integrar os cidadãos em todas as profissões, mas sempre procuraram obter condições e leis excepcionais para si próprios. De facto, as leis de um Estado dificultavam mecanicamente os judeus na execução das suas práticas, mas quando essa proibição se afrouxava sob quaisquer influências, o judeu atacava primeiro e com grande energia. Vemo-lo hoje na Rússia e vimo-lo até 1933 na Alemanha. Não se deve dizer que as grandes cidades não têm nada a ver com as leis do Talmud. Porque não foi o Talmud que fez o judeu, mas o judeu é que fez o Talmud. Além disso, este livro domina a vida intelectual judaica há já dois mil anos, foi martelado na cabeça das crianças a partir dos seis anos de idade, dia após dia, e, por isso, naturalmente, formou ainda mais o carácter de todos os judeus, quer sejam especuladores ateus da bolsa de valores, fanáticos religiosos ou judeus de

roupas talmúdicas. Além disso, os nossos judeus das grandes cidades provêm diretamente das pequenas aldeias da Galiza e da Polónia.

Admitamos agora que, independentemente do que seja colocado em campo por amigos bem-intencionados dos judeus, que existem especuladores cristãos suficientes, então ainda não se pode negar que precisamente o sentimento de direito no alemão se manteve especialmente alto. Um povo já consegue digerir uma certa percentagem de espécimes piores, mas se um espírito enganador, com total falta de contenção, finamente preparado através de todas as subtilezas jurídicas e corrupção, aderindo com uma tenacidade inacreditável, é apoiado por enormes meios financeiros, então isso significa um perigo para o povo. Não se pode resolver problemas históricos e raciais com slogans sobre humanidade e igualdade, como os internacionalistas de hoje, através de insinuações judaicas, acreditam ser capazes de fazer. Além disso, a realização da direção da vontade dos Judeus é necessária, mas o nosso tempo, envolto em slogans, não tem o carácter necessário para isso.

## **Intolerância religiosa**

Se o judeu se segrega intencionalmente dos outros povos em questões morais, legais e nacionais, então é evidente que o seu pensamento religioso não é exceção. Tal como o seu povo era o escolhido, também a sua religião era para ele válida como a única religião.

Jeová, cuja eficácia se restringia antigamente apenas ao território de Canaã, cresceu gradualmente e moldou-se na imaginação dos judeus como uma divindade cada vez mais poderosa e abrangente. Mas isso não impediu que ainda o venerassem como um deus nacional, que existia para guiar e proteger o povo de Israel. As altas muralhas que Neemias mandou construir à volta de Jerusalém e que deveriam separar fisicamente os judeus dos pagãos eram a expressão da segregação fundamental e da intolerância religiosa. Deus é Deus, e nós somos o seu povo, eis o princípio e o fim da fé judaica até aos nossos dias. "O judeu é o instrutor de toda a intolerância, de todo o fanatismo religioso, de todo o assassínio em nome da religião, só apelou à tolerância quando se sentiu oprimido, mas nunca a praticou, e pela sua lei não lhe foi permitido", diz Chamberlain nas suas "Fundações do Século XIX", um livro cujo serviço ao povo alemão só mais tarde será avaliado. Estas palavras são absolutamente incontestáveis. Desde os tempos mais antigos, por exemplo, foram os judeus que perseguiram os cristãos onde puderam e incitaram os pagãos a suprimi-los; quando Juliano Apostata reintroduziu o culto pagão, os judeus na Síria aproveitaram a oportunidade para organizar a perseguição cristã com zelo redobrado. Mais tarde, quando os judeus se tornaram numerosos em Chipre, decidiram massacrar todos os outros habitantes numa única noite. Esta decisão memorável custou a vida a 240.000 não-judeus. Tertuliano conta que, em Cartago, na altura da perseguição cristã, os judeus se davam ao prazer de transportar consigo um quadro que representava um homem com orelhas e cascos de burro, segurando uma Bíblia nas mãos e munido da inscrição: o Deus dos cristãos.

Qualquer que seja o princípio da "religião única e verdadeira" ["Alleinseligmachung"] ainda vive em todas as nossas igrejas, isso é sedimento da influência do Pentateuco e do profeta Hesekiel. Uma fé forte sem ódio sangrento é uma impossibilidade para o judeu ainda hoje (infelizmente, também para muitos cristãos infectados pelo seu espírito), para não falar dos tempos antigos. Até os autores e rabinos judeus o atestam, de uma forma mais suave do que Chamberlain, mas dizendo essencialmente a mesma coisa.

Quando, por exemplo, Napoleão reuniu o famoso congresso geral judaico [allgemein-jüdische Synedrium] em Paris, em 1807, e, com o objetivo de clarificar questões controversas, deu aos judeus um osso duro de roer, estes forneceram como resposta toda uma série de artigos em que se lavavam tão brancos como cordeiros inocentes. Mas a introdução a essas respostas é a seguinte: "Louvado seja o Senhor, o Deus de Israel, que colocou no trono de França e de Itália um

governante segundo o seu coração". E à pergunta se os judeus consideravam todos os franceses como irmãos, os judeus deram a resposta altamente diplomática: que eles "segundo a lei de Moisés, consideram todos os indivíduos das nações como irmãos, que afirmam Deus, o criador do céu e da terra, e que vivem entre os quais os judeus gozam de privilégios ou mesmo apenas de uma recepção amigável". Assim, o judeu não é confrontado com o francês, o italiano, nem com o cristão, a quem é dada livremente a seleção do "irmão", que ele quis entender por "privilégios" ou "acolhimento amigável" e que fez depender da fé do mesmo no deus criador do céu e da terra. Mas como esse deus, como mostram as primeiras palavras, é o deus de Israel, os diplomatas do primeiro congresso [Sinédrio] dizem em palavras bonitas a mesma coisa que o Talmude, que aquele que não reconhece Jeová como único não é um ser humano, muito menos um irmão.

Autores mais recentes, porém, pensam exatamente assim; por exemplo, um rabino atual diz: "Uma certa exclusividade está naturalmente ligada à ideia de ser escolhido. Porque reconhecer uma verdade significa ao mesmo tempo: procurar afastar-se do erro. Israel compreendeu a sua fé cada vez mais claramente na oposição aos povos. Por isso, a religião de Israel teve de começar com o particularismo [Partikularismus]." E mais adiante: "O judaísmo é a religião mundial, na medida em que todas as religiões que fizeram do universalismo o objetivo intencionalmente proposto emergiram dele, e com esta força, que emergiram dele, estabeleceram para si próprias este objetivo." Na conclusão, diz ainda abertamente que considera todos aqueles que acreditam de outra forma como desviantes, apóstatas da única fé.

O Dr. Arthur Kuppin também vê a força da fé e a intolerância como algo necessário, quando diz sobre o judeu: "O ortodoxismo (judeu) era, desde o início, muito menos religião do que uma organização de batalha revestida de religião para a preservação do povo judeu". "O judeu não conhece a tolerância em questões religiosas e não lhe é permitido conhecê-la; a sua religião é demasiado importante para ele para isso."

O historiador judeu Bédarride conclui a sua obra também com uma glorificação da fé judaica, da raça judaica e da lei judaica, que não precisamos de lhe opor, se ao menos o pé torto do desprezo por tudo o que não é judeu não voltasse a aparecer. Diz ele: "Os judeus são os administradores de uma lei que, remontando ao berço da humanidade, se encontra no auge da civilização mais avançada. Poderão eles abandonar esta lei, que consideram, com razão, estar acima de tudo, para adquirir uma outra que, aos seus olhos, é apenas uma cópia?"

O campo estritamente ortodoxo fala, naturalmente, em tons ainda mais elevados. Basta olhar para os jornais judeus actuais: segundo eles, os judeus são muito superiores a todos os outros povos, porque foram os primeiros seres humanos que reconheceram Deus. No programa da federação de jovens "*Agudas Jisroel*", a declaração é adoptada: "Os judeus são o povo de Deus". Como ponto do programa!

Um estudioso talmúdico da Polónia (de onde, afinal, vêm todos os nossos judeus), diz o seguinte: "Os evangelhos não têm valor de autoridade nem como fonte histórica nem como literatura ética"... "O cristianismo decaiu na afirmação dos seus princípios morais no oposto do judaísmo, no escapismo, na difamação de toda a cultura, de todo o progresso", e elogia o rabino Ismael, que diz que os evangelhos semeiam inveja, ódio e ciúme entre Israel e o seu pai no céu. A forma como o Dr. Lippe vê o oposto do escapismo, emerge suficientemente do Talmude, o único livro reconhecido por ele. Jesaia, por exemplo, diz ao rei Chiska: "Morrerás, porque não te ocupaste da procriação". Preocupado com a vida valiosa, o rabino Jehuda fala: "As coisas prolongam os dias e os anos do ser humano: quem se detém longamente na oração, na sua mesa e na casa de banho". Rabi Elsier, o Grande, diz: "Quem dorme com a sua mãe num sonho, pode esperar pela razão. Quem dorme com uma virgem desposada num sonho, pode esperar a Thora. Quem dorme com a sua irmã num sonho, pode esperar a sabedoria. Quem dorme com a mulher de um homem num sonho, pode considerar-se seguro de que é um filho do mundo futuro. Quem vê um ganso num sonho, pode esperar sabedoria! Quem dorme com ele, tornar-se-á um diretor de escola. Quem se alivia num sonho, para ele é um bom sinal. Mas isso só acontece se ele não tiver (depois) se limpo, etc." E o rabino Ismael, admirado pelo Dr. Lippe, pensa sobre os cristãos: "E

eles disseram a David: Salmo 139,21: Não deveria eu odiar os teus odiadores (do deus de Israel) e não desprezar os teus rebeldes? Cheio de ódio total, odeio os teus odiadores, eles são inimigos para mim".

Para concluir, acrescentemos mais algumas palavras de um antitalmudista, que vale a pena dar a conhecer. Walther Rubens escreve: "O movimento de reforma aberto por Mendelssohn, a identificação prática do judeu com o humanitarismo, esta corrente tornou-se congestionada, sim, por vezes transformou-se num movimento retrógrado..., os mesmos sentimentos de fanatismo são alimentados como no tempo de Spinoza, que puxou o punhal assassino contra ele, embora os judeus do presente sejam politicamente suficientes para esconder este fanatismo, e o lobo em pele de cordeiro só se destaca aqui e ali. O Schulchan-Aruch, essa obra obscura repleta de absurdos de todo o tipo e de leis fanáticas, é o códice invisível dessa direção".

Estes exemplos podem ser suficientes. Deveriam indicar em que constituição espiritual os judeus entraram nas terras da Europa e da Ásia, como se inclinaram em termos morais, nacionais e religiosos e ainda hoje o fazem.

Para além da intolerância de princípio para com os não-judeus, existe uma perseguição não menos acentuada contra os membros da comunidade que se tornaram infiéis à lei. Como se sabe, a pena de morte é a apostasia, através do apedrejamento, do estrangulamento, do derrame de metal quente na garganta, para queimar a alma, tudo isto também foi executado.

Está escrito sobre isso, entre outras coisas: "Enfia-se o criminoso em estreme até ao joelho; depois deita-se um pano duro dentro de um pano macio e envolve-se o seu pescoço; uma testemunha puxa uma ponta para si e a outra puxa a outra ponta para si até o criminoso abrir a boca. Entretanto, aquece-se o chumbo e deita-se-lhe na boca, de modo a que escorra para as suas entranhas e o queime."

Essas brutalidades eram combatidas pelas leis dos povos que abrigavam os judeus, o que, no entanto, não impediu que tentativas nesse sentido continuassem até os dias de hoje. Mas, especialmente nos primeiros tempos, os rabinos não tinham piedade nem de pessoas individuais nem de seitas renegadas. Através da excomunhão e do boicote económico, os talmudistas conseguiram suprimir qualquer outra agitação espiritual. Instrutiva a este respeito é a história dos Karaiten (Karäer ou Karaimen).

Rejeitaram os escritos eruditos dos doutores judeus e seguiram estritamente apenas a lei do Antigo Testamento. Espalhados pelas terras, viviam com outras comunidades judaicas em amargas disputas. Eram difamados por toda a parte e publicavam-se polémicas contra eles, nas quais se destacava especialmente um erudito de Toledo, Abraão Ben Doir, que amaldiçoava poderosamente os Karäer. Mas isso não bastava, pois todos os negócios e o tráfego humano com eles cessaram, dificultando-lhes a vida comercial a cada passo. O resultado foi que os Karäer desapareceram gradualmente do ocidente, em Espanha, por exemplo, onde eram os mais numerosos, muito antes da expulsão dos judeus desta terra. Deslocaram-se cada vez mais para leste e ainda hoje existem apenas como pequenas colónias no sul da Rússia, especialmente na Crimeia, e em número não muito elevado na Palestina.

Uma hostilidade semelhante prevalece entre os Rabanitas e os Saduceus. Onde quer que o número de uma comunidade fosse maior do que o da outra, eles exerciam um terror constante contra a minoria. Normalmente, eram os rabanitas que, sendo de longe os mais numerosos, eram os vencedores incondicionais e oprimiam os saduceus, mas estes, sempre que podiam, não cediam. Assim, uma vez que eles e Burgos estavam em maioria e obrigaram os talmudistas a renunciar a muitos dos seus livros, por exemplo, foi estritamente proibido acender uma lâmpada no sábado, como celebração de acordo com a prática talmúdica. Esta proibição irritou naturalmente os Rabanitas, e um R. Nehemia, que já não conseguia resistir, acendeu uma lâmpada para si próprio no Sabbath, segundo o costume antigo. Este facto desencadeou um tumulto selvagem e teria chegado a um confronto sangrento, se a administração espanhola, a quem os talmudistas recorreram, não tivesse intervindo. A contenda foi decidida a favor dos Rabanitas, o

Saduceu suprimido, tal como o Karäer, infligido pela sinagoga com o banimento, e o Talmude com os seus seguidores triunfou.

Tal como aconteceu com seitas inteiras, também aconteceu, como se disse, com pessoas individuais. Conhece-se a história de Spinoza, que foi excomungado no meio do tilintar do sofar da sinagoga de Amesterdão; mas é especialmente típica a história de Uriel d'Acosta.

Descendente de pais judeus convertidos ao cristianismo e educado nesta religião, já tem dúvidas sobre a veracidade da mesma. Estuda avidamente o Antigo Testamento, e como este lhe diz mais do que o Novo, decide converter-se ao judaísmo, deixa a sua cidade natal, o Porto, em Portugal, onde não lhe é permitido fazê-lo publicamente, e viaja para Amesterdão, onde se circuncida. Mas depressa se verifica que os ensinamentos dos rabinos eram outros do que os que Uriel tinha imaginado após o estudo do Pentateuco, sobre o qual não deixou de fazer comentários. Isso irritou os doutos rabinos, que lhe fizeram um ultimato para se subordinar incondicionalmente a todos os seus pontos de vista e estatutos ou ver-se excomungado. Ele não cedeu e foi excomungado. Todos os judeus, sem excluir os seus próprios irmãos, receberam ordens para o perseguir com insultos, para lhe atirar pedras e estrume e para não lhe dar descanso nem mesmo dentro da sua própria casa.

D'Acosta escreveu um livro em sua defesa, no qual negava a imortalidade da alma, uma vez que não encontrava tal crença em Moisés, afirmando que ali se fala apenas de uma promessa corporal e temporal. Os rabinos acusaram Uriel de ser "epicurista" e de atacar a religião cristã. Foi então preso, mas libertado novamente em troca de um resgate e do confisco de livros.

A perseguição por parte dos judeus, por outro lado, não abrandou e, cansado pelos 10 anos de tormento e isolamento dos seus camaradas, decidiu fazer as pazes e ceder. Quando o acordo estava prestes a chegar ao fim, o sobrinho acusou-o de não ter respeitado conscienciosamente todas as leis dietéticas. Este facto despertou um novo ódio amargo na comunidade, os bens de d'Acostas foram-lhe retirados, o seu casamento sabotado e, quando o tribunal chegou a afirmar que ele tinha aconselhado dois cristãos que se queriam converter à fé judaica a não o fazerem, a indignação dos judeus não teve limites. Um deles chamou Uriel à sinagoga e exigiu-lhe uma humilhação pública e uma subjugação incondicional. Uriel recusou-se a fazê-lo, mas foi excomungado e teve de sofrer durante sete anos as mesmas perseguições que antes. Finalmente, já velho, declarou-se disposto a renunciar às suas opiniões e a subordinar-se aos rabinos. Acosta, em trajes de luto, segurando uma vela preta na mão, teve de afirmar do alto do Almemor que, devido aos seus pecados, tinha merecido a morte mil vezes, que se submetia a qualquer castigo e prometia não mais se tornar apóstata. - Depois teve de se dirigir a um canto da sinagoga e despir-se até ao cinto, após o que foi amarrado a uma coluna, onde, no meio de salmos cantados por toda a comunidade, e na presença de ambos os sexos, lhe foram administradas 39 chicotadas nas costas. Depois foi libertado da excomunhão, mas Uriel foi obrigado a deitar-se em frente à saída da sinagoga, onde cada um dos que saíam também lhe dava pontapés, que nem os seus familiares poupavam, antes pelo contrário, davam-lhe os mais fortes.

Desanimado com todos estes terríveis maus tratos e ao mesmo tempo amargurado, o velho decidiu vingar-se. Disparou contra o irmão, que o tinha tratado pior; o tiro falhou, Uriel viu-se descoberto, trancou-se e pôs fim à sua vida com tiros de pistola.

Enquanto os judeus eram estritamente vigiados noutras terras, em Amesterdão tinham ainda plena liberdade, e é estranho ver com que ódio um homem podia ser agitado e perseguido durante décadas sem que as autoridades tivessem intervindo. Os judeus gozavam simplesmente de tanta liberdade em Amesterdão que Uriel d'Acosta podia dizer com razão na sua autobiografia, que compôs pouco antes da sua morte: "Se Jesus de Nazaré viesse a Amesterdão e os judeus o quisessem crucificar, poderiam fazê-lo sem problemas".

No final do século XVII, um pregador itinerante judeu, Nehemja Haja Hajim, ganhou grande reputação entre todos os judeus da Europa e conseguiu conquistar muitos piedosos como seguidores. Mas as suas intenções não tardaram a tornar-se evidentes, pois tinham como objetivo provar que o judaísmo também ensinava a trindade de Deus. Quando este facto se tornou

conhecido, levantaram-se vozes de todos os lados contra esta "mentira blasfema". Nehemja foi amargamente perseguido; preferiu não sofrer como Acosta, mas fugiu para o Oriente, para onde lhe foi lançada a excomunhão das comunidades judaicas, que foi o resultado do início da luta acesa contra a "falsa doutrina".

Quando Pinchas esfaqueou um hebreu que fumava no Sabbath, foi publicamente elogiado por isso e obteve um sacerdócio hereditário. Abraham Geiger relata o seguinte caso do ano de 1848: "Um prosélito em Jerusalém, que já tinha feito a circuncisão em si mesmo, ainda acamado devido às sequelas da operação, não podendo ainda tomar o banho de prosélito, foi obrigado a trabalhar no Sabbath, e empurrou-o tanto tempo até que ele realmente escreveu algumas linhas. Este facto suscitou o desagrado de outros talmudistas presentes, que consideravam tal comportamento indecoroso e que também nunca tinham ouvido falar dele em casos semelhantes. Só o homem prova que tem razão pelo Talmude. Alguém que entra no judaísmo e que, tendo sido circuncidado, ainda não tomou o banho de prosélito, ainda não é judeu e, de acordo com o Sanhedrin 58 b, um não-judeu que celebra um dia de acordo com a maneira do Sabbath (e, de facto, seja este um dia de semana qualquer), perde a sua vida." Quando, na primeira metade do século XIX, o rabino Drach se converteu ao catolicismo, atraiu a fúria de todos os judeus franceses. Os seus filhos foram-lhe roubados, ele próprio ameaçado de morte várias vezes. Um erudito pró-judaico como Bernard Stade escreve, por ocasião do mandamento de Dt 17-2 de apedrejar os apóstatas, a respeito dos nossos dias. Isto não pode ser posto em dúvida, uma vez que até aos nossos dias o judaísmo correto condena à morte a apostasia - ainda no ano de 1870, foi tentado na Rússia executar isto num homem ainda vivo que se tinha convertido ao cristianismo com o nome de Elieser Bassin, que alguém tinha trazido à força de um país estrangeiro para onde tinha fugido. Quem conhece a Rússia, não achará nada de estranho que na Polónia e na Galiza seja ainda pior; mas que o espírito é o mesmo na Alemanha, já o vimos anteriormente.

O já citado W. Rubens diz: "De acordo com o Schulchan-Aruch, no § 223 do segundo volume, é um dever para os israelitas assassinar por violência ou traição outro israelita que, por desafio, ignora as observâncias religiosas..." "Certamente, se as leis estatais não protegessem o fumador impertinente do Sabbath, ele estaria sujeito, em muitas áreas, aos maiores insultos, como eu poderia enumerar exemplos suficientes da minha própria experiência. O judeu ortodoxo é ainda hoje tão fanático contra os seus camaradas tribais renitentes, como o fanático que puxou o punhal contra Spinoza (a linha de Mainz). Hoje em dia, o chauvinismo judaico fez, de facto, tantos progressos na arte da falsificação da história que culpa o comportamento fanático do colégio rabínico de Amesterdão pela influência dos cristãos e afirma audaciosamente que os judeus sempre tiveram a liberdade de ensino como princípio. A linha de Breslau tem um carácter mais camaleónico. Consegue adaptar-se às exigências da época, olha de relance para as ciências radicais, mas não se afasta nem um bocadinho de certos estatutos cerimoniais, mas procura apoiá-los com razões racionais, mesmo que estas razões estejam tão deterioradas e podres que um rapaz do terceiro ano as poderia destruir".

Também aqui é preciso sublinhar, uma e outra vez, que a situação não muda em nada, se o judeu renunciar ao Talmude como livro religioso, pois o carácter nacional consistente continua a representar, noutros domínios, uma visão dogmática igualmente inamovível. Vemo-lo hoje na vida pública, por exemplo, na doutrina da visão socialista do mundo. Não quero falar das medidas e propostas económicas do marxismo, mas apenas chamar a atenção para o princípio da intolerância que está na base de toda a sua natureza anterior. As ideias comunistas já se tinham formado muito antes de Marx, mas o judeu inteligente conseguiu uni-las numa forma rígida. O espírito e a vontade judaicos, como centro do carácter judaico, serão discutidos mais tarde, mas sublinhemos apenas isto: tal como o Talmude, a afirmação rejeita rigidamente tudo o resto. Com a mesma infalibilidade doutrinária da grande sinagoga e da Esra, Marx e Lasalle juraram pelo seu manifesto. E a rigidez do dogma, que dá uma resposta a todas as perguntas e exclui os debates, é um êxito, como qualquer consequência. Se chega um momento em que a vivacidade, a elasticidade e o espírito de resistência do homem se enfraquecem, ele parte sempre em

peregrinação para onde, com uma certeza infalível, lhe é prometido o paraíso ou o paraíso na terra; e rígido como nunca está o espírito judeu, neste caso ateu, à frente da luta de classes brutal que se prega. De facto, quando se trata da *luta* propriamente dita, todos os líderes judeus desaparecem na retaguarda, inconscientemente fiéis ao princípio talmúdico: "Se vais para a guerra, não vás à frente, mas atrás, para voltares primeiro; alia-te a quem a hora sorrir. Canaã recomendou cinco coisas aos seus filhos: amai-vos uns aos outros, amai a intemperança, odiai os vossos senhores e nunca digais a verdade."

As massas, desequilibradas, que devem ter sempre uma resposta tranquilizadora para tudo, seguem-nas para a sua própria ruína. Este espírito, que guia resolutamente as tropas da anarquia, diplomático e brutal ao mesmo tempo, é o espírito religioso, económico, político e de princípio da intolerância racial; ele só conhece o universalismo da religião (que significa o domínio do deus dos judeus), o comunismo (que significa os Estados escravos), a revolução mundial (a guerra civil no seio de todos os povos) e a internacionalidade de todos os judeus (que significa o domínio do mundo). É o espírito da insaciabilidade desinibida e sem escrúpulos: a Internacional negra, a vermelha e a dourada são os sonhos dos "filósofos" judeus de Esra, Hesekiel e Nehemia a Marx, Rothschild e Trotzki.

Antes de passar a um novo capítulo, quero comparar e contrastar um outro pensamento com a fé judaica de mente estreita. Não deve ser a doutrina de Cristo, mas sim os pensamentos da Índia distante.

Também aqui existem livros sagrados reconhecidos como inspirados pelo ser divino, também aqui o povo, ao longo do seu desenvolvimento, decidiu-se por certos conceitos (que não podemos aprofundar aqui) com base na sua natureza nacional. Desde o início, toda a questão de deus se apresenta ao índio como uma questão cósmica, e ele transfere o seu sentimento de alma divina para todas as criaturas deste mundo. Sobre esta base dos livros sagrados, no entanto, cresceram seis grandes sistemas religiosos, todos ortodoxos, mais nove outros, que eram de facto considerados heterodoxos, mas que, no entanto, não eram perseguidos em parte alguma com estrangulamento, apedrejamento, etc.

O pensamento indiano engloba toda a vida espiritual com um materialismo, que não é de modo algum secundário ao nosso, até ao ponto de um imaterialismo, em que o corpo, como invólucro incómodo, dificilmente recebe a justificação da existência.

*Engordar e fazer dívidas,  
Viver feliz durante um curto período de tempo,  
Onde a vida lho deu,  
Primeiro tens de suportar a morte,  
Voltar nunca é!*

canta um grupo e os outros respondem:

*Mas quem quer que tenha compreendido o eu em pensamento,  
Como é possível que ele ainda queira desejar o corpo,  
Quem quer que seja, nas manchas abismais do corpo,  
Tornou-se o eu, o despertar,  
Que, como todo-poderoso, conhece o criador dos mundos,  
O seu é o universo, porque ele próprio é o universo.*

Quando o Budismo se lançou contra o velho Bramanismo, iniciando assim uma luta, chegou muitas vezes a confrontos físicos, mas estes eram tão pequenos que se podem ignorar totalmente. Compreendemos então as palavras do rei Acoka, que mandou gravar isto numa pedra, visível para todas as pessoas: "Cada um deve honrar a sua própria fé, mas não deve repreender o outro. Só a

harmonia torna os piedosos. Que os seguidores de cada fé sejam ricos em sabedoria e felizes através da virtude."

Depois, é transmitido um outro ditado de uma época posterior, que nos evoca toda a atmosfera do pensamento indiano: "Um quadrado de relva como cama, um bloco de pedra pura como assento, o pé das árvores como residência, a água fria das cascatas como bebida, as raízes como refeição, as gazelas como companhia. Na floresta, que por si só oferece todas estas riquezas sem que ninguém as peça, só há um erro: onde se encontram pessoas muito necessitadas no seu interior, vive-se sem esforços de trabalho para os outros." Como estamos longe, aqui neste mundo espiritual, de toda a ganância de poder e de ouro, de toda a insaciabilidade e de toda a intolerância, de toda a estreiteza de espírito e de toda a arrogância.

O velho germânico, muito difamado, também pensava da mesma forma antes de lhe ser imposto o espírito dos livros de Moisés e de Hesequiel. Os velhos godos de Espanha mostram-nos isso, por exemplo: "Não calunies uma doutrina que não compreendes, disse a gótica Ágila a um camarada de fé católico; pela nossa parte, embora não acreditemos no que tu acreditas, não te caluniamos, afinal, porque há um ditado entre nós que diz que não é punível, se alguém passar entre os altares dos pagãos e uma igreja de Deus e mostrar a sua reverência para com ambos."

E olhemos agora para uma terceira tribo indo-germânica, os persas. É a tolerância deste povo que os judeus devem a sua grande existência; graças a ela, foram autorizados a partir de regresso à sua terra natal e, além disso, receberam dinheiro. "A judiaria", diz o historiador Eduard Meyer, "foi criada em nome do rei persa e pela autoridade do seu império, e assim os efeitos do império arquiduque ainda atingem poderosa e diretamente o nosso presente." E o mesmo académico, completamente pró-judaico, diz sobre o povo judeu que partiu: "A segregação religiosa, o desprezo arrogante - através do qual todos os outros povos (que estavam destinados à aniquilação) se tornavam pagãos para o povo escolhido pelo deus dominador do mundo - era repulsivo para todos os vizinhos. O código sacerdotal é a base do judaísmo, que permanece totalmente inalterado até aos dias de hoje desde a introdução da lei por Esra e Nehemia no ano 445 a.C., com todos os defeitos e monstruosidades, mas também com a energia resoluta e implacável que reside nela desde o início, e com a qual o judaísmo produziu simultaneamente o seu suplemento necessário, o ódio contra os judeus. Circuncisão, consagração do sábado, abstinência de carne de porco e estranhezas semelhantes na alimentação, e desprezo fundamental contra todos os não-judeus, que é calorosamente retribuído por eles, são as características do judaísmo nos tempos de Antíoco Epifanes, Tácito e Juvenal, bem como no presente.

## O gueto

Talvez se possa, através dos factos discutidos, formar uma imagem aproximada da condição espiritual com que os judeus vieram para a Europa, da qual resultam, conseqüentemente, todos os acontecimentos dos efeitos cruzados entre os judeus e os outros povos. A acentuada exclusividade, tanto física como espiritual, em relação a todas as nações levou também a uma manifestação cuja natureza é ainda hoje muito mal compreendida: o gueto.

O isolamento de um povo imigrante estrangeiro no meio do nativo é um facto que aparece por toda a parte, para cuja explicação não é necessário procurar razões complicadas. Todos os europeus estabeleceram os seus próprios distritos urbanos nas colónias, todas as agências no estrangeiro dos portugueses, espanhóis, da Liga Hanseática, sempre se aproximaram umas das outras. Os judeus também fizeram exatamente o mesmo; e o que tem validade para os outros povos é suposto ser o resultado de uma opressão unilateral com eles? Muito pelo contrário, precisamente com eles, com base no seu carácter racial intolerante, o isolamento teve de ser levado a cabo de forma muito mais completa.

A história da imigração judaica dá-nos testemunho suficiente de que assim foi; quando os judeus, por exemplo, como acima referido, chegaram a Alexandria em grande número, não só se instalaram numa massa concentrada, como também exigiram em voz alta que lhes fosse concedido um bairro próprio. Flávio Josefo fundamentou este pedido da seguinte forma: para que os judeus "pudessem levar uma vida pura e não se misturassem com os estrangeiros". Os judeus acabaram por ser tão numerosos que, de cinco bairros, habitavam dois.

As condições em Roma eram exatamente as mesmas. Quando os judeus se estabeleceram nesta cidade, seguiram, como em toda a parte, o seu impulso para o comércio e estabeleceram as suas residências onde se oferecia a oportunidade mais favorável para o fazer. Em Roma, essa era a margem direita do Tibre, onde os marinheiros fenícios e gregos atracavam e exaltavam suas mercadorias. Todo judeu recém-chegado era igualmente atraído para lá, como se fosse por um magnata, e logo o bairro judeu se espalhou muito. Quando a margem direita já estava bastante ocupada, os novos imigrantes, para não ficarem para trás, mudaram-se para a margem esquerda e, em breve, surgiu aí uma segunda povoação. O bairro judeu de Roma estava terminado antes mesmo da introdução de uma medida obrigatória. Inúmeras inundações, a que precisamente este bairro da cidade estava especialmente exposto, as pragas que daí resultaram, tudo isso não foi capaz de fazer com que os judeus, ao longo de todos os séculos, abandonassem os melhores locais de comércio da cidade. As poucas exceções não são tidas em conta. Quando, mais tarde, se viu motivado em Roma a construir um muro à volta do bairro judeu, selou assim uma condição já existente há muito tempo, o que até os historiadores judeus admitem. Por exemplo, Vogelstein-Rieger diz: "Já desde o século <sup>XIV</sup>, o bairro judeu englobava o gueto posterior". "Em tempos posteriores, a referida muralha serviu frequentemente para proteger os judeus contra revoltas populares, o que também foi reconhecido pelos judeus.

E o historiador Heman resume a necessidade do gueto, que tinha sido convocado pelas circunstâncias da época, da seguinte forma: "Como resultado da segregação contra tudo o que não era judeu, o espírito judeu habituou-se a envolver-se nas condições apenas na medida em que isso servia o seu próprio uso. Mas as consequências não deixaram de aparecer: as pessoas sentiram rapidamente que não havia interesse genuíno entre os judeus por elas e pelas suas instituições. Dava-lhes a impressão de que os judeus só queriam explorá-los. A antipatia das pessoas pelos judeus tinha como base a posição que os judeus tinham assumido em relação a todos os não-judeus".

"O facto de, em tempos posteriores, se ter obrigado os judeus a permanecerem nos seus guetos, aconteceu tanto para a sua proteção contra o ódio da população como para a proteção do resto da população contra a sua ganância. Também aqui vemos que aquilo que os judeus acusam de vergonhosa repressão por parte dos cristãos é a simples consequência do seu particularismo auto-escolhido."

Como se vê, querer fazer remontar a criação do gueto a padres maliciosos é um empreendimento muito parcial, mas compreensível, especialmente popular entre os judeus. As nacionalidades que se desenvolviam na altura exigiam para a sua consolidação uma vida pouco perturbada por estranhos. O gueto, as várias restrições à propriedade e as leis relativas aos estrangeiros eram uma necessidade na altura, e sê-lo-ão especialmente em todas as épocas, quando a consciência nacional não for nitidamente definida e onde os judeus viverem em grande número. Temos de evitar olhar para trás, com um sorriso superior, para o tempo da difamada Idade Média e, de alguma forma, mimarmo-nos por termos finalmente chegado tão longe. Nessa altura, as pessoas agiam com base em experiências amargas e não se deixavam guiar por slogans obviamente idiotas e por uma fantasiosa falta de crítica, como o nosso atual público "civilizado" na Europa se deixa fazer a si próprio sem resistência. Só as leis estrangeiras nos libertarão também da atual dominação judaica, ou teremos de decidir tornar-nos ainda mais sem escrúpulos, "mais capazes" do que os judeus. (O Estado nacional-socialista fez naturalmente o primeiro).

Após a emancipação dos judeus, é compreensível que uma parte deles se tenha mudado para o bairro judeu por oposição, mas as ruelas judaicas estão, no entanto, tão bem conservadas como

nos velhos tempos. Por exemplo, na Galiza, na Rússia, em Amesterdão. É preciso não esquecer que as grandes cidades são criações de uma nova era, que não era mais possível aos judeus, mesmo com a melhor das vontades, estabelecerem-se juntos e que, além disso, a sua chegada foi muito gradual. Mas, apesar de tudo isso, a tendência para viverem juntos está sempre presente. Basta olhar, por exemplo, para as condições existentes na "terra mais livre do mundo". Mais de três milhões de judeus vivem nos Estados Unidos. Destes, mais de dois milhões vivem só em Nova Iorque e formam um verdadeiro gueto nesta cidade. Todas as tentativas para libertar Nova Iorque e convencer os judeus a instalarem-se no campo falharam. Todos regressaram para levar uma vida de bens em segunda mão na cidade mundial, pois não gostavam do trabalho manual no campo.

"Os esforços filantrópicos", diz Adolf Böhm, "para espalhar os judeus pela terra tiveram pouco sucesso... Os imigrantes inundaram os locais onde já se encontravam instalados grandes números dos seus irmãos." O velho impulso de ser um povo intermediário (inter-folkish-internacional), mas ao mesmo tempo formar um núcleo unido, retorna hoje também, se alguém, como na América, pode observar movimentos de massa, os judeus são simplesmente o inalterável, o "povo humano cristalizado", de Goethe fala (Fausto II).

## **Queimaduras do Talmude**

Tal como o aparecimento do gueto, também o da perseguição dos livros judaicos está sujeito a um julgamento fortemente unilateral. Continua-se a ver nela um ato da mais alta barbárie e do mais baixo fanatismo dos sacerdotes romanos. O que é justificado nesta censura, ainda deve ser discutido mais tarde; mas que fique aqui dito que a censura e a queima do Talmud não foi totalmente o resultado de uma superstição limitada, mas teve as suas razões justificadas.

O homem deve imaginar a situação da seguinte forma: nos Estados cristãos vive um povo estrangeiro que, nos seus livros, insulta amargamente o fundador da religião do Estado, reza todas as semanas na sinagoga para que Deus amaldiçoe os cristãos e, também de outras formas, não tenta esconder o seu ódio. Mesmo uma igreja menos consciente de si própria do que a romana teria tido de tomar medidas para pôr fim a esta situação; mas que ela se manteve, hoje já não há qualquer dúvida. Ouçamos primeiro uma voz da cristandade mais antiga: Justino escreve: "Os judeus vêem-nos como inimigos e martirizam-nos sempre que podem. Afinal, na guerra judaica recentemente terminada, Bar Kochba, o instigador da revolta judaica, fez com que os cristãos fossem arrastados para um martírio terrível, na medida em que não queriam negar e blasfemar contra Jesus Cristo".

"Que o nome de Jesus seja dessacralizado e blasfemado em todo o mundo, isso foi provocado pelos sumos sacerdotes do vosso povo."... "Amaldiçoaís nas vossas sinagogas aqueles que acreditam em Cristo." "Tanto quanto depende de vós, cada cristão é expulso não só da sua propriedade, mas de todo o mundo; não permitis que nenhum cristão viva." "Em vez de sentirem remorso por terem matado Cristo, odeiam-nos, a nós que, através dele, acreditamos em Deus e no pai de todas as coisas, e matam-nos sempre que têm oportunidade, e amaldiçoam constantemente Cristo e os seus seguidores, enquanto todos nós rezamos por vós e por todos os seres humanos."

Nessa altura, os judeus conseguiram certamente martirizar Cristo e foram os mais zelosos que incitaram os pagãos a perseguir os cristãos. Mas quando a igreja católica deu a volta por cima, eles brincaram de inocência perseguida.

Os judeus mantiveram esta relação hostil para com Cristo com a maior consciência, e em todas as terras a fórmula da perseguição foi constantemente pregada do altar durante séculos.

Quando, no século XVI, o "imperador da Pérsia, como relata um cronista, perguntou aos rabinos que ali viviam sobre a sua posição em relação a Cristo, estes últimos disseram que os

cristãos "são na verdade pessoas idólatras, que não servem a Deus, mas sim a um malfeitor e vigarista crucificado".

É o que afirmam os judeus da Ásia à Europa Ocidental. Quando a Igreja Católica finalmente se opôs com firmeza às fórmulas de maldição, submeteu o Talmude a uma censura rigorosa e expurgou todos os que falavam de Cristo, surgiu do lado judeu um forte clamor pela violação da liberdade espiritual. Não se trata de menosprezar a Igreja, mas qualquer pessoa imparcial tem de admitir que, também aqui, era um princípio totalmente *judaico* que eles seguiam, e que o rabino Tarphon definiu assim: "Pela vida dos meus filhos, se os escritos dos cristãos chegassem às minhas mãos, queimá-los-ia a todos, juntamente com o nome de Deus que eles contêm."

O que diz então o Talmude sobre Cristo, o que continham essas passagens tão repugnantes para a Igreja Católica?

Tal como o seu gracejo, a sua torção de palavras e o seu jogo de palavras ajudaram o judeu atual a alcançar uma triste fama, também o judeu do passado fez uso deste estranho talento. E Cristo deve os seus nomes abusivos mais vergonhosos, em parte, ao venenoso e desdenhoso jogo de palavras.

Referindo-se a 4 Mos. 24. 17: "Uma estrela emerge de Jakob", os cristãos chamavam frequentemente a Cristo o filho das estrelas, Ben Starra; os judeus transformaram-no em Ben Stada (filho de uma prostituta, segundo P. Cassel).

O Talmude só pensa em Marias como prostituta, e como não é totalmente exato na cronologia (por exemplo, deixa que o inimigo mais amargo de Cristo, o rabino Akiba, seja seu contemporâneo), também identifica com Maria a mulher de um certo Pafos que vivia no tempo do rabino Akiba e que, durante a sua vida solta, foi considerada simplesmente uma prostituta. O filho desta adúltera em série e de um soldado romano, portanto da criatura mais desprezível que os judeus eram capazes de imaginar, é "o bastardo" Jesus Cristo.

Um outro nome para Jesus aparece com frequência: Ben Pandera, literalmente "filho da pantera".

Esta designação explica-se da seguinte forma: durante o contacto com a vida grega, o judeu (ver, entre outros, Paulus) apercebeu-se da sua devassidão e nada o repugnava mais do que as orgias da festa de Dionísio do mundo decadente da Antiguidade. A pantera era um animal especialmente sagrado para Baco; os servos de Baco dormiam sobre peles de pantera, a pantera está representada nas moedas gregas, etc.. Por isso, para o judeu, este animal era "o animal da fornicação", o símbolo da devassidão em geral. Desta visão nasceu o seguinte jogo de palavras: os cristãos chamaram a Jesus filho da virgem (do grego *parthenos*, Ben Parthena), do qual os judeus formaram o desdenhoso Ben Pandera (filho do animal da fornicação). Laible salienta que o ódio se dirige menos a Maria do que diretamente à pessoa de Jesus, pelo que todas as maldições eram precedidas pelo Ben (filho).

Cristo é também chamado o tolo, o sedutor popular (Bileam) e é, segundo a visão judaica, o maior que alguma vez se levantou do meio de Israel, o mágico que foi buscar meios secretos ao Egito e "tentou e seduziu Israel".

Por ocasião da sua morte, o Talmude chama simplesmente a Jesus o "homem enforcado" e encontra a força e a coluna da vergonha como o seu devido castigo. No 2. Thargum ao Livro de Ester 7.9. deus pergunta a todas as árvores se se pode enforçar Hamã nelas; todas recusam o pedido, até que o cedro sugere enforcá-lo numa força destinada especificamente a Mordechai. Deus chama a este último "a subida para o ensinamento de Ben Pandera". Este escárnio, posto na boca de Deus, em relação à pessoa e à doutrina de Cristo, não necessita de comentários.

O ódio a Cristo, que, segundo Laible. "A história em que um seguidor de Cristo, Jacob von Kephah, informa o rabino Eleiser de uma resposta que Jesus teria dado à questão, muito séria para os judeus, de saber se se podia construir os degraus do sumo sacerdote no templo com dinheiro de prostitutas ou se este era também um lugar sagrado. Basicamente, diz que o que vem do lixo tem de voltar ao lixo (Mícha 1, 7) e agradeceu muito ao Rabi. Mas esta concordância com - mesmo alegadas - palavras de Cristo desencadeou a maior fúria dos judeus, e Elieser escapou por pouco

ao apedrejamento; mais tarde, censurou-se amargamente por ter dado ouvidos às palavras de Jesus.

Quando o mesmo Jacob Sekhanja foi uma vez chamado pelo Rabi Ismael para curar um sobrinho do Rabi Ismael que tinha sido mordido por uma cobra, ele não o admitiu. E quando a criança morreu, o rabino disse: "Salve, para que o teu corpo seja puro e não tenhas violado as palavras dos teus camaradas." Noutra passagem, Jesus era aluno do rabino Josua ben Perachia e, como pensava que o rabino o queria expulsar, Jesus saiu, ergueu um tijolo e adorou-o.

No tratado Sota Fol. 49 a, b diz: "Para serem vistos como os rastos do Messias são: a falta de vergonha aumenta, a ambição brota, a vinha dá fruto, mas o vinho é caro; o governo transforma-se em heresia; não há rejeição, a casa da assembleia serve para a prostituição, a sabedoria dos eruditos das Escrituras começa a cheirar mal; os que evitam o pecado são desprezados e a verdade é perdida; o filho degrada o pai, a filha rebelde-se contra a mãe, os inimigos do homem são os seus companheiros de quarto, a aparência da época é de encolher..."

O rabino Jehuda fala de forma semelhante da era cristã e conclui da mesma forma: "...e o rosto da época será o rosto de um cão".

E no final do século <sup>XIX</sup>, um Rabino Nacht ensina-nos que as palavras: "Com o aumento dos libertinos, os julgamentos serão invertidos e as acções estragadas... Uma vez que os cuspidores de saliva aumentaram, os orgulhosos também aumentaram..." (Sota Fol. 47 b) referindo-se aos cristãos, uma vez que estes tinham aprendido com o seu mestre Jesus a curar as feridas através da saliva.

Este ódio dos judeus tem algo de estranho, pois provavelmente nunca um homem, a quem até os mais estrangeiros não negam a sua admiração, recebeu tantos nomes abusivos ao longo dos milénios, como bastardo, filho de uma prostituta, filho do animal da fornicção, o enforcado, filho da adúltera e da mulher menstruada (Rabbi Akiba) e, para coroar todos eles, o "cão morto enterrado no monte de esterco"!

Mesmo no inferno, o rabino pensa num castigo para Cristo, como só um ódio terrível pode inventar: Jesus é lá "executado com estrume a ferver". (Gittin 57 a).

Para além do Talmude, os judeus possuem uma obra desenvolvida a partir dele e dedicada a Cristo, que foi distribuída em milhares de exemplares por toda a Judeia: o Toldoth Jeschu (Kufe Jesus), "que não foi impresso, mas sim escrito com forma hebraica e que os judeus liam em segredo nas suas casas na noite anterior à cristã", como está escrito num livro antigo.

Estes vários Toldoth Jeschu relatam depois a vida de Jesus num grande número de leituras. Apresentamos aqui algumas das principais características recorrentes.

Mirjam (Maria) era noiva de um homem da família real de nome Jochanan. Ele era um grande mestre e temia muito o céu. Josef, o filho da pantera, vivia ao lado de Maria e tinha-a debaixo de olho. Num sábado à noite, ele tinha bebido muito e, ao passar à porta da casa dela, visitou-a. Ela disse que estava menstruada e que não podia fazer nada. Ela disse que estava menstruada e pediu-lhe que se fosse embora. Mas ele não lhe deu atenção, dormiu com ela e ela engravidou. Quando o facto se tornou conhecido, a noiva Jochanan ficou muito deprimida e viajou para Babel. Mas Mirjam deu à luz um filho, a quem se deu o nome de Josua.

Jesus estudou o Talmude, foi instruído na Thora e era uma pessoa arrogante. Este maltrapilho passava pelos rabinos com a cabeça levantada e descoberta e não cumprimentava ninguém. Então, um rabino disse: "É um bastardo", e outro acrescentou: "É filho de uma mulher menstruada".

Quando ouviu isto, Jesus ficou horrorizado com a vergonha do seu nascimento, foi ter com a sua mãe e pediu-lhe que lhe dissesse a verdade: "Diz-me a verdade, para que eu não me degrade contra ti, pois não quero respeitar uma mulher prostituída." Como Maria não queria admitir o mesmo, Jesus obrigou-a a fazê-lo. Segundo uma leitura, trancando-a num baú e não a deixando sair enquanto ela não confessasse, segundo outra leitura, apertando-lhe os seios entre as dobradiças da porta.

Como Jesus, sedutor e mágico, estava na posse de uma palavra mágica, fez muitos milagres, muitos apóstatas de Israel juntaram-se a ele e surgiu uma cisão no povo. Quando se gabou de poder subir ao céu, foi forçado a entrar numa competição com Judas Ischarioth. Jesus pronunciou a palavra (das letras) e voou pelos ares. Depois, Judas também disse a palavra e subiu como uma águia. Nenhum deles conseguiu vencer o outro, até que Judas acabou por urinar em Jesus, sujando-o e fazendo-o cair.

Jesus devia ter sido executado como enganador e criminoso político, mas toda a madeira da cruz se partiu debaixo dele. Mas quando os loucos viram que nenhuma árvore o conseguia carregar, pensaram que isso se devia à sua piedade. Mas era apenas a palavra mágica que tinha poder sobre a madeira. Então, um deles trouxe um pé de couve e crucificou-o.

Depois da morte, Jesus foi sepultado à pressa com Judas no jardim. Os seus sucessores disseram mais tarde que ele tinha ido para o céu.

Assim é o núcleo do Toldoth, que em várias versões circulava entre toda a Judeia. Na Alemanha, foi escrito e contado na língua alemã, só mais tarde traduzido para o hebraico, sendo por isso um livro *de prosa popular* [Volksbuch]. Um manuscrito judeu relata o seguinte: "Este folheto é uma tradição de homem para homem, que só pode ser copiada por escrito e não impressa. Não se deve ler em público, nem diante de meninas e pessoas frívolas, muito menos diante de cristãos que entendem alemão... Copiei-o de três livretos que não vêm de uma mesma terra, mas que estão de acordo, só que o escrevi na língua dos inteligentes (hebraico), pois ele nos escolheu de todas as nações e nos deu a língua dos inteligentes. Acrescentarei algumas coisas, pois na zombaria pode-se expandir um pouco o discurso..."

Tal como na Alemanha, o Toldoth também foi amplamente difundido na Polónia e nas terras românicas. O bispo Agobert de Lyon (século IX) já o conhecia. Mas tal como os Rabbaniten, também os Karäer, que de resto eram os seus piores inimigos, alimentaram a querida saga popular. No ódio contra a personalidade de Jesus, todos os judeus estavam unidos, desde o seu aparecimento até aos dias de hoje. A resposta esperada dos judeus [Judentzer (assim se chamava os patronos dos judeus em tempos anteriores)] de que tudo isso já foi, mas hoje sem dúvida foi superado, é falsa. Quem quer que tenha lido jornais e livros judaicos com alguma atenção será capaz de seguir claramente o ódio a Cristo, este "traço nacional do judaísmo", até ao tempo mais recente; pois a luta contra a sua personalidade, conduzida sob vários disfarces, é ainda hoje a palavra de ordem de todos os ortodoxos judeus ou homens de "pensamento livre". Mas para quem a bolha ainda não estourou, deve deixar-se informar que os judeus chamam de "pérolas e jóias" as passagens do Talmude acima mencionadas que pregam o ódio mais furioso contra Cristo; que a designação "cão morto" deriva do Sohar republicado em 1880, que as passagens censuradas foram todas recolhidas no final do século XIX (!) e (especialmente na Alemanha) foram impressas e distribuídas entre os judeus. Mas para que os simpáticos cristãos e europeus não ficassem desnecessariamente agitados, estas colecções são quase sem exceção impressas sem indicação do local e não estão disponíveis no comércio livreiro.

O Toldothb é hoje tão distribuído como antes. De acordo com o testemunho do judeu S. Krauss, os manuscritos do Toldot "ainda se encontram nas mãos de simples judeus" e os judeus instruídos "ainda hoje escrevem na Rússia, etc. (e também noutros países) o seu tipo de Toldot". Krauss afasta de uma vez por todas a dúvida de que o Toldoth não corresponda à visão dos judeus. "Os meus correligionários", diz ele, "protestarão contra o facto de o Toldoth dever ser considerado como uma autêntica representação dos pontos de vista judaicos; só que, nesse caso, também terão de protestar contra o Talmud." O ódio dos judeus contra os cristãos, reprimido ou não, é propriedade comum de todo o povo judeu. É mais do que tempo de o conhecimento deste facto penetrar finalmente nos círculos mais amplos, pois aqui se esconde a chave para a compreensão da eficácia dos judeus. Os europeus têm de perceber que há coisas que dormem escondidas sob um fino verniz de cultura cristã. Se este cair uma vez, então o mesmo espírito e carácter olham para nós como aquele que há quase dois mil anos pregou o fundador da Cristandade na cruz.

Já muito cedo, os cristãos estavam bem informados sobre as declarações dos judeus, mas foi preciso muito tempo para que a censura dos escritos judaicos fosse feita a sério. Só no início do século <sup>XIII</sup> é que a apreensão e a queima do Talmude se iniciaram, e de facto com base em querelas no seio da própria Judeia. Os escritos de Maimonides tinham nomeadamente posto o pensamento judaico na maior agitação. Este "maior homem depois de Moisés", como lhe chamaram, estava de facto de acordo com os rigorosos talmudistas, segundo os quais, na verdade, só os judeus eram seres humanos e seriam ressuscitados: a caridade da chuva é tanto para os bons como para os maus, mas a ressurreição é apenas para o povo judeu justo. Concorda também plenamente que se pode enganar os incrédulos, partilha mesmo a opinião mais rigorosa de que se *deve* fazê-lo, e associa-se a Levi ben Gerson, que diz "Este mandamento, de que se deve praticar a usura sobre os estrangeiros, é um dos 248 mandamentos, que Deus quer que sejam cumpridos por nós, e, de facto, para que não nos limitemos a emprestar dinheiro ao estrangeiro com usura, devemos também infligir-lhe o maior dano possível, e não somos livres de praticar a usura ou não, é antes um mandamento de Deus, porque os estrangeiros servem deuses estrangeiros." Maimónides defende também que se deve exterminar os "epicureus" e outros incrédulos para os reconduzir à única fé verdadeira. Vê-se assim que, no essencial, ele era totalmente fiel ao Talmude. Mas, mesmo assim, ele tenta atravessar o terrível emaranhado de sofismas e reconduzir todo o legado a alguns pontos principais. Este esforço, como se disse, desencadeou então uma grande indignação. O judaísmo dividiu-se em duas partes, que se depreciaram amargamente e se excomungaram alternadamente. Para tomar o poder, o rigoroso Rabinato vira-se com o pedido de ajuda para - a igreja romana. Esta ajuda foi-lhes efetivamente concedida, mas custou-lhes a maior parte dos seus seguidores. A convocação dos tribunais da inquisição para a resolução das querelas internas da comunidade judaica teve como primeiro resultado a queima dos escritos de Maimónides pelos dominicanos de Montpellier e de Paris, sempre tão ávidos por isso.

Depois desta primeira intervenção, não tardou a surgir uma segunda e, mais uma vez, a iniciativa partiu do lado judeu. Um judeu francês convertido ao cristianismo, Nicolau Donin, levantou-se publicamente no palácio papal em Roma contra os ensinamentos do Talmude que caluniavam o cristianismo. Gregório IX emitiu então o primeiro édito papal (1239), no qual ordenava o confisco de todos os exemplares do Talmude. Os Judeus mobilizaram o céu e a terra para sabotar este édito, mas não conseguiram. O Papa Inocêncio IV confirmou-o e ordenou, no édito "*Impia Judeaorum perfida*", a queima do Talmude. Este édito foi depois amplamente executado em Espanha, Portugal, Roma e noutros países. Em Paris, 24 carroças foram queimadas.

Mais tarde, as perseguições ao Talmude foram novamente empreendidas por instigação de vários judeus convertidos. Salomo Romano, em especial, descendente de um famoso gramático judeu, desempenhou o papel de procurador na corte do Papa Júlio III e apontou as passagens do Talmude que caluniavam Cristo e o Cristianismo. Em agosto de 1553, foi também emitida uma ordem papal rigorosa para confiscar todos os livros judeus. Na medida em que se podia deitar-lhes a mão, foram queimados em setembro de 1552 em Roma, outros mais tarde em Ferrara, Mântua, etc.

Mais tarde, porém, o Papa autorizou os judeus a deixarem os seus livros, mas apenas o Talmude teve de ser vigorosamente perseguido, como anteriormente.

Os tempos posteriores provam que Roma tinha razão em princípio neste caso e que só na prática muitas vezes lambeu os vestígios. Desde o aparecimento da impressão de livros, o mandamento de queimar foi ficando cada vez mais em segundo plano e foi substituído pela censura, através da qual os judeus foram obrigados a riscar todas as passagens relativas a Cristo. Com o coração pesado, os rabinos omitiram os seus "picos e jóias", mas ajudaram-se da seguinte forma: no lugar das observações que caluniam Cristo, foi colocado um símbolo em forma de círculo, sobre o qual (1631) foi emitido o seguinte decreto rabínico: "Como soubemos que muitos cristãos se esforçaram muito para aprender a língua em que os nossos livros estão escritos, pedimos-vos, sob pena de excomunhão, que não publiquem em nenhuma das vossas novas edições da Mischna ou da Gemara nada sobre Jesus de Nazaré... Ordenamos que, se publicarem

uma nova edição destes livros, deixem de fora as passagens relativas a Jesus de Nazaré e que o espaço seja preenchido com um círculo. Os rabinos e os professores saberão como os jovens devem ser instruídos verbalmente. Então, os cristãos não terão mais nada para mostrar contra nós sobre este tema, e podemos esperar a libertação da opressão. Este texto é interessante não só porque os rabinos sabiam muito bem que uma parte das perseguições contra os judeus tinha a sua razão de ser nas calúnias contra Cristo, mas também porque mostra que os judeus não tinham, nem por um segundo, a intenção de abandonar esta calúnia contra Cristo.

E a oração na sinagoga que devia terminar com o pedido de bem-estar do soberano da terra tinha a seguinte redação: "Nos seus e nos nossos dias, Judá será redimida e Israel viverá seguro e virá o salvador de Sião". Para o que Isaak Abrabanel dá a seguinte explicação: "Toda a redenção, da qual os israelitas falam, acontecerá com a queda de Edom (cristianismo)."

Atualmente, já quase chegou a esse ponto. Estes breves comentários servirão, neste caso, para justificar a ação da Igreja romana. Mas como não posso resistir a um breve debate sobre o princípio romano em geral, quero deixar aqui espaço para as seguintes observações.

Se Roma tinha razão para proibir aos estrangeiros a difamação da fé do povo anfitrião, então esse ato correto não decorria tanto da realização dessa justiça, mas era apenas a expressão de uma intolerância que não tolerava nada para além dela própria. Não foram apenas os caluniadores do cristianismo que foram perseguidos, mas também os homens fiéis ao cristianismo, mas que ao mesmo tempo defendiam o livre pensamento e a investigação, foram impiedosamente espezinhados, perseguidos por todas as terras, apunhalados e queimados. Roger Bacon, Galileu, Bruno são exemplos claros disso. Um Copérnico dedica o seu escrito em piedade ao Papa, que proíbe a sua obra, coloca todos os livros que ensinavam o sistema solar heliocêntrico no índice das obras proibidas, onde permaneceram até ao final do século <sup>XIX</sup>. Este rígido sistema romano, ainda no ano de 1904, responde aos esforços mais tolerantes do clero católico com um agravamento da censura. Se fosse pela vontade de Roma, todas as obras de ciência arderiam ainda hoje na pira. Isto é bastante coerente: se alguém *tem* toda a verdade na sua posse, então tudo o resto é mentira e deve ser destruído. A maior parte dos nossos católicos pensa, sem dúvida, de forma diferente e entende a sua fé como um símbolo, tal como os crentes de outras denominações; mas isso não impede que se reconheça a validade da observação acima. Mas isso não impede que se reconheça a validade da observação anterior. Daí que também se possa chegar ao ponto de os prelados católicos alemães "rejeitarem com indignação" a arte de um Goethe como "veneno vil". Se um conselheiro espiritual *alemão* tem tão pouca compreensão pela obra do maior de todos os alemães, então ele revela um abismo que só pode ser atribuído à ação de um espírito totalmente estranho.

Um historiador judeu, que se tornou um abade católico convicto, faz a observação correta na sua obra "*L'entrée des Israélites dans la société française*" (Paris 1880), segundo a qual as pessoas que eram anti-semitas outneted lutavam simultaneamente contra o princípio romano (mais uma vez, não tenho em mente a fé católica dos alemães). Esta observação baseia-se no sentimento, embora não expresso, de que algo em comum está no fundo do espírito de Roma e de Jerusalém. Depois do que foi dito, não preciso de dizer onde está esse parentesco: é o espírito de intolerância fundamental adotado dos semitas em detrimento da Europa. Renan já se referiu a ele, Chamberlain já o delineou claramente, por isso chamo a atenção para ele.

Noto também que não era apenas o Abade, mas também outros judeus tinham este sentimento, sim, até esta consciência. O historiador judeu Bloch, que quis atribuir de bom grado a culpa da intolerância aos arianos, apesar de também servir conscientemente a velha linha judaica, acerta no alvo, se, por ocasião das querelas acima descritas sobre os escritos de Maimonides e o pedido de ajuda do lado dos judeus, diz o seguinte Então todas as outras querelas foram esquecidas: monge e rabino caminhavam fraternalmente de braço dado - era por um herege que ardia em honra do deus partilhado". Mas não foi difícil para outros judeus também fazer plena justiça ao princípio romano. O simbolismo da fé católica deixava-os naturalmente de lado, mas a alegria na perseguição religiosa encontrava a sua representação típica em judeus concertados. Foi assim que,

ainda na época do domínio gótico em Espanha, sob o rei Egika, o estadista judeu e arcebispo Julian von Toledo, aprovou os cruéis decretos num conselho nesta cidade, segundo os quais os filhos de pais judeus deveriam ser separados deles aos sete anos de idade, para poderem ser educados apenas na fé cristã. Acrescente-se que o decreto de confisco de bens também decretado neste conselho, como sempre, tinha outras razões para além das religiosas: Os judeus de Espanha tinham uma conspiração para assassinar o rei, o que foi descoberto e, em seguida, foram ordenadas medidas rigorosas.

O Grande Inquisidor de Córdova, Lucero, na sua época um dos mais temidos perseguidores de hereges, era judeu. O historiador judeu Kayserling descreve-o da seguinte forma: "Ele via em toda a gente um herege, um judeu, um cavaleiro, damas nobres, monges e freiras, as pessoas mais respeitadas de todas as classes eram escolhidas por ele como vítimas do fogo. A crueldade de Lucero era lendária em Roma".

Um ajudante deste homem foi um tal Henriquez Nunez que, apresentando-se como irmão dos judeus secretos, denunciou-os a todos e empurrou-os para os braços da inquisição. Trabalhou depois nas Ilhas Canárias e ganhou tal fama na arte da tortura que o rei de Portugal, por recomendação, o chamou para junto de si, onde também efectuou serviços de espionagem.

Johann Pfefferkorn era também um judeu, que no século <sup>XVI</sup> trabalhou para a destruição dos escritos judaicos e para a perseguição dos judeus; Margaritha era também uma judia, que em 15630 compôs um tratado "toda a fé judaica", que entrou em campo contra a piedade hipócrita. Um dos mais fanáticos perseguidores dos judeus foi Abner von Burgos, um convertido ao cristianismo, o "campeão dos inimigos dos judeus em Castela". Judeus foram também os infames Pablo de Santa Maria, Josua Lorqui, Fray Vincente e, acima de tudo, o maior perseguidor de hereges de todos os tempos, o Grande Inquisidor Torquemada.

Em suma, o interesse pelas torturas religiosas era sem dúvida muito grande. O judeu só precisava de virar os seus princípios talmúdicos com a ponta contra os seus irmãos de tribo e contra os hereges - e o Grande Inquisidor estava acabado.

Que isto seja suficiente para ilustrar o espírito que dominava tanto Roma como os rabinos, e que não raramente fazia o ódio arder em chamas. Mas é preciso, no entanto, sublinhar que este impulso clerical-religioso não foi decisivo. Isto deve ser ilustrado na apresentação dos factos históricos que se segue, de modo a que tenhamos recolhido todo o material para tentar uma síntese do espírito e do carácter judaico.

## Panorama histórico

Se alguém aborda, sem o dogma desgastado de uma sensibilidade úmida, todo o complexo dos eventos históricos relativos aos judeus e sua relação com os outros povos, então já se pode determinar uma coisa: se os resultados no comportamento de *todos os povos* em relação a *um* povo judeu são os mesmos, então isso, pelo menos em grande parte, só pode ser determinado pelo carácter desse povo judeu. Pois as individualidades dos persas, espanhóis ou alemães são os fatores variáveis na história em relação aos judeus, a personalidade do judeu, por outro lado, é o fator uniforme e inalterável, além disso, até mesmo escalado através de uma estrita reprodução racial.

Muitos historiadores, afastados do equilíbrio histórico pelas desumanidades efetivamente ocorridas em relação aos judeus, vêem com demasiada facilidade na condenação puramente humana um julgamento; é preciso reconhecer esta agitação sentimental, que honra o ser humano, mas coloca o historiador em posição inferior, a fim de poder compreender através dos sentimentos a história nas suas necessidades mais profundas. Se o tivermos feito, e se tivermos usado principalmente retratos amigáveis para com os judeus, ou pelo menos desde o início orientados para o antissemitismo, então uma espiral surpreendentemente semelhante da vida judaica, do trabalho judeu e do sofrimento judeu em todas as terras do mundo aparece diante dos

nossos olhos. Por toda a parte, os judeus são inicialmente aceites sem qualquer reserva, vemos como, desde o início, se separam intencionalmente, tanto física como espiritualmente, da população nativa, esforçam-se zelosamente por obter o favor dos governantes e, adiantando-lhes dinheiro adquirido através do comércio e da usura para as suas empresas, asseguram a sua proteção e, assim, adquirem para si próprios privilégios de todo o tipo. Então, os movimentos anti-judaicos voltam a aparecer, inicialmente cintilando em alguns pontos, depois abrangendo toda a terra, descarregando em fúria terrível. Os factores que desencadearam estas perseguições foram diversos: o facto de um judeu ter sido apanhado com dinheiro falso, o facto de um judeu ter sido acusado de difamar o cristianismo, o roubo de uma cruz ou algo semelhante. Mas se a observação histórica não se detém em parte alguma sobre a estrutura social para descobrir não os factores desencadeantes, mas sim as razões que estão na origem de acontecimentos tumultuosos, é sobretudo o caso da observação da questão judaica em todos os países. Com efeito, as condições políticas e culturais, mas sobretudo as condições clericais, foram importantes, passaram por vezes para o primeiro plano, como na época da inquisição, mas constituem apenas os factores reconhecíveis; de mãos dadas, foram sempre questões de natureza económica e de carácter. Tal como a questão judaica é hoje, de facto, para muitos, da maior importância, também ela está, no entanto, ancorada na posição social dos judeus no mundo atual. Com as riquezas incomensuráveis que estão à sua disposição, seria possível guiar a política do mundo e fazer com que os estadistas de muitas terras aparecessem como fantoches da vontade judaica; não seria possível afundar o veneno da superficialidade, da discordância com a sua própria natureza nos corações dos europeus e manter o espírito num clima favorável ao judaísmo, se o ouro todo-poderoso, sistematicamente administrado, não contratasse os seus capangas em todas as terras. Mas, tal como acontece hoje, onde o capital bancário opressivo detém pessoas inteiras no seu interesse, essa era a situação, ainda que em menor escala, em Espanha, em França, na Alemanha e em muitos outros Estados. O judeu era, em toda a parte, o senhor dos interesses dos governantes, do clero, do povo; e as perseguições contra os judeus, que isto seja antecipado, são principalmente a tentativa, empreendida uma e outra vez, de quebrar o jugo da usura, tanto mais que provém de um invasor racialmente estranho, religiosa e moralmente hostil. O próprio povo reconheceu isso, e só onde a sua voz não foi ouvida é que os padres acabaram por usar o seu agravamento para os seus objectivos e colocaram um selo puramente eclesiástico no ódio.

Os judeus e os pró-judeus do nosso tempo falam em tom elegante das cruéis perseguições dos pobres e inocentes judeus. Podem usar este velho discurso com tanto mais desenvoltura quanto sabem muito bem que, hoje em dia, no máximo uma pessoa em mil conhece os pormenores das condições reais. As perseguições foram cruéis, se adoptarmos um ponto de vista humano, mas nem por isso menos necessárias. Porque a história dos judeus, quando teve um efeito recíproco com as gentes do ocidente, não deve ser iniciada com a inquisição, como costuma acontecer para atirar areia para os olhos, mas sim do ponto de vista da imigração judaica, só através da qual se aprende a perceber como foi preparado o terreno para as perseguições eclesiásticas.

## **Os judeus em Portugal**

Quando os judeus imigraram para Portugal não se pode determinar com exatidão; mas já possuímos alguns relatos do século XI que não deixam dúvidas de que estavam na posse de todos os direitos civis, que podiam adquirir bens imóveis, sim, em vários casos gozavam de privilégios especiais. Vemos, portanto, que já nessa época não existia qualquer tipo de desdém por parte dos portugueses, ou, no caso de serem, como estrangeiros, também não eram vistos de forma amigável, então as dificuldades na sua vida e nas suas relações não lhes eram feitas em lado nenhum, antes pelo contrário, eram-lhes logo concedidos privilégios. Formavam um Estado dentro do Estado, tinham a sua própria jurisdição, que, embora diferente das leis do país, era

reconhecida pelo governo. O rabino-chefe era simultaneamente um funcionário da coroa e gozava sempre de influência na corte, tinha poderes de juiz sobre todas as comunidades judaicas, consolidava nas suas mãos o poder de ofício e o poder de punição, o que, de resto, só era verdade para o direito soberano do próprio rei.

Numa disputa legal entre um judeu e um cristão, se o judeu fosse o réu, só podia ser levado a tribunal pelo seu rabino; o cristão tinha de ir ao fórum do réu. Em caso algum os juízes cristãos podiam intervir nas disputas entre judeus e judeus, e nenhum judeu podia intentar uma ação num tribunal provincial contra o seu camarada de tribo. As práticas religiosas judaicas eram estritamente observadas, o judeu não podia ser convocado para uma sessão judicial no Sabbath e nos seus feriados, pois, como está escrito num dos decretos do rei Alfons (1248-79): "Uma vez que eles (os judeus) são obrigados pela sua religião a celebrar o Sabbath, ninguém os deve convocar perante um tribunal neste dia." Uma vez que, para além disso, os judeus foram libertados de vários encargos fiscais, que a população nativa tinha de suportar, aconteceu que eles, como estrangeiros, não só gozavam de direitos iguais na terra, como formavam um segmento privilegiado da população.

Os judeus tinham conseguido grandes riquezas através do comércio de escravos e de negócios de dinheiro, que utilizaram imediatamente para emprestar o seu dinheiro a pessoas necessitadas do campo e da cidade com juros elevados. Alfons III, que generosamente lhes tinha concedido todas as liberdades, recebeu de muitos lugares do Reich queixas sobre a usura sem precedentes, e o rei viu-se obrigado a promulgar leis contra ela. Como estes decretos deram poucos frutos, o rei seguinte, D. Diniz (1279), tentou dissuadir os judeus do negócio da usura, obrigando-os, através de leis, ao trabalho agrícola e à colonização. Ordenou aos judeus de *Bragança* que comprassem anualmente uma certa soma de casas, vinhas e terras de cultivo sem direito a revendê-las. Cada judeu recém-chegado tinha de contribuir com a sua quota-parte para o montante da compra. Mas, ao mesmo tempo, todos os direitos dos judeus foram reafirmados nesta ocasião e foi estritamente proibida qualquer intervenção contra eles e qualquer desrespeito para com eles. Este desejo de transformar os judeus em camponeses e burgueses trabalhadores falhou completamente, pois o rabino-chefe e ministro das Finanças Don Juda (que, segundo Graetz, era tão rico que podia adiantar dinheiro para a compra de cidades inteiras) e os outros manda-chuvas de Israel conseguiram facilmente impedir gradualmente a execução do decreto nomeado. A riqueza dos judeus e, conseqüentemente, a sua usura, multiplicaram-se, eram donos dos mais belos palácios de Lisboa, dirigiam os negócios financeiros do rei e conseguiam colocar pobres e ricos numa relação de dependência económica em relação a eles. Quando todos os pedidos de ajuda aos reis não deram frutos, foi enviada uma queixa ao Papa, em 1309, onde a indignação encontrou expressão no facto de os governantes se rodearem de estadistas judeus, de não haver negócios que não passassem pelas mãos dos judeus, de até os bispos nos mosteiros serem mantidos em cativeiro pelos judeus. "Os judeus tornam-se orgulhosos e erguem-se", diz ainda, "enfeitam os seus corcéis com capachos e dedicam-se a um luxo que tem um efeito desvantajoso sobre os habitantes da terra".

O descontentamento popular também cresceu de tal forma que Afonso IV> (1325-57) proibiu terminantemente os judeus de passearem pelas ruas com correntes de prata e ouro e de enfeitarem os seus corcéis com jóias, o que já tinha sido proibido aos cristãos. Novas queixas fizeram com que o rei aprovasse um decreto contra a usura (1353), no qual se decretava que ninguém podia ser obrigado a pagar mais de 33 1/3% de juros. Este decreto, que foi sentido pelos judeus como uma restrição sem precedentes da sua liberdade, levou muitos deles a emigrar, sinal de que todos tinham a esperança de não serem sujeitos a uma violação tão horrível noutras terras. Mas como as riquezas incomensuráveis tinham ido com eles, Afonso decidiu, no interesse do país, recolher para o Estado uma grande parte da riqueza dos judeus que quisessem emigrar. Esta lei marcou-o aos olhos dos judeus como um dos mais terríveis opressores dos judeus.

O édito nomeado contra a usura não parece ter sido muito temido, pois quando os príncipes e dignitários da Dieta Imperial se reuniram em 1361, voltaram a queixar-se da atividade comercial

judaica que arruinava todo o país. Mas isso não ajudou em nada, muito pelo contrário, os judeus conseguiram que o rei da altura, D. Pedro I., o "exemplo de justiça", como lhe chama um historiador judeu, levantasse todos os castigos por usura e que fosse concedido aos judeus o privilégio sem precedentes de tornar ilusórias todas as objecções de um cristão contra um negócio jurado por eles como honestamente concluído! Este "alívio" [Kayserling] aumentou imenso a influência dos judeus. Eram os tesoureiros do rei, os cobradores da taxa em Lisboa, ou seja, os mais altos funcionários do país. Em 1383, deu-se uma grande revolta popular, e só graças aos esforços do regente imperial popular e mais tarde rei, D. João, foi possível salvar os judeus de um castigo sangrento. É de salientar agora o comportamento deles em relação ao seu salvador. Quando D. João precisou de dinheiro para a guerra contra Castela, os cidadãos de Lisboa deram-lhe de presente 1.000.000 de ducados, mas os judeus deram 70 marcos em prata e 6.000 mercenários como empréstimo!

Assim, os judeus continuavam a ser os senhores do país, mantinham cavalos com arreios de prata, ocupavam os cargos mais importantes, descontavam um décimo das igrejas e dos claustros, sim, eram suficientemente impertinentes para o fazerem até durante a missa. Um rei posterior repreendeu um judeu de confiança pelos seus camaradas de tribo; um comportamento provocador, uma vez que o povo devia ser da opinião de que os judeus que passeavam em ouro e jóias tinham ganho esse luxo através de roubos que tinham cometido contra os cristãos. "Não quero, no entanto", disse ele, "que me respondas, pois sei muito bem que só a pilhagem e a morte te melhorarão, e depois arrepende-te-ás dos teus actos."

Uma nova revolta (1449) contra os judeus, que eclodiu na ausência do rei, foi novamente reprimida, mas a cólera dos portugueses já tinha aumentado de tal forma que se revoltou contra o rei e só pôde ser dominada através de uma intervenção implacável. E assim foi durante mais meio século. Os representantes do povo exigiam repetidamente que não se desse aos judeus o aluguer dos impostos eclesiásticos, que nos litígios entre judeus e cristãos fosse chamado o juiz cristão, que se interviesse contra os sermões nas sinagogas que caluniavam os cristãos, mas tudo sem sucesso. Então, pode ser verdade que, como se diz, "o ódio ardente dos portugueses contra a raça judaica já não tinha limites e agora ardia em chamas abertas".

Por ocasião de um confronto entre judeus e cristãos, a cólera, há muito reprimida, explodiu de forma devastadora no início do século <sup>xvi</sup>. A perseguição aos judeus começou em Évora e estendeu-se depois a todo o país. Em Lisboa, naturalmente, assumiu a maior dimensão. Primeiro procurou-se prender o judeu mais rico, o cobrador de impostos João Maskarenhas, que provocou as leis mais duras contra o povo. Acreditava ainda agora que podia comportar-se como o mestre, barricou-se no seu palácio e praguejou contra a multidão a partir de uma varanda. Um deles apanhou-o em fuga pelos telhados e matou-o. No decurso de 48 horas, segundo alguns historiadores, 2000, segundo outros, 4000 judeus foram mortos. O castigo para os residentes foi aplicado com toda a severidade, muitos foram banidos e 50 pessoas executadas.

Mas ainda não tinha passado muito tempo e os judeus, já com as rédeas na mão, conseguiram assegurar para si o monopólio da venda de cereais, de modo que, através da especulação sistemática, o povo se viu de novo na velha situação. Mas a cólera dos portugueses recebeu agora um grande reforço sob a forma dos tribunais da inquisição e, a partir de agora, vemos a perseguição dos judeus sob o signo do fanatismo religioso. No entanto, este é apenas o lado exterior, pois todos os baptizados e torturas não resolveram a questão judaica, o carácter manteve-se sempre o mesmo. Começaram a surgir perseguições maiores, até mesmo a expulsão sistemática do país, e muitas vezes com grande severidade. O tribunal da inquisição constituirá sempre um dos capítulos mais sombrios e um exemplo, provavelmente não defendido por nenhum ser humano, para onde o princípio judaico-romano na sua pureza, deixado a si próprio, deve conduzir. No entanto, para se ter uma perspectiva correta dos acontecimentos, afinal conhecidos de todos, é preciso sublinhar que a inquisição não se dirigiu apenas contra os judeus, mas sobretudo contra os albigenses, valdenses e protestantes. Estes foram perseguidos de forma não menos terrível por Roma, sim, geralmente pior do que os judeus. Enquanto os Papas os

tomavam frequentemente sob a sua proteção, sim, chamando-lhes mesmo "súbditos leais", esses hereges eram impiedosamente entregues ao tribunal doloroso.

Mas o tempo da perseguição aos judeus passou, a proclamação dos direitos humanos introduziu uma nova era para os judeus de todo o mundo e também para os judeus secretos e baptizados de Portugal; hoje, uma rica comunidade floresce ali e forma um belo ramo na árvore do Estado mundial judeu.

## Os judeus em França

Se Portugal era um pequeno Estado, em que as condições do centro e das províncias não eram particularmente diferentes umas das outras, a França era um grande país com uma população de carácter diverso, que não podia ser facilmente governada a partir de um centro. Por conseguinte, o destino dos judeus também é diverso, correspondendo sempre à força dos reis franceses. Mas, apesar de tudo, vemos, pouco antes, pouco depois, em todo o lado o mesmo resultado: o ódio recíproco e a perseguição dos judeus. A data da chegada dos judeus a França é contestada. Os primeiros relatos escritos datam do início do século <sup>VI</sup> e mostram-nos que já nessa altura os judeus viviam dispersos por todo o país. Como o provam os primeiros documentos, as relações entre judeus e cristãos eram totalmente pacíficas; os judeus podiam exercer as suas práticas e actividades sem entraves, recebiam e retribuíaam as visitas dos habitantes da terra, eram aceites na milícia e no exército municipais, em suma, gozavam de todos os direitos civis. Mas depressa se verificou um atrito. Se nos lembrarmos da quantidade de leis dietéticas e de costumes com que os judeus foram cercados na terra, que, para proteger os eleitos contra a mistura e a contaminação com os pagãos, apontavam contra todos os não-judeus; se nos lembrarmos de que o ódio contra Cristo e os cristãos era uma característica irremovível dos imigrantes, que, apesar do secretismo, ainda tinha de atingir o exterior, então poderemos compreender muito bem as queixas da população nativa, se afirmarem que o desrespeito fala da recusa do pão e do vinho cristãos, que a arrogância muitas vezes se exprime de forma incontida nas declarações sobre o cristianismo. A isto acresce o facto de os judeus, como exigia a sua lei, obrigarem todos os escravos cristãos a seguir os actos cerimoniais judaicos e a circuncidá-los à força, o que se tornou uma queixa constante em todas as terras. Exploravam o seu poder sobre os escravos, de tal modo que estes tinham frequentemente de procurar proteção nas igrejas contra os abusos.

Assim, não é de admirar, sobretudo se tivermos em conta o carácter de Roma, que os concílios eclesiásticos se opusessem frontalmente à tolerância dos habitantes da terra, proibissem as visitas recíprocas de judeus e cristãos, proibissem os casamentos mistos sob pena de excomunhão, emitissem decretos que deveriam impedir os judeus de obrigar os seus escravos a actos que violassem a sua fé cristã e os judeus de assumir posições de juiz sobre os cristãos. A estes conflitos juntaram-se outros acontecimentos, que deviam minar as boas relações, apesar de tudo ainda existentes, entre judeus e cristãos, que até os prelados mantinham, contrariando os decretos conciliares.

Quando, por exemplo, Arles foi sitiada com sucesso pelos burgúndios, e estes só resistiram ao assalto com esforço, uma noite um judeu teve de ficar de vigia na muralha da cidade. Para obter um tratamento suave para si e para os seus irmãos de raça, atirou uma nota com uma pedra na direção dos sitiantes, pedindo-lhes que se aproximassem da muralha com escadas de assalto a uma determinada hora. Em seguida, prometeu-lhes que os deixariam entrar na cidade com uma condição, se o poupassem a ele e aos seus companheiros de tribo. Mas este bilhete não foi suficientemente longe e foi encontrado no dia seguinte por um dos soldados da guarnição. Este facto causou naturalmente uma grande agitação na cidade, o judeu foi entregue ao tribunal e condenado à morte. Os restantes sublinharam que estavam inocentes da traição e que não tinham ideia de tentativa. Não se sabe nada sobre o seu destino, embora P. Daniel diga que esteve perto

de iniciar uma perseguição aos judeus, mas acabou por se contentar em negar-lhes o serviço de sentinela. Se isso é verdade, não pode ser provado.

Um outro incidente causou igualmente uma grande agitação. Quando um judeu de Clermont quis ser batizado em 576 e, como era comum, se dirigiu à igreja de batismo com vestes brancas, foi-lhe derramado óleo de afundamento por outro judeu. Foi apenas devido ao aparecimento do bispo que o agressor não foi espancado até à morte pelos populares amargurados. Mas não se deixou negar a destruir mais tarde a sinagoga.

Estes e muitos outros factos, que não podem ser negados, mostram que não é só o clero que tem a culpa, se em casos semelhantes os judeus foram deportados de muitas dioceses, ou, segundo a prática da época, tiveram de se deixar batizar. Que a religião é apenas a expressão de um sentimento nacional e que este não se altera através de um batismo, os monges daquele tempo não sabiam, e como poderiam saber, quando ainda hoje há pessoas que consideram que o batismo é suficiente para transformar um judeu num europeu.

Os judeus eram agora impedidos de ocupar todos os cargos e postos do Estado, acabando por ser banidos de França, mas regressaram novamente após o declínio do poder dos Merovíngios. Carlos, o Grande, mas sobretudo Luís, o Piedoso, favoreceu os judeus em toda a parte e, assim, as acções sem escrúpulos e a usura dos judeus depressa se instalaram de forma completamente desenfreada em todas as terras de França. Num curto espaço de tempo, vemo-los no gozo de grandes riquezas, altos cargos e um poderoso séquito na corte dominada pelo seu dinheiro. Metade de Paris é-lhes rapidamente hipotecada e pertence-lhes como propriedade, os devedores falidos são mantidos em cativeiro ou trabalham como escravos para os seus credores judeus.

O poder e a falta de escrúpulos dos judeus são-nos apresentados com especial clareza nos anais de Lião. Lião, devido à sua localização privilegiada, já era uma cidade de comércio ativo desde os tempos romanos: através de César, Augusto, Trajano, atingiu uma importância cada vez maior e, quando a capital do império foi transferida por Constantino para o Bósforo, não perdeu a sua importância. Era um local de comércio de materiais de seda, essências, jóias da Índia, vasos, artigos de ouro e prata e alabastro da Pérsia. Vendiam-se no fórum de Lyon leões e tigres da Ásia, panteras e aves de África, esculturas de bronze de Corinto e Atenas, enfim, objectos de comércio e raridades de todo o mundo. Quando Roma se dissolveu e os povos do norte irromperam derrubando tudo à sua frente, esta vaga passou por Lião e destruiu a vida de paz dos comerciantes. Depois de o sul de França ter sido novamente inundado, desta vez pelos árabes, a cidade recuperou pela primeira vez no século <sup>VIII</sup>. Romanos, borgonheses, godos e, sobretudo, muitos judeus expulsos pelos muçulmanos mudaram-se para Lyon. Através de um comércio inteligente, nomeadamente com mercadorias de escravos, conseguiram grandes riquezas, de tal modo que Lyon se tornou rapidamente a "nova Jerusalém". Os judeus roubavam os cristãos da cidade e dos arredores e vendiam-nos aos seus irmãos religiosos de Espanha e de Itália. E como os mouros da Península Ibérica tinham necessidade de eunucos, também os fabricavam e forneciam. Como estavam sob a proteção dos oficiais, que preferiam ter os judeus ricos como amigos do que como inimigos, depressa se comportaram de forma provocadora e arrogante para com os habitantes. Mas os cristãos continuavam a comportar-se de forma cordial para com os descendentes de Abraão, respeitavam mais o sábado do que o domingo, iam visitá-los, comiam com eles mesmo na semana anterior à Páscoa, ouviam os sermões dos rabinos, etc. Esta simpatia exagerada para com os estrangeiros, que cumpriam rigorosa e rigidamente as suas observâncias religiosas e os seus mandamentos morais, sem se preocuparem minimamente com os dos habitantes da terra, suscitou um sentimento de hostilidade entre muitos católicos, mas sobretudo entre os prelados. Quando Agobert era bispo de Lyon, decidiu pôr fim a esta familiaridade unilateral e inábil, proibiu os cristãos de traficarem com os judeus, de lhes venderem escravos e de prestarem serviços aos judeus. Aprovou também uma lei que proibia a compra de carne e vinho aos judeus, uma vez que os cristãos só compravam os produtos que consideravam de alguma forma contaminados. Este último decreto agitou especialmente os judeus, que se dirigiram a Paris e de lá foram enviados dois comissários para uma investigação sobre o assunto.

Os judeus receberam-nos em Lyon com acomodações luxuosas e ouro, para que as suas "liberdades" fossem confirmadas e pudessem obter outras. Os judeus foram autorizados a vender todas as suas mercadorias aos cristãos, só estavam sujeitos a castigos corporais se a sua lei o ordenasse, foram libertados dos juízos de Deus com fogo e água; tinham o direito de importar escravos de países estrangeiros e de comerciar com eles em França, e de poder celebrar o seu Sabbath de acordo com a lei, mas para não perderem nada no comércio, o dia de mercado foi transferido do sábado para o domingo.

A arrogância dos judeus foi grandemente aumentada com este sucesso, entre os cristãos estes privilégios sem precedentes suscitaram naturalmente a maior indignação, que se traduziu em manifestações indignadas, mas que tiveram como resultado apenas a captura dos seus líderes, pelo que muitos se esconderam ou tiveram de fugir da cidade. Gabavam-se abertamente de que gozavam da proteção do rei, que os honrava devido aos seus patriarcas, que lhes concediam sempre uma audiência; faziam questão de que pessoas prestigiadas da corte recomendassem a sua escolta e reconheciam que judeus e cristãos tinham apenas um legislador, Moisés.

Agobert, que não podia acreditar que os éditos mencionados tivessem sido emitidos após um exame minucioso dos factos, escreveu-lhe uma carta na qual se queixava dos comissários tendenciosos, esclarecia o rei de que não podia haver amizade entre judeus e cristãos, que estes blasfemavam o nome de Jesus Cristo, só falavam dos cristãos com desprezo como dos nazarenos e, por auto-responder, recusavam-se a associar-se aos inimigos. Além disso, informava o rei sobre os casos verificados de escravatura branca e de tráfico de escravos para países estrangeiros. Esta carta não causou qualquer impressão na corte, pelo que Agobert enviou uma segunda com conteúdo semelhante, que, no entanto, não teve o mesmo êxito. Indignado, viajou ele próprio para Paris, onde lhe foi sugerido com muita frieza que regressasse a casa.

Mas o assunto não ficou por aqui. Quando, passado algum tempo, alguns escravos estrangeiros pertencentes a judeus se apresentaram ao bispo para serem baptizados, este não se atreveu a fazê-lo de imediato, devido a todas as más experiências. Ofereceu aos judeus o resgate canonicamente estabelecido, mas eles limitaram-se a rir-se dele; dirigiu-se com o pedido de apoio a vários prelados próximos da corte, sem sucesso. Muito pelo contrário, através do comissário para os assuntos judaicos, que não existia para mais nada senão para velar pela incontestabilidade dos seus privilégios, tinham posto em jogo a sua influência, e apareceu um novo decreto real com a proibição expressa de batizar os escravos judeus sem a autorização dos seus proprietários.

Agobert dirigiu-se agora ao capelão da corte e pediu-lhe que usasse a sua influência para conseguir a revogação deste decreto, que troçava de todas as leis eclesiásticas. Defendeu-se da acusação de querer tirar aos judeus os seus escravos e forçar a conversão, mas teve ainda de exigir que o batismo não pudesse ser simplesmente sabotado do lado dos judeus. Este passo foi em vão e o resultado foi uma rejeição por parte do governo.

Podemos imaginar como se sentiu este homem quando viu fracassar miseravelmente todas as tentativas de proteger os direitos dos habitantes da terra e da Igreja contra os estrangeiros e os proprietários de palácios judeus que se comportavam de forma cada vez mais provocadora. Não é, pois, de admirar que, numa carta dirigida ao arcebispo de Narbonne, ele se tenha exprimido sobre as intrigas da corte e as condições insuportáveis da sua diocese devido ao comércio e ao poder do dinheiro dos judeus e que, no final, tenha amaldiçoado vivamente os judeus: "Todos aqueles que vivem sob a lei de Moisés estão vestidos de baixeza como se tivessem um sobretudo; a baixeza penetra nos seus ossos e nas suas roupas como a água e o óleo fluem no corpo humano. Os judeus são amaldiçoados na cidade e no campo, no início e no fim da sua vida: amaldiçoados são os rebanhos dos judeus, a carne que comem, as suas vinhas, as suas acções e os seus armazéns."

Acrescento estas palavras, porque um historiador judeu do século <sup>XIX</sup> as utiliza para proclamar hipocritamente: "Assim é a moderação de um dos bispos mais sábios do seu século. Ousa-se ainda repreender alguns rabinos por terem falado mal dos cristãos". Não se sabe com que leitores Bédarride especula, pois o ódio contra Cristo e o cristianismo, esse "traço mais nacional da antiguidade", já tinha mais de 800 anos, estava inequivocamente inscrito nos textos sagrados dos

rabinos, já há séculos era pregado do altar e pronunciado numa formulação específica de maldição, exprimia-se nas conversas sobre os "nazarenos", nas leis morais judaicas, etc. É certo que Bédarride trata com ligeireza a questão do bispo Agobert, considera os privilégios dos judeus "superiores em todos os aspectos" aos dos cristãos totalmente corretos e faz cara de espanto por o bispo de Lyon ser de opinião diferente. A impertinência desarmante e ingénua do judeu também aparece aqui.

Mas o facto de, já no século IX, se estar de algum modo informado sobre os segredos judaicos é demonstrado por uma carta do bispo de Lyon, nomeada após a morte de Agobert, na qual ele aborda novamente o assunto. Nesta carta, pede ao arcebispo de Reims que defenda a colocação dos judeus sob a mesma lei do Estado que todos os outros cidadãos, tanto mais que são estrangeiros e tratam os cristãos com desprezo, chamam apóstatas aos apóstolos, ridicularizam a palavra evangelho distorcendo-a, atribuem ao culto cristão o título de culto idolátrico e ao próprio Cristo o de filho de uma prostituta, devido ao adultério de Maria com um pagão. O jogo de palavras com *gosels* também tem, de facto, um significado um pouco diferente do que o bispo pensava, mas não deixa de ser verdade. O humor judaico transformou Evangelion (mensagem de redenção) em *avon-gillajon* (texto pecaminoso), semelhante a *beth-galja* (sítio radiante) - *beth-karja* (*pocilga*).

Ludwig tinha morrido e Carlos, o Calvo, tinha tomado o seu lugar, um governante igualmente favorável aos judeus. A nova queixa de Nut deveria, no entanto, ter tido como resultado uma limitação das "liberdades" dos judeus, pelo menos no papel. Não se conhecem mais pormenores, apenas se sabe que os judeus deviam pagar 1/10<sup>th</sup>, os cristãos 1/11<sup>th</sup>, dos seus rendimentos.

Tratei de toda a questão dos bispos de Lyon com mais pormenor do que o espaço disponível permitiria, pois pareceu-me importante analisar mais de perto um caso individual. Só assim se consegue ter uma visão real das condições e intrigas jurídicas; só assim se consegue também a capacidade de lançar um olhar por detrás da cortina dos litígios menos claros, pois as forças que uma vez se evidenciam claramente estão também activas noutra altura, apenas mais escondidas.

A partir do exemplo pormenorizado, vemos agora dois grandes motores da Idade Média em ação: as condições financeiras e o fanatismo religioso. Do lado dos judeus, vemos um dinheiro avultado adquirido através do comércio e da usura, que em todo o lado, onde fosse necessário, contratava e organizava para os seus fins assistentes, a par de princípios religiosos rígidos e de um desprezo sem limites por tudo o que não fosse judeu. Do lado dos cristãos, assistimos a uma resistência fervorosa contra a subjugação aos privilégios judaicos, acompanhada de um zelo religioso igualmente fanático, pelo menos depois de uma convivência mais próxima com os judeus. Normalmente, o ouro triunfa, e os judeus tornam-se ainda mais provocadores após cada sucesso. O ódio da população aumenta ainda mais, até que basta uma gota, sob a forma de um acontecimento real ou de um simples rumor, para que o caldeirão ferva e dê origem à perseguição mais feroz dos judeus.

O historiador alemão J. Schudt (1718) anexou o seguinte comentário, calmo e válido para todos os tempos, nomeadamente para o nosso, no final do caso do bispo Agobert de Lyon: "Vê-se que, como diz o ditado, a mesma comédia está sempre a ser representada no palco deste mundo, só que, com o tempo, aparecem pessoas diferentes; já há mais de 800 anos, o dinheiro judeu tinha um poder tão grande; ainda hoje o tem; por isso, há tantos patronos de judeus em todo o lado, entre grandes e pequenos; honra-se, fala-se bem deles, dá-se-lhes muitas vezes preferência em relação aos cristãos e logo se encontra um ouvido simpático."

Depois de muitos tipos de agitação devido à questão judaica, o domínio estrangeiro em Lyon chegou ao fim com horror no início do século <sup>XIV</sup>: no ano de 1310, os judeus foram roubados à força pelo povo indignado de todos os seus bens imóveis e expulsos da cidade. Fugiram para as cidades vizinhas, encontraram proteção em Trevour, Chatillon e Dombes, mas também aí continuaram as suas velhas práticas, de modo que, passados alguns decénios, a situação se desenhava de forma semelhante à de Lyon - e também terminou da mesma forma: em 1429 foram expulsos também destes refúgios.

Quando, no século XI, uma onda histórica começou a varrer a Europa e as cruzadas surgiram de uma mistura de lista de roubos e aventuras, êxtase religioso e ódio contra os céus, é compreensível que este movimento não pudesse ficar sem influência no destino dos judeus. Porque, para além dos pregadores itinerantes, que apresentavam a conquista da terra santa como um dever da cristandade e incitavam ao fanatismo religioso até ao ponto de ebulição, muitas pessoas alinharam por quem nada tinha a perder na pátria. E agora, quando os laços que em tempos calmos rodeavam o Estado, aparentemente indissolúveis, se rasgaram, vemos as paixões reprimidas dos padres e dos devedores aparecerem desenfreadas. A cada partida, pregavam-se e seguiam-se perseguições cruéis aos judeus, perseguiam-se os judeus de cidade em cidade, de casa em casa, saqueavam-se e assassinavam-se. Se lermos os capítulos sobre a agitação contra os judeus desses dias, nenhum pensador humano o poderá fazer sem estremecer e terá de se envergonhar por encontrar tais páginas na história da Europa. Mas se voltarmos atrás, não para desculpar esse terror, mas para o compreender, veremos igualmente com um estremecimento que, nos centros da França, da Alemanha e de outros países, se sentaram durante séculos parasitas que praticavam a usura com a energia do trabalho e com a medula das pessoas que os abrigavam. Se uma nuvem se descarregou de repente, então ficamos aterrorizados diante das vítimas da catástrofe, mas não devemos esquecer que ela representou uma consequência necessária de uma energia popular reprimida, mas ainda não paralisada.

Mas mesmo durante as próprias cruzadas, os judeus, apesar de todas as perseguições, continuaram a ser pessoas ricas. Em Paris, os burgueses e os camponeses estavam fortemente endividados com eles e, devido aos juros, tinham de trabalhar nos trabalhos mais difíceis, direta ou indiretamente, ao serviço dos judeus. Os cavaleiros tinham em grande parte hipotecado os seus bens aos judeus para terem dinheiro para as cruzadas, sim, um historiador (Paul Emile) afirma que foi a necessidade de dinheiro para este fim que levou a nobreza a chamar de volta os judeus expulsos.

O abade de Cluny retrata a situação em 1146, numa carta a Ludwig VII, na qual protesta contra a perseguição dos judeus, do seguinte modo "... que castigo mais justo para este povo infame (os judeus) do que confiscar-lhes o que ganharam com a fraude, o que roubaram? Não foi através da dedicação ao trabalho agrícola ou de outra atividade honrosa que encheram os seus celeiros com frutos, os seus baús com ouro e prata. Eles embolsam o que tiraram desonestamente dos cristãos e adquirem para si próprios, a preços irrisórios, as coisas mais bonitas, que compram aos ladrões. Se um ladrão rouba um objeto sagrado, vai com ele a um judeu e vende o objeto roubado. Uma lei antiga, mas desprezível, promove-os neste comércio escandaloso. Segundo essa lei, o judeu que encontra um objeto roubado não é obrigado a devolvê-lo, nem sequer a dizer o nome do ladrão. Assim, o seu crime permanece impune; e o que é punível para o último camarada ladrão de um cristão, enriquece um judeu. Deve-se tirar-lhe a riqueza conseguida através da falsidade; o exército cristão que, para derrotar os sarracenos, sacrifica as suas terras conquistadas e o seu dinheiro, não deve poupar os tesouros dos judeus."

Os judeus tinham a mesma prosperidade e os mesmos bens sob Philipp-August, e o rei, como todos os governantes, não era hostil para com eles. Uma vez, quando se encontrava em Saint Germain en Laye, recebeu a notícia de que um cristão de Bray tinha sido entregue aos judeus para ser julgado devido a um roubo cometido por um judeu, que as suas mãos tinham sido atadas às costas, a sua cabeça coroada de espinhos, tinha sido arrastado pelas ruas e finalmente enforcado. Este facto levou o rei a queimar mais de 80 judeus.

O sentimento popular em relação aos judeus, no entanto, estava tão amargurado que Philipp-August viu-se obrigado a ceder à insistência de confiscar muitos dos bens dos judeus e de os banir da terra, o que, no entanto, não foi levado a cabo com rigor. "Este ano", escreve o historiador Rigord, "merece tornar-se um ano de júbilo, porque, através das medidas do rei, os cristãos recuperaram para sempre a sua liberdade [anteriormente] subjugada pelos judeus."

No entanto, a partir de 1181, os judeus foram definitivamente expulsos de muitas cidades, embora também tenham ficado em muitas: de Rouen, de Etampes, entre outras.

Os séculos XIII e seguintes foram para os judeus franceses, apesar das suas repetidas deportações, uma época de riqueza e de poder, que só voltaram a atingir no século<sup>XX</sup>.

As condições dos judeus eram muito diferentes nas várias regiões de França; eram mais tolerados no sul, onde os Aligenser, por oposição ao princípio da Igreja Católica, tratavam os judeus com muita liberalidade - razão pela qual puderam reunir aqui tranquilamente imensas riquezas, até que o fim amargo chegou também para eles, um pouco mais tarde do que no resto da França.

Começemos por examinar a situação no centro de França. Empobrecidos pelos tumultos da guerra e das cruzadas e necessitados de dinheiro como os habitantes, os judeus viram-se na posição privilegiada de fixar a base de juros cada vez mais alta. O resultado foi que o alívio temporário se transformou no seu oposto através do dinheiro emprestado. O povo viu-se despojado de todos os meios monetários, que se acumulavam cada vez mais nas mãos dos judeus. Endividados estavam duques, condes, barões e bispos, mas sobretudo os mais humildes, e a situação tornava-se mais desesperada de dia para dia, sem que os judeus, na sua voracidade, pensassem em abster-se da usura excessiva. Chegaram mesmo a tolerar o abandono do comércio, não visitavam as feiras para vender os seus próprios produtos, como os italianos, os flamengos e outras gentes que ali viajavam, nem sequer para se dedicarem a negócios de intermediários, mas apenas para emprestar dinheiro aos comerciantes a juros. Nem sequer tentavam adquirir privilégios comerciais para si próprios, mas apenas a autorização para obter uma taxa de juro cada vez mais elevada. Mas, onde os judeus se dedicavam a um pequeno comércio isolado, as autoridades viam-se sempre obrigadas a dar de novo ênfase ao comércio com as guerras intocadas, uma vez que os descendentes de Abraão só queriam ser enganados.

Durante muito tempo, os judeus tiveram todas as oportunidades de se dedicar a um ofício regulamentado, ao artesanato ou à agricultura, mas não pensaram nisso. Ludwig IX. quis mesmo obrigá-los, por decreto, a ganhar o pão com o trabalho das suas mãos, um esforço inútil. A base de juros foi fixada em 40%, mas naturalmente não foi respeitada, os judeus conseguiram contornar todos os regulamentos que iam nessa direção. De facto, não exigiam mais de 40%, mas mandavam emitir notas de dívida com um montante muito superior ao que efetivamente emprestavam. Também se proibiu isso com todo o rigor. Em vão! Para proteger os mais pobres, os judeus foram então proibidos de emprestar dinheiro aos trabalhadores contra juros, mas eram precisamente eles os mais necessitados. Nos arquivos de Paris, existe, entre outras coisas, um manuscrito de doze pés de comprimento, com as inscrições de pessoas que apresentaram queixas contra as práticas ilegais dos judeus agiotas. É, sem dúvida, um documento muito característico! As leis de proteção da população espoliada de Ludwig VIII e Ludwig IX não tiveram qualquer resultado; os habitantes do país, incapazes de pagar as suas dívidas, vendiam as suas propriedades e bens e eram muitas vezes lançados na prisão pelos seus credores. Por fim, os judeus foram expulsos do país por Filipe, o Belo (1306).

Mas a questão judaica não ficou resolvida com isso. Os bens imóveis dos judeus foram efetivamente confiscados, mas foi concedido aos devedores um prazo de 20 anos para o pagamento. Como os judeus, apesar de já não viverem em França, estavam sempre a par de todos os acontecimentos, ofereceram a sua ajuda, quando souberam que se devia determinar o montante total da dívida. A proposta foi aceite; aproveitaram imediatamente a sua estadia para subornar os funcionários franceses e - iniciar novos negócios de usura. As antigas listas de devedores que apresentaram incluíam tantos nomes de viúvas, órfãos e outras pessoas pobres que foram declaradas falsas e desonestas e, mais uma vez, os judeus foram deportados.

Mas isso não os impediu de pôr imediatamente em marcha todas as engrenagens para poderem imigrar de novo, o que também lhes foi permitido. Todas as dívidas foram declaradas como legítimas, a imunidade por acções anteriores foi assegurada, todos os privilégios foram supostamente estabelecidos e eles foram aceites como cidadãos.

Mas repetiu-se exatamente a mesma coisa que nos tempos anteriores. Os judeus praticavam a usura e foram banidos; mas João II permitiu que voltassem a viver em França (1360). As intensas

disputas anteriores sob o reinado de João II, o Bom, as sangrentas guerras civis, a infeliz Paz de Brétigny, tudo isto tinha minado ainda mais as finanças, pois parecia uma boa oportunidade para encher um pouco o tesouro do Estado, se se permitisse a entrada dos judeus, mas em troca se lhes tirasse um pouco de dinheiro. Mas o reino acabou por pagar caro por isso. O representante judeu em Paris, Manasse de Vesou, um diplomata astuto, conseguiu obter privilégios sem precedentes: os juros dos empréstimos foram aumentados até 80%, o testemunho de um só judeu bastava para provar qualquer dívida contra um cristão. Os judeus foram afastados de todos os funcionários judiciais do país e subordinados apenas a um comissário especial do governo.

E voltou a acontecer como tinha de acontecer. As pessoas que procuravam refúgio com o dinheiro dos judeus viam rapidamente as suas dívidas aumentar em flecha e, na falta de bens, eram obrigadas a fazer trabalho escravo para os judeus. Na sua cegueira e voracidade, os judeus não se contentaram, digamos, com os 80% aprovados, mas ultrapassaram mesmo esse limite. As queixas contra isso foram suprimidas pelo dinheiro dos judeus, o próprio rei viu-se dependente, pelo que lhe foram exigidos novos favores em relação ao mercado anual.

Quando, em 1380, eclodiu uma revolta em Paris, muitos judeus foram perseguidos e mortos, os restantes aproveitaram a ocasião para lamentar a sua pobreza e afirmar que tinham perdido todas as suas hipotecas. Conseguiram também que fosse decretado o seu regresso. Mas, apesar desta pobreza naturalmente fingida, apoiavam o rei com dinheiro, tanto para despesas militares como para outras despesas, através das quais o obrigavam ainda mais. Por fim, exigiram do incompetente Carlos VII. (1388) a última coisa possível: autorização para receber não só 80%, mas também juros sobre juros! E quando um sinal sonoro atravessou o povo, o rei emitiu um édito segundo o qual os judeus estavam protegidos contra qualquer acusação durante dez anos.

Nunca antes a usura em França tinha atingido um nível tão monstruoso e legalmente aprovado, e era naturalmente claro, o que os gananciosos usurários, no entanto, na sua cegueira ao longo do tempo, nunca conseguiram ver a tempo, que esta condição não podia ser mantida permanentemente. Um breve período de triunfo foi concedido aos judeus em França, na Borgonha, na Provença e noutros locais, depois a questão judaica terminou como em todo o lado. Um facto insignificante, por si só, desencadeou uma perseguição aos judeus e, em 17 de setembro de 1394, os judeus foram finalmente (isto é, até ao dia da "liberdade e dos direitos do Homem") privados dos seus privilégios, os seus bens foram confiscados e foram expulsos de França. Desde então, deixaram de ter uma existência legalmente autorizada em França.

O sul de França tinha sido inicialmente, como já foi dito, muito atencioso para com os judeus, mas também aí surgiram cada vez mais queixas. Em 1484, dá-se uma grande perseguição aos judeus em Arles, a Provença dirige-se diretamente ao rei de França com o pedido de ajuda contra a falta de escrúpulos dos judeus, Marselha envia delegados a Paris em 1487 com o pedido expresso de ordenar a deportação dos judeus, uma vez que estes arruinavam a terra através da usura. E assim, de 1498 a 1501, os judeus são também expulsos do sul tão hospitaleiro.

No Norte, o processo foi encurtado de forma enérgica, muitas vezes brutal, sobretudo na Bretanha. As classes ducais reuniram-se em 1239, declararam os devedores livres das suas obrigações, decretaram a devolução do dinheiro da hipoteca e decidiram expulsar os judeus do país. O duque, os barões e os bispos juraram nunca mais permitir a entrada de judeus na Bretanha; desde então, não houve aqui qualquer questão judaica, pois parece que esta decisão, ao contrário de tantas outras noutras províncias e terras, foi efectiva e rigorosamente executada.

O destino da pequena comunidade judaica de Pamiers, no sopé dos Pirinéus, oferece um contra-exemplo interessante, e até embaraçoso. Aqui, os rabinos tinham emitido decretos de carácter rigoroso que regulavam toda a vida dos judeus. Os judeus são exortados à moderação em todos os aspectos: as mulheres são proibidas de usar jóias caras, as crianças não podem receber roupas caras, os filhos só podem receber uma pequena quantia de dinheiro, é estritamente proibido brincar, etc. Estes decretos foram energeticamente enfatizados pelas autoridades cristãs, para que não ficassem apenas no papel. E aqui, apesar das diferenças religiosas, também não existiu nenhuma questão judaica ao longo de todos os anos. Quando os descendentes de Abraão foram

expulsos de França, o conde von Soir, sob cuja proteção se encontrava a comunidade de Pamiers, pediu diretamente ao rei que abrisse uma exceção para os seus judeus. Mas o desejo não foi atendido e aqueles que foram forçados à inocência aqui tiveram de partilhar a sorte dos seus irmãos de sangue ladrões de outras províncias.

Esta seria então, em linhas muito breves, a história dos judeus até aos primeiros sinais da Revolução Francesa. Deixei de lado as diferenças religiosas nos últimos comentários, para poder mostrar mais claramente o fio vermelho dos conflitos sociais que os atravessam. De facto, para além da usura, outros motivos estiveram também em jogo para provocar o destino dos judeus, tal como, afinal, todos os grandes movimentos são constituídos por muitas forças. Os padres agitavam-se zelosamente nos seus concílios contra os incrédulos, propunham-lhes muitas vezes, através de sermões e também de uma forma menos suave, tentativas de lhes abrir o colo da única igreja beatífica; mandavam queimar o Talmude, quando o conseguiam, acusavam os judeus de profanação da igreja, do sacrifício de uma criança cristã na Sexta-Feira Santa, etc., Os judeus, por seu lado, intensificavam as leis de segregação e amaldiçoavam Cristo e os cristãos todas as semanas na sua sinagoga. A inquisição, infelizmente, também exigiu vítimas em França, um país que teve como resultado a insanidade religiosa, mas o sentimento popular revoltou-se contra ela mais energicamente aqui do que, por exemplo, em Espanha e em Portugal (sendo, no entanto, de notar que os tribunais da inquisição em Espanha eram, não raramente, tribunais criminais e representantes ocultos precisamente de conflitos sócio-nacionais).

Quanto mais o sentimento nacional em França se tornava mais forte e mais consciente, mais se colocava em oposição consciente à arrogância racial dos judeus e deixava transparecer mais claramente um desdém anteriormente apenas sentido. E assim se podem manifestar estas e aquelas forças, que contribuíram para intensificar as relações entre judeus e cristãos. Mas a situação tornou-se catastrófica para ambas as partes devido à pilhagem dos habitantes, levada a cabo com energia demoníaca, através da estrutura social.

Se os académicos pró-judaicos e, naturalmente, todos os judeus, atribuírem toda a culpa por estas convulsões da vida do Estado aos reis e pensarem que eles apenas empurraram o pobre judeu para a frente, tirando-lhe o dinheiro, mas obrigando-o assim a viver da usura, então estou naturalmente longe de retratar os reis como anjinhos inocentes. Eles precisavam de dinheiro para a guerra e para a corte e não eram particularmente selectivos nos seus meios de o adquirir. Podemos facilmente acreditar que o judeu, que sempre possuía dinheiro, lhes parecia muitas vezes muito bem-vindo, mesmo que isso não fosse expressamente confirmado. Havia ebulição e fermentação por todo o lado na vida dos jovens de então, grandes movimentos da sidra em fermentação selvagem percorriam o mundo; as guerras abalavam, mas simultaneamente moldavam as personalidades nacionais. Cada soberano defendia a sua pele contra outro, até que um mais poderoso unisse ambos sob o seu cetro. Nesses tempos, quando se tratava de questões de existência nacional acima de tudo, pouco se podia conseguir com julgamentos moralizadores, e querer conceder que apenas o pequeno povo dos judeus fosse absolutamente inviolável em todo o caos seria, de facto, exigir demasiado. Ainda assim, podemos sempre encarar calmamente os governantes, sempre necessitados de dinheiro, como um tentador do judeu, mas o facto é que foram precisamente os judeus que desempenharam repetidamente o papel de usurário acima descrito. À afirmação unilateral de que os judeus não poderiam ter feito outra coisa senão praticar a usura, pode contrapor-se a simples questão de saber por que razão não se dedicaram ao trabalho manual e à agricultura, como Luís Hutin e Ludwig IX queriam obrigá-los a fazer. Nesse caso, também não teria havido uma questão judaica.

Se agora deixarmos de lado qualquer avaliação moral, então temos de ver todos os acontecimentos sempre recorrentes e os mesmos resultados simplesmente como necessidades da natureza, tal como sempre se formaram, formam hoje e formarão amanhã o resultado do contacto dos povos da Europa e da Ásia com o único povo dos judeus.

Desde a última expulsão, os judeus em França já não viviam em comunidades fechadas, mas sim dispersos por todo o território. Mas com a conquista da Alsácia, obtiveram numerosos

aumentos e em breve a questão judaica voltou a estar na ordem do dia. Após anos de intrigas do fornecedor da corte real, Cerfbeer, através de um processo judicial por ele engendrado contra a cidade de Estrasburgo, no qual o judeu conseguiu esconder-se atrás da pessoa do rei, o caminho tinha sido aberto o suficiente para levantar a questão da emancipação dos judeus. Após a tomada da Bastilha, foram naturalmente acionadas mais engrenagens. Não se ousava, de facto, abordar diretamente os delegados, pois esperava-se dos delegados alsacianos as verdades mais desagradáveis sobre os saques dos judeus, mas antes cobria-se as costas através de um diploma da administração municipal de Paris para se pronunciar a favor da abolição das leis sobre os judeus. Mirabeau, muito endividado com os judeus, já há muito que se tinha comprometido com eles. O já citado Cerfbeer tinha-se dirigido a Moisés Mendelsshon com o pedido de aproveitar o seu grande prestígio, mesmo entre os cristãos, para defender um texto para a emancipação dos judeus. Mas ele não achou isso prático e fez como muitos da tribo de Judá antes e depois dele: apresentou um não-judeu como seu porta-voz, o jovem Dohm, que depois, inspirado por Mendelssohn, escreveu a sua obra "epocal" sobre a reforma da política judaica. Tal como hoje, já nessa altura se fazia grande política nos salões judeus de Berlim. Um especialmente proeminente era o de Henriette Herz. Diplomatas de todos os países vinham aqui, onde Mirabeau ficou a conhecer o espantinho alemão Dohm. Mirabeau "tinha razões de peso" para se entusiasmar com os judeus, escreveu ele próprio uma obra sobre a reforma judaica e apresentou-se na Assembleia Nacional francesa como seu defensor. O facto de o alsaciano Rewbell ter chamado a atenção para o facto de não se poder resolver a questão judaica com slogans não ajudou em nada e foi rejeitado. Sim, quando, numa sessão posterior, quis intervir contra a falsa colocação da questão (que tinha sido novamente remetida para a esfera puramente religiosa), foi repreendido por Regnault, um dos patrocinadores da moção: "Exijo que todos os que falarem contra esta proposta (a emancipação dos judeus) sejam chamados à ordem, porque a própria constituição é assim combatida."

Mas Rewbell não deu a causa como perdida e na sessão seguinte relatou a tremenda usura dos judeus na Alsácia. Falou da fortuna dos habitantes, que não ultrapassava os três milhões, sobre a qual, no entanto, pesavam 15 milhões em dívidas, das quais 12 puramente de usura, da pilhagem de inúmeras famílias, etc. Em vão, o slogan triunfou.

Em 1806 e 1807, Napoleão preocupou-se muito energicamente com os judeus e deu aos delegados 12 perguntas para responder: se a poligamia era permitida, se a usura era permitida, se os judeus consideravam os franceses como seus irmãos, etc. Ao fim de centenas de anos, o grande Sinédrio, composto por 71 delegados de toda a Judeia, foi reunido para dar uma resposta. Naturalmente, verificou-se que as leis judaicas estavam cheias de humanitarismo, que a usura era proibida, que os franceses eram irmãos dos judeus, etc.. Mas tudo isto numa linguagem retorcida e sinuosa, segundo a prática talmúdica. Todo este trabalho mal feito foi, naturalmente, um pacote de mentiras do princípio ao fim. Até o historiador judeu Abraham Geiger disse o seguinte: "Em França, ainda havia uma última luta, naturalmente devido aos judeus da Alsácia, cuja usura escandalizava as pessoas. Este facto e a separação da cidadania francesa atraíram o olhar de Napoleão, que quis aliviar a situação também aqui, através de uma ação audaciosa. Uma assembleia de notáveis e um Sinédrio deveriam documentar os seus pontos de vista através das suas próprias declarações e ter um efeito sobre os seus camaradas religiosos. Só faltava a autoridade na Judeia, sendo necessário um desenvolvimento interno. Os velhos campeões Beer e Furtado intervieram, rabinos como Sinzheim, Vita di Cologna conseguiram orientar habilmente, mas tudo continuava a ser uma grande mentira, pelo menos uma aparência. O reconhecimento dos franceses como irmãos era um slogan, o do divórcio judicial era falso, a pergunta: pode uma judia casar com um cristão? era respondida com uma mentira: só eram proibidos os casamentos com gente estrangeira, adoradora de ídolos, a gente europeia não era adoradora de ídolos... As perguntas eram prematuras, as respostas apenas meandros inteligentes, tudo sem consequência".

Estas palavras de um judeu erudito poupam-me a provas mais pormenorizadas (uma pequena amostra da mesquinhez aplicada já foi trazida anteriormente); os 71 homens escolhidos, que convocavam deus de forma insinuante para todo o lado, tinham, portanto, mentido abertamente...

Se se tiver entendido o espírito do Talmud, compreende-se que, para os seus seguidores, não é considerado um crime levar os goyim pelo nariz. Já desde os tempos mais antigos, era uma reverência que despertava a "erudição" dos famosos sábios de Pumbeditha, que "sabiam transformar o preto em branco e o branco em preto".

O principal era que as últimas barreiras tinham caído; este objetivo foi então também totalmente alcançado: os judeus, armados com a mesma falta de escrúpulos legalmente reconhecida como em tempos anteriores, entraram na sociedade dos Estados europeus que se auto-desarmaram. Passaram centenas de anos e nós vimo-los como os senhores do dinheiro do mundo.

## **Judeus e política**

### **Panorama histórico**

Uma das muitas mentiras dos nossos dias, que é zelosamente espalhada pelos judeus e seus protectores, é a afirmação de que a nação judaica só poderia envolver-se politicamente na era atual, que a consideração só lhes foi dada na era atual. A inverdade, que mais uma vez, como muitas outras no passado, tem como objetivo criar simpatia pelo povo "inocente, perseguido" e "oprimido" dos judeus, deve finalmente deixar de praticar o seu mal.

Com efeito, embora os judeus estivessem espalhados por todo o mundo (note-se bem!, por sua própria iniciativa), mantinham a mais estreita comunidade, não só onde viviam juntos, mas também em contacto permanente com os camaradas das terras mais longínquas: navios de comércio e caravanas traziam notícias de todo o tipo de todas as regiões do mundo e levavam-nas de volta.

Os judeus estavam informados não só sobre a sua comunidade e questões étnicas, mas também sobre as condições comerciais e políticas de todos os países, o que lhes garantia uma vantagem em todos os aspectos em relação aos outros povos.

A correspondência que nos é conservada fornece provas convincentes do contacto internacional dos judeus. Por exemplo, no século XIII viveu em Barcelona um dos mais conhecidos talmudistas do seu tempo, Salomon den Adereth. O seu nome foi levado a terras distantes por viajantes judeus, e os rabinos dessas comunidades dirigiram perguntas de todo o tipo ao sábio espanhol. As suas "respostas", em número aproximado de 6.000, mostram que ele manteve um contacto escrito ininterrupto com os judeus de Portugal, França, Boémia, Alemanha, sim, mesmo com Constantinopla e as cidades da Ásia e do Norte de África. "À vista destas respostas, não podemos deixar de ficar espantados", diz um historiador judeu, "com os estranhos meios de comunicação que, apesar de todos os obstáculos, estavam à disposição dos judeus...: parece ter sido não menos fácil para um estudioso em Austerlitz, na Mühlhausen alemã, fazer chegar as suas cartas a Espanha do que para um em Viena, Roma ou Avinhão." O incidente seguinte fornece provas adicionais do sistema de comunicações bem organizado dos judeus:

Sempre existiram numerosos ninhos de piratas turcos na costa africana. Os judeus instalaram-se aqui de preferência. Eram bem tolerados pelos turcos, pois pagavam o tributo, compravam imediatamente as mercadorias roubadas e levavam-nas; mas sobretudo devido ao seu serviço de espionagem. "Mantinhm", diz um autor da época (séc. XVII), "uma extensa correspondência por toda a Cristandade, de modo que, através deles, os turcos tiravam grande proveito na troca de escravos. Ao mesmo tempo, eram informados atempadamente do que se planeava fazer na cristandade. Foi assim que, no ano de 1662, a cidade de Hamburgo equipou dois navios de guerra para proteger os seus navios contra os salteadores. Os navios mal tinham saído para o mar quando escravos de Argel escreveram que os piratas já estavam bem informados: qual a força, quantas pessoas havia na frota e para onde o rumo dos navios deveria virar".

O facto de os judeus serem os mais bem orientados em relação à situação no estrangeiro e possuírem bons contactos em todos os países não é apenas uma conquista dos nossos dias, mas já era o caso há centenas de anos. Por isso, também é compreensível que os governantes europeus chamassem frequentemente os judeus como conselheiros políticos: Carlos, o Grande, por exemplo, deu ao seu emissário na Pérsia um judeu como companheiro (que, por estranho que pareça, morreram ambos durante a viagem), no cálculo correto de que ele aprenderia melhor e mais rapidamente com os judeus de lá tudo o que valia a pena saber; os reis espanhóis estavam constantemente rodeados de conselheiros judeus, mas não menos os governantes de Fez, Trípoli, o sultão e outros governantes.

Assim, este povo, disperso pelo mundo e, no entanto, inseparavelmente ligado, desempenhou, já nos tempos mais remotos, um papel palpável na política dos povos. Terão, sem dúvida, prestado serviços aos governantes, mas não é menos certo que, muitas vezes, lhes trouxeram desgraças ainda maiores. Cabe aqui uma observação fundamental.

Os judeus, em qualquer reino que tenham entrado, vieram como um povo essencialmente unido, que em parte alguma e nunca demonstrou o menor desejo de se envolver mais do que era absolutamente necessário para o comércio com os nativos. Consideravam desde o início, por arrogância nacional natural e inculcada, todos os povos como inferiores, e estava fora de questão que o judeu fosse absorvido pelo povo que lhe concedia hospitalidade. E, como é natural (a valorização moral é posta de lado), quando era convocado ou conseguia entrar sorrateiramente numa posição elevada, agia como melhor lhe parecia para as suas necessidades pessoais e nacionais.

Se os interesses de uma terra coincidissem com os da nação judaica, então eram apoiados; se não, eram cedidos sem escrúpulos. Quem quer que tenha uma ideia da tenacidade com que os judeus, apesar de toda a perseguição por sua própria culpa, se mantiveram unidos religiosa e nacionalmente, à medida que, movendo-se de terra em terra, se tornavam apenas mais rígidos e mais rígidos, não terá dificuldade em compreender que este povo, à exceção de muito poucas exceções, naturalmente, era incapaz de compreender a ideia de cidadão do Estado, nem mesmo de se elevar ao conceito desinteressado de dever.

Se em épocas anteriores a política judaica era limitada a algumas nações, não abrangendo ainda o mundo inteiro, se ainda não era tão sistematicamente dirigida como hoje, o motivo nacional sempre esteve ao lado do motivo puramente pessoal no primeiro plano de seus trabalhos políticos. No início, esta atividade dirigia-se geralmente contra o povo que os albergava e, como já foi dito, só quando os interesses dos judeus eram também promovidos é que se prestava também um serviço à respectiva terra.

Já Johann Chrysostomus se viu obrigado a levantar a voz: "Estes traidores, estes grandes vilões, traem a nossa pátria, a nossa força aos turcos; e nós toleramo-los, alimentamo-los! Isso significa mexer água no nosso peito, aquecer a serpente no nosso peito."

Já antes da eclosão da cruzada, os sarracenos tinham sido sempre bem informados pelos judeus europeus das intenções da Europa e podiam tomar medidas contra eles a tempo. Quando os reis de Leão, Castela e outros países (por volta de 1221) estavam em guerra com os mouros, utilizaram judeus próximos das cortes espanholas como espiões que lhes revelavam os planos e preparativos dos governantes cristãos; Da mesma forma, quando o duque de Florença preparou um ataque contra a ilha de Negroponte, a empresa foi traída cedo aos turcos pelos judeus de Livorno, sim, eles forneceram munições e espingardas aos turcos, tal como depois os venezianos, na guerra da Candelária de 1646, capturaram um navio em Istria carregado pelos judeus com material de guerra, que deveria ir para Constantinopla. Quando o Cardeal Ximenes, em 1509, iniciou uma campanha contra Oran, a conquista teria sido difícil se não tivesse encontrado alguns traidores, no topo dos quais se encontrava o judeu Catorra, que assim conseguiu muitas liberdades para os seus camaradas religiosos. No ano de 1513, os portugueses cercaram a cidade de Azamor, tendo sido corajosamente repelidos pelos mouros, mas o líder das suas fileiras caiu, o que causou agitação no acampamento. Os numerosos judeus de Azamor reuniram-se em conferência e

decidiram abrir as portas da cidade aos portugueses, se estes se obrigassem a poupar os judeus. O comandante português, o Duque de Bragança, feliz por poder evitar um cerco exaustivo, concordou e Azamor foi-lhe entregue pela traição dos judeus. A cidade foi saqueada de acordo com a prática da época e apenas as casas dos judeus foram protegidas por sentinelas especiais.

Novamente com a ajuda dos judeus, os portugueses tomaram a cidade de Safi em 1508; mas como os conquistadores não eram numerosos, foram obrigados a barricar-se na cidadela. Na cidade havia uma contenda entre dois partidos que lutavam entre si e, como o comandante do exército português dava muito valor a uma divisão entre os cidadãos, mandou passar cartas com o mesmo conteúdo, através de um médico judeu, aos chefes dos partidos rivais, que o judeu conhecia muito bem, onde se podia ler que um dos opositores planeava matar o outro, e depois vinha o convite para se unirem ao governador português. Cada um dos chefes caiu na armadilha e Azambuja podia agora apoderar-se facilmente da cidade para sempre.

A cidade de Cithibeb tinha-se declarado independente do soberano de Fez e travou uma guerra pela sua independência durante três anos. Os seus êxitos devem-se sobretudo ao seu comandante de campo. Reconhecendo este facto, o soberano de Fez decidiu matar o líder, se possível, em segredo. Um médico judeu de Cithibed ofereceu-se para o efeito, envenenou o líder e, desanimada, a cidade rendeu-se aos sitiados.

Quando, no tempo de Trajano, os judeus de Cirenóica eram tão numerosos que constituíam a maioria da população, fizeram o mesmo que mais tarde em Chipre: chacinaram todos os outros habitantes, em número de 220 000. Isaak de Caastro pôde então, muito mais tarde, relatar com orgulho: "Tal como os imperadores turcos e persas e os seus regentes não fazem nada sem os judeus, também os emissários só conseguem levar os negócios dos seus reis a bom porto com a mediação dos judeus."

Estes exemplos de judeus podem ser multiplicados à vontade, mas é preciso sublinhar que não se podem ignorar aqueles em que as coisas correram realmente mal para os judeus, mesmo que nunca sem ser por culpa deles, e que, por isso, puderam agir por sentimento de vingança, como, por exemplo quando, na altura da perseguição aos judeus, o emissário português famoso pelas suas artimanhas, Duarte de Paz, estava em Roma e, nessa qualidade, pôs em marcha todas as engrenagens com o Papa contra o rei de Portugal, com a aprovação expressa e o rico apoio dos seus camaradas tribais em Lisboa.

Assim funcionou a atividade judaica desde os primeiros tempos nas terras do mundo até ao Congresso de Viena, no qual os Rothschilds já tinham posto em prática a sua política tão ruinosa para a Alemanha, até à conclusão da paz em 1871 e mais do que nunca nos nossos dias. A isto, a seguinte observação.

## **O judeu e o alemão**

Dada a lógica fria da natureza judaica, é preciso distinguir entre dois motivos: entre as pulsões racionais e as de natureza mais emocional. Àqueles pertence a procura clara de interesses pessoais e nacionais e a ponderação dos mesmos entre a intervenção na política dos Estados; a estes, a paixão do ódio contra essa gente ultrapassa muitas vezes esses cálculos.

Os judeus nem sempre se mantiveram o homem de negócios e o político frio assim que ganharam influência; uma espécie de voracidade levou-os à imoderação e acabou por ter as consequências mais amargas para eles próprios. A sucção e a usura, praticadas de forma menos gananciosa, a arrogância religiosa e nacional menos pronunciada, ter-lhe-iam causado muitos sofrimentos; mas a ideia básica judaica de drenar toda a gente, tal como Dostojewski, Fichte, Goethe e outros grandes homens a reconheceram, nascida do mais profundo desprezo por tudo o que não é judeu, que, em última análise, sempre transformou o judeu aparentemente frio num odiador apaixonado. Este ódio é tão antigo como o próprio judaísmo, e aparece em todo o lado,

correspondendo à direção que se lhe abre. O tempo atual é um recreio de paixões judaicas dificilmente contidas, que se combinaram com a política mundial guiada por homens imensamente ricos; e este ódio judaico é dirigido principalmente contra dois povos: contra o russo e o alemão. Só uma criança ou um patrono dos judeus pode ainda hoje olhar com um sorriso para este facto sempre existente; ele escorre de todas as páginas da floresta dos jornais judeus e ressoa apenas meio escondido da boca dos políticos judeus.

Para ir mais fundo: nenhum povo na terra despreza tanto o misticismo, a suposição de um segredo difícil de exprimir, como os judeus. Consideram a falta de tal valor não como uma deficiência, mas, pelo contrário, como o sinal de um talento esplêndido, e gabam-se de não possuírem nem mitologia nem equações (as conseqüências necessárias de todo o misticismo). Basta um olhar sobre a história das religiões para nos darmos conta disso. Que se diga apenas um ditado do ano de 1905: "O judaísmo é a única entre todas as religiões que contradiz fundamentalmente qualquer misticismo." Mais adiante: "A religião está afastada de todo o misticismo e de todo o trabalho secreto." E muitas outras passagens. Agora, provavelmente não há nação na Europa que tenha perseguido e transfigurado tanto o segredo interior do homem como a alemã. Por isso, ele constitui, na sua natureza mais profunda, o contra-pólo espiritual do judeu; mas se alguém acredita que isso permaneceria totalmente sem influência sobre a ação, ele erra poderosamente. Pois o que opõe no mais profundo, lei e religião, esquema e fantasia, dogma e símbolo, também se mostrará como oposto na superfície da vida, geralmente inconscientemente, mas não menos claramente. E quem quer que tenha estudado um pouco o solo russo, ouvirá também os seus acordes mais profundos, que, de facto, quase nunca conseguem chegar a uma síntese, mas que não confrontam menos negativamente a predisposição dos judeus.

No alemão, há também a sua lendária honestidade e incorruptibilidade (que, infelizmente, sofreu muito com a guerra e com a revolução), bem como a sua simplicidade, a sua falta de jeito e a sua confiança, motivos que sempre foram um espinho para o judeu, que ele sempre procurou minar, sobre os quais fazia piadas sem compreensão e sempre se considerou um mundo exaltado, como expressam as palavras clássicas do judeu Auerbach: "Nós, judeus, somos, afinal, a raça mais inteligente. Peguem num judeu de segunda mão, bom judeu, vestido de trapos, e ponham-no frente a frente com o mais inteligente camponês da Floresta Negra, por quem se decidiriam? Certamente para o judeu, porque o camponês germânico é demasiado burro, o judeu mais depravado, por outro lado, continua a ser sempre um judeu". Esta é, ainda hoje, a afirmação instintiva ou consciente de todos os hebreus.

O judeu sempre odiou o povo alemão. De facto, ele também não ama o francês e o anglo-saxão, mas sente-se muito mais próximo deles. O francês vaidoso que se torna cada vez mais superficial, o anglo-saxónico sóbrio que tende simultaneamente para a superstição fanática, são personagens muito mais acessíveis para o judeu do que o alemão, apesar de todo o desejo de familiaridade, alguma vez poderá tornar-se. Daí que se possa fazer a observação, desde os tempos mais antigos, de que os judeus alemães são os inimigos mais amargos da ideia alemã; e quanto mais se esforçam por segui-lo e se alimentam dele, mais claramente o ódio se manifesta. É por isso que um Heinrich Heine desceu ao nível da reprovação de cobardia moral contra Goethe; é por isso que um Ludwig Börne contou os dias da liberdade alemã a partir da data da morte de Goethe; é por isso que todos os jornalistas e professores judeus tentam depreciar os nossos grandes homens, para os "retratar objetivamente", como se chama a esta falsificação; É por isso que caluniam unanimemente Bismarck, é por isso que o professor Graetz, elogiado com entusiasmo pelos judeus, resume a sua opinião de que o homem germânico foi "o inventor da mentalidade servil" e que os alemães devem "o gosto purificado, o sentimento vivo e implacável da verdade e o impulso para a liberdade aos judeus Heine e Börne!"

Como tinha razão Lagarde quando, à pergunta sobre onde procurar os judeus, deu a resposta: "Sempre do lado daqueles que têm o mínimo de conhecimento da história alemã". Assim, podemos ver novamente nos nossos dias que um Isidor Witkowsky (Maximilian Harden), o alegado representante de Bismarck, logo após a eclosão da revolução, realizou "palestras

educacionais, nas quais ousou acusar o grande homem da nossa época, Hindenburg, e depois retratou no colapso da Alemanha o início de uma "grande era". Esta oposição insuperável de almas populares é a causa principal do ódio judeu; a sua atividade só aparece secundariamente. Os judeus na Rússia não deveriam odiar o povo russo, mas apenas o czarismo; pois o próprio russo não sofreu menos, sim, ainda mais sob o regime anterior do que o judeu; ele imediatamente ofereceu-lhe também sua mão fraterna após a revolução. Mas o governo judeu de Moscovo, que chegou ao poder por total falta de escrúpulos, perseguiu instintiva e intencionalmente tudo o que era russo e tentou exterminá-lo totalmente. O seu ódio triunfou desenfreadamente; mas perecerá de voragem - é esse o curso da história, necessariamente baseado no carácter popular.

Na Alemanha, os judeus conseguiram estabelecer-se durante muito tempo, adquiriram para si próprios e para os seus camaradas os lugares mais acolhedores através de todos os meios, o que, no entanto, não impediu que não passasse um único dia em que, graças à liberdade de imprensa, o alemão e o cristão não sofressem uma piada impertinente, ou que (na guerra) a subversão do espírito de resistência alemão não fosse praticada com o maior zelo através de elogios à gente dos Aliados e do enegrecimento do "militarismo" alemão.

Em nenhuma outra terra do mundo poderiam ter sido proferidas observações tão provocadoras e anti-nacionais na hora do destino nacional do povo como as que os judeus Cohn e Haase presumiram no Reichstag alemão, e de facto completamente desavergonhadas e sem obstáculos! Preocupado com o sucesso da conspiração dos seus camaradas raciais em Moscovo, o Sr. Hugo Haase gritou uma vez (no verão de 1918): "Se o governo alemão empreender algo contra o governo soviético, então é nosso dever sagrado chamar os proletários alemães à revolução." Estas palavras de um agitador popular que traía sem escrúpulos a terra alemã e os seus interesses foram deixadas a ecoar impunes!

## Judeus aliados

A guerra mundial colocou dois grupos de poder em confronto hostil e, subsequentemente, dividiu também o povo judeu em duas partes. Para além da Rússia, as principais personalidades judaicas de França, Inglaterra, Itália e América do Norte concordaram imediatamente e juntaram-se aos governos anti-alemães destes Estados e, de facto, eram os judeus mais ricos e influentes do mundo, em comparação com os quais a colónia de Berlim do Estado mundial judeu não podia desempenhar um papel decisivo. Mas Londres era o centro; a partir daqui estendia-se a atividade das federações mundiais judaicas, aqui se colocava a ênfase da questão judaica. Diz-se que os judeus formam um Estado dentro de um Estado. Mas isso é apenas uma meia verdade; pois é muito mais importante enfatizar que ele representa um estado *acima* dos estados. Em comparação com o governo central de Londres do Estado mundial judeu, o ramo alemão estava numa posição desagradável. Para além dos outsiders Cohn, Haase, Luxemburg, etc., cegos e cheios de ódio, havia naturalmente empresários judeus bastante frescos, que, podendo aprovar desde o início uma vitória alemã total no interesse de todos os judeus, não queriam, no entanto, renunciar ao seu cordeiro roubado. Por isso, tentaram fazer com que a política alemã fosse um empate. Isso teria reforçado o seu poder, mas, simultaneamente, talvez tenha irritado demasiado os homens poderosos de Londres. O que já antes da guerra tinha sido a percepção dos homens de dinheiro judeus, revelou-se com toda a clareza durante a mesma, ou seja, que os objectivos nacionais dos judeus, dirigidos internacionalmente, deviam ser vistos como coincidindo com os do Império Britânico.

Isto significava que os judeus estavam dispostos a concentrar ao máximo os seus interesses, a deixar que os seus interesses fossem concentrados, a deixar que a sua segurança nacional fosse garantida em todo o lado através de um poderoso Estado ou consórcio mundial, que eles apoiavam. Gradualmente, reconhecendo cada vez mais a utilidade de tal orientação, os jornalistas

judeus-alemães também abrandaram cada vez mais a carroça alemã e os judeus-ingleses lubrificaram cada vez mais a sua. Os insultos mais amargos contra a Alemanha ressoavam nos jornais dirigidos pelos judeus e, naturalmente, apoiados de bom grado pelos Estados aliados devido ao seu sentimento claramente anti-alemão. O leitor encontrava os mesmos pensamentos em todo o lado, sob uma centena de formas, e o que isso significava na época atual não é difícil de imaginar. Judeus com títulos de cavaleiro, que mantinham relações amistosas com a Câmara Alta, estavam a trabalhar aqui. Sabe-se que os judeus em Inglaterra ganharam muita influência, que compraram sem hesitação títulos de barão e de par com todos os direitos por dez, cinquenta, cem mil libras esterlinas (durante a guerra fazia-se o mesmo com fornecedores do exército). Dois judeus destacam-se aqui: Abraham Sassoon, o emigrado da Alemanha, Sir Ernest Sassel. As figuras dos bastidores da Câmara Alta eram Montague (Montag, um antigo relojoeiro da Galiza), Rothschild, Burnham (Lewy Lawson), Herschel (Naphthali), Ludloy (Lewi), entre outros.

A conhecida *Alliance Israélite Universelle* constituía o centro da irmandade judaica. Ainda hoje existem judeus e patronos de judeus que se esforçam por apresentar esta união como uma sociedade filantrópica e politicamente inofensiva, e há naturalmente ainda mais pessoas que acreditam nesta mentira grosseira. O apoio aos judeus pobres é, naturalmente, apenas um pretexto; já o fundador da Aliança, Crémieux, tinha desde o início uma tarefa política. "Um novo reino... deve surgir no lugar dos imperadores e dos papas", diz ele na primeira assembleia geral e relata mais tarde: "Demos grandes passos em frente; a Aliança está a tornar-se uma verdadeira potência". Isto é suficientemente inequívoco; e a caridade da Aliança de então consistiu também, durante décadas, em suprimir os escândalos contra os judeus, os "inocentes, os perseguidos", e outras coisas semelhantes. Mais do que nunca são verdadeiras as palavras de que a Aliança "tem acesso aos tronos mais poderosos e que todas as autoridades políticas e civis se curvam perante ela". A esta organização, pode-se dizer toda-poderosa e secreta, pertencem, para além dos senhores ingleses citados, os seguintes estadistas: Burnay, Herbert Samuel (antigo Lord-Mayor de Londres), Earl of Reading (Rufus Isaacs, a quem se tinha sugerido como juiz sobre Wilhelm II. acusado da "conspiração da moral internacional", já falecido), George Ernest (Seligsohn), B. Putmann (Simonsohn); todos em Inglaterra; os Rothschild e Lavino em França; o Grande Mestre Lemmi, o tesoureiro Luigi Luzzati; o Ministro dos Negócios Estrangeiros Sonnino, o Ministro da Guerra Ottolenghi, Barzilai (Bürzel), todos em Itália; Nathan Strauss, Bernhard Baruch (diretor de todas as indústrias de armamento nos Estados Unidos e representante dos 26 Estados Aliados nas transacções em todas as partes do mundo); todos na América; Fonseca, Castro e Pereira em Portugal e no Brasil, etc.

Estes nomes, mesmo sem a enumeração dos negócios de milhares de milhões, também falam alto e qualquer pessoa que ainda tenha um juízo um pouco imparcial deve dizer que ilustram uma cooperação firme. Mesmo que as pessoas tenham tido disputas comerciais, numa coisa estiveram sempre de acordo: destruir a Alemanha.

## Os judeus e a Maçonaria

Os especuladores mundiais judeus estão intimamente ligados aos dirigentes dos destinos dos Estados aliados de uma outra forma: através da Maçonaria.

Não pretendo entrar em pormenores nem sobre os muitos "mistérios: nem sobre os supostos segredos da Maçonaria, mas apenas iluminar o funcionamento político da ordem e os seus objectivos.

A terra de onde surgiu a verdadeira Maçonaria é a Inglaterra. A partir de Inglaterra, as lojas foram fundadas no início do século XVIII em França e na Alemanha, em 1721 em Dunquerque e Mons, em 1725 em Paris, em 1733 em Valenciennes, etc. Apesar de o rei ter ameaçado as sociedades secretas com tudo, estas ganharam tantos adeptos que nem a perspectiva da Bastilha era

suficientemente assustadora. Em 1756, várias associações uniram-se na "Grande Loja de França". Independente desta, surgiu em 1772, em Paris, o "Grande Oriente de França", sob a direção do Duque de Chartres, mais tarde Philipp Egalité, como Grão-Mestre. Em 1778, havia 129 lojas em atividade em Paris e 247 nas províncias! A formação das sociedades secretas seguiu um percurso semelhante noutros países. Mesmo que houvesse muitas divergências entre elas, estavam de acordo numa coisa: na luta contra a monarquia e a Igreja.

Para resumir brevemente: a ordem maçónica foi e é uma sociedade secreta internacional com o objetivo de instaurar uma república mundial anti-religiosa. Este objetivo está sempre presente, mesmo que muitas vezes tenha utilizado e apoiado a monarquia, em função do seu poder e das circunstâncias independentes dela.

O sermão de que se deve servir a humanidade, e não as nações individuais, encontrou nele o seu órgão mais eficaz; a "humanidade" abrangente, a "liberdade, igualdade e fraternidade" de todos os seres humanos, foi sistematicamente ensinada por ele, a fim de finalmente iniciar a sua marcha como evangelho proclamado em todo o mundo, sempre de novo.

"Eliminar dos seres humanos de todas as espécies todas as diferenças", diz o oficial do Grand Orient, Clavel, "é a grande obra empreendida pela Maçonaria".

"Se eliminarmos todas as diferenças de classe, de fé, de pontos de vista, de pátria... transformamos toda a humanidade numa família", afirmava noutro local.

Estes testemunhos podem ser multiplicados sem conta. As palavras de ordem, que voltaram a abalar o mundo, eram a moeda da ordem mundial. Começaram a ressoar bem alto no ano da desgraça de 1789. A tendência anti-monárquica foi muitas vezes reprimida pelos maçons por conveniência, mas nunca se perdeu e triunfa hoje mais do que nunca.

"Em todo o caso, os maçons bebiam à saúde do rei na sua refeição nacional nos Estados monárquicos. Em todo o caso, a obediência à lei era sublinhada. Só essas medidas de segurança, que a "esperteza" de uma associação impunha, que tantos governos desconfiados vigiavam, não bastavam para destruir a influência revolucionária que os maçons, pela sua natureza, tinham de exercer.

"É necessário que alcance o mais alto poder político, que se sente em todos os tronos, ou melhor, que governe sobre todos os tronos através dos seus grandes homens e através das associações dos seus irmãos." É supérfluo citar mais citações sobre o esforço maçónico; todos dizem a mesma coisa e, no que diz respeito aos actos, as revoluções de 1789 até aos nossos dias são, em grande parte, fruto do trabalho maçónico. Mas antes de passar a estes factos, há que sublinhar um impulso muito importante: a aceitação dos judeus nas sociedades secretas.

Correspondendo a toda a sua natureza, o povo judeu espalhado por todos os Estados e, no entanto, intimamente ligado, é o povo conspirador nato. Os princípios internacionais dos maçons teoricamente não colocam nada no caminho para o judeu. Já em 1722, foi declarado em Inglaterra: "A maçonaria é uma federação humana para a disseminação de princípios tolerantes e humanos, em cujos esforços de ordem o judeu e o turco podem participar tanto quanto o cristão." No entanto, o desprezo pelo judeu não era fácil de ultrapassar, e só através de inteligentes jogadas de xadrez é que ele conseguiu infiltrar-se e, mestre na intriga, governar. No ano de 1754, um judeu português, Martinez Paschalis, fundou em Paris uma seita cabalística para a qual afluíam numerosos judeus. Após a sua morte, São Martinho assumiu a direção da sociedade, que se estendeu a todos os países e até à Rússia (os Martinistas). Em Inglaterra, Toland tinha trabalhado para a naturalização dos judeus ingleses e escrito dois manuscritos (1715 e 18=718) com esse objetivo; na Alemanha, os salões judaicos tinham-se tornado centros de influência política; Mendelssohn tinha conseguido conquistar e envolver Lessing para os objectivos judaicos, a seu pedido Dohm (1718) escreveu o texto já citado sobre a reforma da política judaica, cuja recomendação, como vimos, serviu a Mirabeau como base para a sua promoção dos interesses judaicos.

Assim, o ânimo e o poder das lojas judaicas eram suficientemente fortes para conseguir a sua aceitação oficial na federação geral. Isso aconteceu na memorável Convenção de Wilhelmsbad,

no ano de 1781. O fundador da Ordem dos Illuminati alemã, Weishaupt, tinha convocado um congresso de todas as sociedades secretas. Apareceram delegados de todas as terras da Europa, da América, sim, até da Ásia. Todas as conspirações estavam aqui reunidas sob a fórmula de Weishaupt: "para unir num interesse superior e através de um laço duradouro homens instruídos de todas as terras, de todas as classes e de todas as religiões..." E o representante dos Martinistas franceses respondeu a um inquérito sobre os resultados do congresso: "Não vos revelarei os segredos que trago; mas o que creio poder dizer-vos é que foi montada uma conspiração e que será difícil que a religião e os governos não caiam."

Estas palavras foram pronunciadas oito anos antes do seu cumprimento. Até então, o tempo passou-se num trabalho enérgico no submundo. Louis Blanc relata-o:

"Tinha-se formado uma estranha associação. Os membros da mesma viviam nas mais diversas terras, pertenciam a todas as religiões (também judeus) e a todas as classes sociais. Nas vésperas da Revolução Francesa, já tinha adquirido uma importância imensa. Espalhou-se por toda a Europa e apareceu em todo o lado como uma sociedade cujos princípios estavam em contradição com os princípios da sociedade burguesa..." Outra grande deliberação teve lugar em 1787, em Paris, onde, entre outros, Cagliostro (o judeu Joseph Balsamo, fundador do "Sistema Egípcio"), desempenhou um papel iminente. A Revolução Francesa foi definitivamente decidida aqui. Em 1787, Cagliostro teve a audácia de dirigir um manifesto ao povo francês e de lhe prever todos os acontecimentos que viriam a ocorrer mais tarde: destruição da Bastilha, derrube da monarquia, introdução do culto da razão.

A atividade publicitária foi impulsionada febrilmente, as palavras de ordem conhecidas foram difundidas, os camponeses, os operários ganharam como soldados, o dia 14 de julho de 1789 foi escolhido como o dia da rebelião. Depois, as lojas fecham e os Irmãos dirigem-se às câmaras municipais e aos comités revolucionários. Quando, finalmente, em 1789, o povo agitado invadiu o exterior, os conspiradores sentaram-se com o rei mudo, juraram-lhe lealdade, pintaram-lhe falsos quadros do terrível poder do povo indignado, aconselharam a preservação da paz cívica, a renúncia aos seus direitos monárquicos, etc. E quando finalmente o enfraqueceram, quando assumiram o poder, enfiaram-no no templo.

Um documento muito interessante sobre os poderes desta época é-nos fornecido pelo antigo ministro prussiano dos Negócios Estrangeiros, o conde Haugwitz, num memorando do ano de 1822, que escreveu após a sua saída da vida política. Dele extraio o seguinte:

"A inclinação e a educação tinham despertado em mim uma fome de conhecimento que não era satisfeita pelo habitual. - Através do Conde Stolberg e do Dr. Mumser, meus amigos, fui levado para o capítulo... Fui chamado a assumir a liderança superior de uma parte das assembleias das ordens prussiana, polaca e russa. A maçonaria estava dividida em dois partidos. O primeiro procurava a pedra dos sábios, ocupava-se da alquimia... O segundo partido, cujo chefe exterior era o príncipe Friedrich von Braunschwig, era diferente. Em luta aberta entre si, uniram-se numa coisa: o trono na sua posse e os monarcas nos seus conselhos, era esse o objetivo. Depois, não me restava mais nada a fazer do que abandonar o cargo com um ruído ou seguir o meu próprio caminho. - Sempre tive a firme convicção de que o que começou no ano de 1789, a Revolução Francesa, o assassinato do rei, já tinha sido iniciado muito antes através de contactos. - O meu primeiro impulso foi informar Friedrich Wilhelm das minhas descobertas. Pareceu-me aconselhável que o príncipe não estabelecesse um contacto totalmente severo com a Maçonaria, na medida em que via na presença de homens justos nas lojas um meio de contornar a influência da traição. - A teia secreta existe há séculos e ameaça a humanidade mais do que nunca..."

Numa sessão do comité de propaganda da revolução, em 21 de maio de 1790, um dos principais conspiradores (Duport) disse

"O nosso exemplo torna inevitável o derrube do trono e a Revolução Francesa lançará os ceptros dos reis perante os povos. Mas não devemos ficar na defensiva, se não quisermos levar a revolução para outros reinos, então ela está perdida... Em todos os governos, trata-se de procurar oportunidades para a revolução e de operar com elas... A vaidade alimenta a burguesia, a

necessidade urgente estraga o povo. Um precisa de ouro para jogar, para o outro basta ter criado esperanças..." O Grande Oriente de França emitiu um manifesto no qual está escrito: "Todas as lojas se reuniram para se aliarem, para unirem as suas forças em apoio da revolução, para recrutarem para ela amigos e protectores em toda a parte, para alimentarem a chama, para inflamarem os espíritos com ela, para despertarem o zelo em todas as terras e com todos os meios ao seu alcance..." Depois de tudo isto, não é de estranhar que entre os dirigentes de 1789 houvesse cerca de 250 maçons. O facto de muitos terem acabado por deixar cair as rédeas e terem sido entregues pelos seus irmãos à guilhotina não altera em nada os factos acima referidos. O diabo é simplesmente, no fim de contas, regra geral, o burro.

Os exércitos franceses marcharam pelas terras triunfantes, o glorioso exército prussiano, pelo contrário, caiu de um só golpe. Porquê? Também aqui, para além do pedantismo, o poder secreto estava em ação.

O duque de Sachsen-Teschen, um maçom, como comandante das tropas austríacas, e como comandante supremo o duque iluminista de Braunschweig, enfrentou o maçom Dumouriez. Este chegou a publicar manuscritos ameaçadores exigindo a segurança do rei de França, mas os seus actos continuavam a ser totalmente contrários a isso. As hordas indisciplinadas de Dumouriez começaram por se dispersar, as fortalezas abriram as portas ao primeiro tiro de canhão, mas a primeira cidade que mostrou resistência, Thionville, já parecia invencível. Em Paris já davam tudo como perdido, mas o resultado foi diferente. Porque, apesar da visível superioridade das tropas alemãs em frente de Valmy, o duque de Braunschweig desobedeceu às ordens do rei da Prússia, que teriam levado o exército revolucionário a uma derrota decisiva, e, como os franceses renunciaram, fez partir as tropas prussianas. Napoleão, mais tarde, em Santa Helena, revelou claramente a sua opinião de que se tratava de uma traição maçónica. E mesmo que não queiramos aceitar uma traição, não deixa de ser verdade a incapacidade *interior* de lutar contra exércitos que pareciam ser portadores de ideias que grande parte do corpo de oficiais prussianos abraçava. Os franceses vitoriosos seguiram os exércitos alemães em retirada, as fortalezas alemãs renderam-se, na sua maioria defendidas por oficiais maçónicos, sem resistência. O iluminado de Mainz, Böhmer, pediu ao general francês Custine um cerco, embora lhe faltasse quase tudo para o fazer. Três dias após o seu pedido de entrega da fortaleza, os franceses entraram em Mainz. Da mesma forma, Frankfurt, Speier e Worms caíram nas mãos de Custine, assim como Brabante e Flandres foram entregues a Dumouriez. Mas foi exatamente assim que Pichegru "conquistou" a Holanda, onde, através de conspirações de muitos magnatas de negócios, em cujo topo se encontrava o judeu Sportas "delirando" pela revolução, muitos pontos importantes foram supostamente jogados nas suas mãos. Descobriu-se a conspiração, mas era demasiado tarde, os traidores não sofreram nada; em breve, Amesterdão, Nijmwegen e Utrecht caíram.

As sociedades secretas funcionaram tão poderosamente ainda mais tarde, Napoleão foi inicialmente apoiado em todos os países. Mas quando não se submeteu à ordem e quis utilizá-la para os seus próprios fins, foi abandonado. Isto aconteceu a partir de 1809. Se antes estava esplendidamente informado sobre tudo o que se passava no campo inimigo, enquanto os chefes das tropas alemãs eram induzidos em erro por informações falsas, Napoleão via-se agora na posição de não estar bem informado. Nunca, diz-se, foi maior do que nas suas derrotas; mas isso não o ajudou em nada. E entre as primeiras razões para a sua catástrofe destaca-se decisivamente a sua má vontade com os maçons, que já não colocavam os seus conhecimentos políticos ao seu serviço, antes trabalhavam para a sua queda.

Passemos às condições na Alemanha. Aqui, antes de qualquer outra coisa, a invasão dos judeus deve ser apontada. Em 1807, uma loja judaica, "*l'aurore naissante*", foi fundada em Frankfurt am Main sob proteção francesa. Em 1814, foi reorganizada pelo patriarca Hirschberg. Um livro maçónico deste apareceu em 1816: "Jewry within Masonry. Um aviso a todas as lojas alemãs" retrata a sua fundação em Frankfurt da seguinte forma: "Este novo sistema judaico dos Cavaleiros Templários das lojas judaicas de Frankfurt está visivelmente ligado aos pontos de vista declarados nos órgãos bíblicos. Os cavaleiros da tríplice cruz devem vingar Deus dos crentes,

para os judeus, todos os não-judeus são não-crentes, e restabelecer a lei do Senhor; o preço do seu trabalho é: para cada cavaleiro um pedaço da terra dos não-crentes. Aqui está novamente o judaísmo oculto, pois só o judaísmo tem um deus cujos crentes devem glorificar, e as propriedades dos descrentes são prometidas aos judeus como sua herança legítima."

A fundação das lojas judaicas em Frankfurt foi seguida por outras em Hamburgo e noutras cidades da Alemanha. Destas sociedades secretas emanava um trabalho incessante de subversão, que impedia de dar à vida do Estado um fluxo calmo. E em 1848, os judeus também apareceram na superfície da vida alemã. Heine e Börne são as personalidades mais conhecidas: "Os judeus forneceram às revoluções da Europa autores capazes... o ano de 1848 mostrou uma riqueza literária judaica que mal se podia supor, e todos os jornais da imprensa ministerial, dita constitucional e vermelha foram quase exclusivamente editados e compilados por judeus." E Israel, o Primeiro-Ministro judeu de Inglaterra, um homem que conhecia o estado das coisas melhor do que qualquer outro, declarou orgulhosamente: "A poderosa revolução que se apresenta na Alemanha desenvolve-se totalmente sob o patrocínio do judeu, a quem coube quase todo o monopólio da tribuna do professor." Em seguida, foi unanimemente lançado um ataque contra a religião, foram lançados pomos de discórdia entre católicos e protestantes para inflamar o ódio na Alemanha. Tudo isto, tal como hoje, sob a capa da tolerância, da liberdade de pensamento e do humanitarismo. A loja judaica de Hamburgo "nos três cardos" destacou-se especialmente por isso.

O Sr. Blumröder disse numa palestra da Loja (Asträä): "Se a construção do humanitarismo deve progredir, então as velhas formas do Estado e da Igreja devem cair através de poderosos golpes de martelo. A velha estrutura será então destruída pela força, e se esta destruição for punível de acordo com as leis humanas, então a lei eterna, que reina na história da humanidade, será, no entanto, adequadamente servida por ela."

Gotthold Salomon, doutor em filosofia, irmão da Loja da Aurora Nascente, membro honorário da Loja do Unicórnio Prateado, traz a público o seguinte ditado que dificilmente será ultrapassado em clareza: "Porque é que nem um traço de cristianismo eclesiástico se encontra em todo o ritual maçónico? Porque é que os maçons não relatam o nascimento de Cristo, tal como os judeus a criação do mundo? Porque é que não existe nenhum símbolo cristão na Maçonaria? Porquê o compasso, o esquadro e a balança? Porque não a cruz e outros instrumentos mártires? Porquê, em vez de sabedoria, força e beleza, o trio cristão: fé, amor, esperança?"

O maçom Ludwig Bechstein, Conselheiro Privado, Bibliotecário Sênior de Meiningen, Cavaleiro da Ordem da Águia Vermelha, revela o seu objetivo com as seguintes palavras ingênuas: "Todos nós queremos ser felizes; o gozo da vida é o direito de cada ser humano: mas este direito é muito prejudicado pela pressão do presente."

O Sr. Goldschndit, um irmão judeu, escreve em suas "Dicas" por ocasião da dissolução de uma loja: "A dissolução da ordem em parte da América não merece aprovação, qualquer que seja a forma do estado, ela só pode dissolver-se no dia em que há apenas um deus e uma invocação."

O segundo irmão de Goldschmidt, Ludwig Börne (Baruch), que é companheiro de raça, sublinha, para não ser mal interpretado, que não se trata do Deus cristão e da mundividência de Cristo. Ele diz: "Nasceu a maestria e com ela a escravatura. O maligno reuniu-se em concílio para consolidar o seu domínio e inventou o cristianismo para trazer a discórdia sangrenta entre os seres humanos. Os bons e os melhores de cada época viram isso, como a humanidade se debatia nas suas próprias entranhas, viram e lamentaram, mas não desesperaram. Porque a semente da salvação brotava nos seus corações. E o círculo misterioso desenhava-se à volta do altar do direito. Qual é o nome da aliança que une os nobres? Maçonaria".

O que parecia nas cabeças dos líderes da Maçonaria, disto o seguinte deve dar testemunho: Mazzini declara como seu princípio que os arranjos devem ser feitos de forma que as revoluções sejam feitas através da própria força do governo. Ele ainda escreve: "Que o povo nunca adormeça. Cercai-o de inquietação, agitação, surpresas, mentiras e festas. Não se revoluciona uma terra através da paz, da moralidade e da verdade. O povo deve pôr-se de parte". Este homem

dirige à América um apelo para a fundação de uma aliança universal republicana, que conclui com as seguintes palavras:

"Acredito que é um direito e um dever sagrado de cada nação e de cada ser humano apoiar com todos os meios possíveis os esforços de outras nações e de outros seres humanos para a fundação de uma aliança universal e republicana. E obrigo-me, como membro desta união, a ser útil à propaganda e à realização dos nossos esforços com todo o meu poder e com todos os meios."

Quando os conspiradores se reuniram na Suíça em 1834, Mazzini, expulso de França, colocou-se à frente deles. Acossado por um triplo homicídio decidido por um tribunal secreto sob a sua presidência, tinha demonstrado que todos os meios lhe convinham. A "jovem Itália" surgiu através dele. "Mas não bastava ao grande mestre", diz D'Arlincourt, "revolucionar uma nação, era preciso perturbar todas. Fundou-se a jovem Alemanha, a jovem Polónia, a jovem Suíça, a jovem Europa."

Weishaupt, o idealista muito elogiado, escreve a um irmão de alta ordem: "Para nos mantermos senhores dos nossos debates, devemos falar logo de uma maneira, logo de outra. Se quisermos sempre dizer que o fim mostrará o que deve ser tomado como verdade, fala-se logo assim, logo assim, para ficarmos embaraçados, para tornarmos os nossos verdadeiros pensamentos impenetráveis para os não iniciados. Quero transformar os adeptos em espiões, para eles, para os outros, para todos."

Um alto Irmão escreveu a outro (Nubius): "Tudo se submete ao nível em que queremos rebaixar a humanidade. Queremos subverter para poder governar... Mas receio ter ido longe demais; quando observo a personalidade dos nossos agentes, começo a temer não poder mais domar a tempestade conjurada... Roubámos ao povo a fé religiosa, monárquica, a sua honestidade e a sua família, e agora, quando ouvimos um trovão ao longe, trememos, porque o monstro pode devorarnos. Despojámos o povo, pedaço por pedaço, de todo o sentimento honroso; será sem piedade... O mundo deslizou para a encosta da democracia e, por algum tempo, a democracia significa para mim demagogia..."

Uma carta distintiva do judeu Piccolo-Tigre, na sua época um dos principais agentes em todas as terras da Europa, foi também dirigida à mesma personalidade. Depois de ter manifestado a sua satisfação por uma viagem de agitação, diz: "A partir de agora não nos resta mais nada a fazer do que trabalhar para chegar a uma solução para a comédia... O solo que eu lavrei está a transbordar e, se posso confiar nos relatórios, vemos que a época tão desejada já não está distante. O derrube do trono está fora de dúvida para mim, eu que estudei os trabalhos das nossas sociedades em França, na Suíça, na Alemanha... Não se trata de uma revolução numa ou noutra terra, que pode sempre ser conseguida com boa vontade. Para destruir seguramente o velho mundo, pensamos que é necessário sufocar a semente do catolicismo e do cristianismo... infelizmente só nos falta a cabeça para comandar. O bom Mancini ainda tem o seu sonho de humanitarismo na cabeça e nos lábios. Para além da natureza das suas tentativas de assassinato, há algo de bom nele. Desperta, através do seu secretismo, a atenção das massas, que nada entendem dos discursos do cosmopolita iluminado. A nossa tipografia na Suíça funciona bem e publica os livros que desejamos... Em breve tenho de ir para Bolonha, onde a minha presença dourada será necessária..."

Numa instrução do mesmo "pequeno tigre" para os mais altos agentes das lojas Piemont está escrito: "O mais importante é isolar a pessoa da sua família e torná-la sem moral... Se tiverem sussurrado a algumas almas má vontade para com a família e a religião, então deixam cair algumas palavras que despertam o desejo de entrar nas lojas. A vaidade do burguês de se identificar com a Maçonaria tem algo de tão banal e universal que me enche sempre de êxtase a estupidez humana. Espanta-me que o mundo inteiro não bata à porta de todas as mais altas e peça para ser também um trabalhador na reconstrução do templo de Salomão."

Um documento muito interessante, entregue por um alto militar italiano, Simonini, ao autor da história dos jacobinos, A. Barruel (1806), introduz-nos particularmente bem nas oficinas da conspiração judaica e maçónica. Depois de Simonini ter agradecido a Barruel o esclarecimento

sobre a história da revolução, continua "O poder de que gozam em todas as cortes, graças às suas grandes riquezas e à sua proteção, que é inimigo não só da religião cristã, mas de todas as sociedades, de todas as ordens, é a seita judaica. Ela parece inimiga de todos e separada de todos, mas não o é. Pois basta que alguém se mostre anticristão, para que seja imediatamente protegido e promovido por ela. E não vimos que ela distribuiu prodigamente seu ouro aos sofistas modernos, aos maçons, aos jacobinos e aos iluminados? Os judeus formam uma única seita, a fim de, se possível, purgar totalmente o nome de Cristo. Não digo nada que eu mesmo não tenha ouvido dos judeus. Quando a minha cidade natal, Piemonte, se encontrava no meio da revolução, tive a oportunidade de conviver frequentemente com judeus. Naquela altura, sem escrúpulos especiais, fiz-lhes crer que procurava a sua amizade e disse-lhes, pedindo-lhes o mais estrito segredo, que eu, nascido em Livorno, provinha de uma família judia; que só exteriormente vivia como católico, mas interiormente sentia-me judeu e sempre mantivera um amor terno pela minha nação. Eles tomaram-me totalmente a seu cargo. Prometeram fazer de mim um general da Maçonaria, mostraram-me o ouro e a prata que usavam para o seu povo e quiseram dar-me armas decoradas, símbolos da Maçonaria, o que, para não os assustar, também aceitei. Os judeus mais influentes e mais ricos confiaram-me, de forma variada, o seguinte: Que a Maçonaria e os Illuminati tinham sido fundados por dois judeus (infelizmente esqueci-me do nome que me deram); que todas as seitas anti-cristãs provinham deles e que estes, em todos os países, eram milhões; que só em Itália tinham entre os seus seguidores 800 padres católicos, professores, bispos e cardeais; que, para melhor enganar os cristãos, se faziam passar por cristãos e viajavam por todos os países com certificados de batismo falsificados; que, com a ajuda do dinheiro, em breve alcançariam a igualdade de direitos em todos os Estados; que depois, na posse de casas e propriedades, rapidamente roubariam os bens dos cristãos com a ajuda da usura e que, finalmente, ao fim de menos de um século, seriam senhores da palavra, destruiriam todas as outras seitas para fazer reinar a sua."

Barruel fez notar a estas confissões que um maçom o tinha informado também que, sobretudo nos graus mais elevados, havia muitos judeus. Todo o século <sup>XIX</sup> o provou e sobretudo o nosso presente. O secretismo do sentimento e do pensamento judaico sob o manto cristão é também um facto que não deve passar ao lado da ordem do dia. O judeu David Macotta conta que gerações de judeus secretos vivem em Espanha, sobretudo na Igreja. O historiador judeu Kayserling relata que um nobre espanhol o informou em 1895 de que era de ascendência judaica e que na sua ilha natal de Maiorca viviam mil famílias que, todas judias, casavam apenas entre si.

Do regaço da Maçonaria surgiu como sua filha, em meados do século passado, a Internacional, ambas se esforçaram por dominar a luta contra qualquer religião, ambas são inimigas declaradas de qualquer monarquia, ambas lutaram contra a propriedade e a família. Não é a primeira vez na história da Maçonaria que, no seio da sua atividade, duas tendências se anunciam. Assim, pode acontecer que toda a Maçonaria tenha, de facto, enviado o rei de França para o cadafalso, mas que apenas uma parte tenha negado obediência aos iniciadores da revolução e os tenha colocado sob a guilhotina.

Isto repetiu-se no nosso tempo, quando os "democratas" são empurrados contra a parede pelos "proletários". Não se pode dizer com certeza se de forma temporária ou permanente. Mas, em todo o caso, os proletários foram escolhidos como aríetes para derrubar, através das revoluções, os obstáculos que não podiam ser eliminados senão pela violência. Não é por acaso que são os judeus que lideram as multidões da anarquia, tanto na Rússia como na Hungria e na Alemanha. Eles são os melhores arautos do domínio mundial da Freemasonry judaica, aliada à *Alliance Israélite Universelle*.

Algo semelhante, ainda que em menor escala, já aconteceu: 1871. Nas lojas, a Comuna de Paris encantava-nos, mesmo que tivesse de ser fuzilada. O Irmão Thirisoque chama-lhe a maior revolução que alguma vez foi possível admirar no mundo; o dever da Maçonaria era apoiá-la. Muitos pensaram assim, mas a coisa depressa se tornou demasiado colorida e houve intervenientes. O mouro tinha cumprido o seu dever. A ditadura do judeu e irmão Gambetta não

tardou a começar; todo o governo, o senado, o chefe de imprensa, etc., eram quase sem exceção irmãos da Loja; entre os governantes de 1879 havia 225 homens, entre os quais Crémieux, o fundador da *Alliance Israélite Universelle*. É a partir desta altura que começa também a propaganda anti-alemã de âmbito mundial. Os delegados da Maçonaria trabalharam incansavelmente, os judeus da própria Alemanha ajudaram zelosamente, os maçons alemães não se opuseram de todo a esta atividade (estavam à procura da pedra dos sábios), antes namoriscaram o "irmão" ocidental. Os conspiradores aproximaram-se hoje bastante do seu objetivo: "da revolução à república mundial".

Que o entusiasmo excessivo de muitos cabeças quentes teve muitas vezes de ser represado, é evidente, mas as palavras maldosas com que os "capitalistas" e os "proletários" se consideravam mutuamente são apenas para as pessoas burras.

"Por maior que seja o antagonismo entre os soldados dos dois exércitos, os chefes não o partilham. A Internacional está antes nas mãos de homens que estão mais ou menos sob a influência das seitas secretas", diz corretamente C. Janet na introdução à obra de Deschamps. Para o Vandervelde e camaradas, que lançam discursos proletários entusiastas, são simultaneamente servos leais da Maçonaria, o que significa também simultaneamente da Judeia, os mesmos espíritos se encontraram. As notícias de que Lenine e Trotzki foram membros de uma loja de Paris não são de todo improváveis, mesmo que até agora, tanto quanto me é dado saber, não tenham sido apresentadas provas definitivas.

Um conspirador do mais puro tipo era Simon Deutsch, irmão maçónico e simultaneamente, ao lado de Karl Marx, um dos chefes da Internacional vermelha. Sobre esta personalidade, Arnim (1872) informa Bismarck de que é um dos elos mais importantes entre a imprensa democrática alemã e francesa e um perigoso intermediário político. Durante a guerra germano-francesa, Deutsch viveu em Viena e aí fez uma zelosa propaganda, naturalmente a favor dos franceses. Mas em 1871 voltou a aparecer em Paris, desta vez como um dos membros mais activos da comuna e um dos seus mais importantes doadores de dinheiro. Após a queda da comuna, foi preso, mas não por muito tempo: por instigação do cônsul austríaco, foi novamente libertado. A deportação de França que se seguiu também foi de curta duração: um amigo do judeu Gambatta deu-lhe autorização para ficar em Paris. Aqui Deutsch financiou a "*Republique française*" e dirigiu a partir daqui a "*Neue Freie Presse*" vienense. Mas a aventura não durou muito tempo na cidade do rei sol; cheirou-lhe a rato e foi para o fim da Europa para ajudar a atear o fogo. Viajou para o Bósforo, foi enviado pela Maçonaria para a direção dos Jovens Turcos, ajudou a preparar o derrube de Abd-UI'Azis e fez tudo o que estava ao seu alcance para pôr em marcha a guerra da Turquia com a Rússia. Em 1877, foi proposto por jornais dedicados como governador da Bósnia; pouco depois morreu. A multiplicidade da vida deste peregrino honorário não deixa nada a desejar. Seria interessante saber se, e em que relação de parentesco, o antigo ministro judeu austríaco Deutsch está com ele.

No que diz respeito a Jude Karl Marx, ele suscita ainda hoje uma grande indignação, embora se deva ver nele também um conspirador, embora muito autodisciplinado. Socialistas de todos os matizes referem-se a ele para justificar os seus actos. Parece-me que os bolcheviques são os que têm mais direito a isso. Karl Marx teria hoje, quando todas as barreiras tiverem caído, desfraldado a bandeira da guerra civil de braço dado com Karl Liebknecht e Leo Trotzki; afinal, aplaudiu a Comuna de Paris a partir de Londres.

Um episódio menos conhecido lança uma luz distinta sobre as suas verdadeiras motivações.

Quando a Internacional, ainda jovem, convocou um congresso em Genebra, colocou-se a questão de saber quais os três que, decididos de outra forma, teriam podido fazer dela um verdadeiro partido operário e não um recreio de conspiradores ambiciosos. Os delegados franceses, nomeadamente, tiveram a ideia de aceitar na Internacional, que deveria ser uma representação de classe dos trabalhadores, apenas operários, trabalhadores manuais no sentido mais restrito. Assim, teriam podido defender os seus interesses económicos, em vez de se limitarem a falar e a conspirar. Marx, apoiado sobretudo pelo seu genro Lafargue, usou toda a sua

autoridade e eloquência contra esta proposta e acabou por conseguir que todas as portas ficassem abertas aos "intelectuais". As consequências deste acontecimento não podem ser sobrestimadas. Se a resolução anterior tivesse sido adoptada, então o programa económico teria sido claro; as excepções para os não trabalhadores que merecem os interesses dos trabalhadores não teriam mudado de base. Mas, desta forma, rapidamente se aninharam no movimento operário conspiradores de todo o género, que, com uma demagogia superior, conseguiram utilizar as massas operárias como trampolim para planos pessoais ambiciosos. O facto de os judeus terem estado e estarem na linha da frente, provavelmente ainda não precisa de ser sublinhado, pois nunca o trabalhador foi tratado de forma tão abertamente abominável como pelos intelectuais judeus do tipo de Trotzki, Bela Kuhn, Lewin e os seus inúmeros camaradas raciais. Os operários podem agradecer ao seu salvador judeu, Karl Marx, que lhes estragou a sopa, intencionalmente ou por instinto, e que têm de corrigir hoje e amanhã.

Para além destas personalidades individuais, que poderiam ser aqui enumeradas em qualquer número (cito apenas os mestres de loja P. Herz, M. Löwenhaar, W. Lewin, C. Cohn, M. Oppenheimer, B. Seligmann, M. Wertheimer, entre outros, na Alemanha; Crémieux, Morin, em França; M. Montefiore, E. Nathan, etc., em Itália), toda uma família se destacou especialmente, os *Rothschild*. Desde Amschel Rothschild, que conseguiu praticar a usura de forma tão terrível com os milhões do duque de Hesse, desde Nathan Rothschild, o verdadeiro vencedor da batalha de Waterloo, desde o Congresso de Viena, desde a paz de 1871 e mais do que nunca no nosso tempo, os Rothschild tecem a sua rede dourada sobre as terras. São ainda hoje a casa mais rica do planeta, ocupam as mais altas posições em todos os Estados onde se dignam viver e pertencem à Maçonaria desde 1809. Isto significa que são inatacáveis, que todos os meios de dinheiro, de diplomacia, estão à sua disposição para suprimir tudo o que lhes seja contrário. Por isso, não devemos surpreender-nos com o facto de os líderes da social-democracia, judeus ou patronos de judeus, poderem amaldiçoar a tirania real, Krupp, Stinnes, mas não dizerem uma única palavra sobre os bons senhores Rothschild. Assim, muitas casas foram efetivamente saqueadas aquando da Comuna, mas apenas os palácios dos Rothschild (15) permaneceram incólumes. O facto de esta família, apesar da sua pertença à Maçonaria, ter um pensamento estritamente nacional é quase evidente. As suas filhas casaram com condes e barões, mas nenhum dos seus descendentes é não judeu. Mas o facto de o Barão Karl von Rothschild ter sido elevado a Comendador da Ordem da Imaculada Conceição da Virgem Maria não nos deve surpreender perante a comédia de macacos que foi representada perante o mundo. Um meio é tão bom como o outro.

As lojas puramente judaicas funcionam de forma ainda mais discreta do que a Maçonaria atual. A ordem *Bne-Brith*, agora tão infame, foi fundada em Nova Iorque (1843). Há algumas décadas, só ela contava com 206 lojas! Quantas serão hoje? As palavras *Keshet Shel Barzel* à parte, ela tinha em 1874 cerca de 5.500 membros organizados...

O objetivo da *Ordem Neo-Britânica* é, naturalmente, exclusivamente judaico, e não é de hoje que ela trabalha para a ruína dos povos europeus. Está escrito numa mensagem do irmão Peixolto (1866): "O Grão-Mestre visita as lojas alinhadas com a maior frequência possível. Neste ano, visitou as de onze cidades. Realizou muitas conferências para os informar dos seus deveres, para reforçar os esforços da ordem, para conseguir a promoção moral e intelectual e a unidade total da família israelita."

Se, então, um homem de bem acreditar que os judeus ortodoxos se afastam com horror dos esforços sem religião da Maçonaria, então ele erra muito: A ortodoxia judaica não é de todo uma religião, mas sim uma "organização de combate para a preservação do povo judeu". Só a partir desta perspectiva é que se deve julgar as suas acções, tudo o resto não passa de slogan para a multidão desprevenida. De facto, o judaísmo preservou-se tenazmente como nunca, mas o tempo, aqui e ali, quebrou uma pedra do edifício do Talmude. Estes ramos separados fundaram agora outras organizações de combate, utilizando para o efeito, respetivamente, outras associações: a *Aliança Israelita*, a Maçonaria, a Internacional, a *Associação Anglo-Judaica* e outras ainda. Estas diferentes tropas de assalto lutam muitas vezes entre si, na medida em que uma se gaba da sua

velha organização com provas dadas, a outra já não acha o traje prático e quer vestir o smoking em vez do caftan, em vez do Talmude põe o manifesto comunista à frente do nariz. Marcham divididos mas atacam unidos a sociedade europeia. Tudo o que está a decair foi sempre promovido por todos os judeus. Só assim se compreende plenamente a resolução altamente significativa do conselho judaico de 29 de junho de 1806 em Leipzig: "O sínodo reconhece que o desenvolvimento e a realização dos princípios modernos são as garantias mais seguras para o presente e o futuro dos judeus e dos seus seguidores." A maçonaria e a ortodoxia andam de mãos dadas, e assistimos ao estranho espetáculo de o estabelecimento mais conservador da história mundial, a sinagoga, defender a revolução - noutras instituições. E o rabino-chefe de França, Isidor, escreveu em 1868: "O Messias, seja homem ou ideia, ainda não chegou, mas o seu dia aproxima-se! As pessoas começam já, conduzidas pelas sociedades de regeneração do progresso e do esclarecimento (isto é, os maçons), a curvar-se perante Israel. Que toda a humanidade, obediente à filosofia da *Alliance Israélite Universelle*, siga o judeu, aquele que domina a inteligência dos povos mais avançados. A humanidade volta o seu rosto para a capital do mundo rejuvenescido', não é Londres, não, Paris, não é Roma, mas é a Jerusalém surgida das ruínas, que é simultaneamente a cidade do passado e do futuro."

O facto do domínio maçónico e judaico, como mostram as deliberações precedentes, foi reconhecido e investigado por muitos homens, e mesmo os jornais de épocas anteriores ousaram, de vez em quando, emitir um gemido sobre isso. Assim, por exemplo, o *Münchener Historische Blätter* do ano de 1862: "O poder que os judeus conseguiram adquirir para si próprios com a ajuda da Maçonaria atingiu o seu auge. Existe uma sociedade secreta com formas maçónicas, que está subordinada a chefes desconhecidos. Os membros desta associação são maioritariamente judeus".

Mas estas e outras tentativas semelhantes de rebelião não ajudaram em nada. Porque a imprensa maçónica-judaica detinha o monopólio e podia dar-se ao luxo de simplesmente manter o silêncio sobre todas as tentativas de esclarecimento. Assim, muitas pessoas permaneceram até hoje na escuridão da ignorância sobre a atividade dos mais altos generais. São aqueles que procuram a "pedra dos sábios".

Compreende-se, afinal, que um maçom que procura indignar-se com os ataques contra a sua ordem, como, por exemplo, Findel na sua conhecida História da Maçonaria: ele vê nas obras de Eckert, Barruel, entre outros, hostilidades e acusações maliciosas, mas sem olhar mais de perto para as censuras. Não é necessário estar sempre de acordo com todos os pontos de vista dos investigadores citados, mas deve-se admitir que eles tinham previsto corretamente as tristes consequências inevitáveis das organizações secretas, apesar dos muitos esforços bem intencionados dos indivíduos. Findel ainda fala (1861) da "chamada" questão judaica. Mas, como homem honesto, mais tarde, compelido a isso por experiências amargas, ergueu bem alto a sua voz contra os judeus. Dizia então que o judeu vê todos os estrangeiros simplesmente como objectos de exploração", exigia a exclusão dos judeus da Maçonaria, pois sabia que eles eram "os nossos opressores". Hoje, o irmão Findel ver-se-ia despojado de todas as suas ilusões. Não pretendo negar que há pessoas seriamente empenhadas entre os maçons; só lamento que se deixem levar pelo nariz por pessoas que se devem contar entre os criminosos do mais alto calibre.

Conhecemos brevemente alguns homens, algumas correntes e métodos da maçonaria. Eles eram praticantes da mentira, do engano, do crime legalizado através de motivos alegadamente nobres. Este trabalho levou Ludwig XVI. O atentado contra o duque de Berry foi perpetrado por maçons, assim como contra Fernando, o rei de Nápoles, Francisco José da Áustria e Guilherme I da Prússia. O Imperador Leopoldo II foi vítima de envenenamento, Gustavo III da Suécia foi morto com um tiro de pistola de Ankaström, etc.

Através do filão, a revolução foi posta em marcha no seu tempo (no meio da participação mais ativa do cardeal judeu Neto, proveniente da Alsácia); a pedido da loja do arquiduque Fernando em Serajewo, dos maçons sérvios e do irmão Jaurès (também da Internacional vermelha, quando, de repente, sofreu dores de consciência e já não quis reter a verdade. Escreveu a 30 de julho de

1914: "Aqui, em França, trabalhamos com todos os meios para uma guerra que deve ser travada e especulada em Petersburgo..." Foi o seu último manuscrito. O assassino foi absolvido.

Assim, a conspiração de homens ambiciosos atravessa as décadas como uma fita terrível. "O povo deve pôr-se de lado". Sempre novas palavras, sempre novas promessas, novas leis são lançadas na multidão, os jornais leais explicam-nas na direção desejada, surge a "opinião pública". "Não se revoluciona uma terra através da paz." Daí a guerra, sob a liderança dos poderes do ouro, um passo em direção a uma regra superior.

Ensentin escreveu numa carta em 1859: "G., que acredita sempre na guerra, fez ontem uma visita, da qual veio esperançado. Eles acreditam sempre na guerra. Creio que Rothschild e os seus pares querem fazer tudo o que puderem para que seja isso a despertar a sua esperança".

Eckert diz já em 1852 na conclusão de uma das suas obras: "A ordem maçónica é uma conspiração contra o altar, o trono e a propriedade, com o objetivo de um reino de ordem social-teocrática sobre a totalidade da Terra e com sede de governo na Nova Jerusalém." Isto aconteceu literalmente, e a Nova Jerusalém está agora a ser construída! Guerra mundial, revolução mundial, república mundial, este é o programa a ser cumprido; o tão ansiado objetivo está à porta. O que está em causa é apenas o prestígio de certas personalidades e as questões disciplinares no seio da conspiração mundial. Os pré-requisitos estão lá, as consequências estão à vista. O Cardeal Manning fez a profecia com uma estranha agudeza num discurso em Londres, a 1 de outubro de 1877: "Há algo acima e por detrás dos imperadores e dos príncipes; esse algo, mais poderoso do que todos eles, far-se-á sentir, quando chegar a hora. Nesse dia, quando todos os exércitos da Europa estiverem enredados num conflito gigantesco, a revolução, que agora trabalha secreta e subterraneamente, verá a hora como favorável para ousar sair. Aquilo que se viu anteriormente em Paris, ver-se-á de novo em toda a Europa."

O trabalho há muito acalentado foi finalmente bem sucedido, ao ver a Alemanha cercada e derrotada aos pés da Maçonaria. A Itália foi arrastada para a guerra não pelas forças nacionais, mas também pela atividade do antigo educador do rei e depois Ministro da Guerra Ottolenghi (Ottenheimer), dos Grão-Mestres Ernesto Nathan e Sommino. Quando se tornou Ministro dos Negócios Estrangeiros, a posição da Itália era clara. O rei grego sucumbiu ao trabalho dos irmãos Venizelos e à ameaça do incómodo Jonnart (o emissário francês) de que Atenas seria comprada. O mesmo se passou na Roménia; a América do Norte começou por embolsar imensas riquezas, enquanto as forças das trevas em torno de Baruch e dos seus camaradas faziam todos os preparativos necessários para intervir na altura certa. Agora todos os judeus poderosos do ouro da América também estavam à disposição para esta guerra, que Oskar Strauss, ele próprio um hebreu, liderou cheio de orgulho; eles são os banqueiros G. Blumenthal, E. Meyer, Isaak Seligmann, W. Salomon, Philipp Lehmann (faltam ainda Löb, Schiff, Kahn, etc.); os grandes industriais A. Lewison, D. Guggenheimer; os rabinos Wise, Lyons, Philipson; os professores R. Gottheil, Holländer, Wiener; os jornalistas Franklin, Stransky, Beer, Frankfurter, etc. Strauss escreve no final da sua carta (ao embaixador francês): que está "entusiasmado" com os Aliados e diz que o sentimento dos judeus pela aliança (Aliados) pode ser caracterizado como quase unânime. Se, supostamente, os judeus ainda não estavam totalmente de acordo no início, então a confraternização tornou-se total quando os judeus "alemães" da América se juntaram aos Aliados.

Na primavera de 1918, chegou nomeadamente, acompanhada por triunfantes vozes da imprensa inglesa e americana, a notícia de que todos os alemães da América se tinham colocado do lado dos Aliados para lutar igualmente pelo humanitarismo contra o militarismo prussiano. Não se podia acreditar até ler as assinaturas na resolução: Schiff, Cohn, Cahn.

Podemos compreender duplamente o "entusiasmo" de que Oskar Strauss falou, se nos lembrarmos do discurso do judeu americano Isaak Markussohn, que proferiu em resposta ao discurso de Lord Northcliffe. O honorável Isaac disse palavra por palavra: "A guerra é um enorme empreendimento comercial, em que não é o heroísmo dos soldados, mas a organização comercial é a coisa mais bonita, e a América orgulha-se da situação comercial favorável que vive."

A América entrou na guerra com este "entusiasmo" pelos ideais da humanidade, coberto pelo manto de mentiras dos vãos demagogos. Depois seguiram-se outros Estados da América.

Não tenho competência para falar das certamente numerosas raízes e motivos movediços da Guerra Mundial, mas *uma* raiz parece-me inegável: a conspiração mundial sistematicamente dirigida por muito dinheiro judeu, encoberta por organizações secretas, e utilizando satanicamente as aspirações nacionais dos povos para a consolidação de um reino mundial supra-governamental.

Na colônia judaico-alemã não se ignorava isto, mas uma grande parte dos judeus alemães acreditava certamente, sobretudo os ricos, que o enfraquecimento da Alemanha seria suficiente para assegurar definitivamente o seu poder; a outra parte, que não tinha de ter em conta as perdas financeiras pessoais, deixou que o seu ódio contra a Alemanha se desenvolvesse sem entraves para bem dos Aliados e dos seus lacaios, apunhalou o exército alemão pelas costas através da revolução, após um sucesso suficiente da atividade subversiva, e, não sendo isso suficiente, colocou-se à frente da anarquia com a ajuda do dinheiro de Moscovo (Joffe, Radek-Sobelsohn) em todas as terras alemãs e impediu a intervenção contra ela. Deste género eram Luxemburg, Levien, Mühsam, Levinè, Haase, Cohn, etc.

O que separava os judeus "democráticos" dos "revolucionários" eram questões de tática e de egoísmo pessoal; o seu objetivo era o mesmo, ou seja, o domínio judaico na Alemanha. Mas para o alemão podia ser tudo a mesma coisa, quer a medula lhe fosse gradualmente sugada dos ossos, quer fosse imediatamente entregue à anarquia.

Este último foi o caso em muitos lugares e abriu os olhos de muitos alemães para a natureza da atividade judaica, sobre a qual os "democratas", de que o Sr. Frank Cohn falou em Nova Iorque, os mesmos que influenciaram mais decisivamente o destino da Alemanha até 1933, ficaram um pouco chocados. Porque se os olhos do Michel alemão se abrissem completamente, então o *furor teutónico* talvez já não pudesse dirigir-se contra "todos os alemães", "militaristas", etc., mas sim contra o espírito estranho que presumia guiar o destino alemão. (A realização chegou à Alemanha através da liderança de Adolf Hitler).

Após o anúncio das "condições de paz", ouviram-se subitamente melodias patrióticas da boca de estadistas judeu-alemães, e os jornais da floresta de jornais judeus cantaram uma canção patriótica. Esta indignação parece-me não ter sido adequada; pois os nossos judeus dificilmente poderiam exigir que os senhores do outro lado do canal e do grande lago pudessem refrear o seu ódio e ter consideração por eles, uma vez que o exército alemão, através das suas vitórias lendárias, quase demoliu os seus cálculos mais inteligentes de anos de trabalho. Mas eles já se vão acalmar; os "em Paris bem conhecidos" Sr. Warburg e Sr. Melchior já vão conseguir, correspondendo aos famosos modelos de tempos anteriores, conseguir proteger com sucesso o que é deles e deixar generosamente ao céu alemão a sua gestão.

## Sionismo

Em todo o âmbito da questão judaica internacional, destaca-se *um* fator que, especialmente no decurso da guerra, ganhou cada vez mais importância: o *sionismo*. Já nas últimas décadas do século XIX, os círculos judaicos brincavam com a ideia de transferir dinheiro para os seus emigrantes para se estabelecerem na Palestina. Desta forma, muitos judeus regressaram à sua antiga "pátria". Mas esta tentativa, apesar dos milhões de tostões sionistas recolhidos, não teve êxito. Porque os judeus não trabalhavam na Palestina, eram preguiçosos ou regateavam como de costume.

Como as propriedades adquiridas subiram de preço, a especulação imobiliária instalou-se, os colonos venderam as suas terras com vantagem e regressaram à Europa. Foi assim que Theodor Herzl se apresentou como pregador do sionismo político. A sua estratégia conseguiu interessar

amplios círculos para a criação do Estado judaico, pelo que, em 1897, no primeiro congresso, resumiu o seu programa na criação de uma "propriedade pública legal e garantida para o povo judeu na Palestina". Pouco depois, por instigação do Professor Dr. Schapira, de Heidelberg, foi fundada uma caixa nacional judaica. O colono judeu deixou de ser proprietário das terras que adquiriu, passando a ser apenas arrendatário; assim, foi retirado o tapete à especulação fundiária e os camponeses, apesar do grande apoio financeiro, foram, no entanto, obrigados a trabalhar, quer quisessem quer não. O importante é, acima de tudo, o facto de, no programa sionista, os judeus serem expressamente designados como povo. Sempre o foram, e de uma forma especialmente distinta; mas como eram simultaneamente cidadãos de todos os Estados, acharam por bem não enfatizar a consciência nacional. Pois sempre que se descobriam novas maquinações desagradáveis, barricavam-se atrás do "cidadão do Estado" ou da "comunidade religiosa" e refutavam então a incómoda pertença à raça judaica. Era o princípio antigo: se um judeu tivesse adquirido uma pequena honra, essa honra era desproporcionadamente exagerada pelos seus camaradas tribais como uma virtude judaica, mas se alguém se deparasse com o rasto de fraudes em massa de judeus (como hoje em dia), dizia-se que não se devia responsabilizar os judeus, que deviam ser vistos como cidadãos do Estado, como camaradas religiosos, mas não como um povo unificado. Os valentes caíram todos neste truque sem fundamento; como cidadão do Estado, o judeu podia fazer tudo o que não podia fazer como judeu.

Compreende-se, portanto, que esta ênfase aberta no ponto de vista nacional tenha sido muitas vezes embaraçosa para muitos judeus, tanto assimilacionistas como ortodoxos, e que estes tenham visto surgir à distância leis sobre estrangeiros. K. Blumenthal diz mesmo: "As tentativas de desnacionalização do século XIX apenas conduziram a uma camuflagem, através da qual os não-judeus não se deixaram, em geral, enganar, mas isso não é verdade, pois muitas pessoas inofensivas acreditaram na absorção dos judeus na consciência estatal alemã e na consciência nacional.

Por outro lado, o judeu Dr. F. Theilhaber provavelmente está certo, se ele pronuncia em texto em negrito no final de um trabalho a opinião: "Mesmo os líderes e defensores da visão puramente religiosa sentem instintivamente que mesmo os elementos que são indiferentes ao lado religioso do judaísmo e a todos os interesses políticos, económicos e éticos do seu ambiente, estão intimamente ligados à sociedade judaica pelo impulso físico."

E o Dr. A. Brünn disse na assembleia da "União Central dos Cidadãos do Estado Alemão de Fé Judaica", atrás da qual os judeus se escondem como "denominação" em todas as oportunidades, que os judeus alemães não podem "não ter um sentimento nacional alemão", e mais: "Por consciência nacional judaica entendo a consciência viva de uma ancestralidade partilhada, o sentimento de uma solidariedade de todos os judeus de todas as terras e a firme vontade de um futuro partilhado". Seria demasiado longo para iluminar tudo isto ainda mais detalhadamente; bastam as palavras de um dos sionistas mais influentes, o Dr. Weizmann: "A existência da nação judaica é um facto e não uma questão de argumentação."

Não se pretende fazer uma censura com esta afirmação, como muitos pensam, mas apenas constatar que os judeus devem ser vistos como um povo, que estão firmemente ligados através de federações mundiais ("*Alliance Israélite*", "*Anglo Jewish Association*", "*Jewish Congregation Union*", "*Agudas Jisrael*"), que têm interesses comuns e que sabem também alcançá-los através dos meios substanciais à sua disposição. Nenhuma pessoa minimamente honesta pode ainda contornar estes factos; mas daí decorre também a consequência impiedosa de que o judeu não pode ser um cidadão do Estado, em nenhum Estado.

Quando a guerra eclodiu, também os sionistas se viram em dois campos hostis. É possível que uma parte dos judeus alemães tenha inicialmente encarado a luta como sendo travada contra o governo russo anti-judaico, que os sionistas, em parte, tenham realmente acreditado que podiam equiparar os seus interesses aos da política oriental alemã; mas a impossibilidade deste ponto de vista tornou-se cada vez mais clara. Um judeu alemão, Lazar Pinkus, atreveu-se a exprimir esta constatação com as seguintes palavras "Uma comunidade judaica na Palestina não pode tornar-se

o ponto central dos interesses alemães no Oriente. O forte sentimento nacional do povo judeu garante a exclusão total de interesses especiais estrangeiros." Uma vez que a Turquia era um aliado da Alemanha, os sionistas não podiam exprimir abertamente o desejo de separação da Palestina, mas tinham de se contentar em obter direitos de colonização favoráveis e, numa primeira fase, excluir a questão dos temas de guerra, para mais tarde a colocarem em cima da mesa com mais energia. Todos os estadistas judeus acima mencionados apoiaram o Império Britânico como patrono protetor dos judeus. Ele próprio era apoiado por um Estado forte, que representava uma potência no Oriente, suficientemente forte para poder proporcionar aos judeus um máximo de segurança nacional. Agora a Inglaterra possuía o Egipto, a Índia, fortalezas na costa persa, faltava-lhe apenas a ponte terrestre entre estas terras, e a Palestina encaixava-se perfeitamente como elo da cadeia. A Turquia era também um inimigo, e prometer a sua terra ao povo judeu como território estatal significava adquirir a sua simpatia. Os judeus e os ingleses aperceberam-se disso cada vez mais, e as palavras do homem de sangue quente e simultaneamente político frio Th. Herzl provaram ser verdadeiras: "A Inglaterra, a poderosa e livre Inglaterra, que com o seu olhar abrange o mundo, compreender-nos-á a nós e às nossas aspirações. Com a Inglaterra como ponto de partida, podemos ter a certeza de que a ideia sionista será forte e se elevará mais alto do que nunca."

Em Inglaterra, o Dr. Weizmann, Nahum Sokolow, H. Samuel, S. e W. Rothschild foram os mais zelosos apoiantes da ideia: os sionistas viajaram de terra em terra, e foi-lhes prometido apoio em todo o lado. Várias associações judaicas opuseram-se, de facto, pelas razões acima mencionadas, à vertente nacional-política do programa, mas a carta aberta de Rothschild, na qual ele dizia ver como isso poderia ser prejudicial, uma vez que, naturalmente, os seus direitos devem ser preservados para os judeus nas terras, e também a carta de Lord Balfour a Rothschild, trouxeram sempre novos apoiantes ao sionismo.

Esta memorável epístola dizia o seguinte "O governo de Sua Majestade encara com benevolência a criação de uma pátria nacional na Palestina para o povo judeu e envidará os maiores esforços para facilitar a realização deste objetivo, ficando claramente entendido que nada deverá ser feito que possa infringir os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas existentes na Palestina ou os direitos ou a posição política dos judeus em qualquer outro país."

Na Rússia, a revolução eclodiu em março de 1917, e o comité central dos sionistas dirigiu-se ao embaixador inglês Buchanan com um discurso em que se destaca a seguinte frase: "Consideramos uma coincidência especialmente favorável o facto de, neste momento histórico-mundial, os interesses da nação judaica serem idênticos aos do povo britânico." Por isso, não se falava de interesses do Estado russo. O governo russo teve de engolir esta afirmação, pois estava sob a tutela dos Aliados.

Os corações dos sionistas alemães, que, de acordo com o testemunho de Lazar Pinkus, apoiaram avidamente o Gesamtpartei com dinheiro durante toda a guerra, bateram de alegria quando a declaração de Balfour se tornou conhecida. O "Jüdische Rundschau" escreveu em 10 de setembro de 1917: "Esta declaração do governo inglês é um acontecimento de extraordinário alcance", e em 26 de novembro de 1917: "Deve despertar uma verdadeira satisfação em todos os círculos judaicos sérios, dentro e fora da Alemanha, o facto de a Inglaterra ter decidido de forma tão clara o reconhecimento das reivindicações judaicas na Palestina: O "Lemberger Tageblatt" escreveu em 16 de novembro de 1917 sobre a "vitória diplomática do sionismo" e sobre a sua simpatia pela Inglaterra, etc.

Começaram agora as negociações para Canaã, mas as ofertas da Turquia não se aproximavam do preço que a Inglaterra fixara; os sionistas alemães, porém, que não podiam exigir tudo abertamente, contorciam-se e discutiam de um lado para o outro, pois o Reich alemão ainda não era tão poderoso que se pudesse entregar ao Sr. Balfour uma carta de agradecimento, como se tinha podido fazer impunemente na Rússia em relação a Buchanan. Mas, ainda assim, vemos o jogo trágico-cómico de um governo de 70 milhões de pessoas que se esforça por ter em conta os

desejos de uma nação minúscula que vive no seu seio, e não o contrário; e atreve-se a falar dos "cidadãos de denominação mosaica"!

Quando os ingleses conquistaram Jerusalém, o júbilo não teve fim. O "Mundo Judeu", o órgão das quatro federações mundiais judaicas acima mencionadas, escreveu: "A queda de Jerusalém e a declaração do governo (de Lord Balfour) transformaram a Inglaterra na maior potência judaica da Terra." Enormes congressos na América proclamaram a mesma alegria, e Nathan Strauss declarou que a Inglaterra tinha cumprido todos os desejos do povo judeu.

Seria então de pensar que, uma vez que todo o mundo judeu se tinha declarado a favor da Inglaterra, o comité sionista alemão teria de se dissolver ou de romper aberta e definitivamente com o grupo inglês (como cidadãos do Estado alemão); nada disso aconteceu. Mas o silêncio momentâneo ou as disputas não foram suficientes para as pessoas do outro lado da fronteira, os sionistas alemães foram acusados de "de apoiarem os interesses patrióticos alemães", "de tolerarem a assimilação judaica na Alemanha", etc., e um dos muitos judeus "alemães", o já citado Pinkus, que já não se sentia confortável na pele "alemã", baixou à proclamação "Não se pode assustar os sionistas com o facto de a ofensiva germano-turca poder expulsar de novo o exército inglês das montanhas da Judeia. Pode ser que sim! Um único grito de indignação atravessaria então os milhões de judeus e não pararia diante das fronteiras da potência central e da Turquia."

Afinal, o homem tinha de saber! Outro cidadão do Estado "alemão", o profeta do "Zukunft" ["Futuro"], Isidor Witkowsky, secundou-o com entusiasmo." Para milhões de pobres, para centenas de milhar de judeus que progrediram para o direito de propriedade, o anúncio de Balfour teve o toque claro de uma mensagem confirmada do Messias: o dia permanece um dia que nunca será expurgado da história mundial, que ouviu a decisão da Grã-Bretanha de empregar todo o poder do Império para a causa judaica."

Os pogroms judaicos tinham agora começado em muitos Estados e o congresso sionista de Londres tinha decidido responsabilizar os Estados em que ocorriam pelos danos e obrigá-los a pagar dinheiro de apoio aos sobreviventes das vítimas da perseguição. O governo "alemão" do Reich, com o objetivo de preparar o congresso de paz, ocupou-se ocasionalmente da questão judaica, foi naturalmente suficientemente modesto para prescindir do seu próprio ponto de vista e aceitou totalmente os estatutos da resolução sionista de Londres. Que outra coisa se poderia fazer, uma vez que os líderes, Landsberg e Preuss, eram eles próprios da tribo de Judá!

Mas o melhor da tragédia-comédia alemã foi o facto de um líder judeu, o Sr. Melchior, fazer parte da delegação que deveria representar os interesses alemães em Versalhes. Ficou claro para o alemão o que isso significava? Na verdade, o discurso de homenagem dos judeus russos foi inofensivo comparado com este facto.

O pior de tudo é que muitas pessoas, aparentemente muito corajosas, não o sentiam de todo como terrível. Mas começou a surgir gradualmente noutras cabeças a percepção de que Martinho Lutero se tinha pronunciado energicamente: "Sabei e não duvideis que, ao lado do diabo, não tendes inimigo mais amargo e mais venenoso do que um judeu." (E, em 1936, os árabes insurgiram-se contra os judeus que afluíam à Palestina sob a proteção da Inglaterra. Para a *sua* proteção, dezenas de milhares de soldados ingleses tiveram de ser mobilizados).

## **A Revolução Russo-Judaica**

"Não vos ocorre a ideia compreensível de que os judeus, que sem vós são cidadãos de um Estado que é mais firme e mais poderoso do que todos os vossos, se também lhes derdes direitos civis nos vossos Estados, espezinharão totalmente o resto dos vossos cidadãos?" Com estas palavras calorosas, baseadas numa profunda visão histórica, Fichte dirigiu-se, há 100 anos, à nação alemã. Foram ditas ao vento, sem que se imaginasse a fúria que representa uma raça unida,

cega pelos slogans da igualdade humana, o dogma da tolerância sem limites saiu vitorioso em todos os parlamentos.

A tolerância para com o estrangeiro, o hostil, era considerada uma conquista da humanidade superior e, no entanto, não passava, como ensina a história do século <sup>XIX</sup> e do século atual, de uma rendição cada vez maior de nós próprios.

O europeu confiante tinha dado ouvidos com demasiada ingenuidade a estas tentações, que apareciam camufladas com as palavras de sereia da liberdade, da justiça, da fraternidade, e os frutos desta subversão são hoje evidentes. E, de facto, tão nitidamente evidentes que mesmo a pessoa mais imparcial, que não faz ideia das inevitáveis ligações históricas, deve tomar consciência de que a sua confiança permitiu que prosperassem líderes astutos e eloquentes, que não tinham em vista o seu bem-estar, mas sim a destruição de toda a moralidade laboriosamente adquirida. A revolução russa dá-nos a verdade, tornada verdade sangrenta por isso, de cuja maldição de acontecimentos os jornais liberais e judeus mantêm um silêncio que contrasta estranhamente com o seu outro alarido; os jornais de direita, no entanto, durante a guerra suprimiram a data que falava uma linguagem tão clara para preservar a frente interna. A tomada de coragem chegou demasiado tarde para eles: na Alemanha, os judeus tinham-se tornado os líderes da ideia anti-alemã.

Passemos aos factos da revolução russa. Não há dúvida de que todo o povo russo ansiava pelo fim do regime czarista. Quem quer que tenha sido testemunha deste tipo de governo, tem de reconhecer que a agitação da iniciativa própria, tanto na área económica como na comunal e intelectual, foi muito refreada, que o governo de um oficialismo podre era repressivo. Assim, toda a Rússia se sentiu como que libertada de um pesadelo, quando a notícia do derrube do Czar correu do Mar Báltico para o Oceano Pacífico. A consciência reprimida do cidadão do Estado apareceu por todo o lado com um poder que não se poderia considerar possível, e os dirigentes acreditaram ter todas as razões para olhar com otimismo para o futuro e esperar poder resolver pacificamente as questões em aberto. Mas não tardaram a surgir forças centrífugas sob a forma de conselhos de soldados.

Estes conselhos de soldados, que se formaram em todas as cidades, mesmo que já estivessem há muito preparados, eram, no entanto, na sua reunião, de natureza bastante espontânea. Na confusão das condições, os ardilosos conspiradores conseguiram rapidamente ganhar acesso e, com truques demagógicos, conquistar os trabalhadores para os seus objectivos, como lacaios obedientes e, mais tarde, como aríetes da revolução. O presidente do decisivo Conselho de Trabalhadores e Soldados de Petersburgo foi inicialmente um delegado anterior da Duma, o Grusiner Tscheidse. Pertencia à ala moderada da social-democracia, renunciando ainda a exigências excessivas e impossíveis de satisfazer, mas puxando repetidamente o tapete ao governo, que, no sentido nacional russo da época, ainda queria exigir a necessária defesa do território e a guerra. Mas não tardaram a surgir forças centrífugas. Como conselheiro especialista do Conselho de Petersburgo, apareceu de repente um bolchevique chamado *Steklow*, uma personalidade bastante desconhecida. Uma vez que, na altura, não era invulgar que as pessoas se reunissem com o governo como representantes oficiais que só se conheciam por pseudónimo, este *Steklow* foi obrigado a mostrar o seu passaporte. Estava registado em nome de *Nachamkes*! O proprietário era, como nunca ninguém duvidou, um judeu. *Nachamkes* conduzia como personalidade inatacável uma política demagógica inigualável, apelava à paz e à liberdade, prometia ajuda aos irmãos alemães, pão e um regresso feliz a casa depois de todos os esforços da guerra. Em março de 1917, todos os soldados se tinham comprometido a levar a guerra até ao fim vitorioso e, mesmo mais tarde, o estado de espírito geral não era de modo algum abatido. Tendo em conta este estado de espírito e a fim de se colocarem em todos os partidos, vários judeus russos vindos de todos os cantos do mundo actuaram como aparentemente moderados e tornaram-se líderes dos partidos menos tempestuosos - assim, os líderes dos *Menschiwiki* (como os Socialistas da Maioria Alemã), *Bernstein-Koggan*, *Lieber*, *Dan*. Por outro lado, porém, impediram a todo o momento o governo de intervir contra a agitação bolchevique, cada vez mais forte.

A alma desta corrente foi incontestavelmente o judeu Leo Bronstein (Trotzki). Já envolvido na revolução de 1905, fugiu do país, viveu em Espanha como correspondente do jornal socialista "Djenj", depois viajou para Nova Iorque, onde se apresentou nos subúrbios como pregador comunista. Logo após a eclosão da Revolução Russa, partiu para a Rússia e tornou-se rapidamente uma força motriz do bolchevismo destruidor.

Os Kalmucks-Tartar Lenine (Uljanow) lutaram aqui na linha da frente. O que ainda pode ser visto como uma ideia no bolchevismo, isto brota da sua mente, a fé de muitos trabalhadores russos, e de modo algum a pior, foi-lhe devotada. É retratado pelos seus primeiros conhecidos como uma pessoa que vive totalmente no círculo mais estreito dos seus dogmas, que é inamovível ao ponto de ser um hotentote. Como terceiro homem na liderança de três homens funcionava o judeu Sinojew, este último presidente da Internacional de Moscovo de 1919. Através da energia e da falta de escrúpulos demagógicos de Trotzki e Sinojew, o bolchevismo tornou-se uma empresa predominantemente judaica.

Que o bolchevismo russo era e continua a ser um bolchevismo, disso não há qualquer dúvida. Viajei pela Rússia de 1917 a janeiro de 1918, de Petersburgo à Crimeia, e tenho de constatar que (posso excluir muitas coincidências) onde quer que aparecessem bolcheviques nas universidades, em reuniões de rua, em conselhos de trabalhadores, 90 em cada 100 eram judeus. Além disso, encontrei-os com o jornal "Prawda" (o órgão bolchevique) debaixo do braço, na Crimeia, em hospitais militares de campanha (a Crimeia estava cheia deles), e muitos relatórios da frente não permitiam que se destacasse quase nada para além das forças de subversão judaicas. Apesar de tudo isto, não teria o direito de considerar estas observações pessoais como típicas do movimento bolchevique, se factos independentes delas não testemunhassem a mesma coisa.

Na Alemanha, comete-se o erro de considerar o bolchevismo como uma necessidade russa. Bem, seria evidente, afinal de contas, se após a libertação de uma restrição os estímulos represados se soltassem com força dobrada. Mas, de um modo geral, há que dizer que a necessidade do *assassínio em massa* que se seguiu não existiu, a não ser que a genuína ideia russa de Tolstoi: não ser capaz de resistir ao mal, tenha produzido as suas consequências.

Para além do governo paralelo dos conselhos de trabalhadores de Petersburgo, tinha-se formado em Kronstadt uma república especial de marinheiros. O fraco governo negociou com os amotinados como se se tratasse de um poder com direitos iguais, pelo que foi possível que, em junho de 1917, vários milhares de marinheiros, incitados e liderados por um estudante judeu do Instituto Politécnico de Riga, o infame Roschal, subissem o Newa para derrubar o governo. A revolta armada fracassou e os líderes mais importantes, Bronstein (Trotzki), Rosenfeld (Kamenew), Nachamkes (todos judeus) foram presos. Mas não por muito tempo. Graças à energia de Lieber, foram rapidamente libertados, pelo que a exigência se fez naturalmente em nome da liberdade: os bolcheviques, afinal, só tinham lutado pelos seus ideais, e há que respeitar essa convicção. Daí se conclui que é bom deixar os irmãos trabalharem em muitos partidos.

Agora é que a subversão começou de facto. A resistência moral dos soldados estava naturalmente desgastada pelos três anos de guerra, pelo que não é de admirar que os homens preferissem ouvir a sirene da paz que lhes prometia liberdade, terra e pão do que a ordem para atacar.

Kerenski, o novo Ministro-Presidente, não conseguiu salvar a situação. Muito se tem escrito sobre a sua personalidade, muitos na Alemanha viam nele um judeu, outros um imperialista russo, o terceiro um puro idealista. A imagem que o Prof. Freytagh-Loringhoven dá de Kerenski aproxima-se certamente mais da verdade. O seu pai era diretor de uma escola secundária e a sua mãe (alegadamente) filha de um general. Por conseguinte, era oriundo dos círculos da intelligentsia e era um típico representante de uma grande categoria do seu centro. Quem faz o "Idiota" de Dostojewski, encontra no príncipe Myschkin a sua desconcertante semelhança (mas depois de lhe ter sido retirado o traço místico e brilhante), logo tímido, logo ardente de idealismo, depois vaidoso na oratória, depois megalómano, oscilando entre dois princípios. Tal como Myschkin não sabia qual das duas mulheres amava, Kerenski também não sabia se devia seguir a

sua doutrina marxista ou o sentimento nacional. Depois de manobras mais do que ambíguas, acabou por aterrar onde a glória barata como orador floresceu para ele. Mas os seus discursos históricos não pararam a exaustão, o congresso dos soldados reuniu-se em outubro de 1917 e, à revelia do governo, exigiu que os exércitos deitassem fora as armas.

A história deste congresso é muito instrutiva. Todas as questões de natureza social e política deveriam ser respondidas no congresso, mas a maior parte dos exércitos russos, tendo em conta a situação militar iminente, rejeitou as questões políticas naquele momento. Isto não impediu de modo algum os bolcheviques mais zelosos: reuniram todos os seus representantes, o alferes Abrahamow (Krylenko) instalou-se na cadeira do presidente e emitiu proclamações e decretos em nome do exército russo, sem autorização e sem poderes. As tentativas de Kerenski para reprimir esta audácia falharam redondamente: a guarnição de Petersburgo, desmoralizada pela inatividade e abastecida com dinheiro de uma fonte misteriosa (estava-se convencido de que era [dinheiro] alemão, uma vez que o judeu Fürstenberg-Ganzezki de Estocolmo tinha comprovadamente transferido grandes somas para o conselho de soldados de Petersburgo), colocou-se do lado do seu doador de dinheiro e, no início de novembro de 1917, derrubou o último governo russo. Também é característico o facto de nenhum russo do lado oposto ter falado na última sessão do pré-parlamento formado [Vorparlament], mas sim, sem exceção, judeus!

A vitória dos bolcheviques estava assim decidida, e agora os judeus já não se podiam conter: deixaram cair a máscara e erigiram um governo russo quase exclusivamente judeu.

Lenine era quase o único não judeu entre os comissários do povo, por assim dizer, o cartaz russo da empresa judaica; mas, em termos de carácter, era sem dúvida o mais forte. Quem eram os outros? Aqui estão apenas os nomes que mostram abertamente o inegável domínio judeu. O já mencionado Bronstein (Trotzki), a alma do terror vermelho, tornou-se Comissário de Guerra e Comissário para os Negócios Estrangeiros; Comissário para a Cultura Lunatscharski, Comissário para o Comércio Bronski, Comissário para a Justiça Steinberg, Comissário para o Combate à Contra-Revolução o monstro Moses Uritzki. Milhares de pessoas foram levadas para a sua prisão, na infame Gorochowaja n.º 2, e foram mortas sem julgamento. (Comandante supremo de todos os exércitos, depois de uma grande asneira de Krylenko, o judeu Posern. Presidente do Conselho de Trabalhadores e Soldados de Petersburgo, Sinowjew, do Conselho de Trabalhadores e Soldados de Moscovo, Smidowitsch, do Conselho de Charkow, Rosenfeld (Kamenew); a delegação de paz em Brest-Litowski era composta por Bronstein (Trotzki), Joffe, Karachan (arménio) e era judia até ao datilógrafo. O primeiro mensageiro para Londres (que levava aos seus irmãos de sangue, provavelmente, notícias felizes) foi o judeu Holtzmann, e os judeus brotaram do chão como cogumelos como representantes do governo soviético em todos os países. Em Berna, o embaixador "russo" chamava-se Dr. Schklowsky (foi expulso com todo o seu pessoal), em Christiania Beitler, em Estocolmo Worowsky, e o demasiado conhecido Josse foi delegado em Berlim. As negociações subsequentes sobre os tratados complementares de Brest-Litowski foram dirigidas, do lado "russo", por Worowsky, a quem estavam subordinados cerca de 12 judeus e judias e dois ou três letões. A tudo isto juntaram-se os grandes agitadores dos jornais bolcheviques, comissários provinciais e outros altos dignitários.

Cito os líderes judeus mais importantes: Marow (pseudónimo Zederbaum), Gussew (Drapkin), Ssuchanow (Gimmer), Sagerski (Krachmann), Bogdanow (Silberstein), Gorew (Goldmann), Wolodarski (Cohen), Swerdlow (presidente do conselho executivo supremo), Kamkow (Katz), Mjeschkowski (Goldberg), Rjasanow (Goldenbach), Martinow (Simbar), Tschernomorski (Tschernomordkin), Pjatnizki (Sewin), Abramowitsch (Rein), Ssolnzew (Bleichmann), Swedesditsch (Vonstein), Litwinow (Finkelstein, o "negociador de paz" com os Aliados), Maklakowski (Rosenbljum), Lapinski (Löwensohn), Bobrow (Nathanson), Axelrod (ortodoxo, também "esteve ativo" em Munique), Garin (Carfeld), Glasunew (Schultze), Mrs. Lebedew (Simon), Kamenski (Hoffmann), Naut (Ginzburg), Sagorski (Krachmaljnik), Jagojew (Goldmann), Wladimirow (Feldmann), Bunakow (Fundamenski), Larin (Lurrje), etc. Mais tarde, só os judeus se sentavam nos bancos e muitas vezes os judeus de 20 anos dirigiam departamentos

inteiros nos ministérios. Quem quer que se visse obrigado a ir lá, deparava-se com senhores com nomes russos e rostos judeus... Houve várias mudanças de pessoal, mas o princípio da seleção foi sempre o mesmo: assegurar aos judeus uma influência incondicional, trazer russos e letões (o apoio militar mais importante do regime soviético) apenas em pequena escala. Um velho dirigente dos revolucionários, Burzew, escreveu uma carta inflamada aos bolcheviques, na qual grita ao mundo a desgraça russa, que "personalidades moralmente capazes de difamação, de roubo e de assassinio" provocaram. Ele expõe a traição de bandidos sem escrúpulos contra o operário russo e os camponeses do mundo, que ainda vêem neles "idealistas", e condena de forma concisa e clara a sua demagogia e falsidade.

"Durante meses pareceram", escreve Burzew, "apoiantes da assembleia nacional; mas expulsaram-nos após a primeira sessão. Sempre declamaram apaixonadamente contra a pena de morte, e agora são eles que a elevam a sistema. São partidários declarados da justiça dos linchamentos; todos os seus decretos terminam com a ameaça de fuzilamento. Eram partidários da liberdade de imprensa e revelaram-se, no entanto, censores e perseguidores da imprensa de uma gravidade que a Rússia ainda não conheceu. Eram opositores das prisões e são os seus mais zelosos fornecedores. Sem investigação e sem veredito, prenderam milhares de pessoas. Falaram de paz, mas trouxeram apenas o ouvido, que se espalhou por todo o país. Escandalizaram-se com a diplomacia secreta, mas introduziram na sua diplomacia um secretismo que não conhecíamos nem no governo czarista." Sob o signo da fraternidade e da paz, os bolcheviques atraíram multidões incautas e lançaram-se imediatamente num ódio furioso contra tudo o que era "burguês" e, em breve, numa chacina sistemática e numa guerra civil, se assim se pode chamar a esta matança unilateral. A intelligentsia russa, que durante décadas tinha lutado pelo povo russo e que, por esse bem-estar, tinha ido para a força ou para o exílio, foi imediatamente assassinada sempre que se podia deitar-lhe a mão. Kokoschkin e Schingarew, que se encontravam gravemente doentes no hospital, foram traiçoeiramente assassinados. Depois, os assassinos ficaram naturalmente impunes. Não é possível apresentar tudo aqui, mas tudo o que se sabia sobre a Rússia correta foi impiedosamente executado. Os operários e os camponeses foram levados tão longe que já não havia retorno para eles, tornaram-se criaturas fracas do tenaz domínio judeu, que queimou todas as pontes atrás deles. O verdadeiro núcleo do Exército Vermelho era incondicionalmente fiável, os outros recrutas eram mantidos sob a mais terrível disciplina.

O recrutamento era feito da seguinte forma: um comissário chegava à respectiva aldeia e proclamava a convocação militar de todos os homens com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos. Se esta proclamação não fosse obedecida incondicionalmente, aparecia a chamada expedição de castigo, que disparava sobre toda a aldeia, incluindo mulheres e crianças. Uma vez que esta ação foi muitas vezes executada sem piedade, todos os homens recrutados apareceram até ao último homem. Desta forma, e sobretudo através dela, o governo judeu mantém-se, pois sabe bem: o ódio ainda impotente da população poderia tornar-se terrível, se não fosse diariamente contornado. Segundo as datas de "Prawda" ("Verdade"), o jornal oficial, em três meses foram fuzilados mais de 13.000 "contra-revolucionários". Mas pode-se observar, e todos os relatórios mais recentes concordam com isso, que o ódio contra os judeus na Rússia, apesar de todo o terror, atrai círculos cada vez mais amplos. Os russos mais dóceis e mais tolerantes estão agora tão saturados dele como o anterior funcionário czarista. Se o atual governo cair, não restará nenhum judeu vivo na Rússia; podemos afirmar isso com toda a certeza; quem não for morto, será expulso.

## **O espírito judeu!**

### **O Talmude**

Se quisermos formar um juízo sobre a natureza do espírito judaico, temos necessariamente de voltar àquelas palavras que são a expressão mais monumental do mesmo e que, ainda hoje, como foi dito, são veneradas por dois terços de todos os judeus como absolutas e invioláveis: o Talmude.

Já foram ditas algumas coisas sobre ela, nomeadamente, as suas leis morais foram brevemente mencionadas. Agora quero iluminar alguns outros aspectos. E mesmo que seja repugnante ter de o pôr no papel, não se deve evitar, se se quiser ver o que pode haver num "livro religioso".

É nomeadamente estranho que os nossos contemporâneos considerem o Talmude como um livro religioso, contra o qual lutar é retrógrado e revela intolerância. Mas se lermos os inúmeros textos, ficamos espantados por não encontrarmos quase nada de religião, pelo menos no que entendemos por religião. Não aparece ali nenhuma ideia metafísica, nenhuma busca de solução para o enigma da vida, nenhuma imagem que possa ilustrar o nosso segredo, nenhuma suposição, nenhum mistério. Tudo é evidente e claro. O mundo foi criado do nada pelo deus dos judeus, o povo que é suposto governar o mundo e a quem tudo o que foi criado pertence por direito. Este é o fundamento "religioso". Para além dos absurdos moralizantes e da grosseria, as mesquinhasias provêm de uma patologia de insanidade arrogante que se resistiria a levar a sério, se não saíssem da boca dos rabinos venerados pelos judeus. Alguns exemplos disso: "Quando Salomão estava no corpo de sua mãe, começou a cantar uma canção, como está escrito em Pf. 103, 1: "Louva a minha alma o Eterno, e as minhas entranhas o teu nome sagrado". "Quando mamou no peito de sua mãe e observou os seios, começou a cantar uma canção V, 2: "Louvai a minha alma, o Eterno, e não esqueçais todas as suas boas acções"". Segundo o rabino Abahu, as palavras "todas as suas boas acções" querem dizer que Deus colocou os seios dela no lugar da razão, ou que ele (Salomão), como Jehuda, quer dizer não ver o lugar da vergonha, ou, segundo R. Mathna, que ele não mama num lugar sujo.

Gn, 2, 22: "E o deus eterno construiu a costela. Rab e Samuel têm opiniões diferentes sobre este facto. Segundo um, era o rosto (a partir do qual se formava algo), segundo o outro, era um pénis. De acordo com este, é correto, pois está escrito Pf. 139, 5: 'Frente e verso, tu me formaste', mas o que quer dizer a passagem, segundo aquele que supõe que era um pénis?"...

R. Gamliel: Um dia, todas as mulheres darão à luz, pois está escrito Jer. 31, 8: "A grávida e a parturiente juntas" Um dia, as árvores darão frutos diariamente, pois está escrito "Ezech. 17, 33: 'Brotará ramos e dará frutos'".

R. Jeremias: "O primeiro ser humano tem dois rostos, Sl 139, 5: "Frente e verso, tu me formaste".

R. Samuel: "Porque é que as palavras de Thora foram comparadas com a gazela?" "Para vos dizer: 'Assim como a gazela tem um corpo esguio e parece ao seu macho tão querida a cada hora como na primeira, assim também as palavras da Thora são tão queridas aos seus guardiões como na primeira hora'".

R. Eleazer: "Se está escrito Dt. 6, 5: "Deves amar o Eterno, o teu deus, com toda a tua alma, porque é que ainda se diz, com toda a tua fortuna?", e se está escrito: "Com toda a tua fortuna, por que diz com toda a tua alma?". Quer dizer-vos que há muitos seres humanos a quem o seu corpo é mais caro do que o seu dinheiro, por isso diz: "Com toda a vossa alma", e ainda, que há muitos seres humanos a quem o seu dinheiro é mais caro do que o seu corpo, por isso diz com toda a vossa fortuna". O facto de a fortuna ser tomada aqui no sentido literal de dinheiro vivo é característico, assim como o facto de não se falar da alma, que se ama mais do que o corpo e o ouro.

R. Papa: "Se alguém comeu ou bebeu de tigelas ou jarros emparelhados, como é que se evitam as más consequências? Pega-se no polegar da mão direita com a mão esquerda e no polegar da mão esquerda com a mão direita e diz-se assim 'Tu e eu somos três'. Mas se alguém ouvir dizer: 'Tu e eu somos quatro', deve dizer: 'Tu e eu somos cinco, etc.'"

Está escrito Jona 2, 1: "O Eterno disse despachou um peixe para devorar Jona. Porque diz, afinal, o versículo 3: e Jona rezou ao Eterno a partir do ventre do peixe e falou: "Chamei o Eterno

desde os meus confins...". Não há dúvida; talvez o peixe grande o tenha cuspido e o peixe pequeno o tenha devorado".

R. Meir: "Onde é que se pode provar que até os embriões no corpo da mãe começaram a cantar uma canção? Porque está escrito Pf. 68, 27: "Nas assembleias, louvai a Deus, o Senhor, desde a origem de Israel".

Por causa da sarna, soprava-se na trombeta no sábado. Mas nós aprendemos: Se outros castigos tiverem sido despertados e cobrirem tudo, por exemplo, sarna, gafanhotos, moscas, então não se sopra, mas grita-se (reza-se a Deus)? É uma questão curta, trata-se apenas de saber se a sarna está húmida ou seca.

Rab Jehuda disse: "Só se coloca no Sinédrio um homem que saiba explicar o réptil puramente (através de inferências) a partir da Tora. Rab disse: "Eu sou capaz de explicar puramente através de inferências. Se uma cobra, que mata e aumenta a impureza, é pura, então, em relação a um réptil que não mata e não aumenta a impureza, o decreto de que é puro é certamente válido"! Isso não é defensável, pois ela (a cobra) é apenas como um trono (que pode nos matar e ainda assim é puro).

Está escrito em Êxodo 8, 2: "E a rã subiu e cobriu o Egito. De acordo com R. Eleazar, era apenas uma rã, mas multiplicou-se e encheu toda a terra do Egito. Os Tannaiten têm opiniões bem diferentes sobre o assunto. R. Akiba diz: "Era apenas uma rã e encheu toda a terra do Egito". Então R. Eleazar ben Asarja falou com ele: "Akiba, o que é que tens a ver com a Haggada? Só lá estava uma rã, mas ela assobiou para as outras e todas vieram".

Deixo de lado esta petulância espirituosa, que basta para demonstrar de forma tangível a desolação do espírito. Mas há ainda um ponto que deve ser sublinhado. As questões sexuais ocupam muito espaço em todas as discussões, já vimos alguns exemplos. Não com uma sensualidade natural, também não com a imparcialidade objetiva de um higienista, mas com a luxúria repugnante de velhos carecas, que não se satisfazem suficientemente com a representação de performances sexuais. A caneta resiste a escrever estas mensagens, mas não há mais nada a fazer para refutar a acusação de injustiça.

R. Chama: "Quem arma a sua cama entre o norte e o sul, recebe filhos do género masculino", como está escrito Pf. 17, 14: "E com o teu tesouro, enche-lhe a barriga, terás filhos em abundância".

Três coisas são uma representação do mundo futuro: o Sabbath, o sol e o serviço. Quais? Querer-se-ia dizer: o serviço da cama (relações sexuais), isso enfraquece, sim? Só que é o serviço das aberturas femininas que está em causa.

A mulher é um tubo cheio de sujidade, cuja boca está cheia de sangue.

R. Jochanan: "Toda a mulher que tem relações sexuais com o seu marido tem filhos, como não havia no tempo de Moisés".

As mulheres dos incultos são escumalha e sobre as suas filhas está escrito Dt 27, 21: "Maldito aquele que se deitar com qualquer gado".

Quem se ocupar com a Thora na presença de uma pessoa sem instrução será visto como se estivesse a dormir com o seu noivo.

Os rabinos ensinaram: "Quem tiver relações sexuais numa cama onde dorme uma criança, fica com crianças epiléticas".

A pergunta foi dirigida a Ben Soma: "Pode um sumo-sacerdote tomar uma virgem que está grávida, ou não se deve considerar o que Samuel disse: 'Posso deitar-me com muitas virgens sem sangue', ou talvez não aconteça o que Samuel disse? Ele respondeu-lhes: "De facto, o que Samuel disse não acontece, mas é de recear que talvez ela tenha engravidado num banho. Mas, afinal, Samuel disse: "Todo o fornicador cuja semente não dispara como uma seta não engravida...". Só ele pode, afinal, ter sido anteriormente como uma seta que dispara".

Os anciãos disseram: "As pessoas que têm sémen, os leprosos e os que coabitam com mulheres menstruadas podem ler no Pentateuco, nos profetas e nas histórias de vida dos santos, mas só é proibido aos homens que têm sémen".

Elia: "Porque é que o Messias não vem? É que agora é Jom Kippur, posso deitar-me com tantas e tantas virgens". Então Rab Jehuda perguntou-lhe: "O que é que o santo diz então?" Ele respondeu: "Ele disse com Gen. 4, 6: "O pecado repousa diante da porta". "E o que é que Satanás diz?" Ele respondeu: "Satanás não tem poder no Jom Kippur".

R. Simeão: "Uma prosélita que tenha menos de três dias e um dia de idade é adequada para o sacerdócio (isto significa que o sacerdote pode deitar-se com ela)", pois está escrito Rum. 31, 18: "E todas as crianças entre as mulheres que não tiveram relações com um homem, deixai-as viver para vós". Um jarro torna uma mulher bonita, dois feia, aos três ela exige (sem castidade) com a boca, aos quatro ela leva o burro ao mercado (para sua satisfação).

R. Johanan: "Nascem crianças coxas, porque os pais invertem a mesa (a cama durante o coito); nascem crianças mudas, porque beijam esse lugar (os órgãos genitais); nascem crianças surdas e mudas, porque tagarelam na hora do coito; finalmente, nascem crianças, porque olham para esse desporto".

R. Jochanan: "O órgão de procriação de R. Ismael era tão grande como um tubo de seis Kab". R. Papa: "O órgão de procriação de R. Jochanan era tão grande como um tubo de cinco Kab, de acordo com outros como três Kab". O órgão de procriação de R. Papa era tão grande como um cesto dos habitantes de Harpania.

Cada malfeitor (Simri) deitou-se neste dia 424 vezes (as mulheres Medianitas) e Pinchas esperou por uma durante tanto tempo que a sua energia enfraqueceu. Pinchas não sabia que o rei forte (deus) estava com ele. Foi ensinado numa Boraitha: "Ele deitou-se com ela 60 vezes até que ele se tornou como um ovo podre e ela como uma cama cheia de água".

Estes exemplos podem ser suficientes para evidenciar visivelmente o carácter estrangeiro do espírito judaico. Como é possível que produtos de tal carácter, transmitidos, discutidos, zelosamente preservados durante milénios, possam ser apresentados como um livro de religião e moral? É preciso decidir claramente aqui, de uma vez por todas, que o que está estabelecido no Talmud surgiu de uma natureza hostil a nós. Trata-se de uma propriedade especificamente judaica. "Uma coisa é certa", diz o judeu Dr. Bernfeld, "que o ensinamento verbal está intimamente ligado à tribo judaica, é perna da sua perna e carne da sua carne". E o historiador judeu M. Kayserling chega mesmo a elogiar o Talmud como "a mais esplêndida" obra vista em milénios, que não se encontra em nenhuma literatura. Todos os hebreus pensam assim.

É provável que não tenha existido um ser humano mais paciente, nem tão inclinado a esbater e a negar as diferenças individuais no carácter das pessoas, como Tolstoi. Em interminável repetição, ele pregou (nomeadamente nas suas cartas) a igualdade de pensamento na China, na Índia, na Judeia, na Europa. Mas quando deixou o seu castelo aéreo, construído a partir do dogma da igualdade humana, e olhou mais de perto as obras dos homens, o grande homem chegou a resultados diferentes. Ao estudar o Novo Testamento, segundo relata, foi para ele como para um caçador de pérolas, que lança a rede à procura de músculos preciosos, mas que, ao mesmo tempo, atrai lama e sujidade, das quais tem primeiro de as extrair. "E assim encontrei, ao lado de um espírito cristão puro, um espírito estrangeiro, sujo, judeu".

Schiller está, com o maior respeito, perante muitas figuras do Antigo Testamento, nomeadamente perante a personalidade de Moisés, mas já distingue com instinto seguro (sem um conhecimento mais profundo das ligações reais) entre a "indignidade e baixeza da nação" e os "serviços do seu legislador". Ele chama aos judeus um "recipiente impuro e vil", no qual, no entanto, algo precioso foi armazenado, que mais tarde poderia amadurecer "em mentes mais brilhantes", um "canal impuro" através do qual o mais nobre de todos os bens, a verdade, foi trazido até nós, que, "no entanto, quebrou assim que cumpriu o que deveria".

Para Goethe, o contraste entre os judeus actuais e os seus "antepassados aborrece-nos". Os dois grandes homens tinham, portanto, um sentimento dividido em relação ao passado judaico. Mas isto tem de se dispersar, se, como sabemos hoje, os grandes homens do passado hebraico não foram de todo os antepassados dos actuais judeus, que a judiaria é um produto muito posterior.

Também Moisés (já o nome não é hebraico), de acordo com as representações egípcias, é um sacerdote egípcio fugitivo de nome Osarsiph.

Não, o judeu não foi "quebrado", o canal foi completado na sua formação desde o exílio, sim, mesmo antes, apenas se tornou mais forte e mais distinto.

Esta resistência instintiva de Tolstoi, Schiller, Goethe, para citar apenas alguns grandes homens, deve ser sentida por todos os que se aproximaram dos produtos do espírito judaico e conservaram ainda o sentimento natural: os exemplos do Talmude acima referidos devem estimular isso. O judeu declarar-nos-á, de facto, "ultrafilisteus", o que, segundo Abraham Geiger, somos até ao fim; pelos sucessores, Graetz, continuaremos a ser marcados como o "mais limitado de todos os povos", mas isso não nos deve incomodar.

## O espírito técnico

Examinemos brevemente a estrutura do espírito judaico.

É de facto vergonhoso, mas não deixa de ser verdade, que o conceito de cultura continue a ter um carácter muito vago nos grandes círculos e seja alargado acriticamente a quase todas as manifestações da vida. Hoje em dia, o caminho de ferro e a poesia, o avião e a filosofia, o aquecimento central e a religião pertencem à cultura; é necessária aqui uma separação metódica. O termo cultura deve ser entendido apenas como as expressões de um ser humano, que são o resultado (seja ele sentido ou pensado) ou uma visão do mundo. A isto pertencem a religião, a filosofia, a moral, a arte e a ciência, na medida em que não seja puramente técnica. O resto é comércio, economia, indústria, quero designá-lo como a tecnologia da vida. Para mim, parece-me ser agora um importante ponto de vista sobre a natureza do espírito judaico, se lhe chamarmos um espírito esmagadoramente técnico. Em todas as áreas que considero pertencerem à tecnologia da vida, ela, como vimos, sempre esteve ativa com uma energia tenaz e com grande sucesso. Mas mesmo quando a cultura nasce, é apenas o lado exterior, o lado técnico da mesma nas suas várias formas, que ela imprimiu ou adquiriu. Isto requer alguma explicação.

A moral, por exemplo, baseia-se num sentimento que repousa no nosso íntimo, na voz "suavemente audível", segundo Goethe, "o que deve ser feito e o que deve ser evitado". Na sociedade humana, exprime-se em mandamentos morais e leis estatais; são a tecnologia da moralidade. Quanto mais claro e mais seguro for o sentimento do certo e do errado enraizado num povo, menos ele necessitará de uma complicada tecnologia jurídica, mais cultura anímica possuirá. É por isso que é um juízo totalmente enganador ver na lista minuciosa de acções ordenadas e proibidas da vida quotidiana uma expressão que emana de uma moralidade elevada.

Muito pelo contrário: é um sinal de que a tónica da moralidade não está no interior do ser humano, antes deve ser determinada de forma puramente externa, sendo determinantes a recompensa e o castigo pela sua observância. E aqui é característico do espírito judaico o facto de a simples moral do bem e do mal ter conduzido a um emaranhado de leis e a comentários que duraram séculos. Só para o Sabbath, há 39 parágrafos de actividades proibidas, Moisés terá recebido 365 proibições e 248 mandamentos no Monte Sinai. Mas foi sobre esta base que a lei judaica começou por ser construída, com milhares de regras de comportamento que devem ser seguidas com o maior rigor. Aqui já não se trata da expressão de um sentimento moral, mas apenas do conhecimento e do domínio de regras técnicas. "Quem conhece a lei, é virtuoso", diz Jesus Sirach. E Bernhard Stade, um investigador que, apesar de tudo, é favorável aos judeus, relata: "Falta a ideia de medir as acções segundo o seu conteúdo ou segundo o sentimento de que emanam... As acções são julgadas de forma diversa, sobretudo, segundo tenham sido praticadas em Canaã ou não, limitando-se a israelitas ou a estrangeiros". Temos aqui os primórdios do Talmud posterior, que, nesta perspectiva, não é mais do que um aparelho técnico muito complicado, com a ajuda do qual todas as questões devem ser resolvidas. Mas como o domínio

deste instrumento exige uma grande resistência, mesmo entre os judeus não eram muito numerosos os homens que, a cada passo da vida (quer se trate da sinagoga ou da casa de banho, é sempre a mesma coisa), tinham à mão uma citação de Moisés ou do Talmude. Estes adeptos da lei eram então também as pessoas mais veneradas, o seu nome penetrava em todas as terras habitadas por judeus, a erudição dominava por si só. Tão grande era a estima pelo conhecimento enquanto tal, que mesmo um goy instruído tinha muitas vezes de ser visto como um ser humano. Se o pai Samuel proibia o ser humano (isto é, o judeu) de se associar com o goy, disse Meir: "O ser humano deve ter três bênçãos em cada dia, a saber, que Deus não me fez um goy, uma mulher, e que não me fez um ignorante", então declarava-se possível, afinal, manter relações com um goy culto.

Mas há que assinalar uma distinção fundamental entre conhecimento e saber. Pois poder-se-ia facilmente constatar que os índios teriam um conhecimento acumulado, que só poderia ser dominado após décadas de trabalho, e teriam então um espírito relacionado com o judeu. Depois, é de notar que o conhecimento do índio emanava da ânsia de conhecimento da ligação ao mundo e que, mais uma vez, se dirige para um conhecimento purificado e simbólico, que este conhecimento apenas servia como meio para um objetivo que se estendia para além do mesmo. O judeu, ao longo de toda a sua história, rejeitou a busca do conhecimento de si mesmo, evitou qualquer ideia metafísica como uma doença infecciosa e perseguiu as poucas excepções que flertaram com a filosofia. O conhecimento da lei era um fim em si mesmo para o judeu.

Este espírito técnico, que transformou o sentimento moral num sistema de proibições e de mandamentos, que, na sua monstruosa confusão e na sua esgrima sem espírito com espelhos, não tem igual na literatura mundial, é necessariamente anti-metafísico, caso contrário não poderia ter surgido de todo. Um espírito dirigido para o exterior deve ter uma resposta para tudo, uma vez que interiormente não sente nada sem fundo, infinito. Mas uma força formativa pertence mesmo a esta visão, então necessariamente estreita, da vida. E para isso, o espírito judeu não forneceu muito mais do que a eterna tautologia: deus é deus.

Em terras estrangeiras, o judeu aprendeu pela primeira vez algo sobre Deus como criador do universo, sobre os mitos desta criação, sobre a queda (do homem), sobre o princípio bom e mau, sobre a imortalidade da alma.

No confronto com as ideias estrangeiras, o espírito judeu mostrou a sua individualidade característica. As imagens e os mitos tornaram-se anedotas nas suas mãos, a tentativa de ilustrar uma experiência interior foi interpretada como um facto histórico material. A partir da Queda do Homem, o símbolo sumério-acadiano de um acontecimento espiritual tornou-se um relato histórico, a serpente não era mais do que uma serpente, a maçã era realmente uma maçã, tudo era um caso quotidiano. Quando os judeus ouviram dos persas falar da imortalidade da alma humana, quando ouviram falar do Salvador do Çaoshinaç, que iria redimir o mundo do poder do princípio do equilíbrio para estabelecer um reino dos céus, no qual entrariam não só os piedosos, mas também, ainda que após duros castigos, todos os inúmeros pecadores, então ele captou deste princípio de amor redentor do mundo apenas a ideia do Messias que governa o mundo. O reino de Deus tornou-se um estado de escravatura, no qual os judeus governariam como tiranos. O mito da criação do mundo tornou-se para os judeus o ponto principal da sua visão do mundo posterior; encerrou a sua visão da vida para sempre. O seu ingrediente era o facto de ter sido criado a partir do nada. Em todo o caso, os judeus estavam agora plenamente informados sobre tudo: o deus judeu cria um dia o mundo a partir do nada, existe para nos servir e, no reino vindouro, dará o domínio sobre todos os povos. Vê-se, a imagem completa-se, a visão é lógica.

Uma antiga canção indiana diz o seguinte

*A orelha sobe, abre-me o olho*

*A luz no meu coração torna-se viva*

*O espírito atrai a procura para as grandes distâncias!*

*O que é que devo dizer e o que é que devo compor?*

Não é como se uma asa do infinito, com estas palavras dos cantores indianos, fizesse um amplo bater de asas e se elevasse de todas as restrições terrenas? Ou se a melodia na conclusão de uma das mais antigas palavras filosóficas sobre a criação do mundo termina assim:

*Ele que fez este mundo ou não,  
Ele sabe-o ou é melhor não o saber?*

Mais uma vez, termina com uma pergunta. Estes pressentimentos da eternidade são a realização do espírito, que como milagre prematuro vive no homem, do "espírito sábio e sem idade". O índio sente dentro de si algo de eterno, vê-se perante um infinito, não pode fechar-se a todas as portas do espírito. O espírito judeu, no entanto, tem medo de tais conceitos, se eles o confrontam. O Antigo Testamento é testemunha disso. E Juda Halevi, talvez a personalidade mais simpática que o judaísmo produziu, exprime-se poeticamente, interiormente arrepiado, do seguinte modo

*Não me deixes cair na tentação da sabedoria grega,  
Que não dá frutos, no máximo floresce,  
E o seu conteúdo? "O universo não foi criado  
Antes de tudo três, rodeado de mitos".  
Escuta com avidez as suas palavras. Tu regressas,  
O pénis na boca, o coração vazio, insatisfeito.  
Por isso procuro canções na estrada de Deus  
E evitou o caminho da falsa sabedoria.*

O judeu não pode compreender o mito e o símbolo, mas se os adopta, eles tornam-se a magia mais selvagem (ver o Sohar, a Cabala), é por isso que Cristo e o ensinamento do reino celeste, o "interior em nós", lhe são repulsivos, ele sente aqui o mais forte ataque contra a sua natureza. Já vimos como o Talmude fala de Jesus", mas é importante sublinhar que também os autores judeus, que não pensam de forma estritamente talmúdica, não têm opiniões diferentes sobre este ponto. De facto, nem sempre se encontra ódio, pelo menos não pronunciado, mas sempre uma total incompreensão em relação à personalidade de Jesus. Todos defendem que Cristo não foi de modo algum o portador de uma nova moral, tendo apenas adotado os ensinamentos do grande Sinédrio, nomeadamente de Hillils, o presidente do mesmo; as diferenças entre ele e os fariseus são histórias maliciosas posteriores, etc. Todas as reservas da erudição judaica são utilizadas para o efeito. Alguns exemplos da grande literatura. O rabino *Josef Eschelbacher* diz: "Tal como para a doutrina de Deus, também para os mandamentos do direito, da moral e da caridade, o Antigo Testamento foi e continua a ser a principal fonte do cristianismo". Infelizmente, é esse o caso, mas Cristo está inocente disso. Ele confronta intencionalmente a tradição transmitida de forma hostil: "Ouvistes que foi dito aos anciãos, mas eu digo-vos..." "Filhos do demónio, raça de serpentes e de víboras". O facto do ódio milenar contra Cristo é já a prova mais infalível de que a natureza judaica se conhece longe da personalidade de Cristo. Mas será que devemos continuar a agitar a bandeira do Antigo Testamento? Não, enquanto os nossos filhos tiverem de venerar as histórias fabricadas pelos arqui-suínos de Jakob, Labão, Judá como documentos de religião, enquanto o espírito do Pentateuco e de Hesequiel voar nas nossas igrejas, ainda não terá nascido uma religião à nossa altura. "Os evangelhos não são, pura e simplesmente, uma doutrina religiosa independente e internamente consistente", diz o mesmo rabino, "Jesus nunca pôde e nunca quis fornecer tal coisa. Um cristianismo sem a base sólida do Antigo Testamento flutua no ar e foge num nevoeiro fugaz, mudando de forma uma e outra vez".

Mais uma vez o medo judaico de uma figura não calçada com botas espanholas, e mais uma vez não se fala de religião como imagem do interior humano, mas sim de leis técnicas, fundamentos, etc.

Segundo o rabino Bäck, não há nenhuma característica boa de cujo profeta o judeu não tenha aparecido; ele tem sido o pregador da reverência, a ideia de dever, de lealdade e de humanitarismo provém dele, a abnegação de sentimentos, a tolerância para com aqueles que pensam de forma diferente sempre estiveram à vontade com o judeu... Tudo isto é apresentado com o embelezamento de algumas passagens do Talmude bem sonantes retiradas do contexto: o judeu aparece na sua maior glória. Segundo Bäck, a força de Jesus reside apenas no facto de se ter dirigido exclusivamente aos judeus. Caso contrário, o sábio rabino não considera necessário mencionar Cristo. Se olharmos mais de perto para a sua obra, verificamos que Kant e Goethe, meio compreendidos, se apresentaram como padrinhos, cujas ideias foram depois atribuídas aos judeus segundo o método testado. Como é que Goethe já advertia contra um outro rabino (Mendelsson): "Oh, pobre cristão! Como será mau para ti, se ele tiver gradualmente girado em torno de ti as suas pequenas asas de ligação." *Abraham Geiger*, uma das maiores autoridades do judaísmo liberal, também não fala bem do cristianismo: "As ideias e os sentimentos do cristianismo são muito vagos, estão em conflito com todas as certezas populares, de modo que não podem enraizar-se nelas, meros fantasmas que negam a vida real, sonham com uma vida sem carne imaginada, alargam o abismo entre o espírito e o corpo, de modo que vêem a felicidade na sua destruição". Esta passagem deve ser lida com atenção, pois contém em poucas palavras toda a visão judaica do mundo. Porque o cristianismo resiste ao povo judeu, está "em conflito com todas as certezas do povo".

Compreende-se, pois, que o homem da Galileia, "viveiro fértil de jorros supersticiosos", apareça ao Sr. Geiger sob uma luz única. "Não podemos negar a Jesus uma profunda interioridade, mas de ideias novas... de uma grande obra de reforma, não há qualquer vestígio. Encontramos em Jesus uma estranha mistura de clareza de razão, nebulosidade espiritual e fanatismo, tal como encontramos frequentemente em homens deste género, e depende simplesmente das circunstâncias, se uma seita desaparecida ou uma federação religiosa duradoura se desenvolve a partir do aparecimento de tais homens".

Por isso, Cristo pertencia de facto a um sanatório.

Mais claro e mais honesto é Hirsch *Graetz*, que vê em Jesus o "recém-nascido com a máscara da morte"; isto já lembra um pouco a linguagem do Talmude. E o talmudista de hoje não deixa nada a desejar na clareza da sua forma de expressão. O Dr. *Lippe*, cujos escritos como "Os sábios espanhóis" devem ser lidos (Dr. Bursin), escreveu também nessa altura, no ano de 1897: "Há cerca de 1.900 anos que um governador romano de origem alemã, de nome Pôncio Pilatos, mandou assassinar milhares de judeus, entre os quais se supunha haver também um que o povo ariano, muito depois da sua execução, promoveu a deus. Pelo assassínio deste homem-deus, os arianos derramaram desde então numerosos rios de sangue judeu, sem o terem ainda vingado após 60 gerações... A Igreja zela para que o símbolo da cruz-galo não se afaste do seu objetivo original (o assassínio)". Estes diferentes níveis de discurso dos sábios judeus revelam uma incompreensão tão abismal que não nos podemos cansar de chamar a atenção para o perigo que um espírito judeu, se é admitido como efetivo no seio de uma comunidade cristã, deve necessariamente trazer consigo, quer queira quer não. (Para além do ambiente germânico, ainda mais estranho.) *Zunz* chamou ao judeu o grilo da sua alma. Ora, o judeu não se livra deste "grilo", mesmo que seja batizado dez vezes, e o resultado necessário da sua influência é sempre e em todo o lado o mesmo: desespirtualização, descristianização, materialização.

É esta a percepção que se retira da história do espírito judaico. Da religião, da filosofia surgem os manuais técnicos; mesmo os grandes homens não fazem exceção. Sujeitamo-nos ao esforço de ler o *Moreh Nebukim* de Maimonides, uma obra gigantesca, de uma erudição tremenda, mas tão desprovida de uma verdadeira grandeza de alma e de espírito. Muitos citarão também Spinoza. Mas, segundo Jowett, já não há dúvidas de que Spinoza deve todas as suas verdadeiras ideias ao intelecto de dois homens: Descartes e Giordano Bruno. Como genuíno técnico judeu, ele conseguiu a obra-prima de levar esses opostos a um denominador comum e uni-los num "sistema" sofisticado. O facto de ele ter conseguido fazer isto mostra que eles não compreendiam

ambos. Mas o facto de Spinoza ter flertado com o panteísmo de altar trouxe-lhe, naturalmente, a mais amarga hostilidade dos judeus da época; mas, no processamento do mesmo, ele era um judeu tal como um rabino. Ele assegurava candidamente que tudo podia ser explicado da maneira mais cómoda, sem ter de aceitar um mistério, um segredo. *J. Freudenthal* reclama-o então, com razão, para o judaísmo, o Dr. *Spiegler* também o faz. Classifica o filósofo de "assimilacionista" e tenta mostrar que devemos todo o conhecimento aos judeus. Spinoza é, por isso, "o maior de todos os filósofos", o "maior herói da filosofia da era moderna", Mendelssohn "enobreceu a língua alemã e, através das suas obras, popularizou a filosofia, através da qual esta se desenvolveu até um florescimento nunca antes imaginado", ele "formou, através da sua direção elevadora, a nação alemã para a filosofia", etc. Se olharmos com atenção para o seu *Gallimathias*, aprendemos mais com ele do que com muitas obras anti-semitas.

Tal como na moral e na religião, o espírito judeu exprime-se também na ciência e na arte. Os judeus gabam-se de ter dado à ciência, ao longo de todas as épocas, um grande número de homens excepcionais, especialmente na área da medicina. Quase todos os reis, dizem eles, tinham um médico judeu, em quem podiam confiar mais do que nos seus colegas cristãos. Embora seja incontestável que a influência natural que um médico exerce sobre uma pessoa doente tenha sido um forte incentivo para esta profissão por parte dos judeus e tenha aberto um vasto campo de especulação, tendo sido também utilizada em toda a sua extensão, queremos, no entanto, presumir que a medicina teve também outro interesse para os judeus. Seria então de esperar que tivessem sido eles os primeiros a estabelecer a anatomia científica. Mas ainda falta muito. O impulso irreprimível para a investigação que encheu um Leonardo, que o obrigou, sob risco de vida em caves subterrâneas, a estudar a estrutura miraculosa do corpo humano e a explicar as suas funções através de desenhos de uma exatidão fenomenal, que ainda hoje não foi ultrapassada, a sua visão brilhante, as ideias criativas de Descartes, de Copérnico, tudo isso não encontra contrapartida entre os investigadores judeus. Apesar de todo o conhecimento, falta a intuição brilhante, a energia criativa. Desde Kant, distinguimos entre entendimento e razão. Por um, entendemos a capacidade de combinar os dados fornecidos pelo sentido numa imagem e de os ligar sob a forma de causalidade; mas o outro, a capacidade de ligar estes juízos da razão numa união. O entendimento cria o conhecimento, a razão cria a ciência, o conhecimento moldado. Mas mesmo que a razão, por outro lado, tenha resumido o dado, ela é, no entanto, ativa espontaneamente, na medida em que estende os seus sentidos como ideia audaciosa e condutora. A ideia do átomo, a lei da conservação da energia, a teoria do éter, não são, afinal, coisas que qualquer idiota possa inventar, que também não podem ser facilmente provadas lógica ou empiricamente, são tentativas de avanço da razão criativa, a "imaginação sensual exacta", como lhe chamou Goethe. São tentativas de avanço da razão criativa, da "imaginação sensual exacta", como lhe chamou Goethe.

É então difícil delinear com toda a nitidez a esfera do espírito judaico. Ele sempre dominou a área da ciência que é preenchida apenas com a razão. A falta de imaginação e de busca interior, que na religião e na filosofia condena o judeu à infertilidade, aparece então na ciência. Nenhuma ideia científica criativa saiu da mente de um judeu, em nenhum lugar ele mostrou novos caminhos. De facto, os talmudistas ainda hoje tomam os antigos rabinos sob a sua protecção e afirmam que eles "já há milénios" se dedicaram às ciências e anteciparam muitas descobertas modernas. O Dr. Lippe, por exemplo, diz que está escrito no tratado *Berachoth* que quem coloca a sua cama de norte a sul concebe filhos do género masculino. Ele tinha lido recentemente a mesma coisa num livro de medicina! No Talmud é ainda mencionado que centenas de gerações já tinham vivido antes de Adão; este facto foi então comprovado pela antropologia mais moderna. Adão não era, de todo, a encarnação do primeiro ser humano, mas sim, sem dúvida, uma personalidade histórica. Além disso, as descobertas modernas tinham provado que uma pessoa que se dedica a uma única ciência sofre de problemas de estômago, mas quem se dedica a muitas fica nervoso. Os antigos rabinos também sabiam disso. Pois está escrito: "A maior parte dos académicos morre de doenças do estômago. Se o erudito fica nervoso, então é a sua iluminação (inteligência) que o

agita. Ben Soma e Ben Asai ocuparam-se, para além da doutrina da lei, também com a ciência filosófica, e ambos ficaram nervosos."

Outro zeloso talmudista, o Dr. med. *Kornfeld*, provou "estritamente cientificamente que a circuncisão altera de tal forma o organismo humano que só a pessoa circuncidada é capaz de absorver o ensinamento". Tal coisa é ensinada, impressa, acreditada por dois terços de um povo que hoje quer convencer o mundo atual de que é indispensável! Se estes são os resultados "brilhantes" do espírito investigador judeu, então não se pode resistir a um sorriso perante a platitude tão ingenuamente exibida. Quando o espírito europeu desperto, do norte da Itália à Inglaterra, da Espanha à Polónia, defendia o livre pensamento e a investigação, e quando os homens criativos ensinavam, através de ideias pioneiras, a questionar a natureza, ainda não havia campo de atividade para o judeu. E quando os homens que navegavam à volta do mundo se atreviam a viajar para longe, quando os descobridores do mundo inventavam aparelhos espantosos para perscrutar os céus e decifrar as leis do cosmos, o judeu, tal como no tempo de Salomão, ocupava-se com o comércio de cavalos, a usura e, na melhor das hipóteses, com a lógica da divisão de cabelos de Inglaterra à Áustria. Nunca se encontrou nele a disposição do espírito para procurar a amplitude e a profundidade, que Balzac designou mais tarde de forma tão bonita, quando lhe chama um poder que obriga um erudito germânico a andar cem milhas para olhar nos olhos de uma verdade que se ri dele.

## O século <sup>XIX</sup>

Mas a essência da investigação científica muda no século <sup>XIX</sup>. Se, graças aos esforços de homens abnegados, a ciência foi levada até ao ponto de se encontrar na pista das leis fundamentais do cosmos, juntou-se agora um motivo, que anteriormente podia destacar-se menos: a utilização técnica, direta, promovendo o processamento do conhecimento acumulado. O homem começou a tornar-se cada vez mais escravo da sua criação, a máquina, a tecnologia foi ganhando cada vez mais espaço na vida. E isto significou a brecha através da qual o judeu mergulhou na nossa cultura! Goethe tinha-o previsto, quando fez falar Wilhelm Meister: "A maquinaria que está a ganhar vantagem assusta-me; ela rola como uma tempestade, lentamente, lentamente, mas tomou a sua direção, virá e baterá." E bate diretamente no coração. Hoje em dia, já nos tornámos tão animalizados que o valor de uma ideia é avaliado apenas pela sua utilidade prática. Por isso, segue-se a valorização da personalidade.

Se no século <sup>XIX</sup> também havia mentes brilhantes a trabalhar (quem quereria negá-las com Faraday e Mayer), então multidões de trabalhadores qualificados e perseverantes poderiam, no entanto, trabalhar no campo da ciência. Schiller dedicou a seguinte frase a Kant e aos seus comentadores:

*"Mas como é que um único homem rico alimenta tantos mendigos!  
Se os reis constroem, os cocheiros têm trabalho".*

Reis que construíram onde estavam Kant, Goethe, Mayer, Cuvier, Müller, Baer e muitos outros, não havia um único judeu entre eles. Mas eles espalharam-se de tal forma entre os trabalhadores, graças à sua imprensa, que ganharam tanta influência, que conseguiram suprimir qualquer rei. São simplesmente comunistas em todo o lado. Se um professor Ehrlich é elogiado aos alemães pelos jornais judeus como um novo salvador (e quais não o foram até 1933?), maior do que Cristo, é proclamado como o maior génio do século, então isso é, para além da incapacidade orgânica de distinguir entre o grande e o pequeno, propaganda intencional para fins nacionais. Também um professor Jaques Loeb, que pesquisou a doença do patriotismo com muita diligência para a decifrar como uma sobre-estimulação dos tecidos, pertence, ao lado de todos os outros

homens da sua raça e tomado pelo seu espírito, àqueles que nos são eternamente estranhos. A tendência é também esta: transformar um princípio de investigação (o mecanismo) num dogma rígido do materialismo. Este objetivo foi quase alcançado.

Não se deve interpretar mal o que digo. Não afirmo de modo algum que o judeu seja o único culpado da materialização animaléscia da nossa vida, mas afirmo o facto de que ele colocou todo o seu poder em energia e dinheiro ao serviço de uma tendência totalmente exteriorizadora e também teve de o fazer de acordo com toda a sua natureza milenar. O carácter alemão, deixado a si próprio, teria rapidamente recuperado o seu equilíbrio; através do poder judaico na imprensa, no teatro, no comércio e na ciência, isso foi-lhe quase impossível. A culpa foi nossa, pois não se deveria ter emancipado o judeu, mas sim criar leis de exclusão intransponíveis para o judeu, como Goethe, Fichte, Herder exigiram em vão. Não se permite que o veneno fique à solta, não se lhe concede direitos iguais aos dos medicamentos, mas guarda-se cuidadosamente na caixinha preta. Isto aconteceu finalmente - após 2000 anos - no Reich Nacional-Socialista!

É natural que se diga o mesmo sobre o domínio da arte e sobre outros domínios da nossa vida. A característica, dirigida para o exterior, do nosso tempo também lhe imprimiu o seu cunho. Já o terno Wackeroder sentiu o seu espírito antecipadamente, quando escreveu: "Os mais recentes parecem não querer de todo que se participe naquilo que nos apresentam; trabalham para cavalheiros finos que não são enobrecidos ou tocados pela arte, querem antes ser cegados e fazer cócegas ao máximo."

Este cegar e fazer cócegas é hoje o grito de guerra, e por detrás dele está uma falange fechada, o espírito judeu. O negociante de arte judeu só pede hoje obras que possam estimular a sensualidade, o diretor de teatro judeu a mesma coisa e o editor o mesmo. Hoje, os nossos críticos judeus não procuram a vontade séria de formar, mas sim a técnica, a pretensão de uma obra. Os artistas judeus têm assim um canal favorável, pois onde a medida é externa, eles podem deixar-se ver. Por exemplo, o muito elogiado Max Liebermann nunca teria gozado deste reconhecimento há 300 anos. O homem tem o seu lugar na história da arte como vendedor ambulante de arte francesa, com o qual a sua importância também se esgota. Com efeito, a técnica dos seus quadros deveria ter, no máximo, arrefecido, mas não escondido o vazio interior. Quanto mais Liebermann envelhecia, mais superficiais e intencionalmente orientados para o efeito se tornavam os seus quadros. Os jovens judeus estão maioritariamente no campo do bolchevismo artístico, do futurismo. O facto de os representantes desta grosseria terem sido os que mais conseguiram relatar sobre a alma e as experiências interiores indescritíveis, acompanha a insanidade dos nossos dias até 1933.

Um exemplo típico do espírito artístico judaico são os virtuosos que percorrem toda a Europa. Cantores, violinistas, pianistas dominam o seu instrumento com a maior destreza, os actores desempenham os seus papéis com o maior fulgor, os diretores de teatro judeus dominam a técnica de palco com um requinte dificilmente ultrapassado. Mas, mais uma vez, todas estas crianças milagrosas judias, todos estes virtuosos, será que se tornaram artistas criativos? Tentaram forçar a qualidade através da quantidade e deram à arte meios para trabalhar o sensual. Mahler imaginou como ideal uma orquestra de mil vozes, Reinhardt abriu um circo de teatro com centenas e centenas de participantes. Tudo tinha de ser trazido para esmagar o público. Mais a fundo, outras pessoas trabalharam nas suas operetas e "êxitos", na publicação de romances de lixo e assim *ad infinitum*.

Um artista que não mencionei até agora e cujo nome pode ter passado pela mente de muitos, *Heinrich Heine*. Heine foi reconhecido como um dos judeus mais inteligentes, que, graças à sua "direção intelectual helenística", teve de ser capaz, como nenhum outro, de fazer justiça à alma europeia. Mas o que eu disse em geral, que é o exterior o único que pode ser compreendido e sobre o qual a ênfase é colocada, isso aparece para nós em Heine também. Para além do "Livro dos Cânticos", as suas obras podem ter sido esquecidas, mas seria bom olhar para elas com seriedade por uma vez; não para obter prazer, mas para ver como o sentimento e o pensamento europeus e especificamente alemães se reflectem na mente de um judeu talentoso, que, nascido na

risonha Renânia, sugou os contos de fadas e as sagas alemãs com o leite da sua mãe. Este homem cresceu, formou-se numa escola alemã, numa universidade alemã, estudou a história intelectual e a filosofia da Europa e escreveu os seus pontos de vista sobre ela em numerosos textos.

A primeira coisa que incomoda H. Heine é o cristianismo. Podemos ser sempre tão livres-pensadores, mas nunca um grande europeu falou com tanto desdém da manifestação de Cristo. O cristianismo é apenas a "via de abertura para a cultura europeia", de resto uma "ideia estudantil exagerada", e "a humanidade está farta de hóstias consagradas" e "tem sede de pão fresco e de carne bonita", é preciso abater grandes sacrifícios propiciatórios à matéria", pois "o cristianismo, incapaz de destruir a matéria, infectou-a por todo o lado. É preciso vestir as nossas mulheres com camisas e ideias novas, como se tivessem sobrevivido à peste".

Assim como a ideia do sobrenatural se desfaz numa inteligência judaica. Podemos até ter opiniões diferentes sobre a natureza do cristianismo. Mas a maneira como Heine se exprime mostra-nos uma disposição intelectual totalmente diferente da dos europeus. É o espírito da lei do Antigo Testamento. Heine fala de forma semelhante sobre a filosofia alemã.

Passa em revista a vida de Kant com uma piada: "A história da vida é difícil de descrever, pois ele não tinha vida (!) nem história (!)". A vida exterior de estrita simplicidade é para Heine o limite da compreensão, o dever silenciosamente cumprido, a reserva que não lava constantemente a própria roupa suja à vista de todos, como Heine gosta de fazer, é para ele um enigma. A visão que Heine tem do homem Kant, de cuja obra afirma saber que provocou uma revolução intelectual, estende-se ao velho solteirão com o pequeno cachimbo espanhol.

O facto de o divertido Heine atacar o estilo de Kant é evidente: "A este respeito, Kant merece mais censura do que qualquer outro filósofo...", diz ele, e acrescenta benevolentemente que, no entanto, ele tinha tido anteriormente "uma forma de escrever frequentemente divertida". Heine é capaz de explicar a si próprio que a forma escolar era adequada ao facto de Kant recluir que, de outra forma, a ciência perdesse alguma da sua dignidade. De facto, surge a ideia de que a linha de ideias de Kant exigia uma linguagem comedida, mas não, Kant é simplesmente um "filisteu". "Só um génio tem para a ideia nova também as palavras novas, mas Immanuel Kant não era um génio". Que o génio, acima de tudo, consista na ideia criativa, também não parece ocorrer a Heine, para ele, génio e suavidade exterior são essencialmente a mesma coisa. Não há muito a acrescentar a este ponto de vista, um génio como o que Heine imagina provavelmente nunca teria deixado Kant trabalhar a sério. - O facto de Kant ter provado que Deus não pode ser provado e ter estabelecido que a razão teórica deve limitar-se apenas ao domínio das ciências exactas, que a crença em Deus pode ser concluída apenas a partir da experiência interior, Heine vê nisso uma "farsa". "Tive de suspender o conhecimento para dar lugar à fé", diz Kant. E esta fé pura, não judaica e não histórica, nascida de experiências interiores, é o objetivo de Kant. Que Heine não tenha compreendido Kant, não é vergonha, aconteceu igualmente a homens maiores, mas *a forma como* o compreendeu mal e *como se* atreveu, sem qualquer justificação objetiva extensa, a entregar-se de preferência a piadas, é o que parece característico. Não é possível aprofundar aqui o assunto, mas, uma vez conscientes disso, encontramos por todo o lado o "cosmopolitismo filosófico", como lhe chamou Heine, a superficialidade, a suavidade técnica e o retrato em busca de efeitos, como lhe poderíamos chamar. O mesmo espírito vibra em "O Livro dos Cânticos", excessivamente apreciado pelas nossas senhoras de boudoir, e em "Romanzero". Um sentimentalismo gotejante, acompanhado de piadas obscenas, um retrato que se refere unicamente a si próprio, um eterno esforço para se colocar o mais alto possível. Se alguém tiver compreendido este espírito, não se deixará cegar, mesmo através de dezenas de poemas formalmente bem sucedidos. As imitações de Heine das canções de Goethe e do folclore alemão já teriam provavelmente sido esquecidas, se um dos maiores artistas não tivesse insuflado a estrutura vazia, Robert Schumann.

No que diz respeito ao tão popular "Loreley", é de notar que é a imitação quase exacta do poema de um conde alemão (Loeben). A forma como Heine imagina a vida e o espírito alemães,

vê-se no seu poema "Alemanha". Quem quiser saber como era ainda possível, nessa altura, um francês tornar-se interiormente alemão, deve ler Chamisso.

*Tu, minha querida pátria alemã, tens  
Deu-me o que pedi e ainda mais.*

*Não tenho de pedir, não tenho de me queixar  
Para vos agradecer de coração piedoso.*

Não posso apresentar em pormenor todas as transformações por que passou o espírito de Heine no processamento do pensamento europeu: logo se apresenta como protestante, depois como ateu, calunia da forma mais vil todos os intelectos que pensam de forma diferente, para, no final da filosofia europeia, renunciar a ela como estranha à sua natureza e incompreensível, e regressar conscientemente ao judaísmo. Apesar de todo o cosmopolitismo aparente, o seu carácter era mais forte do que toda a influência, todo o poder das ideias culturais europeias. No seu leito de morte, Heine disse: "Não preciso de regressar ao judaísmo, pois nunca o deixei". E sobre os judeus, julga como um rabino: "Moisés pegou na pobre tribo de pastores e criou a partir dela um povo grande, eterno, sagrado, um povo de Deus, que podia servir de protótipo a todos os outros povos de padrão, sim, a toda a humanidade: criou Israel!" E mais adiante: "O homem acreditava reconhecer o judeu, porque tinha visto as suas barbas, mas outros nunca apareceram, e tal como na Idade Média, são também na época moderna um mistério errante. Talvez seja revelado no dia em que os profetas predizem que haverá apenas um pastor e um rebanho e o homem justo, que esperou pacientemente pela salvação da humanidade, receba o seu glorioso reconhecimento."

São palavras que todos os europeus deveriam registar, sobretudo numa época em que a vaga judaica atingiu um nível sem precedentes e ameaça inundar tudo. Nelas vive o espírito do Talmude e a lei do Testamento, que diz: "Só para os vossos pais é que Deus teve o desejo de os amar e, depois deles, é a sua descendência, que ele escolheu de entre todos os povos".

Mas não posso negar-me a referir mais uma vez a relação de Heine com Goethe. É semelhante à do cristianismo e à de Kant: por um lado, finge-se cheio de grande respeito e vê nele um grande mestre, mas entre cada elogio lança os comentários mais superficiais, distorcendo a imagem de Goethe da forma mais grosseira.

Quando Goethe tratou os românticos com frieza e mais tarde os rejeitou sem rodeios, Heine disse: "Goethe pode ser gentil, mas deve a maior parte da sua fama a Schlegeln". "Só se ouve Goethe e sempre Goethe, apesar de aparecerem poetas que não lhe ficam atrás em energia e imaginação". Aqui soa em prosa o conhecido: "E se se nomearem os melhores nomes, então os meus também serão nomeados". O facto de Heine, que afinal se considerava um verdadeiro poeta, se comparar a Goethe, mostra já com uma clareza impressionante que ele não fazia ideia de que a poesia é algo mais do que um verso lamurioso.

"Goethe tinha medo", continua, "de qualquer autor independente e original e exaltava e elogiava todas as mentes insignificantes e mesquinhas: sim, levou-o tão longe que finalmente a carta de perdão da mediocridade era digna de ser elogiada por Goethe".

Acusa ainda Goethe de indiferentismo religioso, de não compreender o entusiasmo filosófico ou de não querer compreender para não ser arrancado ao seu "estado de espírito calmo", de ter tido medo de exprimir as suas convicções, de "se ocupar apenas com brinquedos de arte, anatomia, estudo das cores, botânica e observação das nuvens, em vez de se ocupar com os interesses mais elevados da humanidade". Heine diz ainda, pensativo: "O desdém de Goethe em entregar-se ao entusiasmo é tão repulsivo quanto infantil". Lê no "Fausto" que Goethe reconheceu a insuficiência do espírito ao inserir no Fausto a exigência de "prazeres materiais e da carne"; o divã oeste-leste foi um atirar para os braços da sensualidade e a fase final da arte poética de Goethe, etc. Assim continua, mas noutros aspectos, com o chapéu devotamente na mão.

O inimigo mais feroz de Goethe dificilmente poderia ter pensado numa imagem mais distorcida, e querer refutar Heine é supérfluo.

Se o grande Balzac tinha, ao mesmo tempo, admirado Goethe com reverência, se Carlyle tinha recebido Goethe com amor, se Taine tinha chamado a Goethe o espírito mais culto que alguma vez viveu, e um Dostojewski pôs na sua boca uma oração por Goethe onde dá expressão à sua grande admiração, então algo semelhante não aconteceu com Heine e não podia acontecer.

Schiller tinha dito: "Segundo a minha mais íntima convicção, nenhum outro poeta se aproxima dele (Goethe) em profundidade de sentimentos e em ternura dos mesmos, em natureza e verdade e simultaneamente em elevado serviço à arte... Mas não são os méritos do seu espírito que me prendem a ele. Se ele, como ser humano, não tivesse para mim o maior valor de todos aqueles com quem me familiarizei, então eu admiraria o seu génio apenas na forma... Ele tem uma elevada verdade e bondade na sua natureza e a maior seriedade para o certo e o bom, é por isso que os mexeriqueiros, hipócritas e sofistas sempre se sentiram mal na sua proximidade."

H. Heine pertence também a pessoas deste último género, que abriram descuidadamente as fechaduras da sua superficialidade. Podemos facilmente imaginar como Heine se sentiu quando visitou Goethe. À pergunta de Goethe sobre a sua atividade, Heine respondeu de forma importante que também ele estava a escrever um "Fausto". A resposta gélida de Goethe: "Não tens mais nada para fazer em Weimar?" Heine não terá superado isso durante toda a sua vida, e isso, para além da incapacidade orgânica, pode também ter sido uma das razões para o zeloso mimo de Goethe. Mas seria ir longe de mais se nos debruçássemos sobre o carácter de Heine.

Sei que me desvio um pouco da linha reta do tema, mas a natureza de um sentimento e de um pensamento revela-se nestes pormenores. Se os representantes de todas as nações da Europa vêm em Goethe o maior poeta e ser humano, então dois judeus, e dois dos judeus mais inteligentes, apostam tudo na distorção desta imagem humana. Um, Heinrich Heine, rebaixa-se ao opróbrio da cobardia moral, o outro, Ludwig Börne, diz, quando Goethe morreu: "Agora teremos finalmente a liberdade!". - Será que se pode realmente ficar sem palavras perante tais factos, se o maior de todos os alemães é suposto ser um covarde e um obstáculo à verdadeira liberdade? Não deveriam estas palavras fazer refletir todos os alemães? E deveria dar ainda mais que pensar o facto de a cidade natal de Goethe, Frankfurt am Main, ter erigido há pouco tempo um monumento a este Ludwig Börne?

Não, isso é o símbolo de uma tendência consciente ou instintiva. Mas esta tendência significa um combate a toda a "profundidade de sentimentos e ternura dos mesmos", como Schiller elogiou Goethe, e cujas palavras exprimem de forma igualmente bela a essência da alma europeia. E gostaria de acrescentar aqui as palavras de advertência de Goethe para todos aqueles que ainda dão valor à nossa cultura: "Não toleramos nenhum judeu entre nós, pois como poderíamos conceder-lhe uma parte da mais alta cultura cuja origem e tradição ele nega".

## **O carácter judaico**

### **Energia judaica**

É desagradável para a pessoa que escreve poder falar de coisas só depois umas das outras, que aparecendo juntas formam uma unidade. A direção e a natureza do espírito correspondem sempre ao motivo da personagem, determinado por ela. Uma personagem não se deixa retratar. "Em vão", diz Goethe, "nos esforçamos para retratar um ser humano, mas apresentamos os seus actos, e uma imagem do carácter nos confrontará". Tudo o que precede retratou tais feitos de natureza judaica; as conclusões devem ser tiradas aqui e depois ver se o que se mostrou da natureza dos judeus também entrou na esfera do seu auto-reconhecimento. Goethe disse: "Natureza judaica: energia, a razão de tudo: Goethe, como sempre, acerta no prego com uma agudeza maravilhosa.

A história do judeu, que me esforcei por desenhar em traços curtos, mostra uma tenacidade de carácter tal que quase nunca tivemos oportunidade de observar num povo.

As pessoas do século <sup>XX</sup> vivem uma existência em que as mudanças, as invenções, as novidades, etc., são inundadas; a multiplicidade e a mudança são os impulsos que determinam a nossa vida pública e também orientam o nosso pensamento. A vida atual trouxe consigo o facto de o tempo de lazer ser tão curto, de faltar a oportunidade de ver na multiplicidade a união e de se tornar cada vez menor a capacidade de olhar e compreender complexos maiores de acontecimentos mundanos. O homem prático, que só conhecia o presente e o avaliava, juntamente com o passado e o futuro, apenas na perspectiva de experiências pessoais coincidentes, foi quem deu o tom, e é difícil para nós fazer com que essa pessoa se aperceba de outras perspectivas. E, no entanto, temos de dizer a nós próprios que há poderes que, sem prejuízo do nosso presente fugaz, alteram de facto a sua aparência, mas na sua essência permanecem sempre os mesmos. A esses poderes pertence a vontade semita-judaica.

Não podemos explicar o fenómeno da energia judaica, devemos antes aceitá-lo como um facto historicamente comprovado. Espalhados por todas as terras, a vontade de vida nacional, excluindo tudo o resto, permaneceu sempre a mesma; hoje os judeus são significativamente mais numerosos do que na antiguidade. O que Schopenhauer decifrou como vontade cega e incondicional faz parte da natureza do judeu, em torno deste impulso, orientado unilateralmente em torno de tudo o que é terreno, estão agrupadas todas as capacidades e fraquezas. Dotado de uma compreensão prática, este impulso foi capaz de forjar todos os instrumentos para o seu domínio. O antigo mito do ouro, símbolo do poder mundial, tomou forma no povo judeu; o seu objetivo foi sempre orientado para este ouro como meio de servir a vontade de poder de forma satisfatória. Teve de renunciar ao talento para a imaginação divina, bem como à criação da arte mais elevada, foi incapaz de compreender uma ideia de deus cósmico (o deus dos judeus é ainda hoje um deus nacional), foi incapaz de cunhar ideias científicas e foi incapaz de amar. "Só quem renuncia ao amor alcança o poder", diz Wagner. Ele teve de renunciar a este amor, uma vez que pretendia a subjugação. O fundamento básico [Wesensgrund]: o condutor desenfadado, o objetivo: o domínio do mundo, os meios: o sentido astuto de praticidade e energia.

O judeu deve ser interpretado a partir destes três pontos. As suas leis morais, a sua falta de escrúpulos, a sua falta de imaginação, a sua voracidade, a sua astúcia, a sua cientificidade técnica [Wissenschaftlichkeit], o seu trabalho político, etc., tudo pode ser atribuído a ele.

Acompanhámos isto historicamente em Portugal e em França, mas vimos esta natureza do judeu aparecer sempre e em todo o lado, observámo-la no Talmude, encontrámo-la a maquinar na Maçonaria, a conspirar na Internacional com a sua revolução lunática de asilo e o desencadear de todas as pulsões. Neste momento, o judeu elevou-se, em todos os povos; e isto por necessidade. Já disse anteriormente: o princípio livre da moralidade dos povos coloca um obstáculo no caminho de todos os povos para a pulsão incondicional, mas o judeu obtém através da sua doutrina moral, que sanciona esta pulsão em relação a todos os não-judeus, um impulso energético sem igual. Em tempos de falta de inibições, o homem mais sem escrúpulos deve empurrar para o topo, especialmente se todas as outras habilidades são adaptadas a ele. Por isso, o judeu é sempre e em todo o lado o portador da ideia de destruição.

A energia dos judeus é então um traço de carácter especificamente semita. Os semitas conseguiram impor aos povos subjugados ou enredados, com fogo e espada, com palavras e textos, o fanatismo decorrente deste traço. Sob o poder da sua vontade estéril mas tremenda, o processo de carácter [Charaktergang] das pessoas foi alterado.

Este continente de sangue semita já varreu várias vezes as terras como um turbilhão. Convocada para a ação na Arábia por Maomé, a vontade subjugou a Pérsia e submeteu-a ao seu domínio com uma violência brutal; derrubando tudo o que encontrava pela frente, marchou sobre o Norte de África, atravessou os pilares de Hércules, correu através de Espanha e encontrou finalmente no Sul de França uma contraofensiva unida. No dia em que Carlos Martelo obteve a vitória no sul de França, a primeira batalha contra o fanatismo religioso, a intolerância religiosa, na verdade

apenas na esfera política, foi, no entanto, ganha. Forçado a fugir, o Islão volta-se para o Sul. Ao longo da orla do Sara, subjugou progressivamente uma tribo popular atrás da outra, encontrando uma resistência cada vez mais forte. E se nos perguntarmos como é que esta vontade semita funcionou, então ouvimos o chefe da expedição alemã de investigação do interior de África, Leo Frobenius. Depois de ter sido duramente atingido militarmente, o Islão já não podia atacar violentamente, "antes se esgueirava pelas traseiras dos palácios sudaneses, calçando os chinelos da confortável vida de comerciante". Há muito tempo que se acredita que os autores árabes viram a história do Sudão "através dos óculos cinzentos do Islão" e a consideraram como uma fonte de cultura. Mas não é esse o caso. "No Sudão, o Islão está por toda a parte enxertado em culturas mais antigas", diz o investigador citado.

Os representantes do Islão conquistaram de assalto terras com pouco poder político, as que tinham uma forte vontade de vida, por outro lado, de acordo com a receita testada pelo tempo "pelo caminho pacífico", o que significa que injectaram conflitos e discórdia entre as dinastias. Logo apoiaram um, logo apoiaram outro governante, para finalmente plantarem o seu estandarte na muralha que se abateu. E de todas as formas: improdutivo, depois de o Islão ter enforcado todos os "líderes", atraiu pela força todas as forças para o seu serviço, para a mais amarga escravatura. Frobenius diz sobre isso: "Os romanos atingiram o seu apogeu no trabalho colonial ao darem aos povos subjugados trabalho obrigatório no sentido de promoção do trabalho. O romano tinha pago apenas os juros, mas o árabe roubou o capital, todo o 'eu próprio'."

A segunda surgiu no final do século XIX, quando uma vaga árabe, desta vez vinda de leste, inundou todo o Sudão, subjugou todas as pessoas que ali viviam dedicadas à cultura, devastou literalmente a terra e, vivendo eles próprios em tendas de seda, depressa os transformou em horríveis canibais.

Este poder da energia semita e do fanatismo semita, ignorado em todo o seu alcance, também se encontra na ideia judaica, a ideia da sagrada raça judaica, em comparação com a qual todas as outras são impuras, e da religião judaica, em comparação com a qual todas as outras são pagãs.

Esta pequena excursão deve abalar a consciência ingénuo como se a ideia judaica fosse uma questão insignificante, sim, como se não existisse de todo. A conquista é "pacífica", o que significa que as querelas existentes devem ser alargadas, a reconciliação frustrada, a fim de estabelecer finalmente sobre as muralhas que se desmoronam a "esperança histórica" - o domínio mundial do reino dos judeus, o reino do Messias.

## **Dominação mundial judaica**

Muitos povos surgiram conquistadores, muitas personalidades ascenderam a governantes. A velha Roma, por exemplo, viu-se no meio de uma miscelânea de povos; para proteger a sua família, o seu Estado, o romano teve de se rodear de um baluarte sólido. Só quando novas tribos populares inundaram Roma, quando sírios, africanos, soldados-imperadores depravados tomaram o controlo das coisas, quando a vontade justificada de poder se transformou em ganância desenfreada de poder, Roma definhou. Uma tremenda vontade de poder viveu em Bismarck, em Napoleão também, mas enquanto no primeiro foi domada e enobrecida por uma ideia elevada, no segundo, a vontade de poder correu por toda a Europa sem limites. Ao contrário de todos os pacifistas, não vejo nenhum crime na vontade de poder enquanto tal, o que é decisivo é apenas o carácter do povo ou da personalidade que lhe está subjacente. Uma vez, uma ideia social, civilizadora e cultural pode ser realizada através dela, outra vez, terras e povos saqueados são o resultado do efeito do poder. Onde quer que o carácter judaico tenha estado em ação, vemo-lo também no seu desenvolvimento máximo de poder de uma infertilidade total. Nunca um povo demonstrou tanta avidez de poder como o povo judeu, não se batendo por quaisquer realizações, mas simplesmente porque se considerava o "escolhido" [povo], nunca um povo, no entanto,

conseguiu fazer tão pouco com o poder ganho como, novamente, o povo judeu. O sentimento de escravo, que, afinal de contas, é o verdadeiro evangelho judeu em relação a deus (e não o sentimento da criança, como acontece com o homem indo-germânico), está profundamente entranhado no sangue do judeu, de modo que, no entanto, o escravo tornado cavaleiro monta o seu cavalo até à morte, é fácil de compreender.

O impulso do judeu para o poder é, portanto, também formado de forma diferente do dos antigos romanos, de Alexandre, de Bismarck, de Napoleão. O judeu não exige respeito e obediência como mestre como evidente, o judeu não se apresenta abertamente como personalidade em frente ao seu trabalho, mas percorre o seu caminho através de rixas, mentiras, enganos e assassinatos, ele se apresenta como camarada secreto de sentimento comunista nos bastidores do trabalho destrutivo. Toda a história judaica fornece provas.

Assim, teríamos reescrito totalmente a natureza do carácter judaico. É então, afinal de contas, evidente que este carácter se exprime não só instintivamente, mas também encontra o seu resultado intencional na escrita. Já foi dito o suficiente sobre a literatura da antiguidade, quero apenas referir-me brevemente à promessa de poder devorar todos os povos, que Deus colocaria nas mãos dos judeus, que as princesas seriam as suas amas-de-leite, que toda a prata e ouro lhes pertenceriam um dia, que todos se prostrariam aos seus pés para lambe o pó e que os judeus sugariam o leite dos pagãos e os seios dos reis os amamentariam. Não quero entrar em mais pormenores sobre tudo isso. Mas estas velhas ideias nunca foram esquecidas. A ganância desinibida de dominar este mundo surge sempre como princípio, como exigência "legítima". O Santo falou aos israelitas: "Vocês fizeram de mim o único governante do mundo, por isso farei de vocês o único governante deste mundo". Se os judeus conquistassem postos de influência em qualquer país, a situação da comunidade judaica era sempre esplêndida, então esse poder era frequentemente visto como o primeiro sinal do domínio mundial que se aproximava. Assim, os judeus, por exemplo, viveram sob Leão X. numa tal embriaguez que perguntaram em Jerusalém se um sinal de redenção iminente não se tinha feito notar. Por isso, vários "Messias", que não raramente apareciam, tiveram grande sucesso. Assim, apareceu em Roma um David Reubeni com a notícia, que empolgava a todos, de que um grande exército estava reunido sob o comando de seu irmão, que só precisava de armamento para conquistar a terra santa. Com os seus discursos, enganou não só os judeus, mas também o Papa, que lhe deu recomendações. David marchou por Itália, festejado como um rei. Depois viajou para a Alemanha, onde foi preso e mais tarde teve um fim inglório. Um tipo semelhante foi Sabbatai Zebi, que prometeu ao mundo depor o sultão e depois libertar a Palestina do domínio turco. Ele viajou para Constantinopla, foi preso e tornou-se muçulmano. O judaísmo produziu aventureiros totalmente patológicos em grande número.

No Sohar, a infame obra principal da Cabala judaica, a esperança judaica encontra a seguinte expressão: "Se os anos 60<sup>th</sup> e 66<sup>th</sup> ultrapassarem o limiar do primeiro milénio do mundo (65.060/66, isto é, 1300/1306), o messias aparecerá", mas ainda falta algum tempo até que todos os povos sejam derrotados e Israel seja recolhido. Quando um certo Mardechai ascendeu às mais altas honras de Estado na Pérsia, o povo cunhou o seguinte verso:

*Mardechai é um governante esplêndido  
Poderoso no governo, popular entre o rei e os grandes homens,  
O seu nome está na boca de grandes e pequenos,  
Nos seus dias, Deus concedeu o domínio ao povo sagrado.*

Estas linhas de pensamento voltam sempre. No século <sup>XIX</sup>, já ouvimos falar alguns maçons judeus, também o poeta "alemão" Heinrich Heine. Para ele, era totalmente claro quando escreveu as palavras "um pastor e um rebanho". E uma confissão distintiva encontra-se no seu espólio, que todo o alemão deveria escrever atrás das orelhas: "A missão dos judeus terminou? Eu acredito: quando o salvador do mundo vier: indústria, trabalho, tu. O salvador do mundo vem num comboio. Michel prepara-lhe o caminho". (Desde 1933, Michel finalmente acordou).

Não quero afastar-me dos enunciados do passado judaico sem mencionar, para concluir, uma personalidade que me parece, sob todos os aspectos, a encarnação de tudo o que se deixa designar como judaísmo: Isaak Orobio de Castro (1616-1687); sem dúvida um dos judeus mais significativos do seu tempo. Começou por se destacar como professor de filosofia na Salamanca, foi depois entregue ao tribunal da inquisição, após a sua libertação viajou para França, onde se tornou professor de medicina. Mais tarde, viajou para Amesterdão, onde terminou os seus dias. A limitação única do carácter judeu e a vontade impiedosa do carácter judeu, trabalhando em conjunto para produzir uma união característica, mostram-se-nos na visão da vida deste homem. Esta visão da vida assenta em dois pilares tipicamente judaicos: um dogma inalterável (neste caso, a lei do Sinai), o ódio contra os cristãos e o domínio do mundo pelos judeus.

Com um instinto seguro, rejeita o absolutismo dos profetas (que, depois, tentaram em vão reformar os judeus teimosos). "O reconhecimento do verdadeiro deus não depende de modo algum das revelações proféticas. Deus ordenou ao seu povo o culto com que deve servi-lo, e este culto é independente do que os profetas queiram ainda proclamar-lhe." "Os profetas, que são os oráculos do cristianismo e sem os quais os cristãos não poderiam ter tido um Messias, seguiram conscienciosamente a lei sagrada, as suas profecias só se cumpriram com as admoestações aos filhos de Israel para os fazer respeitar a lei dada por Moisés. Quais são as que se vêem contra aqueles que a negligenciam? Se foi Deus quem fez a lei, se ela foi escrita pela sua mão, se foi proclamada pela sua boca, se é inviolável e não pode mudar nada, ela simplesmente não deve existir". "Não se pode acreditar que Deus tenha insistido durante tanto tempo no cumprimento da sua lei, que ele tinha dado no Sinai e depois repetido palavra por palavra no monte Horeb, se ela estivesse incompleta." Essa linha de pensamento retorna novamente com a maior tenacidade em vários lugares. Uma estreiteza intelectual semelhante fluiu para o princípio romano, onde a vontade do Velho Testamento ganhou vitória sobre o pensamento livre. Afinal, Orígenes ainda podia escrever: "Se nos mantivermos fiéis à letra e ao que está escrito na lei, à maneira do povo comum, então eu teria de me envergonhar de afirmar que foi Deus quem deu estas leis; então as leis dos homens, por exemplo, os romanos, os persas, os atenienses, os espartanos, seriam mais excelentes e mais razoáveis". Orígenes era simplesmente um homem livre, mas o ponto de vista da "plebe" triunfou até hoje, quando uma segunda reforma está à porta para se libertar totalmente do espírito judaico e para libertar finalmente o Novo Testamento do jugo do Antigo.

De Castro não se cansa, e com razão, de apresentar provas de que Jesus nunca poderia ser o Messias prometido aos judeus. "O que é que ele cumpriu das profecias? Alguma vez teve poder sobre os israelitas? Ele não se sentou no trono de David, não manteve o seu povo na verdade, a sua família era uma das mais comuns e os seus actos provam que ele não foi o Messias correto." Se está escrito que, no tempo do Messias, todos os justos do seu povo, todos os refugiados de Israel serão reunidos das quatro regiões do mundo, então o espírito assim adotado pela religião cristã deve, afinal, admitir que o Cristo não o fez. "Quem são os pobres do mundo, que ele estabeleceu com justiça? Possuiu ele alguma vez um Sinédrio honrado, ao qual só Deus deu o direito de julgar?"

Cristo errou e, pelo desrespeito que demonstrou à lei dos pais, obrigou o sagrado Sinédrio a condená-lo à morte. Se o veredito não tivesse sido justo, haveria alguém para o defender, mas apesar do pedido para o fazer, ninguém se ofereceu.

Deve-se provavelmente conceder aos judeus, afinal, a capacidade de conhecer a sua lei, pois eles próprios a cunharam a partir do seu espírito, e deve-se também conceder-lhes o direito de se oporem a novas interpretações, pois elas sempre foram populares. Com base na sua lei, e portanto no seu sentir e no seu pensar, designaram, ao longo de dois milénios, o espírito de Cristo como estranho e hostil, com uma clareza inequívoca; isto decide, independentemente do que queiramos segregar no Pentateuco e nos profetas. Duas almas confrontam-se aqui como o fogo e a água. Daí que De Castro, em consonância com todo o judaísmo, veja em Cristo um "enganador"..., "que tem a semelhança fatal com a serpente que seduz Eva, de ter infligido a mesma desgraça no mundo". Cristo tinha arrancado canas no sábado, tinha comido carne proibida; "é impossível perdoar tudo

o que disse, porque Deus, prevendo que um dia se levantaria um homem para seduzir o seu povo, tinha ordenado, através das suas escrituras sagradas, que fosse um guarda, e tinha proibido tudo o que Jesus Cristo queria introduzir". "Mal Cristo se tinha tornado conhecido, já tinha dado provas do seu desrespeito pela lei divina; e só depois de uma investigação absolutamente exacta e imparcial, que provou que a sua doutrina e a sua moral contradiziam a vontade de Deus, é que foi condenado à morte".

Ouvimos esta afirmação da boca de todos os judeus, mas o slogan de uma possível transposição do fosso continua sempre a dominar. E de Castro exclama do mais íntimo do coração: "A dependência em que viviam os judeus quando se começou a introduzir o cristianismo impediu-os de o destruir até à raiz". "Se os judeus não estivessem sob o jugo dos romanos, se tivessem tido o poder como no tempo de David e de Salomão, então este culto dos ídolos teria acabado imediatamente após o seu início." Isso é bastante contundente, e a mesma linha de pensamento vem do já citado Dr. Lippe, que, por ocasião da história de Abel e Caim, diz: "A variedade da expressão da consciência religiosa estendeu-se ao fratricídio. Que verdade profunda!"

Para além do espírito rígido e da hostilidade para com Cristo (que é naturalmente ultrapassada pela hostilidade para com o sangue germânico), existe a exigência evidente de domínio sobre os outros. É uma exigência que se repete: não se baseia na capacidade, na realização, mas apenas na promessa de Moisés e dos profetas. "Deus prometeu ao seu povo a felicidade nesta vida e toda a felicidade na outra. Disse-lhe que todas as suas perseguições pelas nações acabariam para sempre, que as dominaria, que possuiria prata e ouro em abundância em vez de chumbo e ferro..."

Tenho de me satisfazer com estas referências, mas elas já mostram com uma clareza inequívoca uma estrutura de ser [Wesengefüge] autónoma e imóvel. Os judeus são "cabeças duras", segundo Hesequiel, de facto; na leitura de textos judaicos, podemos ser levados ao desespero pela cabeça dura e, com maior erudição, pela teimosia. Mas se esta influência passa efetivamente para as massas, então o desespero é real e geral. Um exemplo: o presente.

Também ela, com a sua dominação incondicional pela natureza judaica, como se viu, foi lentamente predeterminada, fruto de forças já activas no passado. Já me referi ao funcionamento da máquina, que preparou o terreno para as forças judaicas do materialismo. Através do seu crescente alargamento, através da especialização cada vez mais importante, o trabalhador foi condenado a uma atividade cada vez mais sem objetivo; sem objetivo para ele, porque viu sair da fábrica um produto cuja construção, cujo funcionamento lhe era incompreensível. Se o camponês tinha sido obrigado, através do seu trabalho, a planear o futuro, a pensar nos meios para a sua segurança, o operário perdeu isso, dedicou-se a um trabalho puramente mecânico. Tinha, como diria Goethe, ido à falência através da "atividade incondicional". A semente venenosa da doutrina marxista caiu em massas assim inclinadas."

O socialismo, tal como Marx o criou como sistema, não é, naturalmente, apenas uma luta por questões económicas, mas sim uma visão do mundo em geral. Dois impulsos tornaram-se marcos na sua doutrina: a guerra de classes brutal e o internacionalismo.

Sem entrar na ciência "burguesa" da etnologia, todos os povos foram declarados iguais com a plenitude de poder de um fanático; o que os tornava aparentemente desiguais eram apenas injustiças sociais, e as lutas religiosas e políticas revelaram-se como lutas de classes de grupos sociais. Pode ser bastante interessante iluminar a história por uma vez a partir desta perspectiva, e naturalmente ninguém deve subestimar o funcionamento da estrutura social, mas é característico que esta semente de pensamento possa tornar-se o dogma fundamental de toda uma vida. Remontar tudo a um princípio abstrato e levá-lo até ao fim com fanatismo é, mais uma vez, o mesmo espírito e o mesmo carácter que tem apenas o "Deus é Deus e nós somos o seu povo" para confrontar todo o pensamento da Índia e da Europa.

Devemos ver neste dogma um perigo para toda a nossa cultura, uma tocha lançada em todas as comunidades nacionais: não se deve tentar trabalhar uns com os outros, mas sim uns contra os outros. Que o conflito de interesses seja um facto existente, não deixa de fazer uma enorme diferença, quer se invoque em todo o lado o princípio da brutalidade ou o da cooperação

recíproca. A direção do pensamento é decisiva, não os acontecimentos ocasionais; e a direção do pensamento levada para as massas operárias foi a da tendência que subverteu a tendência comum alemã. Se um Thomas Moore queria excluir da sua "Utopia" os não-religiosos, se mesmo os revolucionários franceses tinham o desejo de se aproximar de um símbolo, se um Karl Ernst v. Baer não queria mesmo saber nada de uma ciência que pudesse matar o sentimento religioso, então o espírito de Marx situava-se num ponto de vista antirreligioso, total e puramente materialista. Toda a história e ciência é materialismo, toda a religião é regra de sacerdote, todo o trabalho é quantidade. Se falta qualquer compreensão da qualidade e da personalidade como fundamento do mesmo no conjunto do sentir, do pensar e do agir, é a já referida visão técnica. A visão marxista do mundo simplesmente varre as massas com uma vassoura rígida e igualizadora. Que os trabalhadores ainda se unam, que ainda representem com firmeza os seus interesses, que os alemães formem grupos de luta entre si, o carácter popular unificador acabará por produzir algo de benéfico, pelo contrário, quando um espírito estrangeiro quer impor-se na visão do mundo ou no terreno social, e o faz com uma intolerância que rejeita fanaticamente tudo o resto, então qualquer pessoa que pense seriamente deve colocar a si própria a questão de saber se isso não significa um grande perigo. Além disso, o internacionalismo apregoado é anti-nacional, o que significa, em princípio, uma guerra civil em todos os povos e a queda de todos os povos da cultura europeia. Werner Sombart, por exemplo, diz expressamente que as associações internacionais burguesas assentam em bases nacionais, o internacionalismo proletário seria e deve ser pronunciadamente anti-nacional. O conflito de interesses tinha, nos últimos anos, graças à liderança prudente de alguns socialistas alemães, tomado uma forma que renunciava à ditadura do proletariado e esperava o domínio do socialismo a partir da mudança de pensamento. Mas no momento atual, em que a disciplina e a resistência moral diminuem, são por toda a parte os judeus que a pregam na sua forma mais brutal.

E esta rigidez do dogma, que não se deixa desviar por nada, ensinada por uma energia milenar de um estrato populacional que vive em circunstâncias difíceis, uma massa que nada sabe de história, que pouco conhece o valor e a marca da sua própria alma popular, tinha de se enraizar. A doutrina que colocava a insatisfação com o empresário numa visão a ser baseada na história, que apresentava a luta de classes como único fator da história mundial, tinha de encontrar seguidores. O fazer que não conseguia visualizar o objetivo seguinte, fixou imediatamente para si, como uma criança que não sabe nada, um objetivo totalmente impossível, toda a humanidade.

Muitos homens honestos decidiram-se pelo socialismo, mas a maioria dos europeus opôs-se energicamente ao internacionalismo no sentido de anti-nacionalismo e à revolução. Até um August Bebel dizia, na sua velhice, que ainda não se sabia ao certo a quem pertencia a pátria, aos ricos ou aos pobres, e quem proferia estas palavras era aquele que, afinal, tinha protestado contra a anexação da Alsácia-Lorena, que queria pegar na espingarda para defender a pátria, se necessário. Ele e outros homens tinham, afinal, reconhecido o valor indispensável da nação, tinham também reconhecido a catástrofe que a revolução provocava e não queriam participar nela.

Mas, afinal, cada um deve começar por se perguntar: como é que o apelo ao internacionalismo, mais precisamente ao caos popular, é gritado com cada vez mais energia do meio de um povo que, durante milhares de milénios, na mais rígida solidariedade nacional, preservou o seu carácter e manteve alto o seu legado? A resposta é a seguinte: *O apelo ao internacionalismo, no sentido do anti-nacionalismo, é o apelo do judaísmo nacional, o apelo à luta de classes, no sentido da guerra civil, é o apelo do explorador que não conhece classes!*

O significado de toda a democracia entendida pelos judeus, do socialismo entendido pelos judeus, da liberdade entendida pelos judeus, significa a subjugação de todas as outras nações, todos os outros direitos, tais como a lei judaica exigiu há dois mil anos, deve exigir hoje e no futuro. Se pudéssemos constatar, na observação da história judaica, a singularidade do judeu, se tivéssemos de recorrer ao *nosso* legado espiritual como contrapeso contra a influência do espírito judaico, então, de facto, não a tolerância humana, mas provavelmente a tolerância do Estado deve

cessar, tendo em conta a terrível necessidade com que o carácter judaico, secretamente ou tendo ganho poder, se confirma. Todos os europeus devem estar conscientes de que está em jogo tudo o que o nosso espírito, o nosso carácter, transmitiu como herança para cuidar e administrar, e que a tolerância humanitária para com os agressivamente hostis significa simplesmente suicídio. Seria bom registar as palavras incisivas de J. H. Voh: "Exige-se com bastante ousadia que a tolerância genuína seja também tolerante para com a intolerância. De modo algum! A intolerância está sempre a agir e a trabalhar, e só pode ser controlada através de acções e trabalhos intolerantes."

## Consequências

Chego ao fim. Para avaliar o perigo judaico, tivemos de seguir os traços do judeu, tivemos de observar a natureza do seu sentir, pensar, agir e iluminar o necessário, sempre recorrente. Só a partir desta constatação e do cuidado intencional da nossa natureza é possível enfrentar o perigo da judaização [Verjudung]. Anteriormente, ao revogar os direitos civis do judeu, também se retirou os direitos humanos. Estes dois conceitos devem, doravante, permanecer separados. Fichte diz: "Eles têm de ter direitos humanos, mesmo que não nos concedam os mesmos... mas dar-lhes direitos civis, pelo menos para isso não vejo outro meio senão cortar-lhes a cabeça numa noite e enfiar noutras em que também não haja uma única ideia judaica. Para nos protegermos deles, não vejo outro meio senão conquistar-lhes a sua terra prometida e mandá-los todos para lá".

O que Fichte entendia por direitos humanos decorre das seguintes palavras: "Se só tens pão para hoje, dá-o ao judeu que tem fome ao teu lado." Também nós devemos pensar assim. Temos de conceder ao judeu, enquanto ser humano, a proteção da vida como qualquer outro ser humano, mas temos de proteger legalmente a nossa etnia, temos de ser capazes de alimentar e purificar a sua singularidade sem que o espírito estranho, judaico, necessariamente hostil, ganhe influência. Os objectivos são claros, agora, em suma, os meios. No plano económico, o judeu ganhou poder através dos juros, da usura, do dinheiro. Antes diretamente, hoje através dos bancos e das transacções na bolsa. A quebra da regra do dinheiro, um meio há muito falhado, ecoa hoje novamente como um grito de guerra. Se conseguir cumpri-la, ainda que parcialmente, o machado será posto na árvore de Judá.

A nível nacional-político, deve ser decretado:

Em primeiro lugar, os judeus são reconhecidos como uma nação que vive na Alemanha. A denominação ou a ausência de denominação não desempenha qualquer papel.

Em segundo lugar, judeu é aquele cujos pais, cujo pai ou mãe, são judeus por nação, judeu é, a partir de agora, quem tem um cônjuge judeu.

Em terceiro lugar, os judeus não têm o direito de lidar com a política alemã em palavras, textos e actos.

Em quarto lugar, os judeus não têm o direito de ocupar cargos públicos e de servir no exército, nem como soldados nem como oficiais. Em vez disso, um serviço de trabalho entra em questão.

Em quinto lugar, os judeus não têm o direito de serem dirigentes de instituições culturais estatais ou comunais (teatros, galerias, etc.) e de ocuparem cargos de professor ou de ensino nas escolas e faculdades alemãs.

Em sexto lugar, os judeus não têm o direito de participar em comissões estatais ou comunais de exame, controlo, censura, etc.

Os judeus não têm o direito de representar o Reich alemão em tratados económicos; também não têm o direito de ser representados na direcção de bancos estatais e instituições de crédito comunais.

Em sétimo lugar, os judeus estrangeiros não têm o direito de se estabelecerem permanentemente na Alemanha. A aceitação na federação estatal alemã é-lhes negada em todas as circunstâncias.

Em oitavo lugar, o sionismo deve ser apoiado energicamente, a fim de transportar um número determinado anualmente de judeus alemães para a Palestina ou, pelo menos, para além da fronteira.

No plano político-cultural, as únicas administrações realmente alemãs devem zelar, através da convocação dos mais importantes artistas alemães, para que não seja mais possível injetar veneno no povo, como acontece hoje em dia através de editores, diretores de teatro, proprietários de cinemas, para que sejam trazidos sobretudo mestres alemães. Mas o mais importante não pode ser conseguido através de nenhum decreto: uma cultura alemã. A lei só pode eliminar todas as inibições, depois o próprio povo tem de falar. E quem tiver ouvidos para ouvir, ouvirá o desejo de milhares de pessoas. Muitos dos melhores já não estão em contacto com nenhuma igreja, afastaram-se do dogma, mas ainda não encontraram uma fé; outros constroem o seu mundo na solidão. Mas a religião, se quiser ser fonte de cultura para todo um povo, tem de ter um ponto comum. O indivíduo precisa da força de um todo, não são muitos os que podem passar ilesos sem ela. É mais do que tempo de as histórias de Abraão e de Jacob, de Labão, de José, de Judá e de outros arqui-sindicalistas deixarem, de uma vez por todas, de se dedicar às suas maquinações nas igrejas e nas escolas. É uma desgraça e uma vergonha que estas encarnações de um espírito completamente enganador e desonesto sejam retratadas como modelos religiosos, sim, como os pais espirituais de Jesus. O espírito cristão e o espírito "judeu sujo" devem ser separados; a Bíblia deve ser dissecada com um corte afiado como Cristo e Anti-Cristo. A verdade tem de vir ao de cima, que homens individuais do passado israelita lutaram em vão contra o espírito judeu que se tornava cada vez mais forte (Amós, Oséias), que este espírito sempre presente, no entanto, triunfou, que vê o espírito cristão como seu inimigo mortal e é igualmente sentido por ele como adversário.

Em vez das velhas histórias judaicas, os tesouros do pensamento indo-germânico deveriam finalmente ser elevados, os modelos que foram distorcidos no espelho judaico. Dever-se-ia despertar os mitos indianos da criação, a canção de união dos Dhirgatamas, as histórias maravilhosas dos Uzanishads, os ditos de tempos posteriores. O homem deve relatar o drama mundial dos persas, a luta da luz contra as trevas e a vitória do salvador do mundo. O homem deve falar também da sabedoria grega e germânica, da crença na imortalidade e do simbolismo da natureza. Então chegará o tempo de um grande renascimento; talvez esteja mais próximo do que acreditamos.

*"O toque torna-se para os ouvidos do espírito,  
já nasceu o novo dia",  
o dia da ideia germânica.*

# **A imoralidade no Talmude**

## **Introdução**

Para os judeus, o Talmud (Ensino) é o legado transmitido de boca em boca de geração em geração desde o tempo de Moisés. Ocupou um lugar ao lado da lei escrita, e depois, quando atingiu um grande conteúdo, foi igualmente escrito (a partir do século II). Está mergulhada na Mischna (instrução, ensino) e na Gemara (conclusão).

Este ensinamento verbal alcançou cada vez mais importância no judaísmo, e os rabinos que o explicaram e complementaram logo o declararam mais importante do que os profetas, sim, até mesmo do que a lei de Moisés, de modo que chegou a acontecer que os mais famosos professores do Talmud mal possuíam o mais elementar conhecimento da Bíblia.

Quais são as características desta obra sagrada (que inclui o Talmude da Babilónia e o Talmude de Jerusalém), qual é o espírito que lhe dá origem?

Chama-se ao Talmud um livro religioso. Mas em vão se procurará nos muitos volumes o que entendemos por religião. Em quase nenhum lugar encontramos um esforço para interpretar o segredo da personalidade humana, em nenhum lugar um vislumbre da eternidade como o que encontramos entre os povos arianos. Há leis de um tipo muito diferente, lendas, discussões intermináveis sobre as coisas mais insignificantes, até mesmo indecências literais, que encontramos juntamente com ditos e frases bonitas e básicas. Se se lêem os ensinamentos dos rabinos, se se respira o espírito que emana das páginas do Talmude, não se pode ficar neutro, se ainda se tem algum carácter. Ou se afirma ou se rejeita como estranho. Só uma erudição excessiva, que não raramente vem acompanhada de uma paralisia do coração, pode pesar durante anos, explicar, desculpar, aplacar, etc.

Se é possível atribuir tanto às épocas passadas, continua a ser decisivo o facto de dois terços de todos os judeus, ainda hoje (após 2000 anos!), serem os seguidores declarados do Talmude e do ainda mais fanático Schulchan-Aruch nele baseado.

O rabino Simão - cuja honestidade, segundo um provérbio judaico, atingiu um grau tão elevado que se pode emprestar dinheiro sem testemunhas, não só a ele, mas também aos seus amigos - este honesto rabino Simão chama à escola de onde provém o decisivo Talmud (babilónico) um "melhor dos vilões" que inverte "o alto para o baixo e o baixo para o alto". No entanto, "no fundo do seu coração" tinha "o maior respeito pela dialéctica dos babilónios", e proclamou aos seus discípulos: "Vocês devem pensar que os vossos ensinamentos são vossos, não, são deles (dos babilónios)!" O judeu Dr. Bernhard garante-nos que "nada estava a salvo da dialéctica dos babilónios", que os "homens astutos de Pumbeditha eram considerados maus manipuladores da lei e petrificadores, que sabiam usar todos os truques da lei em seu proveito", e que os seus discípulos eram vistos como pessoas que podiam "passar um camelo pelo buraco de uma agulha". [O historiador judeu Graetz fala de Rabi Meir, uma das maiores autoridades do Talmud, cuja fama se baseava na sua capacidade de trazer tantos prós e contras para cada lei que era possível transformar um mandamento muito claro no seu oposto. ["History of the Jews", Leipzig 1853-1876 (volumes individuais em edições mais recentes). Vol. IV, Página 178]

Mas também encontramos esta metodologia dos talmudistas como a constituição intelectual dos nossos repórteres de jornais e advogados judeus contemporâneos. Seguem o Talmude mesmo que não saibam nada sobre ele, porque *o Talmude não criou o judeu, mas sim o judeu o Talmude*. A raça judaica e o seu espírito mantiveram-se inalterados durante mais de dois mil anos.

Enquanto a relação do povo ariano com a divindade, muito cedo após o seu aparecimento, se tornou predominantemente infantil, é assim que nos sentimos como *filhos de Deus*, com o judeu domina a *servidão*. Já encontramos este ponto de vista nos Salmos; o Deuterocesaja quase faz do "servo de Deus" um evangelho; o Talmude encurta: "Deus só criou o seu mundo para que alguém o temesse" (Schabbath F. 31 a b). Este sentimento de servidão e o desejo de fazer de tirano estão psicologicamente próximos um do outro, como é fácil de compreender, o que não surpreende que esta exigência apareça em quase todas as páginas. Um comportamento amigável para com os outros encontra, no entanto, a sua explicação no corolário: "para que sejas popular em cima e agradável em baixo". O tom também deixa claro, como sempre, a música, e devemos ter o cuidado de não interpretar a incondicionalidade ou a moralidade cristã no passado judaico, como fizemos durante séculos, para nossa infelicidade, invocando uma auréola em torno de tipos canalhas como Abraão, Jacó, José, Judá, etc., e dando a essas figuras imaginárias a nossa admiração.

Quase todos os ditos morais do Talmude apresentam uma tal superficialidade e um coração tão estéril que, muitas vezes, chocados, paramos abruptamente de ler. Por exemplo, poder-se-ia pensar que o tratado sobre o Sabbath, uma das instituições mais sagradas para os judeus, seria introduzido com um retrato do seu significado mais profundo. Mas, em vez disso, no início do tratado Mischna Sabbath, afirma-se que o carregamento de um fardo neste dia tem dois ou quatro

tipos; porquê? Suponhamos que um homem pobre está diante de uma casa e dentro dela o dono da casa. Se o dono da casa puser um donativo na mão do pobre, que ele enfiou, então é culpado (pena de morte), mas o outro, etc. Para poder levar consigo um lenço, os astutos rabinos pensaram na seguinte solução: atam o lenço à volta do corpo, de modo a que ele assuma o carácter de um cinto, ou seja, de uma peça de vestuário, e assim não seja um peso; a sua consciência fica em paz. [As discussões moralizantes do Talmud, tão intermináveis, não são um sinal de alta mortalidade, mas o testemunho de uma falta de alma que é simplesmente incapaz de sentir a simples verdade e a mentira. Os mais belos ditos encontram-se ao lado dos mais grosseiros, muitas vezes formando uma *única* frase. Isto seria impossível, se houvesse um sentimento genuíno. Diz-se, por exemplo, que há três coisas que prolongam a vida: uma longa *oração*, um longo tempo *sentado à mesa* e um longo tempo na *casa de banho*; o aproveitamento das aberturas do corpo é, portanto, suposto ser, entre outras coisas, um bom exemplo para a felicidade futura. As discussões sobre questões sexuais, com o inconfundível voo do intelecto dos velhos excitados, ocupam muito espaço. É de salientar que não foram indivíduos influentes que escreveram e recolheram estas coisas, mas sim os 200 rabinos da Mishna e os 2000 da Gemara, ou seja, a elite intelectual do povo judeu, os seus líderes *religiosos*.

Os autores do Talmude viveram, na sua maioria, fora da cristandade, pelo que a afirmação constantemente recorrente de que a supressão do cristianismo explica o ódio dos judeus contra os cristãos e o cristianismo carece de qualquer fundamento. Mas, mesmo sem isso, são atribuídas a Cristo designações cuja crueza troça de qualquer descrição. Nós, europeus, que sempre atendemos às súplicas de tolerância sem limites para com o estrangeiro, sim, mesmo para com o hostil, e que deliramos ao nos aproximarmos do sentimento de todos os povos, deveríamos ser ensinados pelo judeu como ele sempre viu o fundador da nossa religião como o seu pior inimigo.

E agora chegamos ao ponto central da questão, a questão da essência da lei moral judaica. Os rabinos de hoje não se cansam de apresentar a sua doutrina moral como a mais bela, a mais humana, e citam muitas passagens que soam bem. Mas estas referem-se apenas aos judeus entre si. Os judeus, segundo Fichte, têm duas leis morais diferentes; Goethe escreveu que eles tinham "uma fé que os justifica para roubar estrangeiros [Festa Anual do Mercado em Plundersweilern (1778). Versículos 286-87]", que "os judeus nunca foram grande coisa"; Herder vê nos judeus um povo que "apodreceu na educação", etc. Estes pontos de vista dos nossos maiores homens - que incluem Schiller, Kant, Lutero, Schopenhauer, Wagner e de outros Voltaire, Balzac, Shakespeare, Tolstoi, Dostojewski - encontram a sua verificação completa.

A primeira coisa que os rabinos invocam é a passagem "Ama o próximo como a ti mesmo" (3 Livro de Moisés 19, 18). Bernhard Stade, um académico totalmente pró-judaico, chama à referência a esta passagem com o objetivo de elogiar o humanitarismo judaico simplesmente um "atrevimento" e acrescenta: "Conta-se com uma tradução incorrecta de *rê'a* 'camarada popular' por 'próximo' e *gêr* por 'estranho' na Bíblia alemã. Não duvido por um momento que os rabinos actuem de facto com base em tais princípios, mas actuam apenas com base na ética *cristã* e *contra* a ética do judaísmo talmúdico. Como isso não faz de alguém um cristão, não há razão para esconder os factos, especialmente porque esconder factos que qualquer pessoa pode verificar nunca trouxe qualquer vantagem ["History of the Folk of Israel", Berlim 1887-88. Vol. I, Página 510]." Esta correção amável de um importante erudito não carece de clareza. Além disso, o próprio Talmude fornece uma abundância de provas muito claras sobre uma doutrina moral com duas linhas. Estas passagens (discutidas mais tarde), mais várias lendas, não deixam dúvidas de que a doutrina judaica é uma fachada moral com um núcleo completamente podre. Quando dois rabinos se contradizem, o judeu pode escolher. A história dá-nos uma imagem inequívoca de como ele escolheu: o caminho judaico para o poder inclui a mentira, o engano, a traição e o assassinio, desde o "Pai Abraão" até aos nossos dias. E o Talmude é, por isso, a obra mais imoral que alguma vez saiu de um cérebro humano, porque procura esconder sob uma máscara de hipocrisia o pensamento imundo e a burla legalmente sancionada. Aqui, a visão do mundo difere da visão do mundo.

Se os judeus tivessem declarado voluntariamente: "É verdade, entre nós ensinam-se coisas inconciliáveis com um ideal moral; o comportamento exigido para com os não-judeus é diferente do exigido para com os judeus, etc., mas nós denunciámo-lo voluntária e solenemente para nos juntarmos à moral cristã"; se isso tivesse acontecido, então ninguém teria o direito de censurar os judeus, pelo contrário, teríamos de ter o maior respeito pela energia rejuvenescedora da natureza judaica. Mas não foi assim, não é assim hoje e não será assim em toda a eternidade. Em vez disso, o Talmude é descaradamente elogiado ainda hoje, é defendido tanto pelos ortodoxos como pelos liberais, mesmo que estes últimos protestem energicamente contra muitas formalidades. E mesmo nos círculos dos especuladores ateus da bolsa e da revolução, o espírito enganador do Talmude continua a viver ininterruptamente; nunca uma mentira tão mentirosa, uma demagogia tão descarada, chorou o mundo como a que é difundida pelas agências telegráficas, pelos jornais e pelos oradores judeus. São necessidades, nascem de um carácter nacional imutável, criado pela consanguinidade racial e alimentado durante milénios.

No que diz respeito à tradução utilizada por mim, os seguintes pontos foram decisivos. As traduções de Rohling e Eisenmenger são atacadas por todos os judeus. Isso não muda em nada as coisas, mas também académicos cristãos, como por exemplo o Prof. Strack, encontram falhas nelas. Mas são contrariados pelos testemunhos do Dr. Beer e de outros investigadores. Deixei de lado as traduções contestadas para obter uma base reconhecida por todos como impecável. Mas que eu deva usar *apenas* traduções judaicas, nenhuma pessoa racionalmente pensante pode exigir. Por isso, utilizo as traduções do Dr. August Wünsche: "O Talmude da Babilónia", Leipzig 1886 a 1889, e "O Talmude de Jerusalém", Zurique 19880. A obra de Wünsche foi lida por dois rabinos e reconhecida como correta; não tenho conhecimento de hostilidade para com eles, pelo que estamos aqui em terreno firme, e cada ser humano adulto tem o direito de formar a sua própria opinião sobre o espírito do Talmude. O próprio Wünsche não raramente aproveita a oportunidade para apresentar as passagens mais do que estranhas como inofensivas, e eu deixo essas passagens de fora. Identifico as passagens do Talmude de Jerusalém com um "J" à frente do nome do tratado.

Por uma questão de exaustividade, incluo também outro tipo de literatura. - Para além do Talmud, surgiu uma série de produtos escritos, na sua maioria pelos mesmos rabinos, que estão compilados sob o nome de Midraschim. Eles complementam e explicam as questões tratadas no Talmud e reforçam a impressão geral. Utilizo a obra - publicada pelo Prof. Delitzsch, pró-judeu - de Ferd. Webers: "Sistema de Teologia da Antiga Sinagoga Palestiniana.", Leipzig 1880. Dele são retiradas, para além de citações dos Midraschim, também frases do Talmud. Para efeitos de identificação, o texto de Weber é fornecido com a página.

Para a posição dos judeus em relação à personalidade de Jesus, utilizei, para além de Weber, a obra igualmente objetiva e irrefutável de Laible "Jesus Cristo no Talmude", Berlim 1891.

O último capítulo desta brochura contém excertos da Schulchan-Aruch (Tabela Coberta). Esta obra, que é *autorizada até aos nossos dias*, assenta totalmente na base talmúdica, fornece todo o material estruturado de forma sistemática e é a conseqüente solidificação e instrução da lei judaica. O Schulchan-Aruch foi escrito por Rabi Joseph ben Ephraim (Karo), apareceu pela primeira vez em 1565 em Veneza, foi completado por Rabi Moses Israels (Isserles) em Krakau e consiste em quatro partes: 1. Orach Chajim (Caminho da Vida), 2. Jore Dea (Ensino da Sabedoria), 3. Choschen Hamischpat (Escudo da Lei), 4. Eben haezer (Pedra de Ajuda).

Eu dispensei Briman-Justus: "O espelho judeu", bem como J. Ecker: "O espelho judeu à luz da verdade", e uso em parte Johannes v. Pavly: "O Schulchan-Aruch", Basileia, 1887, mas principalmente Heinrich G. Loewe: "O Schulchan-Aruch", Viena 1896, segunda edição, publicada pelo Pastor J. Deckert. Algumas amostras confirmarão a concordância das traduções independentes.

Que esta pequena coleção dê a muitos alemães a oportunidade de formar uma opinião sobre um espírito que se tornou um poder tão destrutivo. Se, depois, se tiver regressado a si próprio, pode finalmente começar a eliminação energética de uma rede estranha e hostil.

## 1. Dialética judaica geral

Pode dizer-se sem exagero que - para o sentimento alemão - parece mais apropriado, quando se trata de uma questão, proceder de forma simples, clara, direta e sem ambiguidades. O alemão sempre considerou a tendência para a dialética mesquinha e a fraseologia virtuosa como um desvio da sua verdadeira natureza. Se observarmos a literatura judaica, veremos a tendência exatamente oposta: o simples tornou-se sempre algo complicado e ao mesmo tempo rígido, a linha reta tornou-se curva. O sentimento claro do genuíno e do não genuíno tornou-se um objeto experimental para a dialética da mesquinhez e da divisão dos cabelos. No processo, é característico que esta disputa, que muitas vezes se prolonga página após página sobre as coisas mais insignificantes, revele uma desolação que mata o espírito. Em nenhum dos muitos debates encontramos verdadeiras ideias, mas sempre uma confusão infrutífera de palavras ou um desejo de distorcer o significado que só pode ser chamado de completamente doentio. - Se o modo de pensar do judeu é estranho e hostil para o alemão, não o é menos, em termos de clareza e perfeição, para o helenista ou o francês. A dialética judaica é o produto de uma infertilidade interior, *é o princípio da corrupção do espírito*. Os exemplos do passado sucedem-se, no presente encontram-se, inalterados no espírito, na imprensa judaica, nas obras dos autores judeus, nos discursos dos demagogos judeus.

\* \* \* \* \*

R. Mathja: "As Escrituras querem transmitir o temor, de modo que a Thora seja dada com medo e horror, com tremor e hesitação, como está escrito no Salmo 2, 10: "Servi ao Eterno com temor e exultai-o com tremor". (Joma F. 4 a b).

R. Jehuda: "Deus só criou o seu mundo para que o tenhamos" (Schabbath F. 31 a b).

Abaji perguntou ao Rabi Joseph: "Se há uma medida para cada regulamento, que recompensa existe, já aprendemos: 'Esteja tão atento a um regulamento menor quanto a um sério, pois você não sabe *a oferta da recompensa por ele*'? (Nedarim F. 39 b).

Rab disse: "O nosso mestre Moisés tinha dez metros de altura, como está escrito em Ex. 40, 19: 'E estendeu a tenda sobre a residência'. Quem é que a estendeu? O nosso mestre Moisés estendeu-a. E a mesma coisa está escrita em 26, 11: 'Dez metros de comprimento da cama'". Rab Schima bar Chija disse a Rab: "Então transformaste Moisés numa pessoa imperfeita, pois aprendemos: Se o corpo de uma pessoa é (proporcionalmente) maior do que os seus membros, ou menor, isso é uma imperfeição." Ele respondeu-lhe: "Nós dizemos isso medindo pelos metros da cama (não pelos metros de Moisés)" (Bechoroth F. 44 a).

Mose: "Senhor do Mundo! Porque é que as coisas correm bem para muitos justos e mal para muitos justos, e porque é que as coisas correm bem para muitos transgressores e mal para muitos transgressores?" "Mose!", respondeu o Senhor, "um justo para quem as coisas correm bem é um justo e filho de um justo, mas um justo para quem as coisas correm mal é um justo e filho de um transgressor; por outro lado, um transgressor para quem as coisas correm bem é filho de um justo, mas um transgressor para quem as coisas correm mal é filho de um transgressor" (Berachoth F. 7 a).

Supõe-se que o rabino Elieser tenha declarado limpo um forno composto por várias secções, enquanto outros rabinos o declararam impuro, razão pela qual este forno é chamado de forno de Chachinai. Segundo o rabino Jeremias, o forno recebeu esse nome porque algo estranho aconteceu nesse dia. Nomeadamente, para onde quer que o Rabi Elieser olhasse nesse dia, a área

ficava em chamas, até o trigo ardia e os pilares da casa da assembleia tremiam. "O que é que vocês querem? disse o rabino Josua aos pilares. Uma voz celestial levantou-se com as palavras: "A Halacha é como a opinião do meu filho Elieser"; só que Rabi Josua opôs-se a isso com as palavras de Deut. 30, 12: "A Thora não está no céu".

Um dia, o rabino Elieser descia a rua e viu uma mulher a varrer uma sala, ela atirou o lixo para a rua e este caiu-lhe na cabeça. "Parece, disse ele, que hoje os meus camaradas vão aproximar-se de mim, porque está escrito no Salmo 113, 7: "Ele levantou o pobre do estrume"' (J. Moed Katon F. 8 b e 9 a).

Rab Jehuda disse: "Nomeia-se para o supremo tribunal da antiga Jerusalém apenas um homem que saiba declarar (através de inferências da Thora) que o réptil está limpo." Rab disse: "Eu sou capaz de declarar limpo através de inferências. Se até mesmo uma cobra, que mata e, portanto, aumenta a impureza, é limpa, então a decisão de que ela é limpa certamente se aplica a um réptil que não mata e não aumenta a impureza!" Isso não é válido, pois ela (a cobra) é apenas como um espinho, que pode nos matar e ainda assim é limpa (Sanhedrin).

Está escrito em Êxodo 8, 2: "E a rã veio e cobriu o Egito." Segundo R. Eleasar, era apenas uma rã, mas ela reproduziu-se e encheu toda a terra do Egito. Os Tannaiten são de uma opinião diferente sobre isso. R. Akibar diz: "Era apenas um sapo e ele encheu toda a terra do Egito." R. Eleasar disse-lhe: "Akiba, o que é que tens a ver com a Haggada? Fica quieto e vai para Negaim e Oholoth, havia apenas um sapo lá, mas ele chamou-os (os outros) e todos eles vieram" (Sanhedrin F. 67 a b).

Gênesis 2, 22: "E o Deus eterno construiu o rio". Rab e Samuel são de opinião diferente sobre isso. Segundo um, era um rosto (a partir do qual Eva foi formada), segundo o outro era uma cauda. Correto foi quem disse "Era um rosto", pois está escrito no Salmo 139, 5: "Frente e verso, tu me moldaste", mas o que diz a passagem segundo aquele que supõe que era uma cauda? Etc. (Berachoth F. 5-61 a).

Então a nossa mãe Léa era uma prostituta, porque está escrito em Gênesis 34, 1: "E saiu Dina?" Ele respondeu: "As mesmas palavras também se aplicam a Lea, ver o mesmo 30, 16: De *uma* saída, deduz-se a *outra*" (J. Baba Mezia F. 10 a).

Rabi Garum disse em nome de Rabi Acha: "Está escrito em Núm. 24, 17: "Uma estrela de Jacob deu um passo em frente." De quem é que ele deu um passo em frente? Para, no futuro, surgir de Jacob. De acordo com Rabi Acha em nome de Rabi Huna, o mal Esa, envolto em Tallith, um dia se sentará entre os piedosos no paraíso *para que ele possa ver sua grandeza*, e Deus então o faz partir, veja Obad. V. 4, onde se entende por estrelas os piedosos, comparar Dan. 12, 3 (J. Nedarim F. 10 a).

Está escrito em Ex. 19, 17: "E eles colocaram-se debaixo da montanha". R. Abdimi bar Chama bar Chasa disse: "Disto se conclui que o santo, bendito seja!, segurou a montanha acima deles como uma banheira (um recipiente) e falou: "Se aceitarem a Thora, tudo bem, se não, aqui está a vossa sepultura" (Schabbath F. 88 a).

R. bar Chana: "Um dia o Santo preparará uma refeição para os justos a partir da carne do Leviatã, como está escrito em Hiob 40, 30: 'Companheiros mercadores regatearam por ele'" (Baba Batra F. 75 a).

R. Jochanan disse: "Vinde e vede como é grande o poder dos sacerdotes, pois não há nada mais leve do que o vômito e o estrume das aves. Muitas vezes os sacerdotes atiram-nos a mais de 30 metros de distância" (Sebachim F. 64 a).

R. Samuel: "Porque é que as palavras de Thora são comparadas com a gazela? Para vos dizer: "Assim como a gazela tem um corpo esguio e é sempre tão querida pelo seu macho como na primeira hora, assim são as palavras de Thora sempre tão queridas pelo seu cuidador como na primeira hora" (Erubin F. 54 a b).

R. Jeremias: "O primeiro homem tinha dois rostos, Sl 139, 5: Tu me formaste de frente e de costas" (Erubin F. 18 a).

R. Chanina: "Quem se deixa acalmar numa festa de vinho, possui algo da disposição do seu criador, como está escrito em Gen. 8, 21: E o Eterno cheirou o aroma agradável" (Erubin F. 65 a).

Rabbi Jehuda disse: "Tudo o que o Santo criou no seu mundo, criou-o como macho e fêmea." Ele também criou o Leviatã, a serpente fugaz, e o Leviatã, a serpente sinuosa, como macho e fêmea. Mas se tivessem acasalado, teriam destruído o mundo inteiro. Mas o que é que o Santo fez? Castrou o macho e matou a fêmea e salgou-a para os justos do mundo futuro, como está escrito em Jesaja 27, 1 'e matou a serpente no mar' (Baba Batra F. 74 b).

Em tempos, havia dois, dos quais um vivia em cima e o outro em baixo. O andar de cima ficou defeituoso e, quando um deles deitou água para cima, esta escorreu e causou estragos. Quem é que tem de a reparar de novo?

Segundo o rabino Chija, o residente de nível superior deve repará-lo, segundo o rabino Ilai, o residente de nível inferior deve repará-lo. O sinal é Gen. 30, 1: "E Josef foi levado para o Egito" (Baba Mezia F. 117 a).

Ula: "Sem-vergonha é a noiva que se aflige sob o Traubaldachin." Rabino Mari: "Que autor ensina isso?" Cântico 1, 4: "Enquanto o rei estava em um banquete, mr nard passou pelo vento." Rabba disse: "O amor de Deus ainda reina contra nós, pois está escrito: Ela passou..., não está escrito: Ela cheirava mal" (Gittin F. 36 b e 37 a).

Porque é que Jakob deu tanto valor ao facto de ser enterrado em Canaã? O rabino Eleasar, o rabino Chanina e o rabino Josua viam nisso grandes segredos. O rabino Simeão ben Lakisch referiu-se ao Salmo 116, 9, onde as terras da vida significam Tiro ou Cäsarea e seus arredores, porque tudo é tão barato e abundante lá. Mas, segundo o rabino Simeão ben Lakisch, em nome do rabino Kapara, significa uma terra cujos mortos só ressuscitarão no tempo do Messias. A prova disso é fornecida por Jes, 42, 5. Mas, desta forma, os nossos rabinos sofreriam uma perda (na medida em que não poderiam usufruir do ato caridoso da ressurreição)? "Só Deus faz da terra um buraco", disse o Rabi Imi, "no qual rolam como tubos para a Terra Santa e, logo que a alcançam, as almas voltam para eles (ver Ezech. 37, 14" (J. Kilaim F. 32 a).

Um dia, o rabino Josua estava a caminho e Ben Soma aproximou-se dele, cumprimentou-o, mas não obteve resposta. "De onde e para onde, Ben Soma?" Fiz observações sobre a obra da criação e descobri que há um espaço de um palmo de largura entre as águas superiores e as águas inferiores, pois está escrito no Génesis, 1m 2: "O espírito de Deus pairava, etc." e 5. No Livro de Moisés 31, 11 também está escrito: "Como a águia voava e pairava sobre os seus filhotes... Portanto, aqui como ali, a palavra: pairava sem tocar significava". O rabino Josua respondeu aos seus alunos: "Ben Soma foi demasiado longe e já não falta muito para se ir embora (J. Chagiga F. 7a)."

R. Papa: "Se alguém comeu ou bebeu de tigelas ou canecas emparelhadas, como é que não evita as más consequências? Pega-se no polegar da mão direita com a mão esquerda e no polegar da mão esquerda com a mão direita e diz-se assim Tu e eu somos três. Mas se alguém ouvir dizer: Tu e eu somos quatro, então diz: Tu e eu somos cinco etc." (Pesachim F. 110 a).

R. bar Chana: "Uma vez eu estava no Ofal e vi um comerciante ismaelita que montava um camelo e segurava uma lança na mão, e todos eles me pareciam um ovo de piolho" (Thaanit F. 22 a b).

Está escrito em Ex 4, 19: "Morreram todos os homens que queriam matar-te". "Terão então morrido Datã e Abirão?" "Não, eles tinham perdido a sua fortuna" (e como tal eram vistos como mortos) (J. Nedarim F. 25 b).

Rab Jehuda: "Na hora em que Moisés subiu à montanha, ele descobriu que o Santo estava sentado e juntou as letras do alfabeto. "Senhor do Mundo!", gritou ele, "Quem te impede de dar as letras sem coroas?" Ele respondeu: "Um dia surgirá um homem no final, depois de tantas gerações, Akiba ben Joseph é o seu nome, que um dia interpretará tantas montanhas de leis a partir de cada pequena linha." "Senhor do Mundo!" interrompeu Mose, "Deixa-me vê-lo!" O Santo falou: "Dá um passo para trás!" Mose foi e sentou-se no final das oito filas (os alunos de Akibas); mas ele não sabia o que eles estavam dizendo. A sua energia diminuiu. Quando ele

(Akiba) chegou ao seu ponto, os seus alunos disseram-lhe: "Rabi! Como é que sabes isso?" "É um ensinamento (Halacha)", respondeu ele, "de Mose do Sinai". A disposição de Moisés tornou-se calma. Ele falou: "Senhor do Mundo! Tens um homem assim e queres dar a Tora através de mim?" "Cala-te", disse Deus, "é isso que tenho em mente".

Depois falou diante dele: "Senhor do Mundo! Mostraste-me a sua Tora, deixa-me ver também o seu filho!" "Vira-te!", disse-lhe o Santo. Ele virou-se e viu aquele que pesava a sua carne no talho. Então falou diante dele: "Senhor da Palavra! Então aquela é a Tora e este é o seu filho?" "Cala-te!", interrompeu-o o Santo, "é isso que tenho em mente" (Menacoth F. 29 b).

R. Jehuda: "Quem comer meio quilo de benjoim com o estômago vazio, a sua pele descascará com o calor." R. Abahu: "Uma vez aconteceu-me que comi meio quilo de benjoim, e a minha pele ter-se-ia descascado com o calor, se eu não me tivesse sentado em água, e confirmei para mim mesmo as palavras de Koh. 7, 12: 'A sabedoria reanima o seu mestre;'" (Chullin F. 59 a).

R. Eleasar: Quando está escrito em Deut. 6, 5: "Deves amar o Eterno, teu Deus, com toda a tua alma", porque é que continua: "Com toda a tua fortuna"? "Com toda a tua fortuna", porque é que continua: "Com toda a tua alma"? Quer dizer-vos que há muita gente que prefere *o seu corpo* ao seu *dinheiro*, por isso está escrito: "Com toda a tua alma", e também que há muitas pessoas que preferem o seu dinheiro ao seu corpo, e é por isso que está escrito: 'Com toda a tua fortuna' (Pesachim F. 25 a b).

O rabino Meir disse: "Como é que se pode provar que até os embriões no corpo da mãe começaram a cantar uma canção

Está escrito em Jonas 2, 1: "O Eterno ordenou a um grande peixe que devorasse Jonas". Mas está escrito nos versículos 2 e 3: "E Jonas orou ao Eterno desde o ventre do peixe e disse: 'Chamei desde os meus confins ao Eterno?'" "Isso não é dúvida, talvez o grande peixe o tenha cuspidido e um pequeno peixe o tenha devorado" (Nedarim F. 51 b).

Por causa da comichão, toca-se trombeta ao sábado. Mas nós ensinámos: Se outros castigos se desencadeiam e se abatem sobre a comunidade, por exemplo, comichão, gafanhotos, mosquitos, cobras, escorpiões, não se toca, mas grita-se (reza-se a Deus)? Não se trata de uma questão, trata-se apenas de saber se a comichão é húmida ou seca (Baba Kamma F. 8 a b).

Rabi Jehuda: "Três coisas prolongam os dias e os anos de um homem: Quem passa muito tempo a rezar, à sua *mesa* e na casa *de banho*" (Berachoth F. 54 b e 55 a).

Três coisas são uma *imagem do mundo futuro* (isto é, dão uma amostra da bem-aventurança futura)m, nomeadamente o *sábado*, o *sol* e o *serviço*. Quais? - Alguém quer dizer: O serviço da cama (relação sexual), isso enfraquece, não é? Isso significa apenas o serviço das *aberturas do corpo* (Berachoth F. 57 b).

Quando Salomo estava no corpo de sua mãe, ele começou a cantar uma canção, como está escrito no Salmo 103, 1: "Louvai a minha alma o Eterno, e todas as minhas entranhas o seu santo nome." Quando mamou no peito da mãe, começou a cantar uma canção V. 2: "Louvai a minha alma o Eterno, e não esqueçais todas as suas obras de caridade." De acordo com R. Abahu, as palavras "todas as suas obras de caridade" significam que Deus colocou os seios dela no lugar da razão, ou que ele (Salomo), como pensa Jehuda, não vê o lugar da vergonha, ou de acordo com R. Mathna que ele não amamenta num lugar sujo (Berachoth F. 10 a).

Assim como o julgamento (da aprendizagem) procede da ação, também a recompensa da aprendizagem procede da ação, pois está escrito no Salmo 105, 44, 45: "Ele deu-lhes as terras dos povos, e eles ganharam os bens das nações, porque obedeceram à sua aprendizagem e observaram os seus ensinamentos" (Kidduschin F. 40 b).

"Sabeis, pois, de onde viemos, talvez sejamos daqueles de quem está escrito: Thren . 5, 11: "Forçaram mulheres em Sião, virgens nas cidades de Jehuda? Direis que, se um goi deitar uma filha de Sião, a criança é digna? Ou seremos porventura daqueles de quem está escrito Am. 6, 4: "Aqueles que se deitam em camas de marfim e cheiram mal nas suas camas"? R. Josse disse: "Isso significa aqueles que passam água nus em frente às suas camas. Por passarem água nus em frente às suas camas, devem ser banidos na frente dos banidos? Apenas R. Abahu disse: "Isso

significa aquelas pessoas que comem e bebem juntas e cujas camas estão próximas umas das outras e trocam as suas mulheres, uma com a outra. E as suas camas cheiram mal devido à efusão de sémen que não lhes pertence'..." (Kidduschin F. 71 b).

"...À entrada do templo do Eterno, entre a sala e o altar, estavam vinte e cinco homens, de costas para o templo do Eterno e com o rosto voltado para a manhã." "Quando está escrito: 'Quando está escrito: 'E os seus rostos para a manhã', não sei já que as suas costas estão viradas para a tarde, então o que significa: 'Suas costas contra o templo do Eterno'? Isso ensina que eles se despiram e passaram o vento contra o Todo-Poderoso..." (Kidduschin F. 72 a b).

Rabi: "No dia em que sopra o vento leste, a mulher tem um aborto espontâneo." Samuel disse: "Até a efusão do sémen dentro do corpo cheira mal por causa disso." Rab Nachman disse: "Todos os três interpretam-no a partir do versículo Hos. 13, 15: "Ele se mostrará frutífero entre irmãos, um vento oriental virá, um vento do Eterno, ele sobe do deserto, esgota seus poços e seca sua fonte". 'Seca a sua fonte' refere-se à fonte da mulher; 'e esgota o seu poço' refere-se à efusão do sémen que se encontra no corpo da mulher..." (Gittin F. 31 b).

Está escrito em Jud. 21m 22: "E encontraram entre os habitantes de Bajesch Gilead quatrocentas raparigas virgens que ainda não tinham conhecido um homem através de relações sexuais..." Como é que eles podiam saber isso? R. Kahana disse: "Uma delas sentou-se na abertura de um recipiente de vinho, que causa um odor com uma não-virgem, mas uma virgem não causa odor" (Jebamoth F. 60 b).

E. Eleasar disse: "O que significa o que está escrito em Gn 2, 23: "Este é osso do meu osso e carne da minha carne"? Daqui se conclui que os sentidos de Adão, quando coabitava com todos os animais domesticados e selvagens, não estavam satisfeitos, até que ele coabitou com Eva (Jebamoth F. 63 a).

R. Ebjathar encontrou uma vez o profeta Elia e perguntou-lhe: "O que está a fazer o Sagrado, bendito seja o seu nome?" Ele respondeu-lhe: "Ele ocupa-se com o parágrafo da concubina em Gibe'a." "E o que é que ele diz?" Elia respondeu-lhe: "Ebjathar, meu filho, diz isto, e Jonathan, meu filho, diz aquilo." Ebjathar perguntou: "A dúvida existe no céu?" Elia respondeu-lhe: "*Tanto isto como aquilo* são palavras do Deus vivo" (Gittin F. 6 b).

R. Jochanan disse: "Esse transgressor cometeu sete atos de relações sexuais naquele dia (com Jael)", pois está escrito Jud. 5. 27: "Ele se ajoelhou entre os pés dela, ele caiu, ele se deitou." Ela (Jael) teve prazer com o pecado? R. Jochanan disse em nome de R. Simeon ben Jochai: "Todo o bem do transgressor é um mal entre os justos" Mas que mal teve Jael com a relação sexual? Porque ele tinha lançado nela a impureza (o seu odiado sémen); pois R. Jochanan disse: "Na hora em que a serpente se aproximou de Eva, lançou nela a impureza, mas quando os israelitas estiveram no Monte Sinai, a sua impureza cessou, mas entre as pessoas que não estiveram no Monte Sinai, a sua impureza não cessou" (Jebamoth F. 103 a b).

O rabino Janai tinha tanto medo dos insectos que colocou quatro recipientes com água debaixo dos pés da sua cama. Uma vez, estendeu a mão e encontrou insectos na cama; depois falou com uma referência ao Salmo 66, 6: "Levantai a cama dos recipientes, respondo na proteção divina" (J. Terumoth F. 30 a).

O rabino Ismael ensinou: Está escrito em Levítico 14, 9: "Ao sétimo dia cortará todo o seu cabelo, a cabeça e a barba, as sobrancelhas, cortará todo o seu cabelo"; todo o seu cabelo, isto é *geral*; a cabeça, as sobrancelhas, isto é *específico*, e o cabelo, isto é novamente *geral*. Com geral, específico e geral, a norma diz que só se pode provar o que é semelhante ao específico, ou seja, tal como o específico é um local onde existe uma coleção de cabelos, também o geral deve ser um local onde existe essa coleção de cabelos" (Kidduschin F. 9 a). [O segundo lugar do passado refere-se à onipotência de Deus, o último à exegese bíblica].

## 2. O casamento e o amor

O amor e a religião sempre estiveram ligados entre todos os povos, o casamento e a criação dos seus filhos sempre fizeram parte dos deveres que uma pessoa deve cumprir neste mundo. Se bem que o erotismo se misturasse com os costumes religiosos, tomava por vezes formas, nomeadamente entre os ocidentais, que nos parecem estranhas, mas nas escrituras sagradas judaicas o Rabi aparece revestido de um manto que deve ter um efeito repulsivo em todos os alemães. Não é uma sensualidade aberta e natural que vem à tona, raramente se ouve a voz de um higienista moral, mas ainda mais, às vezes escondida, às vezes aberta, uma repugnante pruriência. Há velhos que se debatem acima do "amor" e que não se envergonham de estabelecer como norma jurídica este produto da fantasia dos velhos. O que surge é um *tesão consagrado*.

É-me impossível reproduzir todas as obscenidades, mas deixemos seguir alguns trechos do Talmude sobre os objectos do casamento e do amor, que bastam para revelar o *tom*. Na "anedota", reencontramo-la nos dramas e romances dos nossos "poetas" judeus contemporâneos.

\* \* \* \* \*

Raba disse: "Honra as tuas mulheres, *para que fiques rico*" (Baba Mezia F. 59 a).

R. Eleazar disse: "Todo o judeu que não tem uma esposa *não é um ser humano*" (Jebamoth F. 63 a).

Bar Kapara: "Uma virgem deve casar-se no quarto dia da semana e deitar-se no quinto, porque neste dia foi dada a bênção ao peixe" (Ketuboth F. 5 a).

R. Elieser: "Todo o judeu que não se ocupa da procriação deve ser considerado como se tivesse derramado sangue" (Jebamoth F. 63 b).

Jesaja: "Quem morrerá neste mundo e não viverá neste mundo", disse-lhe Chiskia: "O que é isso?" Jesaja respondeu: "Porque não te ocupaste da procriação" (Berachoth F. 10 a b).

R. Jochanan "Toda a mulher que pede ao seu marido para ter relações sexuais obtém filhos, como não existia nem no tempo de Moisés" (Erubin F. 100 b).

O R. Simeão ben Jochai dizia muitas vezes: "Uma mulher prosélita com menos de três anos e um dia de idade é adequada para o sacerdócio (o que significa que o sacerdote pode casar com ela), pois está escrito Núm. 31, 18: "E todas as crianças entre as mulheres que não tiveram relações sexuais com um homem, *permitirás que vivam para ti*" (Jebamoth F. 60 b).

Elia: "Tu dizes: "Porque é que o Messias não vem? Vês, não é o dia da reconciliação, posso deitar tantas virgens" Rab Jehuda perguntou-lhe: "O que é que o Santo diria sobre isso (se fizesses tal coisa)?" Ele respondeu-lhe: "Ele diz com Gn 4, 6: 'O pecado repousa diante da porta'". "E o que é que Satanás diz?" Ele respondeu-lhe: "Satanás não tem poder no dia da reconciliação" (Joma F. 19 b e 20 a).

Os anciãos disseram: As pessoas que expelem muco, os leprosos e os que dormem com mulheres menstruadas podem ler o Pentateuco, os profetas e os hagiógrafos, e recitar Midrasch e Gemara, Halachoth e Agadoth; só é proibido aos que ejaculam (Moed Katon F. 15a).

Foi feita a pergunta a Ben Soma: "Pode o sumo sacerdote tomar uma virgem que esteja grávida, ou não se deve ter em conta o que Samuel disse: 'Posso deitar-me com muitas virgens sem sangue', ou talvez não se verifique o que Samuel disse?" Ele respondeu-lhes: "No entanto, o que Samuel disse não acontece, mas é para nos preocuparmos que ela possa ter engravidado num banho." Mas Samuel disse: "Um fornicador cujo sémen não dispara como uma seta não fertiliza?" Mas ele poderia ter sido como uma flecha disparada anteriormente (Chagiga F. 14 b).

Uma mulher prefere um centímetro com exuberância do que dez com castidade (Kethuboth F. 62 b).

Uma mulher maneja bem uma taça, duas mal, com três exige imoralmente com a boca, com quatro toma o cu no mercado (para sua satisfação) e não pensa nisso (Kethuboth F. 65 a).

O R. Chama disse, em nome do R. Jizchak: "Quem coloca a sua cama de norte a sul, obtém filhos do sexo masculino, pois está escrito no Salmo 17, 14: 'E com o teu tesouro lhe enches o estômago, ela terá muitos filhos'" (Berachoth F. 5 b).

R. Jochanan: "Nascem crianças coxas, porque os pais invertem a cama (durante a relação sexual); nascem crianças mudas, porque beijam os órgãos genitais; nascem crianças surdas e mudas, porque falam durante a hora da relação sexual, finalmente nascem crianças cegas, porque olham para os órgãos genitais" (Nedarim F. 20 a).

Foi ensinado: "A mulher é um tubo cheio de imundície, cuja boca está cheia de sangue, e no entanto todos a perseguem" (Schabbath F. 152 a).

Uma mulher não pode engravidar de dois homens ao mesmo tempo. Isso não está de acordo com os rabinos da Haggada, que se referem a 1 Sam. 17, 4, onde está escrito: "Um duelista veio do acampamento dos filisteus", ou seja, ele veio de 100 prepúcios filisteus. Mas, segundo o rabino Mathna, não há diferença de opinião, mas depende do estado do sémen (J. Jebamoth F. 18 b).

Rabi Jehuda ben Pasi disse: "Porque é que a secção de Lev. 18 sobre os excessos assenta na secção das. 19, 1: "Deveis ser santos"? Para vos ensinar: Quem se abstém dos excessos merece o nome de homem santo, pois assim falou a Sunamitina ao seu marido, 2 Reg. 4, 9: "Vejo que é um homem santo de Deus", o que significa, como explica o Rabi Jona, que ele é de facto santo, mas não o seu aluno. Segundo o rabino Abin, ele (Elisa) não olhou para ela, segundo os rabinos ela não viu uma gota de sémen na mão dele, segundo o rabino Samiel bar rabino Jizchak ela nunca viu nada de nocivo na roupa do seu amo. Está escrito em das. 4, 27: "Gehasi interveio para a afastar", esse homem, como explica o rabino José ben Chaina, pôs as mãos nos seus seios: (J. Jebamoth F. 9a).

Aquele cujo órgão sexual é externo, dá à luz, e aquele cujo órgão sexual é interno, põe ovos; quem só tem relações de dia, dá à luz de dia, quem tem relações de noite, dá à luz de noite, e quem tem relações de dia e de noite, às vezes dá à luz de dia e às vezes de noite. Quem só tem relações de dia, é o galo, e quem tem relações de dia e de noite, é o ser humano e tudo o que lhe é semelhante. Todos os que acasalam da mesma maneira, carregam um do outro... Todos acasalam com a cara encostada às costas, exceto o homem, o peixe e a cobra. Porquê só estes três? Quando Rab Dimi chegou, ele falou: "O povo do ocidente (Palestina) diz que é assim, porque a radiação divina falou com eles" (Bechoroth F. 7 b e 8 a).

R. Elieser, o Grande: "Quem dorme com a sua mãe num dia, pode esperar a razão. Quem dorme com uma virgem comprometida, pode esperar a Thira. Quem dorme com a sua irmã num sonho, pode esperar a sabedoria (ver Prov. 7, 4), onde a sabedoria é chamada irmã. Quem dorme com a mulher de um homem em sonho, pode ter a certeza de que é um filho do mundo futuro... Quem vê um ganso em sonho, pode esperar a sabedoria (Prov. 1, 20). Quem o deitar, tornar-se-á diretor de escola". R. Asche: "Eu vi um assim, deitei-me com ele e obtive prestígio". - Quem se alivia em sonho, para ele é um bom sinal (ver Jes. 51, 14). Mas isso só acontece se ele não se tiver lavado... Quem vê um livro de Salmos, pode esperar piedade; quem vê os ditos, pode esperar sabedoria... Quem vê um elefante em sonho, experimentará um milagre? - Isso não é uma pergunta, é perguntado se ele está selado ou não (Berachoth F. 56 b).

O prevaricador (Simri) deitou-se (com o midianita) 424 vezes nesse dia, e Pinchas esperou por ele tanto tempo que a sua energia se esgotou. Ele (Pinchas) não sabia que o rei forte (Deus) estava com ele. -Em uma Boraita foi ensinado: Ele deitou-se com ela 60 vezes, até que ele se tornou como um ovo podre e ela como uma cama cheia de água (Sanhedrin F. 82 b).

### 3. A lei

Todas as autoridades judaicas importantes sublinham que a essência do judaísmo não reside em mitos e símbolos, mas encontra a sua expressão na lei, tal como foi (alegadamente) estabelecida por Moisés (na verdade, vem de uma era pós-profeta), e determina a tradição - que foi desenvolvida pelos rabinos e recolhida no Talmud e no Schulachan-Aruch. Os judeus não vêem a falta de uma metafísica como uma inadequação, mas sim como a sua própria superioridade religiosa. As opiniões divergem neste domínio. De um lado, todo o mundo ariano com o seu rico simbolismo e as suas religiões que sondam o infinito, e do outro - parágrafos de lei! Por isso, em vão se procura, no meio de toda a confusão, algo que mostre apenas uma semelhança grosseira com uma ideia. Predomina uma terrível estreiteza de espírito que, naturalmente, só se mede quando se faz o esforço de folhear os grossos livros. Junto a isso, uma esterilidade de coração sem igual. E mesmo os belos ditos, que certamente existem no Talmud, ficam de lado como plantas estranhas na areia do deserto. Mas, por uma questão de justiça, incluo ainda alguns.

Mas o que é repelente, mesmo entre os ditos aparentemente impecáveis, é a promessa sempre recorrente de recompensa ou de castigo, a eterna preocupação de saber se o contrato com Deus foi cumprido, se é preciso acrescentar mais uma boa ação para ter a certeza absoluta de receber a recompensa futura, etc. Esta preocupação com o pagamento e o medo do castigo dão, mesmo às melhores passagens, um travo a manteiga, pois, mesmo que nem sempre esteja escrito, é preciso mentalizar o "para que as coisas vos corram bem na terra". Para nossa infelicidade, este espírito do Antigo Testamento impede-nos, ainda hoje, de deixar que uma *moral desinteressada* seja o único princípio. Enquanto o espírito do Pentateuco continuar a atuar nas igrejas e nas escolas, isso também não é de esperar.

Para além destes aspectos, a rigidez do Talmud e o princípio da intolerância são característicos. O pensamento estabelecido no Talmud e no Schulchan-Aruch continua a existir inalterado como uma estrutura única durante 2500 anos; e no que respeita à intolerância, temos infelizmente exemplos demasiado óbvios nos nossos judeus "progressistas", sobre os quais não se pode perder uma única palavra.

Para os Rabis, no entanto, a lei talmúdica representa a sabedoria mais profunda. Eles são os verdadeiros deuses, e até Jeová tem de estudar o Talmude para se manter no auge intelectual necessário. Eis alguns exemplos, mais precisos nos capítulos seguintes.

\* \* \* \* \*

O rabino Ismael diz: Entre as palavras das leis há mandamentos e proibições, que são em parte fáceis, em parte difíceis, mas as palavras dos estudiosos das escrituras são todas difíceis e importantes", Rabi Chananja bar Ada também diz em nome de Rabi Tanchum bar Rabi Chija: "As palavras dos mais velhos são mais importantes do que as palavras dos profetas" e apresenta como prova Micha 2, 6 e 11 (J. Berachoth F. 8b).

Bereschith rabba c. 19 diz sobre os cânticos do Sinédrio: Eles sentam-se e organizam as palavras da Thora, até as deixarem sair puras como o leite. Mais tarde, os sábios, como membros votantes de uma academia de direito, estabeleceram a Halacha, e de facto de acordo com uma maioria de votos, por vezes com a participação de uma voz divina de revelação.

O Thora é um mar infinito de conhecimento; mas *as palavras dos sábios são mais valiosas, porque através delas se chega ao cumprimento do Thora.*

Mas a coisa mais elevada que se diz sobre a reverência para com os rabinos está contida na frase que se *deve temer os rabinos como a Deus*. De acordo com o Kidduschin 31, as palavras: "Deves temer" inclui a reverência para com os sábios, comparar Pessach. 22 b, Tankuma, Beschallach 26, Mechilta 61 a, Schemoth rabba c. 3 diz: Quem se revolta contra um rabino, revolta-se contra a Schechina, compare Bammidar rabba c. 18. Tanchuma, Korach 10.

Há exemplos em que o tratamento desdenhoso de um sábio era punido com a morte (Sinédrio 46).

*Quem agir contra as palavras dos sábios das escrituras, merece a morte* (Erubin F. 21 b).

Quem se rebaixa, eleva Deus, e quem se eleva, rebaixa-se (Erubin F. 13 b).

R. Chiga: "Qualquer aluno dos sábios em cuja roupa se encontre uma mancha no Sabbath, merece a morte: (Schabbath F. 114 a).

Se o ignorante for piedoso, não vivas na sua vizinhança. (Este ditado tem em vista Aboth II, 5: nenhum ignorante é piedoso, pois isso é impossível, *porque a piedade exige a observância dos estatutos*, que o ignorante não conhece) (Schabbath F. 63 a).

Quem não se associa aos eruditos merece a morte (J. Nasir F. 35 b).

Está escrito: "Eu, a sabedoria, possuo a astúcia". *Assim que a sabedoria entra numa pessoa, a astúcia também entra* (Sota F. 21 a).

R. Eleasar disse ainda: "Toda a pessoa que possui conhecimento (sabedoria), tornar-se-á rica no final, como está escrito Prov. 24, 40: 'E através do conhecimento as câmaras enchem-se de todos os tipos de bens, preciosos e caros'" (Sanhedrin F. 92 a).

Há três classes de fortes, nomeadamente Israel entre as pessoas, o cão entre os animais e o galo entre as aves.

Supostamente, um homem é sempre *inteligente no medo*. Responde suavemente e alivia a raiva; promove a paz com os seus irmãos e familiares e com toda a gente, mesmo com o estranho na rua, *de modo a ser popular em cima e agradável em baixo* (Berachoth F. 17a).

R. Jehuda, o Santo: "Não faltes à alfândega, porque talvez sejas apanhado". Os Rabinos ensinaram: "Quem tem relações sexuais junto a uma cama onde dorme uma criança, fica com filhos epiléticos. Mas isso só é verdade para uma criança que ainda não tem seis anos de idade" (Pesachim F. 112 b).

R. Jizchak: "Se vires um transgressor a quem a hora sorri, não comeces uma discussão com ele, pois está escrito no Salmo 10, 5: 'Os seus caminhos prosperam em todos os momentos', e não só isso, ele é até favorecido no tribunal, pois está escrito: "Os teus tribunais ficam longe dele nas alturas", e não só isso, ele também olha para os seus inimigos, pois está escrito: 'Ele dá bicadas em todos os seus inimigos'" (Berachoth F. 7 b).

R. Jochanan, em nome do povo de Jerusalém, disse: "1. se fores à guerra, não vás pela ponta, mas sim pela retaguarda, de modo que voltes primeiro. 3. Alie-se àquele sobre quem a hora sorri" (Pesachim F. 113 a).

Rab Asi: Mesmo que uma pessoa tenha planeado cumprir um dever, mas tenha sido impedida de o fazer e não o tenha feito, as Escrituras dão-lhe crédito, como se o tivesse feito; mas, por outro lado, o Santo não conta um mau pensamento, pois está escrito no Salmo 66, 18: "Quando vi injustiça no meu coração, o Eterno não o ouviu". Mas como é que eu sustento Jerem. 6, 19: "Eis que eu trago a este povo a desgraça, o fruto dos seus pensamentos". O Santo considera um ato o pensamento que dá fruto, mas o Santo não considera um ato o pensamento que não dá fruto. Mas está apenas escrito (Ezech. 14, 4): "Então, alguém da Casa de Israel leva ao seu coração? Rab Acha bar Jacob disse: Rab Acha bar Jacob disse: "Este é apenas o caso da adoração de ídolos, pois o autor disse: O pecado da adoração de ídolos é grave, quem o nega é o mesmo que afirma toda a Tora. Ula disse: "Isso é como a opinião de Rab Huna, pois ele disse: "Se uma pessoa cometeu um pecado uma vez e depois o comete uma segunda vez, é-lhe permitido?" "Como é que podes ter a ideia de que lhe é permitido? Mas é como se lhe fosse permitido. R Abahu disse em nome de R. Chanina: 'É melhor que um homem cometa um pecado secretamente do que o nome do céu ser profanado publicamente' etc." (Kidduschin F. 40 a)

Rabi Chaggi disse: "*Os sabbaths e os dias festivos só existem, de facto, para comer e beber*; mas como isso poderia ser desvantajoso para a boca, os Rabis permitiram que se pudesse ocupar com coisas eruditas também nesses dias. O rabino Berachja, em nome do rabino Chija bar Ba, por outro lado, afirma que os sábados e os dias de festa só existem para a ocupação com coisas eruditas. Ambos os pontos de vista são equilibrados, dizendo: Um designa uma parte para comer e beber e outra para estudar. Rabi Abuhu disse: Está escrito em Lev. 23, 3: O sábado é para o Eterno, ou seja, assim como o criador resiste ao seu trabalho de criação, *que consistia em falar*, assim também vós deveis descansar do falar habitual (J. Schabbath F. 45 a).

Quem fizer do sábado o seu divertimento, recebe como recompensa uma herança sem limites 118b: Deus dar-lhe-á a liberdade do jugo estrangeiro e a realização de todos os desejos do seu coração. Isso exige certamente um sacrifício: É preciso trazer alimentos preciosos para honrar o sábado etc.; mas - "quem doar algo ao sábado, o sábado lhe pagará por isso" 119 a.

R. Eleasar disse ainda: "Relativamente a cada pessoa que não possui conhecimento (não tem sabedoria), é proibido ter pena dela, pois está escrito Jes. 27, 11: "Porque é um povo ignorante, por isso não te compadeças dele, o criador e o seu escultor não lhe perdoam" (Sanhedrin F. 92 a).

Rabi Simeão: "É permitido lisonjear os transgressores neste mundo, pois está escrito Jesaia 32, 5: 'Uma pessoa má não deve ser chamada de homem nobre e um homem traiçoeiro não deve ser chamado de homem de mente elevada'.

O rabino Chija, o Grande, explica o Deut. 2, 6 assim: "Se não podes quebrar a arrogância com comida, *então dobra-a com dinheiro*".

Quando o rabino Jónatas viu chegar o presidente da câmara da cidade, enviou-lhe presentes, pois pensava que, se lhe levasse um caso legal de um órfão ou de uma viúva, *ele se deixaria persuadir* (J. Sabbath F. 6 a).

Rabi Jona, em nome de Rabi Jose ben Nesura, disse: "Toda a conversa vã é má, mas toda a conversa sobre a lei é boa; *todas as mentiras são boas, mas todas as mentiras sobre a lei são más*" (J. Berachoth F, 60 b).

O rabino Nechunja ben Hakana rezava uma pequena oração quando entrava em casa e também quando saíamos de novo. Perguntaram-lhe qual era o conteúdo da sua oração, e ele respondeu "Quando entro, rezo para não ofender ninguém, e quando saio, agradeço a minha parte" (Gemara). À sua entrada, disse: "Que seja da tua vontade, Eterno, meu Deus e Deus dos meus pais, que eu não incite os meus camaradas contra mim e que eles também não me incitem, que não pronunciemos o pur impuro e o pur impuro, que não proibamos o permitido e permitamos o proibido, e que causemos danos neste e naquele mundo! Na sua partida, ele falou: "*Agradeço-te, Eterno, meu Deus e Deus dos meus pais, que me tenhas dado a minha parte nas conferências, nas escolas e nas assembleias, e não nos teatros e nos circos*". 16, 10 (J. Berachoth F. 29 b).

Não te cases com a filha de um homem inculto, porque eles são um tormento e as suas mulheres são esterco e das suas filhas está escrito em Deut. 27, 21: "Maldito seja quem se deita com o gado" (Pesachim F. 49 b). R. Chija: "Quem se ocupa com a Thora na presença de um homem inculto, é visto como se se deitasse com a sua prometida na sua presença" (ibidem).

O Santo falou aos israelitas: "Fizestes de mim o único governante do mundo, por isso farei de vós o único governante do mundo" (Chagiga 3 a b).

Quem cumprir um regulamento legal, será considerado bom. Mas como é que fica a situação de alguém que se senta e não faz nada de criminoso? *Mas, por outro lado, quem cumpre um regulamento legal, recebe bem-estar, vida longa e propriedade, mas quem faz algo criminoso, não recebe nada disso* (J. Kidduschin F. 19 a).

Rabba bar Schila encontrou Elia e falou com ele: "O que está a fazer o Santo, bendito seja!" Ele respondeu: "Ele fala a explicação da boca dos rabinos... *ele aprendeu a explicação da boca de Ascher* (Chagiga F. 15 a).

R. Josua ben Levi disse: "Estas palavras estão escritas no Thor e são repetidas nos profetas e, em terceiro lugar, encontram-se nos Hagiógrafos: Quem se ocupar da Tora, *os seus negócios serão bem sucedidos*". Na Thora está escrito Deut. 29, 9: "Deves observar as palavras desta federação e deves agir de modo a teres sucesso em tudo o que fazes" (Aboda Sara F. 19 b).

Aprendemos: se alguém bate no seu vizinho, dá-lhe um acordo. Chanan Bischa bateu num homem e depois compareceu perante Rab Huna no tribunal. Ele disse-lhe: "Vai, dá-lhe metade de um Sus." Chanan tinha um Sus gasto e exigiu que cada um lhe devolvesse meio Sus. Mas quando ninguém quis aceitar, ele bateu-lhe novamente e deu-lhe o Sus inteiro (Baba Kamma F. 36 e 37 a).

R. Jehuda: "Jerusalém só foi destruída, porque os eruditos foram desprezados... Quem despreza um erudito, não há cura para a sua doença". (Schabbath F. 119 b).

Mas (as escrituras) dizem: Testemunhas que retrataram o justo como um transgressor, mas depois outras testemunhas vieram e justificaram o homem originalmente justo e fizeram (as outras testemunhas) transgressores, então às vezes um filho se torna o batedor de transgressores. Mas podemos retirar de Ex. 20, 17: "Não levantarás falso testemunho". Mas isso é uma proibição onde não há ato, e com toda a proibição onde não há ato, não há condenação (Maccoth F. 2 b).

Aquele que faz muito e aquele que faz pouco são iguais, se apenas dirigirem o seu coração para o céu (Berachoth F. 5 b).

*Deus não considera os pensamentos pecaminosos como obras* (Kidduschin F. 39 a).

O que é que se diz quando se sai da escola? - "Agradeço-te, Eterno, por me teres concedido a minha parte entre os sentados na escola e não entre os sentados nos cantos" (Berachoth F. 28 b).

A Tora adverte: Não tomes uma não judia, uma escrava, para que o esperma não seja o seu sucessor (o filho de um judeu e de uma não judia é como a mãe, segundo a lei) (Jebamoth F. 100 b).

O estatuto de queimado: Coloca-se o criminoso em estrume até aos joelhos; depois coloca-se um pano duro dentro de um pano mole e ata-se ao pescoço; uma testemunha puxa uma ponta para si e a outra ponta para si, até o criminoso abrir a boca. Entretanto, aquece-se chumbo e deita-se-lhe na boca, de modo a que desça às entranhas e as queime. R. Jehuda disse: "Se, entretanto, ele morrer pelas mãos deles, eles não podem cumprir adequadamente o estatuto de queima, ao contrário: alguém abre a boca com pinças contra a sua vontade e aquece o chumbo e o derrama em sua boca, de modo que desce às suas entranhas e as queima."

Onde está provada esta forma de queimar? De Rotte Korahs. Tal como *lá se queima a alma e o corpo permanece ileso, também aqui se queima a alma e o corpo permanece ileso*. (Sanhedrin F. 52 a).

Ensina-se que Rabi Akiba disse: "Uma vez fui ao quarto secreto de Rabi Josua e aprendi três coisas com ele: Aprendi que não nos aliviámos ao amanhecer e ao anoitecer, mas sim ao meio-dia e à meia-noite. E aprendi que não nos despimos de pé, mas sim sentados. Da mesma forma, aprendi que não nos limpamos com a mão direita, mas sim com a esquerda". Quando o filho de Asai lhe disse: "Como pudeste ser tão impertinente e fresco para com o teu professor?", ele respondeu-lhe: "*É a lei, e é necessário que eu a aprenda.*" [Esta passagem é de J. A. Eisenmenger, "Discovered Jewry", publicado pelo Dr. Schieferl, Dresden, 1893. A passagem está completamente ausente de Wünsche]. (Berachoth F. 62).

Os nossos rabinos ensinaram: "*Não roubarás*", estas palavras, de acordo com as escrituras, referem-se ao rapto, mas, por outro lado, as palavras em Lev. 19, 11: "*Não roubarás*", referem-se, de acordo com as escrituras, a alguém que rouba dinheiro e bens (Sanhedrin 86 a).

## 4. Sobre o trabalho

A atitude de que o trabalho deve ser visto como uma maldição é tão antiga como o judaísmo. Aparece no Antigo Testamento, exprime-se no facto de, desde os tempos mais antigos, uma inclinação irresistível ter levado os judeus a comerciar em todas as terras e, na verdade, já antes da diáspora, o que apenas reforçou uma inclinação pronunciada. O comércio e a usura permaneceram até hoje o traço imutável da atividade judaica, tanto na esfera material como na intelectual. *Em parte alguma* o judeu foi inventor, interiormente não criativo, limitou-se a negociar produtos estrangeiros, a adquirir propriedade intelectual estrangeira e a processá-la de uma forma frequentemente erudita, mas infrutífera.

O desprezo pelo trabalho e a tendência para o comércio também se exprimem no Talmude com toda a clareza desejada, pelo que o velho conto de fadas teria de ser desmentido, segundo o qual uma alegada exclusão de outras ocupações obrigava os judeus à usura e ao comércio. [Veja mais

sobre isso e sobre o conteúdo dos próximos capítulos na minha publicação "O Traço do Judeu na Mudança dos Tempos".]

Alguns exemplos devem iluminar a mentalidade, e não deixo de trazer também um aparente contra-exemplo.

\* \* \* \* \*

Rabi Simeão estava a trabalhar no linho (para ganhar alguma coisa), e os seus alunos disseram-lhe: "Rabi, pára com isso, quero comprar um burro para ti, para que não tenhas de trabalhar tanto." Foram e compraram-lhe um burro a um ismaelita, e nele estava pendurada uma joia. Eles falaram-lhe: "De agora em diante não terás que trabalhar tanto." Ele respondeu: "Porque dizeis isso? O dono do burro sabe-o?" "Não!" Então ele falou com ele: "Vai e devolve-lhe a joia." De acordo com Rabi Huna, os alunos protestaram ao seu professor: "Mesmo de acordo com a visão daquele que proíbe a propriedade injusta de um pagão, todas as pessoas admitirão que algo perdido é permitido." "O que é que tu achas? Pensais então que Simeão ben Schetach era um bárbaro e queria enriquecer à força?" "Não, ele queria que o nome de Deus se tornasse santo através dele e que se falasse: 'Louvado seja o Deus dos judeus!' e eles significavam mais para ele do que qualquer outro lucro no mundo." "Onde e de que evento o rabino Simeão ben Schetach aprendeu tal comportamento?" "Do rabino Chanina, Os velhos rabinos uma vez compraram um alqueire de trigo de soldados, no qual encontraram um rolo de dinares, que devolveram aos vendedores. Louvaram o Deus dos judeus, que lhes havia ordenado tal comportamento. Uma rainha veio ter com Abba Hosaja von Tirja para se lavar e, nesse processo, perdeu algumas peças preciosas das suas jóias, que ele encontrou. Por isso, fizeram saber por todo o país que quem lhe devolvesse, no prazo de trinta dias, o que estava perdido, receberia uma grande recompensa; se isso acontecesse depois de trinta dias, quem o encontrasse perderia a cabeça. Rabi não devolveu o que tinha encontrado no prazo de trinta dias, mas só depois. Ela perguntou-lhe se tinha estado na terra, ele respondeu: "Sim!" "Não ouviste a proclamação?" "Sim!" "Porque não devolveste o que se tinha perdido durante os trinta dias? Para que as pessoas não pensassem que o fiz por medo do castigo e não por reverência a Deus". Ela falou: "Louvado seja o Deus dos judeus!" (J. Baba Mezia F. 7 a).

R. Hamuna" Quanto trabalho teve o primeiro homem antes de ter um pedacinho de pão para comer! Tinha de arar, semear, cortar a relva, atar os molhos, debulhar, torcer, escavar, peneirar, moer, sacudir, amassar e voltar, e só depois podia comer; *mas eu levanto-me cedo e encontro tudo isso preparado diante de mim*" (Berachoth F. 58 a).

De acordo com a ideia registada por Simeão ben Jochai, *os estrangeiros devem fazer o trabalho*, e é apenas o resultado do pecado, se o próprio Israel o tiver de fazer, uma afirmação que também se encontra na Mechilta 110 b:

R. Meir diz: *"Deve-se ensinar ao filho um ofício puro e fácil e invocar Deus, a quem pertencem a riqueza e os bens!"* R. Nahori diz: "Eu abandono todos os negócios do mundo e só ensino a Thora ao meu filho, pois o homem desfruta da sua recompensa neste mundo, e o capital fica para o mundo futuro".

"Já viste", diz Rabi Simeon ben Eleasar em nome de Rabi Meir, "que o leão carregava um fardo, a gazela cortava a relva, a raposa praticava um ofício, o lobo vendia panelas, e no entanto todos eles se alimentavam sem preocupações. E porque é que eles foram criados? Para me servirem. E porque é que eu fui criado? Para servir o meu criador. Se mesmo aqueles que foram criados para me servir não têm de trabalhar para se alimentarem, *quanto mais eu*, que fui criado para servir o meu criador, não terei *de trabalhar para me alimentar?*" (Kidduschin 40 b).

Um dia, a terra de Israel dará à luz bolos e vestes finas... uma abundância de cereais crescerá como a palmeira. Talvez digais: "Isso vai preparar o caminho para a praga da morte?" O Santo traz da sua casa do tesouro um vento que sopra sobre ela e faz cair a farinha, e o homem sai para o campo, apanha um punhado e abastece-se a si e ao povo.

O mundo futuro não é como este. Neste mundo, é preciso trabalhar para cortar as uvas e trabalhar o lagar; *mas no mundo futuro, traz-se uma uva numa carroça e esta é colocada num canto da casa e dela bebem tantos como de um grande barril...* (Kethuboth F. 111 b).

Caso contrário, de acordo com Schekalim VI, 2, o grão requer seis meses e a fruta doze meses para amadurecer, no tempo do Messias o grão amadurecerá em dois e a fruta num mês. A duração da vida também será grandemente aumentada; sim, para o povo de Deus até a morte é levantada. Pesachim 68 a afirma que as escrituras, por um lado, Jes. 25, prevêem que a morte será devorada para sempre e, por outro lado, que quem chegar aos 100 anos terá apenas atingido a idade de um rapaz: assim, uma vez o domínio da morte é simplesmente negado e depois continua a falar-se de morte. Esta contradição é resolvida na medida em que a moralidade com o aumento da vida é válida para os pagãos, *que servem o povo de Deus como burgueses e trabalhadores do campo*, enquanto os membros do povo de Deus já não têm de provar a morte.

Quem vir uma grande multidão, deve dizer a seguinte bênção: "Louvado seja o modo dos segredos! Tal como os seus rostos não se parecem uns com os outros, também os seus pensamentos não se parecem." *Quando Ben Soma viu multidões em Jerusalém, ele disse: "Louvado seja aquele que criou tudo isto ao meu serviço! Como é que o primeiro homem teve de trabalhar antes de poder comer um bocado de pão; teve de arar, semear, mondar, enterrar recipientes de água, cortar a relva, atar, debulhar, pular, peneirar, moer, atar molhos, amassar, voltar, mas eu levanto-me de manhã e encontro tudo isso à minha frente. Vejam, quanto mais trabalho teve o primeiro homem, até adquirir uma camisa para se poder vestir, teve de tosquiado ovelhas, branquear, esticar, colorir, fiar, tecer, lavar, semear, mas eu levanto-me de manhã e encontro tudo isso preparado para mim. Quantos artesãos trabalham de manhã cedo até à noite, mas eu levanto-me de manhã e encontro tudo pronto para mim"* (J. Berachoth F. 57 a).

A mesma pessoa diz ainda: "Se Rabi Simeão ben Jochai gritou: "Vale, vale, enche-te de dinares de ouro", então aconteceu. Segundo o mesmo rabino, Rabi Simeão ben Jochai terá dito: "Eu vi as crianças do mundo futuro, e eram poucas. Se forem três, então eu e o meu filho pertenceremos a eles, e se forem apenas dois, então seremos eu e o meu filho" (J. Berachoth F. 58 a).

Deus também se preocupa com a preservação física do seu povo em terras estrangeiras. Pesikta 114 b: Por ordem de Deus, já quarenta anos antes de Israel chegar à Babilónia, foram aí plantadas tâmaras, porque o povo gostava delas. Da mesma forma, a extravagante Haggada constata que 700 raças puras de peixes e 700 raças puras de gafanhotos e inúmeras aves viajaram com Israel para a Babilónia. Que cuidados abundantes para os dias de desterro!

R. Gamliel: "Um dia, cada mulher dará à luz um filho diariamente, pois está escrito em Jer. 31, 8: 'A grávida e a parturiente juntas'. Um dia, as árvores darão fruto diariamente, pois está escrito Ezech. 17, 23: "Produzirá ramos e dará fruto". Um dia, a terra de Israel produzirá pães e vestes acabadas, pois está escrito Salmo 72, 16: 'Há um excesso de grãos na terra'" (Schabbath F. 30 a b).

R. Simeão: "Alguma vez viste um animal selvagem ou um pássaro a praticar um ofício? E, no entanto, eles alimentam-se sem trabalho. *E, no entanto, eles foram apenas criados, eu, no entanto, fui criado para servir o meu criador e deveria ser capaz de me alimentar sem trabalho?*" (Kidduschin F. 82a).

R. Eleasar viu um campo em que o repolho foi plantado em canteiros por largura, e ele falou: *"Mesmo que alguém quisesse plantar ervas daninhas pelo comprimento, o comércio é melhor do que tu."* Quando Rab uma vez andou entre os juncos e viu que eles balançavam para frente e para trás, ele falou: *"Acena cada vez mais, o comércio é preferível a ti."*

Raba disse: *"Quem usa 100 Sus para o comércio pode desfrutar de peixe e vinho todos os dias; mas quem usa 100 Sus no campo, deve suportar sal e feno....e está exposto a conflitos."* (Jebamoth F. 63 a).

Adoba Sara 9 b: Chananka diz: "Se alguém te dissesse, 400 anos depois da destruição do templo: 'Compra este campo por 1 dinar, mesmo que valha 1000 dinares - então não o compres;

*porque o Messias virá nesse tempo, e nós seremos salvos; porque haverias de perder um dinar?* [Wünsche omitiu a frase: "Porque é que haverias de perder um dinar?"].

Rabi Ismael: *Quem quiser ser inteligente deve ocupar-se com questões de processamento de dinheiro, pois não há maiores pilares na Thora*, pois são como a fonte borbulhante (Baba Batra F. 173 b).

## 5. Sobre Cristo e os não-judeus

O ódio, ligado a uma falta de compreensão abismal em relação à pessoa de Jesus, que encontra expressão dificilmente escondida nas publicações dos judeus contemporâneos, e que atingiu o seu ponto alto na perseguição sistemática dos cristãos pelos governantes judeus bolcheviques na Rússia - este ódio tem continuado inalterado durante cerca de 2000 anos. A personalidade de Cristo é o maior atentado contra a essência judaica; o judeu sempre sentiu e soube disso, só a excessiva tolerância cristã poderia acreditar ser capaz de construir uma ponte aqui. Não pode haver paz entre Cristo e o anti-Cristo; ou um ou o outro triunfa.

"Sem tendência metafísica" são os judeus, segundo Schopenhauer. "Nenhum, nem mesmo o mais pequeno e menos significativo judeu, que não traísse um esforço decisivo, e de facto um esforço precoce, limitado no tempo, momentâneo", diz Goethe. Assim é, de facto, e a lei judaica nasceu desta inclinação unilateral, a lei do *egoísmo aprovada por princípios religiosos e morais*. Mais pontos de vista tolerantes não foram transmitidos, a ideia judaica reside na luta implacável contra tudo o que não é judeu. O judeu deve os seus êxitos a este desrespeito moral, associado a uma energia racial tenaz; os outros estavam em vantagem desde o início e continuaremos sempre a estar, se a insaciabilidade judaica não for firmemente controlada.

\* \* \* \* \*

Os apóstolos do nosso pai Abraão gozam deste mundo e conquistam o futuro, como está escrito em Spr. 8, 21: "Como legado, dou aos que me amam bens reais, e derrubo as suas câmaras de tesouro", mas os apóstolos de Bileam [Cristo], os ímpios, herdaram a Geena e vão para o abismo, como está escrito em Ps. 55, 29: "E tu, Deus, os mergulharás na garganta do abismo; os homens de sangue e de engano não viverão nem meia vida: (Aboth 5).

O rabino Tarphon observa, a propósito do ditado da Mischna, que os livros dos epicuristas não podem ser salvos de uma queima de todos eles, e se eu fosse perseguido, mais depressa me salvaria entrando nas casas dos adoradores de ídolos do que nas dos epicuristas, porque os adoradores de ídolos não conhecem Deus e negam-no, mas os epicuristas conhecem-no e negam-no. A eles se aplica o que disse David no Salmo 139, 21. Pois, se já no momento de fazer as pazes entre o homem e a sua mulher, o nome divino, escrito em santidade, pode ser extinto na água, então quanto mais *os livros dos hereges*, que geram hostilidade, disputa e discórdia entre Israel e o seu pai celestial, *devem ser totalmente queimados!*" (J. Schabbath F. 46 a).

Não se deve salvar as rodas da desgraça (evangelhos) do fogo, mas sim deixá-las arder juntamente com os nomes de Deus... R. Tarphon: "Se as escrituras (dos cristãos) chegassem às minhas mãos, queimá-las-ia juntamente com os nomes de Deus que nelas se encontram. Sim, mesmo que alguém me perseguisse para me matar, ou que uma cobra me perseguisse para me morder, preferia entrar num templo celeste do que nas casas desta gente." R. Israel: "Lançam a inveja, a hostilidade e a discórdia entre os israelitas e o seu Pai do Céu. David falou deles no Salmo 139, 21 e 22: "Não deveria eu odiar os que te odeiam, e desprezar os que te ultrajam? Cheio de ódio total, odeio os que te odeiam, eles são meus inimigos" (Schabbath F. 116 a).

Um dia, R. Josua ben Parachja leu o K'riath Schema (Escuta Israel), onde Jesus apareceu diante dele e quis aceitá-lo novamente e acenou-lhe com as mãos. Ele (Jesus), porém, acreditou que ele

queria rejeitá-lo, foi até ele, levantou um tijolo e curvou-se diante dele. Falou-lhe: "Entra tu mesmo". Mas ele respondeu: "Quem peca e seduz para o pecado, não se lhe dá espaço para fazer penitência". Mas o autor disse: "*Jesus pratica a magia, seduz e engana os israelitas*" (Sinédrio F. 107 a).

*Uma pessoa não deve ter nada a ver com os hereges e não deve deixar-se curar por eles,* mesmo que seja apenas uma questão de vida de uma hora. Aconteceu que Ben Dama, filho da irmã de Rabi Ismael, foi mordido por uma cobra; Jakob de Kephars Sekhanja [um discípulo de Cristo] veio para o ajudar. Mas R. Ismael não o permitiu. [Laible comenta este facto: "Por mais calmas que essas palavras possam parecer, tão pouco imaginamos uma cena calma, se nos lembrarmos da raiva e do ódio que beirava a insanidade que sempre tomou conta dos judeus com a aproximação do cristianismo."] Ele (Ben Dama) falou-lhe: "R. Ismael, meu irmão! Permite que eu seja curado por ele, pois quero provar-te pela Tora que isso é permitido." Mas ele ainda não tinha terminado estas palavras quando a sua alma o abandonou e ele morreu. R. Ismael gritou sobre ele: "Salve, Ben Dama, que o teu corpo esteja limpo e que a tua alma te tenha deixado em pureza, sem que tenhas ultrapassado as palavras dos sábios" (Aboda Sara F. 27 b).

O neto de Rabi Josua ben Levi tinha uma obstrução na garganta, uma pessoa veio e usou magia e libertou-o da obstrução. Quando o mágico saiu, perguntaram-lhe que fórmula (palavras) tinha usado, e ele disse a mesma. Os presentes disseram: "Teria sido melhor se o aflito tivesse morrido", o que também aconteceu.

O rabino Elieser ben Dama tinha sido mordido por uma cobra, e alguém veio ajudá-lo por meio de um nome impuro, o que o rabino Josua, no entanto, não permitiu. "Quero provar-lhe", disse Ben Dama, "que esse tratamento médico é permitido". Mas mal tinha trazido a prova, quando morreu. "Bem-aventurança para ti, Ben Dama! Ben Dama!", disse Rabi Josua, "que tenhas deixado o mundo em paz e não tenhas rompido a cerca dos eruditos, como está escrito em Koh. 10, 8: "Quem derruba uma cerca, é mordido por uma cobra" (J. Schabbath F. 44 a).

Rabi Elieser: "Será que Ben Stada [Os cristãos também chamavam Jesus de filho das estrelas - Ben Stara, do persa çtara, do qual R. fez Akiba Den Stada - filho de uma prostituta. Também o chamavam de "bastardo", "filho de uma mulher menstruada", "filho dos animais da fornicção" - Ben Pandera. Ver Laible]. - através de arranhões na sua pele, traz magia do Egito?" Os sábios responderam: "Ele foi um tolo, e não se tende a obter qualquer prova de tolos [Esta mensagem está ausente de Wunsche. Cito Laible.] ?" (Sabbath 104 b).

R. Elieser conheceu um dos discípulos de Jesus, chamado Jacob von Kephars Sekhanja, que lhe disse "Na tua lei (5. Mos. 53. 19) está escrito: 'Não deves trazer um filho de uma prostituta para a casa do teu Deus'. Pode alguém fazer com essa esmola uma latrina para os sumos sacerdotes?" - Ele não teve resposta. Jacob von Kephars Sekhanja falou: "Assim me ensinou Jesus de Nazaré: Se ela recolheu o dinheiro do salário de uma prostituta, ele deve voltar a ser o salário de uma prostituta (Micha 1,7); se ele veio do lixo, deve ir para a lixeira [Pelo facto de R. Elieser ter dado ouvidos a supostas palavras de Jesus, foi acusado de heresia e mais tarde censurou-se amargamente. "O fanatismo judaico não perguntava na altura e não pergunta hoje: "O fanatismo judaico não perguntava e não pergunta hoje: 'O que foi dito é verdadeiro ou falso?', mas sim: 'Quem o disse?'" Laible]."

Jesus foi enforcado na véspera de Pessach, e um arauto o perseguiu durante 40 dias e gritou: "Ele deve ser apedrejado, porque praticou magia e seduziu os israelitas e os tornou infiéis; quem souber algo a seu favor, venha e apresente". Como não encontraram nada a seu favor, enforcaram-no na noite anterior a Pessach. Ula disse: "Achas que teria sido possível um veredito favorável a ele, afinal ele é um sedutor e o Misericordioso (Deus) diz em Deut. 13, 8: 'Não deves poupar a sua espécie, nem ter pena da sua espécie e escondê-lo? Só com Jesus é que as coisas se passam de maneira diferente, pois ele estava próximo do governo" (Sinédrio F. 43 a).

Os sinais do Messias são: A impertinência aumenta, a ambição jorra, o ramo de vinho dá o seu fruto, mas o vinho é caro; o governo transforma-se em heresia; não há correção, a casa da assembleia serve para a fornicção, a sabedoria dos sábios começa a cheirar mal; os que evitam o

pecado são desprezados, e a verdade faz falta; os jovens envergonham os velhos, os velhos ficam diante das crianças; o filho despreza o pai, a filha revolta-se contra a mãe, a nora contra a sogra. Os inimigos do marido são os seus co-residentes, a reputação da época é tão má que o filho não se envergonha perante o pai (Sota F. 49 a b).

Rab. Jehuda: "Na época em que o filho de David chegar, a casa da assembleia tornar-se-á um bordel. A sabedoria dos sábios cheirá mal. E aqueles que temem o pecado serão desprezados e *o semblante da era será o semblante do cão* (Sanhedrin F. 96 b e 97 a).

Com o aumento dos libertinos, os veredictos serão invertidos, as acções serão estragadas e Deus não terá alegria no mundo... Uma vez que os cuspidores [o termo cuspidores é aplicado pelo Rabino Nacht 1897 especificamente aos cristãos que supostamente tinham aprendido com Jesus a curar com a ajuda do cuspo. Dr. Lippe: Rabbinical-Scientific Lectures. Drohobycz 1897. Pág. 71] os orgulhosos também aumentaram, e os eruditos diminuíram, e a Thora procura aqueles que a aprendem. Como os orgulhosos aumentaram, as filhas de Israel começaram a casar-se com eles (Sota F. 47 b).

Onkelos invocou *Jesus* através de uma necromancia. Ele perguntou-lhe: "Quem é respeitado nesse mundo?" Ele respondeu-lhe: "Os israelitas". "Devemos apegar-nos a eles?" Ele respondeu-lhe: "Procurai o seu melhor e não o seu pior. Quem tocar neles é como quem toca no seu globo ocular". "Com que meios foste executado?" Ele respondeu-lhe: "*Com estrume a ferver*, pois está escrito: 'Quem zombar das palavras dos sábios será executado com estrume fervente [Este ódio é expresso em muitos lugares, por exemplo, no Toldoth (Vida de Jesus), um livro folclórico judaico, no Sohar des Mose de Leon, que foi republicado em 1880 e onde *Jesus é chamado de cachorro morto enterrado em uma pilha de estrume*, e em muitas outras obras judaicas até os dias de hoje]." (Gittin F. 56 b e 57 a).

Está escrito em Deut. 22, 3: "Com todas as coisas perdidas do teu irmão, o que significa: Deves ao teu irmão, *mas não tens que devolver a um pagão*" (Baba Kamma F. 113 b).

Rabi Chanina disse: O que significa o que está escrito em Lev. 25, 17: "Não se deve tirar proveito do seu próximo?" Resposta: "*Aquele com quem se está ligado pela Thora e pelas escrituras, não se deve peitar*" (Baba Mazia F. 59 a).

As palavras: "Não roubarás", de acordo com as escrituras, *referem-se apenas ao rapto!* (Sanhedrin F. 86 a).

Jakob falou com Rachel: "Queres casar comigo?" Ela respondeu: "Sim, mas o meu pai é um vigarista, e quem é que o pode igualar." Jakob respondeu: "*Eu sou irmão dele na vigarice.*" Ela perguntou-lhe: "É permitido a um homem justo ser um grande vigarista?" Ele respondeu: "Para com os limpos, tu te mostras limpo, e para com os falsos, desleal, ver Salmo 18, 27" (Megilla F. 12 a).

Hamã falou: "Não está escrito entre vós: 'Se o teu inimigo cair, não te alegres?'" Madrochai respondeu: Madrochai respondeu: "Isso só se aplica a um israelita, mas de *ti* está escrito em Deut. 33, 29: "Tu os esmagas nas suas alturas"" (ibidem F. 15 a d).

Simeão ben Jochai ensinou: "*Matai o mais honesto entre os adoradores de ídolos*, esmagai o cérebro do melhor entre os conjuradores de serpentes, o mais honesto entre as mulheres que praticam magia, saudai aquele que só procura fazer a vontade de Deus" (J. Kidduschin 40 b).

Uma pessoa não deve ter nada a ver com os hereges (Mínimos) e não deve deixar-se curar por eles, mesmo que seja apenas uma questão de vida de uma hora (um curto período de vida) (Aboda Sara F. 27).

O Kaiser disse ao Rabi Tanchum: "Vem, todos nós queremos ser gente!" "É justo", respondeu ele, "que nós, os circuncidados, não possamos tornar-nos iguais a vós, por isso deixai-vos circuncidar e tornai-vos iguais a nós" (Sanhedrin F. 39 a).

Rabi Josua: "Pode-se convidar o não judeu para a mesa no sábado, mas não se pode convidá-lo nos dias de festa, porque é de recear *que ele possa fazer mais por si próprio*" (Beza F. 21 b).

Um homem germânico, escravo de Rabi Jehuda ben Nasi, tinha saído de casa para acompanhar Rabi Hila. Um cão raivoso aproximou-se e mordeu Rabi Hila. O cão germânico defendeu-se e,

por isso, perseguiu-o. Rabi Hila aplicou-lhe Jes. 43, 4: "Porque és querido, valioso aos meus olhos, Israel, e és querido para mim, sacrificarei pessoas em vez de ti e gente em vez da tua vida" (J. Sabbath F. 23a).

De acordo com R. Jehuda, Rab disse: "Quem casa a sua filha com um velho e o seu filho menor com uma mulher e devolve *a propriedade perdida a um Goi (não-judeu)*, dele é dito nas escrituras Deut. 29, 18, 19: 'Se eu fizer com que aqueles que bebem tenham sede, *o Eterno não os perdoará*' (Sanhedrin 776 a b).

Rabi Jehuda disse: "*Os bens dos pagãos são como o deserto sem dono*; quem se apoderar deles, adquiri-los-á" (Baba Batra F. 54 b).

Rabi Meir diz: "*O ser humano deve dizer três bênçãos todos os dias, nomeadamente: que Deus não me fez um Goi, que não me fez uma mulher e que não me fez uma pessoa ignorante*" (Menachoth F. 43 b e 44 a).

O pai de Samuel diz: "É proibido ao *ser humano (israelita)* fazer um negócio com um Goi (não judeu), de modo que o Goi não deve fazer-lhe um juramento e ele deve então jurar em nome de um ídolo" (Becharoth F. 2 b).

De acordo com Bammidar rabba c. 2, a raiva de Deus recaí sobre os pagãos de forma permanente, comparar com Mechilta 32 b: "*Eu mato até o melhor entre os pagãos*". No caso de um pagão querer respeitar a lei e, por exemplo, cumprir uma oração do Sabbath, antes de se ter submetido à circuncisão, merece a morte (Sanhedrin 82). Mesmo que um pagão se apegue a toda a Thora, isso não o ajudaria em nada sem a circuncisão (Debarim rabba c. 1). A Tora, que traz a vida a Israel, traz a morte aos pagãos (Wajjikra rabba c. 1). O pagão não deve sequer estudar a Tora, caso contrário merece a morte. *Se o pagão em aflição rezar a Jehova, a sua oração não será ouvida* (Debarim rabba c. 1). E se fizer penitência depois de ter cometido um pecado, isso não o ajuda em nada (Pesikta 156 a). Mesmo as suas esmolas não lhe serão creditadas (Pesikta 12 b). O pagão, como tal, antes da circuncisão, não tem parte em Deus, na sua misericórdia e na sua revelação.

Schir rabba 86 r; da mesma forma 89 d: "Para as pessoas do mundo não há propriedade, pois está escrito Koh. 8, 13: "O transgressor não tem propriedade. O mundo pagão é constituído apenas por transgressores. Enquanto o israelita está sempre ocupado com o cumprimento dos mandamentos, o pagão está sempre ocupado com as transgressões. Todo pagão é suspeito de todos os pecados, inclusive os pecados da carne. Mechilta 17 b - todos os egípcios são sumariamente acusados de terem sido concebidos em adultério. Porque o pagão é, portanto, suspeito dos piores pecados da carne, Aboda sara II, 1 decreta que o judeu não deve colocar gado nos estábulos dos pagãos, porque se deve presumir que eles farão mau uso do gado para relações sexuais não naturais. *Os pagãos preferem o gado dos judeus às suas próprias mulheres*".

O rabino Josué conta: "Uma vez estava a caminho e vi uma criança sentada num cruzamento. Falei com ele: "Que caminho leva à cidade? Ele respondeu: "Este é curto e comprido e aquele é longo e curto! Apanhei o que era curto e comprido. Quando me aproximei da cidade, vi que estava rodeado de jardins e parques e dei meia volta. Meu filho", disse eu, "não disseste que este caminho era o mais curto?" Ele respondeu: "Rabi, não te disse que também é longo? Beijei-o na cabeça e disse-lhe: "Salve, Israel! Todos vós sois muito sábios, desde os grandes até aos mais pequenos! (Erubin F. 53 b).

*É um velho ditado que diz que os filhos de Israel, os progenitores do povo santo, são todos homens justos*, não há nada de desprezível neles (Sifre 72 b, compare Beresch. Rabba c. 54. Tanchuma, Bammidbar, Balak 8). Tendo em conta a tentativa de assassinio de José, isto parece impossível. Mas, de acordo com Beresch. rabba 54, o plano de assassinato era justificado, porque José deveria seduzir as tribos de Israel para o serviço de Baal; além disso, os filhos de Jakob foram para o Egito com a intenção de trazer José de volta (ibidem 91).

É certo que o bezerro de ouro pesa muito na balança da culpa para o povo "santo". Mas a Pesikta 77 b diz que o Santo investigou este pecado, mas não encontrou nada de criminoso que pudesse ser imputado a Israel. Segundo 78 b, Israel não participou no pecado: os prosélitos que

tinham vindo do Egito é que cometeram o pecado. Exatamente da mesma forma, Wajjikra rabba c. 27. *O próprio Deus causou o pecado do bezerro de ouro, segundo o Sinédrio 102 a, porque deu muito ouro a Israel.* No entanto, este ponto de vista não prevaleceu, pois o retrocesso é visto como uma segunda queda no pecado. Mas Aarão, o sumo sacerdote, como diz Wajjikra rabba 10, só procurou o bem quando fez o bezerro; não se deve acusá-lo. Os pais resmungões do deserto, que exigiam carne, só o fizeram porque queriam ver um milagre (Sifri 23 b compare 26 a).

David, diz Schabb. 50 a, não pecou; como poderia a Mechina viver com ele, se ele tivesse caído em tal pecado? Deus não vive com um pecador. Mas o império de David foi dividido como castigo pelos seus pecados. Isso foi feito porque ele aceitou um boato maligno sobre Mefibosete (Schabb. 56 a b). Daí veio a adoração de ídolos em Israel, daí também o exílio; Israel não tem culpa disso. Salomo também não cometeu nenhum pecado.

O rabino Schila chicoteou um homem que tinha dormido com uma mulher egípcia. Esse homem saiu e caluniou-o perante o rei com as palavras: "Há um homem entre os judeus que julga sem a permissão do rei." O rei enviou-lhe imediatamente um mensageiro. Quando o rabino Schila chegou, os juízes falaram: "Porque é que chicotearam este homem?" - "Porque ele dormiu com um asno", foi a resposta. "Tens testemunhas?", perguntaram. - "Sim!", disse ele. *Então Elia apareceu em forma humana e confirmou-o.* "Se é assim", continuaram os juízes, "ele merece a morte". O rabino respondeu: O rabino respondeu: "Desde o dia em que fomos expulsos da nossa terra, não temos autorização para morrer, mas vós podeis fazer com ele o que quiserdes". Enquanto os juízes deliberavam sobre o assunto, Rabi Schila começou a falar o ditado: 1. Cron. 29, 11: "Tu, Eterno, és a grandeza e o poder". Os juízes perguntaram-lhe: "O que disseste?" Ele respondeu: "Falei assim: Bendito seja o Misericordioso, que fez o reino na terra assim como o reino no céu, e que te deu poder e misericórdia no tribunal." Os juízes falaram: "A honra do império é muito cara a este", entregaram-lhe um bastão e disseram-lhe: "Tu pronuncias o veredito."

Quando o rabino Schila saiu, aquele homem falou com ele (que ele tinha chicoteado): "Será que o Misericordioso faz tal milagre para os mentirosos?" O Rabino: "Infame! Não lhes chames asnos! Como está escrito em Ezequiel 23, 20: "Cuja carne é como a carne do asno". - Quando o rabino viu que o homem ia dizer aos juízes que lhes tinha chamado asnos, pensou: *"Este homem é um perseguidor, e a Tora diz: 'Quem te quiser matar, vence-o'."* Pegou no seu bastão e matou-o (Berachoth F. 58 a).

Todas as criaturas que não sejam Israel estão destinadas ao dia do juízo e à destruição (Debarim rabba c.2). Todos eles serão lançados no inferno, onde sofrerão a condenação eterna, enquanto os infiéis de Israel, após algum tempo, através da penitência e das suas boas acções, sairão novamente do inferno. *Os pagãos fazem penitência no inferno também pelos pecados de Israel* (Schemoth rabba c. 11). A confusão envolve-los-á, enquanto Israel se transformará na luz (Wajjikra rabba c. 6).

As boas dádivas foram dadas a Israel, e as pessoas do mundo cobiçam-nas, mas não as adquirirão: a Thora, a terra de Israel e o mundo futuro (Mechilta 79 b, comparar Schemoth rabba c. 1).

A intenção ilegal tornou os pagãos inimigos de Jeová desde a revelação da Tora, *que estão destinados à aniquilação* (Bammidbar rabba c. 1 compare Tanchuma zu Debarim, Berachoth). Assim como Israel carrega a sua natureza indelebilis desde o Sinai como povo de Deus, assim também os pagãos, desde então, têm o seu carácter indelebilis como inimigos de Deus.

Israel não deve ter as suas acções legais levadas a cabo perante tribunais pagãos, mas apenas perante os seus próprios juízes, de acordo com a sua lei, mesmo que a lei dos pagãos esteja de acordo com a sua (ver Nasir 38, Tanchuma zu Schemoth, Weêlle 6). *Além disso, um israelita piedoso não pode pôr-se ao serviço das autoridades, se estas tributarem Israel.*

*Quem devolve a propriedade perdida a um não judeu, dele dizem as escrituras: "O Santo não lhe perdoará"* (Sanhedrin F. 76 a b).

Um pagão que bate num israelita merece a morte, como está escrito em Ex. 2, 12: "E ele virou-se para aqui e para ali, e quando viu que não havia ninguém, matou o egípcio." R. Chanina disse: "*Quem bate na face de um israelita, faz o mesmo que se tivesse batido na Schechina* (a glória divina)", pois está escrito Prov. 20, 25: "Quem bate numa pessoa, bate no Santo" (Sanhedrin F. 58 b).

*O ser humano (ou seja, o judeu) não pode ter comunidade com um Goi (não judeu)* (Bechoroth F. 26).

Relativamente à vida comercial, aplica-se o princípio, com a interpretação mais rigorosa, de que não se deve negociar com os pagãos; caso contrário, poder-se-ia chegar à situação de os fazer jurar pelo seu Deus (Sanhedrin 75). Em Bereschitch rabba 80 exige-se, pelo menos, que no comércio nunca se ofereça algo primeiro ao pagão. Em Aboda Sara 13 a b, por outro lado, encontra-se o princípio de que *o negócio com o pagão é permitido, pois não lhe traz qualquer vantagem, mas sim prejuízo*.

Tanto do ponto de vista ético como físico, o pagão é completamente impuro. O Schemoth rabba c. 20 chama ao Faraó um pastor de porcos. Não se trata de uma afirmação isolada: todos os pagãos são considerados impuros.

Enquanto Israel é chamado de trigo, do qual Deus tira proveito, os pagãos são chamados de palha e joio, e Deus não tira proveito deles. Por isso, também são chamados de *lixo* (Tanchuma zu Bammidbar 19), enquanto Israel é constituído por um povo justo. Deus só conta Israel, não os pagãos, que *não existem* diante dele, comparar acima 20: Assim como eles não criam frutos para o tempo e sem valor ou significado para Deus, assim também para a eternidade.

*O destino do mundo pagão é simplesmente o de ser julgado*. Tanchuma zu Bereschith, Wajjischeb 1: "Desde o início da criação do mundo, o Santo ocupou-se da origem dos pagãos, para que não tivessem desculpa, a fim de que as criaturas conhecessem as suas origens vergonhosas, Como os descendentes de Esaú, Gn 36, enumerados? Para mostrar que todos eles provêm de uniões incestuosas.

Rab Dimi disse: "*Uma esposa não existe para os pagãos, elas não são realmente suas mulheres*" [Isto significa que um judeu não pode cometer adultério com uma mulher não judia, pois o casamento estrangeiro não é válido como tal. Da mesma forma, um judeu não pode cometer usura contra um não judeu, pois este conceito só se aplica entre os próprios judeus]. (Sanhedrin F. 81 e 82 a b).

No que respeita ao casamento, o concubinato com os pagãos é simplesmente proibido. As filhas do céu são consideradas impuras desde o nascimento, pelo que não se deve aproximar delas *sob pena de morte*; mesmo estar a sós com elas é proibido (Aboda Sara, Gemara zu II, 5). As relações sexuais familiares são proibidas: *As crianças judias poderiam aprender a fornicação com os pagãos* (ibidem). Se, apesar disso, se verificar uma união entre um pagão e uma judia, e se daí resultar um filho, este é chamado Mamser, um bastardo (Jebamoth 45 a).

Se o judeu é questionado por um pagão sobre a Thora e se ele responde às suas perguntas e dúvidas, *então ele não o faz sem começar o seu discurso com uma maldição secreta* contra o pagão (Bereschith rabba c. 11). Não se aceita nenhuma caridade dos pagãos, pois estes são tão nocivos para Israel como o veneno da serpente (Pesikta 13 b). *Também não se faz nenhuma caridade ao pagão, nem sequer se lhe dá conselhos* (Baba Batra 2); não se o convida para a mesa e não o serve; porque quem não o faz, causa para os seus filhos o castigo do exílio (Sanhedrin 63). *Se, apesar disso, o israelita der esmola aos pobres pagãos ou enterrar os mortos dos pagãos, fá-lo-á para ser deixado em paz por eles e para conseguir uma relação pacífica com eles* (Nasir 30).

A massa popular permanece, de facto, sob a influência da Thora *enquanto Deus a tolerar*. As passagens que tratam da relação *política* do povo com o Messias são uniformes. *O povo é obviamente imaginado como um Estado tributário*, comparar Targum zu Jes. 16, 1: o povo trará tributo ao Messias; Schemoth rabba c, 35: todos os impérios do mundo devem trazer presentes ao Messias no final. Tanchuma, Schophetim 19: cada povo será tributário de Israel, servi-lo-á, na

medida em que lhe trará presentes, Sl 68, 32. *Diz-se mesmo que todos os tesouros que Israel possuía e que perdeu para os povos do mundo devem ser-lhe devolvidos no fim.* Diz-se de José que ele trouxe para o Egito todo o dinheiro das terras vizinhas. Israel levou-o consigo na sua partida, mas mais tarde as suas riquezas foram parar às mãos do poder mundial. Um dia, todos esses tesouros virão para Israel e permanecerão com ele.

Aí está também provada a dependência das pessoas em relação ao Messias e a Israel, *que têm de suportar a influência da lei, levar tributo ou grandes presentes a Jerusalém e permitir todos os roubos; e os pagãos que vivem sob Israel são os seus servos e trabalhadores.*

*Por isso, os povos do mundo são entregues à aniquilação através do veredito de Deus e do fogo do inferno. E depois de o mundo se ter tornado a única posse de Israel e libertado das pessoas do mundo hostis a Deus, pode ser renovado e tornar-se o local da vida eterna.*

## 6. O Schulchan-Aruch

Se ainda pudesse existir alguma dúvida sobre a estrutura do espírito judaico, existe um livro de leis conclusivo dos judeus, o Schulchan-Aruch, a clareza final.

Consiste, como se disse, em quatro partes. Na primeira, todo o ritual é desmembrado e estabelecido. - Não temos o menor direito de combater as observâncias religiosas enquanto tais, apenas porque nos são estranhas e provêm de outro povo; por mais estranhos que sejam os judeus, excluí tudo o que tenha a ver com isso. Mas podemos rejeitar as discussões que têm um efeito repelente sobre qualquer sentimento puro. Isso já foi discutido em relação ao amor e ao casamento. No Schulchan-Aruch o escatológico é ainda mais pronunciado; limito-me apenas a alguns exemplos.

Mais importantes são o segundo e o terceiro livro, onde, para além dos assuntos puramente judaicos, a relação com os não-judeus é estabelecida de uma forma tão desavergonhada e completamente imoral que não se pode levantar a voz suficientemente alto para marcar o espírito que aqui encontra o seu resultado. *Mentiras e enganos, cercas e roubos contra judeus legalmente aprovados, essa é a "lei" dos judeus. O ódio cego, a vingança desinibida e a aversão a tudo o que não é judeu, essa é a "religião" judaica no seu interior mais profundo.* E tudo isso se torna especialmente repulsivo, porque não é apresentado abertamente, mas sim criado tão secretamente quanto possível, e tem sido descaradamente negado até os dias de hoje. Judeus isolados que se rebelaram contra o espírito de seu povo foram perseguidos em todo o mundo. Um judeu que combate o seu judaísmo, apresenta um quadro trágico, mas não muda nada em relação à verdade da compreensão de todos os grandes europeus de que o judeu e com ele o seu judaísmo é o nosso inimigo mais amargo desde o início e tinha que ser. O alemão teve que perceber que, antes disso, uma recuperação do nosso povo alemão doente não era possível.

\* \* \* \* \*

### Orach Chajim (Caminho da Vida)

3,1. Quando se entra numa casa de banho, diz-se a fórmula: "Seja honrado, Excelentíssimo, etc."...

3, 2. comportar-se de forma vergonhosa na casa de banho e não se despir antes de se sentar.

3, 4. O homem não se despe mais do que um palmo atrás e dois palmos à frente, e a mulher despe-se um palmo atrás, mas não à frente...

3, 14. Quando se urina, tem-se o cuidado de não segurar o membro com a mão, exceto debaixo do local onde começa o pénis, porque, caso contrário, provoca-se um fluxo inútil de esperma.

Mas pode-se segurar o membro com a mão enquanto se urina, se se for casado; *a piedade*, porém, exige que isso seja evitado também no casamento, etc.

14, 1: Mostrar fios que um pagão prendeu a um casaco não é válido, pois está escrito: "Fala aos filhos de Israel", o que exclui um pagão. [Loewe: "Não se pode vender nem penhorar o Talar a um não-judeu... Quem tiver uma faixa de oração na cabeça, um Mesusah na porta e Zizith na roupa, pode ter a certeza de que não peca. No Talmud Tr. Sabbath F. 30, R. Lakisch diz: "Quem observar corretamente o comando do Zizith, será servido por 2800 escravos!" A prova de Zach. (Sacharja) 8, 23, assim falou Deus, o Senhor: "Naqueles dias, dez homens de todos os tipos de línguas do povo agarrarão os lóbulos de um homem judeu, dizendo: 'Queremos ir contigo, pois ouvimos que Deus está contigo - 70 línguas (povo) 10 vezes faz 700, em quatro línguas, 4 vezes faz 2800!"]

32, 9 Se a pele (para as tiras de pensamento) foi curtida por um pagão, isso - de acordo com a opinião de Maimónides, é inutilizável, mesmo que o judeu tenha pedido ao pagão para preparar as peles especificamente para o propósito da oração; de acordo com a opinião de R. Aser. No entanto, é de facto utilizável, se o judeu estiver ao lado do pagão e o ajudar...

32, 20. É preciso ter cuidado para que não se escreva uma letra a menos ou a mais do que o necessário, pois logo que se escreve uma letra a menos ou uma letra a mais, os parágrafos ficam inutilizados, de modo que aqueles que colocam tais tiras de pensamento dizem todos os dias uma bênção inútil.

55. Não se pode rezar na sinagoga sem que nela estejam reunidos dez homens. Em caso de emergência, pode-se deixar um escravo, uma mulher ou um menor ajudar... caso haja apenas nove homens, mas os presentes não devem ser separados uns dos outros por *esterco* ou por um *não-judeu*.

74 1) Se alguém dorme nu sob o seu casaco, então deve fazer uma parede divisória com o casaco sob a área do coração e depois recitar a Escuta-Lição [Höre-Lektion], pois enquanto o coração também puder ver a área genital, a recitação é proibida.

75, 5. Se uma parte genital se encontra debaixo de um vidro, de modo a que se possa ver através das paredes de vidro, então é proibido recitar o Escuta-Lecreto.

76, 1. Se o lixo estiver debaixo de um vidro, é permitido recitar a Leitura de Escuta, apesar de o lixo ser visível através das paredes de vidro, uma vez que as escrituras apenas fazem depender tudo de uma cobertura, como está escrito: "E deves tapar o teu lixo", e no nosso caso, afinal, está tapado.

76. 4. Se alguém tem lixo no corpo, que, no entanto, está coberto com roupa, ou se enfia a mão na sanita através de um buraco e não sente o mau cheiro, então muitos permitem que se recite a Escuta de Leitura...

87, 1 - Se alguém recitar o Escuta-Palavra e a urina começar a escorrer sobre o seu joelho, então deverá interromper a recitação até que a água tenha escorrido, e voltar à recitação; também poderá fazê-lo se a urina tiver caído sobre a sua roupa e a tiver molhado de tal forma que a mão, com a qual se toca nos panos, fique tão molhada que seja capaz de molhar outro objeto... Mas se a urina tiver caído no chão, então deverá afastar-se dela quatro metros.

82, 1. na proximidade de estrume tão seco que, se o atirmos, ele se desfaz, podemos recitar o Escuta-Palavra. [Eu acabo com essas coisas nojentas. Os rabinos conseguem dedicar-lhes 30 páginas].

113, 8. Se a pessoa que reza chega a um ponto da oração em que é suposto curvar-se, e um *não-judeu* se aproxima dele com uma cruz na mão, então ele não deve curvar-se, mesmo que este modo seja suposto ser para a sua intenção para o céu, porque poderia ter a aparência de que ele se curva para a cruz. [Loewe traduz de acordo: "Se alguém reza e um não-judeu vem pelo seu caminho, e ele está mesmo no sítio onde se deve curvar, não deve, no entanto, curvar-se".]

126, 1... Mas se um dirigente de oração omitir algo sobre os hereges na bênção, então, retirem-no imediatamente do seu cargo.

Segundo Pavly, a parte relativa aos hereges é a seguinte E que toda a esperança desapareça para os que negam, e que todos os hereges sejam imediatamente destruídos, e que todos os inimigos do teu povo pereçam em breve; e que tu possas em breve, nos nossos dias, exterminar, esmagar, aniquilar, eliminar, humilhar e rebaixar os transgressores. Louvado sejas, Eterno, que esmagas os inimigos e rebaixas os transgressores (igualmente Loewe).

156, 01 Deve-se ter o cuidado de não se associar com um pagão, pois talvez este seja obrigado a fazer um juramento ao judeu, pelo que este poderia violar uma proibição: "Não se deve ouvir da tua boca: (Ex. 23, 13). Mas muitos admitem que, hoje em dia, alguém se associe a um pagão, na medida em que os pagãos não juram hoje por ídolos, pois, *embora também mencionem o ídolo*, a sua intenção principal é, no entanto, *dirigida ao criador do céu e da terra, apenas associam o nome de Deus ao nome do ídolo...* [Como Loewe. De agora em diante, sigo exclusivamente a sua tradução].

128-135. A sinagoga deve ser construída no ponto mais alto da cidade.

137-24. Se alguém vê as casas dos não-judeus ocupadas, assim está escrito: "Ele deslocará a casa do arrogante". Se elas não estão ocupadas, está escrito: "O Senhor é um Deus de vingança." Se alguém vir sepulturas de israelitas, está escrito: "Aquele que vos criou com direito, fá-lo-á de novo." Mas se forem túmulos de não-israelitas, está escrito: "As vossas mães envergonham-se de vos terem dado à luz."

Não se pode comer pão preparado por não-judeus no sábado.

Se um judeu contratou um não judeu durante um ano ou vários anos..., o não judeu pode também trabalhar no sábado... Mas não se pode alugar *gado* a um não judeu no sábado ou de todo, pois é-nos ordenado que também o nosso gado descanse; mesmo que o não judeu garanta que quer deixá-lo descansar no sábado, pois um *não judeu não é fiável* para tal garantia.

Devido ao cumprimento do mandamento, é permitido ir a um navio na véspera do sábado; mas é preciso, *por uma questão de aparência*, condicionar o expedidor a não viajar nos dias de sábado.

Se alguém estiver em viagem e o sábado tiver começado e tiver consigo dinheiro, um *jumento* ou um *não judeu*, não deve carregar o dinheiro no jumento. Em vez disso, deve dá-lo ao não judeu durante o sabat, pois o descanso do jumento também é ordenado durante o sabat.

290. Deve-se comer muita fruta, alimentos finos e especiarias no Sabbath. Se a pessoa está acostumada a comer ao meio-dia, também não deve deixar que isso seja perturbado, pois isso é um prazer, e no sábado deve-se fazer tudo para se divertir.

A separação do sábado é celebrada com a bênção: Louvado seja, etc., que estabeleceram a diferença entre o sagrado e o profano, entre Israel e os outros povos".

298. Não se pode usar uma lâmpada que tenha sido acesa por um não-judeu no Sabbath.

316. No Sabbath não se pode apanhar moscas nem pulgas; com estas últimas, é permitido, se estiverem no corpo nu e picarem. Pode-se matar um piolho da cabeça, mas não um piolho do corpo; é preciso esfregá-lo ou deitá-lo à água...

325. No Sabbath, não se pode obrigar um não-judeu a comer e dar-lhe comida e dar-lhe um bem no *pátio*, para que ele coma aí; se ele o deixar, não se deve preocupar com isso.

328. A cura não pode ser efectuada por um não judeu, nem por mulheres ou menores.

329. Se havia nove não-judeus e um judeu numa casa, um deles foi para outro edifício e um edifício delapidado desaba sobre ele, e não se sabe no momento se é um judeu ou um não-judeu, deve-se remover imediatamente os escombros para possivelmente salvá-lo; mas se todos os dez deixaram o edifício, um deles foi para um edifício e está lá enterrado numa ruína, então pode-se remover a ruína no sábado, pois sua declaração é válida: Quem se retirar, é da maioria, e *estes são, afinal, não-judeus*.

330. No Sabbath, uma mulher não judia não pode ajudar num parto, nem mesmo com algo que não profane o Sabbath.

419. É agradável para *Deus* comer melhor do que o habitual no Dia do Mês Novo.

433. Se alguém *roubou* bolos sem fermento, não cumpriu o dever de comer bolos sem fermento; mas se roubou o trigo ou a farinha e fez os bolos com eles, então adquiriu-os através de *trocós* e apenas ficou a dever dinheiro à pessoa roubada.

A amassadura da massa *só* pode ser efectuada *por judeus*, a cozedura pode ser efectuada por não judeus.

A nossa maneira de nos lavarmos com sabão é proibida nos dias de jejum, e nenhuma judia pode lavar-se para os não-judeus durante esse tempo, devido à suspeita de que possa lavar-se para si própria, a não ser que cada um se convença do contrário ou que isso tenha de ser feito *secretamente*.

No mês de Tebeth, no dia 8 <sup>(dia 8)</sup>(devia-se jejuar), porque nesse dia, no tempo do rei Talmei (Ptolomeu), a Bíblia, o Antigo Testamento tinha de ser traduzido à *força* para o grego; por isso, supunha-se que o sol tinha escurecido durante três dias.

(Sobre a Festa de Ano Novo). Quando se comiam alhos, caldo de carne e tâmaras, dizia-se um ditado especial, *por exemplo*, "*os inimigos de Israel devem ser exterminados*", etc.

Na noite anterior ao Yom-Kippur (Festa da Reconciliação), o cantor principal da oração Kol-Nidre começa: "Todas as promessas e laços e proibições e promessas e punições e apelidos (das promessas) e *juramentos*, *que nós - desde este dia de reconciliação até ao futuro dia de reconciliação* (que possamos vivê-lo com felicidade) - prometemos, *juramos*, concordamos e, portanto, nos vinculamos, *todos nós já nos arrependemos deles e devem ser dissolvidos*, decretados, levantados e destruídos e descontados e inválidos e nulos. *As nossas promessas não deveriam ser promessas e os nossos juramentos não deveriam ser juramentos*".

## II. Jore Dea (Ensinamentos de Sabedoria)

16, 11. Um não judeu é certificado como testemunha de nada.

87. Alguns rabinos proibem que se faça fogo debaixo de uma panela que pertence a um não judeu.

112. Os sábios proibiram comer pão cozinhado por um não judeu, com receio de que alguém se aproximasse demasiado dele e se tornasse seu parente por casamento.

113. Nada que possa ser comida cru pode ser comida por um judeu, se tiver sido cozinhado por um não judeu.

114. Todas as bebidas preparadas por não-judeus são proibidas.

115. O leite que foi ordenhado por um não judeu é proibido.

123. Os judeus consideram os não-judeus como ídolos, especialmente os católicos.

Um prosélito judeu é considerado o mesmo que um não judeu.

139-158. Um rabino proíbe emprestar dinheiro a um não judeu para ajudar a construir uma igreja.

*A representação de uma cruz, diante da qual os não-judeus se curvam, é tanto quanto a imagem de um ídolo.* [Esta é também a opinião do historiador judeu Prof. H. Graetz, que equipara a cruz aos ídolos do paganismo; ver a sua "História dos Judeus". Vol. II, página 218].

Não se pode sentar à *sombra da tília*, se se rezou para ela ou se a imagem de um ídolo foi colocada debaixo dela; se se pode encontrar um caminho mais curto, *não se pode andar debaixo dela, se não, deve-se correr. Não se deve ficar à sombra de uma casa de ídolos.*

É permitido escarnecer de imagens de ídolos e dizer a um não judeu: "*O teu Deus pode ajudar-te ou favorecer os teus negócios.*"

Deve-se evitar tudo o que possa suscitar hostilidade, uma vez que se vive entre os não-judeus e se deve negociar com eles durante todo o ano; deve-se, quando se vê que eles gozam as suas festas, gozar com eles - *isso lisonjeia-os.*

Não se pode dar esmola a um não judeu que não se conhece. Mas, se vivermos entre eles, podemos alimentar os seus pobres, visitar os seus doentes - *por uma questão de paz. Não se deve (entre nós) dizer nada em seu louvor, nem mesmo dizer: "Que atrativo é este não judeu."*

Não se pode sentar à mesa com um não judeu, mesmo que o judeu coma do seu próprio alimento. Não se pode pôr gado no estábulo de um não judeu, para que os não judeus fiquem sob suspeita de terem relações sexuais com o gado. Uma parteira não judia não pode dar à luz o filho de uma judia, nenhuma judia pode estar com um ou vários não judeus.

O judeu *não pode* dizer que é um não judeu, mas pode falar de forma ambígua.

*Não se pode matar os não-judeus* que se dedicam à adoração de ídolos (desde que não haja guerra entre eles e nós), *mas também não se pode salvá-los, se estiverem em perigo mortal; por exemplo*, se um deles caiu na água, não se pode salvá-lo - nem mesmo em troca de pagamento. Não se pode curá-los de uma doença mortal, nem mesmo a troco de pagamento, a menos que isso tenha de acontecer para evitar hostilidade entre nós e eles.

É preciso matar, mesmo publicamente, os apikorsim, que servem a imagem de ídolos para agravar os seus compatriotas judeus... mesmo publicamente, se for possível, se não, é preciso procurar promover a sua morte.

178. Não se deve vestir como os não-judeus, não se deve imitar os seus costumes, deve-se diferenciar deles em todos os aspectos.

201. Segundo os rabinos, se uma mulher vai para casa depois do banho e encontra *um animal impuro ou um não judeu*, torna-se novamente impura.

236.240. Se um judeu roubou um não-judeu e o fez jurar, na presença de outros judeus, que *não* o roubou, e os outros judeus sabem que ele jurou falsamente, devem obrigá-lo a chegar a um acordo com o não-judeu e a não jurar falsamente, mesmo que o obriguem a fazer um juramento, pois assim ele profanaria o nome de Deus através do falso juramento; mas se não for esse o caso e ele não puder jurar, por estar em perigo de vida, *pode declarar o juramento no seu coração como inválido para ele.*

240. *Qualquer criança no corpo de uma escrava de uma mulher não judia não é melhor do que gado.*

### III. Choschem Hamischpat (Direito)

22,2. O judeu suporta, de facto, que um não judeu testemunhe contra ele, mas não para ser julgado por um não judeu.

34, 18. Um não judeu e um escravo não podem testemunhar (perante um tribunal).

46, 34. Se alguém se converteu a outra religião, é o mesmo que se tivesse tornado um ladrão.

66, 25. Se um não judeu vendeu uma nota de dívida a um judeu, aplicam-se as leis dos não judeus, de modo que a dívida não pode ser cedida; o mesmo acontece com uma doação de um não judeu; mas se um judeu vendeu uma obrigação a um não judeu, aplicam-se as leis judaicas.

86, 1. uma nota de dívida pode ser escrita em qualquer língua, desde que seja feita de acordo com os regulamentos judaicos e as *testemunhas sejam judeus* e saibam ler o texto; mas todas as notas promissórias feitas sob testemunhas não judaicas são inválidas.

121, 1) Se alguém recebe o seu pagamento por mensageiro e o credor lhe disse que o devia enviar, e este se perdeu, então está livre, mesmo que o mensageiro fosse um *não judeu, surdo-mudo, idiota ou menor.*

135, 2. *Um escravo adulto não judeu é como um gado sem pastor.*

154, 18. Não achamos que um judeu tenha o direito de um não judeu, exceto quando isso lhe é desfavorável, por exemplo, um judeu compra um campo a um não judeu e tem-no na sua posse durante muitos anos; agora um judeu vem e processa o campo e traz testemunhas de que é seu, aí

o direito é do requerente, pois um não judeu não tem direito de posse sobre a propriedade de um judeu, pelo que o judeu que lha comprou também não tem propriedade sobre ela.

156, 5 - Se alguém trouxe consigo um não judeu, é proibido em algumas cidades fazer negócios com esse não judeu, para não prejudicar o seu próximo (o judeu). Noutras, não só é permitido, como também se pode emprestar-lhe dinheiro, suborná-lo, tirar-lhe dinheiro, *porque a propriedade de um não judeu é como algo que foi entregue, e quem chegar primeiro tem direito a ela.*

163, 1. *Cada um deve contribuir para os custos que uma comunidade tem para eliminar um traidor do seu seio.*

176, 12. (Sobre os sócios.) *Se um dos sócios tiver roubado ou furtado alguns cogumelos, deve partilhar com os seus sócios.* Ele deve arcar com o prejuízo sozinho; mas se o prejuízo veio depois da divisão da propriedade roubada, então ambos devem arcar com ele; o mesmo acontece se o sócio vendeu a propriedade roubada. - Se um mensageiro tiver cobrado ao seu senhor uma dívida de um não judeu, que já tinha sido paga, o dinheiro pertence ao mensageiro. Se alguém devolver o dinheiro ao não judeu, não tem de o repor ao seu vizinho, para quem deveria tê-lo recebido, e *até é permitido* fazê-lo (devolver o dinheiro ao não judeu).

176, 28. Se duas pessoas tiverem de exigir uma dívida partilhada a um *não judeu*, e uma delas tiver cobrado a sua parte e quiser ficar com ela para si, e disser à outra que deve cobrar a sua parte, não será ouvida; e se o juiz tiver discutido com uma delas e disser ao seu vizinho: "Quero ajudar-te com a tua metade, mas não com a do teu vizinho", e este disser: "Eu trato da minha parte", então tem razão; do mesmo modo, se duas pessoas tiverem de cobrar uma *dívida má* e tiverem *de recorrer a subornos*, etc., então o juiz não terá razão.

182, 5) Se um mensageiro enganou *um comprador numa venda*, é como em qualquer outra venda, ou seja, se a diferença não for superior a um sexto do valor, a venda mantém-se e a vantagem vai para o expedidor.

183, 6. Se o produto a comprar tinha um preço firme, mas alguém deu ao mensageiro um número, massa ou peso excessivo, *dividem o pagamento em excesso* (o expedidor e o mensageiro).

183, 7. Se alguém envia um mensageiro para receber dinheiro de um *não-judeu*, e *este comete um erro e dá-lhe demasiado, tudo pertence ao mensageiro*; mas se o mensageiro só soube do erro depois de o dinheiro já estar nas mãos do remetente, então *pertence-lhe a ele*; se alguém estava a fazer negócio com um *não-judeu* e outro judeu veio *ajudá-lo e enganou o não-judeu* na medida, no número e no peso, *o pagamento em excesso é dividido, mesmo que o ajudante receba dinheiro pelo seu esforço.*

183. 8. A manda B embora, para lhe comprar roupa a crédito a um *não judeu*, e quando chega a altura do pagamento e A dá o dinheiro a B, verifica-se *que o vendedor se esqueceu completamente do assunto*, então A tem de reaver o dinheiro, B também não pode dizer que quer reter o dinheiro porque o vendedor talvez ainda se lembre dele, além disso, *não pode dizer que quer dar o dinheiro ao não judeu e assim consagrar o nome de Deus.*

Se alguém der duzentos florins a uma pessoa para a pagar a um não judeu, e *o mensageiro enganar o não judeu* e só lhe der cem florins, de modo a que ele pense que recebeu duzentos, *então os cem florins pertencem ao mensageiro, pois isso é tão bom como se o não judeu tivesse perdido metade da dívida.*

188, 1. *as leis do mensageiro não valem para um não-judeu*, da mesma forma que nenhum judeu pode ser um mensageiro legal para um não-judeu.

255, 6. Se alguém vender uma adega de vinho a outra pessoa e tiverem acordado entre si que o vendedor não é responsável por qualquer dano, a não ser que um barril se parta ou se derrame, e o comprador só quiser substituí-lo se o vinho azedar, etc., e os barris tiverem permanecido cheios e o vinho bom, mas *este se tiver tornado impuro devido ao contacto com um não judeu (na casa do vendedor)*, então ele deve cobrir o dano. [Refiro que, no final do século XVIII, os judeus de Hamburgo conseguiram ter o seu próprio cemitério, para não terem de se deitar com Goi, mesmo

na morte. Hoje em dia, os jornais ortodoxos pregam a abolição do domingo e a sua mudança para o sabbath, porque supostamente não é uma instituição religiosa para os alemães].

227, 26. Pode-se enganar um não judeu, porque está escrito nas Escrituras, 3. Livro de Moisés 25, 14, ninguém deve enganar o seu irmão.

232, 19. Se alguém vender ovos e eles estiverem podres, a transação é nula; mas *agora não é esse o costume*, e um costume anula uma lei.

249, 2) Não se pode doar nada a um não judeu que não seja visto nem sequer como um companheiro de residência ou de ocupação, a não ser que o conheçamos muito bem ou que isso tenha de acontecer para viver em paz com ele.

256, 3 - Se uma pessoa doente, *mesmo um prosélito*, disser que tem em sua mão uma determinada quantia de dinheiro de um filho ou de um não-judeu, e que se deve dar a ele após a sua morte, isso deve ser feito. *Mas se ele pede que, após a sua morte, se faça uma doação a um não-judeu nomeado, isso não é respeitado*; pois isso é o mesmo que se ele tivesse dito que se deve cometer *um pecado* com a sua fortuna.

259, 2) O objeto perdido deve ter sido encontrado num local que obrigue o seu detentor a devolvê-lo e que este não o tenha deixado cair deliberadamente, que valha pelo menos um cêntimo e tenha marcas, ou que o local onde foi encontrado as tenha, e que ele também teria feito o esforço, se fosse sua propriedade, e que pertença a alguém a quem seria obrigado a devolvê-lo; *se faltar apenas uma destas condições, não é obrigado a devolver o que foi encontrado...*

259, 3) Se o objeto estava num lugar onde os judeus costumam estar, ele tem de o chamar publicamente...; *mas se o objeto estava num lugar onde os não-judeus costumam estar, ele não tem de o devolver...*

261, 2. Se alguém encontrar uma vaca entre as vinhas, deve mandar chamá-la, porque, *caso contrário, o dono da vinha sofrerá um prejuízo*; mas se a vinha pertencer a um não judeu, isso não é necessário para ele.

262, 5. A partir do momento em que o achador *tem a certeza* de que o perdedor *teve de renunciar* a um objeto, este pertence ao achador".

266, 1. *O achador não pode simplesmente ficar com um objeto que um não judeu perdeu, mas também está proibido de o devolver*, pois está escrito nas Escrituras: o objeto perdido do teu irmão, 5. Livro de Moisés, 22, 1,; mas o achador devolve o objeto ao judeu *para consagrar o nome de Deus, para que se exalte os israelitas...*, pelo que deve ser devolvido.

272, 9. Se o animal pertence a um judeu e a carga a um não judeu, deve-se ajudar a carregar e descarregar, mas se ambos pertencem a um *não judeu*, não é necessário, *exceto para evitar hostilidade*.

275, 1) Se um *prosélito morrer sem filhos* cuja concepção e nascimento tenham sido em santidade (isto é, após a conversão ao judaísmo), *a sua fortuna é entregue, e quem quer que a controle primeiro, adquiriu-a*.

275, 2 - Quem se apoderou dos seus bens, *não é mais obrigado a mandar enterrá-lo do que qualquer outro morto*.

283, 1. Um *não judeu* não herda do seu pai, que é prosélito, e um prosélito não pode herdar de outro. 275, 1, 2. *Se um não judeu a quem um judeu deve dinheiro tiver morrido e os seus herdeiros não souberem da dívida, não é necessário que o judeu a pague*.

348. Não se pode roubar, mesmo que seja pouco, nem mesmo por brincadeira, nem para devolver o que foi roubado, nem para o repor a dobrar, nem simplesmente para irritar o proprietário; tudo isto é proibido, para que não se habitue a roubar. Quando alguém rouba algo, mesmo que valha apenas um cêntimo, violou o mandamento "Não roubarás" e tem de pagar, independentemente de ter roubado algo a um judeu ou a um não judeu, a um adulto ou a um menor. [Os rabinos estão muito orgulhosos desta passagem e acreditam que podem livrar-se de todas as monstruosidades. Por exemplo, o Dr. Hoffmann apresenta-a como uma citação da moral judaica, mas cala-se depois do posfácio. Ver "Schulchan-Aruch", Berlim 1894, página 94. Mesmo o erudito pró-judeu Prof. F. Delitzsch viu-se obrigado a tomar uma posição contra o ódio aos

judeus. Ele escreveu em "Newest Vision of the Anti-Semitic Prophet" (Erlangen 1883), página 18: "Estas declarações de desigualdade legal, que libertam os judeus em certos casos dos deveres de moralidade comunitária para com os não-judeus, são os *resultados mais repulsivos* da educação rabínica e do desenvolvimento da lei mosaica. Os judeus terão de suportar, se - quanto mais orgulhosos da sua religião se vangloriarem - os confrontarmos com esta imoralidade da lei rabínica, ainda mais vergonhosa"]. (*Pode-se roubar diretamente um não judeu, ou seja, enganá-lo nos cálculos, etc.*, mas ele não deve sabê-lo, para que o nome de Deus não seja profanado. Alguns rabinos permitem-no agora, se um não-judeu errou em seu desfavor, não se pode enganá-lo). Se alguém roubou algo e outro vem e o ajuda a levar o que foi roubado, ele está livre de pagamento.

369. Se o rei emitiu uma lei para apenas uma classe de súbditos, por exemplo, para aqueles que emprestam dinheiro a juros, *não se deve dizer que a lei do rei é uma lei válida para os judeus...* Alguns opõem-se a isto e afirmam que tudo o que o rei ordena deve ser obrigatório para os judeus... Não se diz que se deve seguir os livros de leis não judaicos em tudo, *pois de outra forma toda a lei judaica seria derrubada, afinal.*

386. Se alguém vende algo a um não judeu e um judeu lhe diz que pagou demasiado, é um traidor e *deve cobrir os danos* que daí resultam.

388. É proibido entregar um judeu, ele próprio ou a sua fortuna, ao controlo de um não judeu, para o trair..."; mas se o informador tiver sido traído por ele, pode traí-lo de novo, sim, até matá-lo, se não puder salvar-se de outra forma. É permitido matar um traidor, quer o encontremos, mesmo nos tempos actuais. Se alguém souber de alguém que quer trair o seu próximo, deve primeiro avisá-lo, se acreditar que pode evitá-lo desta forma e se ainda houver tempo suficiente; mas se ele estiver fresco e não quiser aceitar o aviso, *deve matá-lo na primeira oportunidade.* (Alguns rabinos dizem que, se nos salvarmos dele de outra forma, por exemplo, cortando-lhe a língua ou tornando-o cego, então não o podemos matar).

Se alguém fabricar dinheiro falso e se houver receio *de que, através dessa pessoa, outros judeus possam também ser envergonhados*, esse homem será primeiro avisado (pelo tribunal judaico); se não obedecer, é permitido traí-lo e dizer ao governo não judeu que apenas *este* judeu se ocupa deste negócio e que os outros judeus não têm qualquer participação nele.

Se alguém quer fugir e *não pagar a sua dívida a um não judeu, e um judeu o traiu*, não deve, de facto, ser chamado traidor, mas cometeu uma *grande maldade.*

Procura-se todos os meios para eliminar um judeu que já traiu três vezes um judeu ou a sua fortuna. Todos os custos que a comunidade judaica tiver para eliminar um traidor serão cobertos conjuntamente por todos os membros da mesma.

405. Se a pessoa empurrada (por um boi) for uma *escrava grávida, este caso é tratado da mesma forma que no caso do gado*; a escrava será avaliada em função do valor que terá depois deste acontecimento - a perda do filho.

406. *Se o boi de um judeu empurrou o de um não judeu, o dano não tem de ser coberto*, pois está escrito no 2. Livro de Moisés 21, 35: o boi do teu próximo; mas no caso contrário, o dano tem de ser coberto.

425. *É uma obra agradável a Deus matar publicamente, se possível*, um judeu que pratica o culto dos ídolos ou comete pecados, não por desejo, mas para agravar assim os seus concidadãos, ou um *Apikoross, que não reconhece a lei e os profetas*; se isso não for prático, deve-se procurar *eliminá-lo por meios indirectos.*

Em relação aos não-judeus, com os quais não vivemos em conflito, comportamo-nos de modo a não causar a sua morte nem a *salvá-los dela.*

#### **IV. Eben haezar (que contém a lei marcial)**

6, 8. O que é uma prostituta? *Todas as filhas não judias* ou uma filha judia que tenha algo a ver com alguém que não possa casar com ela... Se uma mulher tiver algo a ver com gado, mesmo que o castigo seja o apedrejamento, continua a não ser uma prostituta e um sacerdote pode casar com ela, porque não teve qualquer relação sexual proibida com *seres humanos*.

7, 2. Hagah. *O testemunho de um não judeu*, mesmo que não seja intencional, *não significa nada*. Alguns rabinos querem permitir que este caso seja válido.

20l 1. Hagah. A coabitação com uma rapariga com menos de três anos de idade não é considerada crime.

26. 1. Se dois *cônjuges não judeus* se converteram ao judaísmo... podem separar-se sem papéis de divórcio, *porque o modo de vida anterior é considerado prostituição*

28. É proibido confiar a uma mulher um objeto que se roubou...; *mas se se roubou algo a um não-judeu, pode-se usá-lo para um compromisso*.

37. 1. Se uma rapariga tiver três anos e um dia de idade, o pai pode fazer com que ela fique noiva através da coabitação.

74, 11.. Se um homem fingir que quer sair da sua residência anterior, porque esta era má ou porque viviam *peessoas frescas ou não-judeus* na vizinhança, será ouvido (perante o tribunal).

141, 35. Se alguém enviar uma carta de divórcio a um não judeu, deve designar-lhe um judeu e escrever-lhe que foi designado como mensageiro para entregar a carta de divórcio à sua mulher, isto é válido, porque nesta ação o não judeu *não fez nada* mais do que - *um macaco também faz!*

# Espírito do Talmude

## PRIMEIRA PARTE

### Introdução ao Talmude

#### I. A história do Talmude

##### 1. As leis mosaicas

O Talmude baseia-se nas Leis Mosaicas estabelecidas na Torá do Antigo Testamento. As Leis Mosaicas estão estabelecidas na Torah do Antigo Testamento. Torá (= ensinamento, lei) significa os cinco livros de Moisés, ou seja, os primeiros cinco livros do Antigo Testamento, que, segundo a crença judaica, foram escritos pelo próprio Moisés no século XII a.C. em resposta a um ditado sobrenatural de Javé.

Esta Torá é o primeiro e mais sagrado fundamento da religião judaica, especialmente as chamadas Leis Mosaicas, que estão contidas nos livros segundo a quarto de Moisés e representam os mais diversos regulamentos legais, morais e rituais. Não menos importantes, no entanto, são os acontecimentos históricos registados na Torá. para o desenvolvimento posterior da religião judaica e para o comportamento de cada judeu. As outras partes do Antigo Testamento judaico foram acrescentadas como adições secundárias à revelação atual da Torá. revelação da Torá e,

consequentemente, receberam um significado para a importância posterior, embora não tão altamente valorizado.

Seria ir demasiado longe no contexto destas explicações para entrar nas disposições da Torah judaica. Basta referir a interpretação judaica do "Alto Testamento", que teve origem por volta do ano 1000 d.C., do "Cântico dos Cânticos" (Midrash Shir ha-la), que pertence ao Antigo Testamento; neste Midrash, 70 epítetos são atribuídos à Torá judaica, alguns dos quais são típicos. A Torá é apresentada como: sábia, conhecimento, irrepreensível, comprovada, que torna sábias as portas, que refresca a alma, pura, que dura para sempre, que ilumina os olhos, que deleita o coração, deliciosa, ouro, querida, mel, profunda, inesgotável, encanto, árvore da vida, delícia, alegria, etc. Estes nomes da Torá judaica são, ao mesmo tempo, um contributo para a megalomania dos judeus, que, enquanto povo eleito de Javé, se elevaram a tal julgamento da sua lei dada por Javé.

Por uma questão de exaustividade, deve também ser mencionado que a palavra "Torá", no sentido mais amplo da palavra, refere-se a toda a lei judaica, nomeadamente a lei escrita do Antigo Testamento e o Testamento Oral e o ensino oral da lei, que por sua vez foi mais tarde escrito no Talmud e seus predecessores e continuações religiosas-legais. e seus predecessores e continuações religiosas-legais, ou seja, toda a literatura religiosa-legal dos judeus até aos dias de hoje.

O significado da Torá, ou seja, das Leis Mosaicas e de toda a literatura jurídica judaica, pode ser visto nas seguintes declarações talmúdicas judaicas: "Significativa é a Torah, pois sem ela, o céu e a terra não poderiam existir" (Talmud Nedarim 52a); "A Torah é a luz" (Talmud Taanit 7b e Megillah 16b); "Porque é que as palavras da Torah são comparadas a uma figueira? Tal como numa figueira, sempre que se procura na figueira, encontram-se sempre figos, assim também nas palavras da Torá, sempre que se procura nelas, encontram-se figos" (tratado talmúdico Erubin 54b); "O homem (judeu) aprende na Torá apenas o que o seu coração lhe apetece fazer" (tratado talmúdico Aboda zara 19a); "Aquele que estuda a Torah por ela mesma, a Torah por ela mesma, torna-se o remédio da vida" (tratado talmúdico Taanit 7a); "Vai, ocupa-te com a Torah, e viverás" (tratado talmúdico Rosh Hashana 18a).

## **2. A Mishnah**

As leis e narrativas dos antigos israelitas eram, na sua maioria, limitadas no tempo e, nos primeiros séculos após a mudança de época, receberam uma explicação contemporânea, suplementação e modificação pelos mestres judeus da época na Mishnah e na Gemara, que juntas formavam o Talmud.

A palavra "Mishnah" significa: repetição, aprendizagem; uma coleção de ensinamentos; uma coleção de doutrinas. No início, o judaísmo não permitia que os ensinamentos dos Sábios, que explicavam a Torah, fossem escritos. Por isso, no início, este ensinamento oral era transmitido de boca em boca, de geração em geração; a Lei era simplesmente memorizada na íntegra, nomeadamente os próprios ensinamentos e a sua relação com a Palavra do Antigo Testamento. Em breve, porém, a multiplicidade de doutrinas representadas pelos ensinamentos da Lei e as doutrinas representadas pelos mestres da Lei tornaram necessária a compilação de colecções dessas doutrinas. No judaísmo pós-bíblico, não tardaram a aparecer várias dessas colecções. Para

evitar a diversidade doutrinal, o mestre da lei judaico, Judá han-nasi (Judá, o Príncipe), escreveu a sua Mishnah (no século II d.C.) utilizando todas as colecções existentes.

A Mishnah consiste em seis "ordens" (sedarim). Cada "ordem" (seder) é dividida num número de (7-12) tratados, de acordo com os quais a Mishnah é citada pelo nome. Os nomes das seis ordens mishnaicas são: 1. seraim ("sementes"; oferendas rurais aos sacerdotes, etc.); 2. sacerdotes, etc.); 2. moed ("festas"; sábado, etc.); 3. nashim ("mulheres"; casamento e direito de família); 4. nesikin ("danos"; direito civil e penal); 5. direito penal); 5. kodashim ("coisas sagradas"; sacrifícios); 6. toharot ("coisas puras"; leis de pureza).

O número total de parcelas mistas é de 63.

A elevada consideração que o próprio Talmude tem pela Mishnah é ilustrada por alguns ditos talmúdicos: "A Mishnah é a rainha (da lei judaica)" (Ketubot1b; Makkot21a; Nidda52a); "No dia da festa só se deve comer e beber ou sentar-se e estudar a Mishnah" (Pesachim68b; Beza15b); "Somente aqueles que podem guerrear adequadamente com a arma da lei judaica, que têm muitos ensinamentos mishnaicos à mão" (Sanhedrin 42a); "Quem esquece até mesmo uma palavra da Mishnah, as Escrituras (do Antigo Testamento) o consideram como um Testamento, de modo que ele perdeu sua vida" (Abot 3:10).

### 3. A Gémara

Mas nem mesmo a Mishnah era suficiente para os zelosos professores judeus da Lei. Foram criadas escolas judaicas de Direito na própria Palestina (Jerusalém, Jâmnia, Tiberíades, Cesareia, Séforis) e, de forma ainda mais acentuada, na Babilónia (Nehardea, Sura, Pumbedita). Nestas escolas, a Mishnah foi objeto de um outro complemento escrito, a chamada Gemara (= suplemento).

As discussões da Mishnah são apresentadas na Gemara sob a forma de uma discussão que se processa num pensamento puramente formal. Os rabinos (como eram chamados os mestres da lei judeus) discutem do centésimo ao milésimo ponto por razões puramente externas e puramente acidentais, de modo que, nesta sala de discussão rabínica de rabinos confusos, muitas vezes são trazidas à tona coisas que nada têm a ver com a idéia central da Mishnah que eles querem explicar. Isto também explica porque é que os títulos de cada uma das porções mishnaicas acima apresentadas não correspondem ao conteúdo real da Gemara que se segue a cada porção mishnaica.

De acordo com os dois centros da doutrina jurídica judaica (Palestina e Babilónia), as opiniões de cada um dos juristas judeus sobre as sentenças da Mishnah foram resumidas numa dupla Gemara: o Talmude Palestino ou de Jerusalém (século V: = Mishnah + Gemara Palestina) e a Gemara Babilónica e o Talmude Babilónico (século VI: = Mishnah + Gemara Babilónica).

O Talmude Palestino tem uma Gemara para apenas 39 dos 63 tratados da Mishna. Uma peculiaridade do Talmude palestino é que enfatiza as narrativas edificantes (Haggadah) em vez do material legal (Halakha) do Talmude, tanto quanto o Talmude babilónico.

O Talmude Babilónico, ao contrário do Talmude Palestino, trata sobretudo de disposições legais, que são apresentadas ao leitor numa dialética levada ao extremo. O facto de só este Talmude babilónico ter alcançado uma aceitação geral no judaísmo como um todo deve-se às suas muitas disposições legais. Por isso, quando se fala do Talmud em geral, fala-se do Talmud

Babilónico. Embora o Talmude Babilónico forneça uma Gemara para apenas 37 do total de 63 tratados Mishnat, a prolixidade dos mestres da lei babilónicos tornou-o o único do seu género. A prolixidade dos mestres da lei babilónicos fez com que o Talmude Babilónico fosse aproximadamente três vezes maior do que o Talmude Palestiniano, que tem uma Gemara para 39 tratados Mishnat. A dimensão da subtilidade do Talmud babilónico é demonstrada, nomeadamente, por uma história relatada no próprio Talmud babilónico, na qual se diz que o mestre da lei judeu, Zera, quis viajar da Babilónia para a Palestina, e que este Rab Zera Zera jejuou durante cem dias antes da sua partida para esquecer o Talmud babilónico, o Talmud babilónico, e não se confundir com ele (Baba mezia 85a).

A aparência do Talmud Babilónico manteve-se a mesma desde a primeira edição impressa até aos dias de hoje. Cada tratado mishnaico é seguido pela Gemara correspondente. O texto do Talmud no centro da página O texto do Talmud no centro da página está separado do comentário de Rashi na margem interna e dos Tosafot na margem externa.

Nas palavras do próprio Talmud, a força vinculativa do Talmud é maior do que a das Leis Mosaicas: "Se alguém lida com as Escrituras (do Antigo Testamento), isso é alguma coisa, mas o Mishneh, isso já é alguma coisa, e a pessoa recebe uma recompensa por isso. Mas quando se lida com o Talmud, não há nada mais importante do que isso" (Baba Meziah 33a); "As palavras do Talmud são palavras dos sábios talmúdicos mais importantes do que as palavras do Antigo Testamento" (Sanhedrin 88b); "A Halakha (a parte legislativa do Talmud) é a coroa da doutrina jurídica judaica" (Megillah 28b).

Por uma questão de clareza, daremos agora uma classificação exacta do Talmud, indicando quais os tratados Mishneh que receberam uma Gemara.

Nomes e conteúdos das regras e tratados talmúdicos:

## I. **Seraim** = sementes

**1. Berakot** 1) = bênçãos, 127 páginas de fólio, contém regulamentos sobre as orações dos judeus, os tempos de oração, a postura durante a oração, o comportamento na casa do trono (no privado), etc.

**2. Ervilha** 2) = Canto, 8 capítulos, contém regulamentos sobre o mandamento bíblico de deixar um canto para os pobres ao lavar o campo, bem como outros regulamentos sobre a lei dos pobres.

**3. Demai** 2) = Duvidoso, 7 capítulos, contém regulamentos relativos aos frutos que são duvidosos quanto à sua entrega aos sacerdotes, e o chamado segundo dízimo, bem como regulamentos relativos àqueles que são obrigados a pagar o dízimo, etc.

**4. Kilayim** 2) = Duplo, 9 capítulos, contém disposições relativas à mistura não autorizada de coisas que pertencem à mesma coisa, mas que são de tipos diferentes.

**5. Shebiit** 2) = sétimo ano, 10 capítulos, contém disposições relativas à sementeira dos campos no ano sabático e à remissão das dívidas prescritas nesse ano.

**6. Terumot** 2) = deveres, 11 capítulos, contém disposições relativas à construção do tabernáculo e de várias instalações do templo.

**7. Maasroi** 2) = o dízimo, 5 capítulos, contém disposições relativas ao dízimo devido aos levitas que trabalhavam como servos no Templo judaico.

**8. Maaser scheni** 2) = o segundo dízimo, 5 capítulos, contém regulamentos relativos ao chamado segundo dízimo, que os judeus tinham de pagar com o rendimento das suas colheitas e com o produto dos primogénitos do seu gado e das suas ovelhas.

**9. Challa** 2) = Levantamento da Massa, 4 capítulos, contém regulamentos relativos ao levantamento da massa para cozer, que devia ser entregue ao sacerdote do templo.

**10. Orla** 2) = prepúcio, 3 capítulos, contém regulamentos relativos ao prepúcio das árvores, isto é, o fruto de uma árvore nos primeiros três anos de sua plantação; esse fruto devia ser entregue a Jerusalém como primícias.

**11. Bikkurim** 2) = primícias, 3 capítulos, contém regulamentos relativos às primícias de todos os frutos a oferecer a Javé.

1) *Gemara palestiniana e babilónica.*

2) *Apenas a Gemara palestiniana.*

## II. Moed = Festa

**1. Shabbat** 1) = Sábado, 314 páginas de fólio, contém regulamentos sobre a celebração do Sábado, especialmente sobre o trabalho permitido e proibido no Sábado.

**2. Erubin** 1) = misturas, 209 páginas de fólio, contém os vários meios recomendados pelo Talmud para contornar as onerosas leis do Sabbath (por exemplo, misturar e ligar parcelas de terra para aumentar o comprimento do percurso permitido para o Sabbath).

**3. Pesachim** 1) = os dois Pessach, 242 páginas de fólio, contém regulamentos sobre a celebração de Pessach. .

**4. Shekalim** 2) = shekel (moeda judaica), 8 capítulos, contém regulamentos relativos ao imposto do templo e a vários templos em Jerusalém.

**5. Yoma** 1) = o dia, 175 páginas de fólio, contém regulamentos para o Dia da Expição. Dia da Expição.

**6. Sukkah** 1) = tabernáculo, 112 páginas de fólio, contém regulamentos para a celebração da Festa dos Tabernáculos.

**7. Beza** 1) = Ovo, 80 páginas de fólio, contém regulamentos relativos aos costumes a observar nos dias de festa judaicos; o seu nome traz "o tratado toma o seu nome da questão discutida no início, se um ovo posto no dia de festa pode ser comido ou não. No Talmud palestiniano, o tratado é chamado Yom tob = Dia de Festa, de acordo com o seu conteúdo.

**8. Rosh Hashanah** 1) = início do ano, 69 páginas de fólio, contém regulamentos para a celebração do Ano Novo judaico.

**9. Taanit** 1) = jejum, 61 páginas de fólio, contém regulamentos sobre o jejum público.

**10. Megillah** 1) = rolo, 63 páginas de fólio, contém regulamentos para a leitura da Megillah, ou seja, o livro bíblico de Ester, na festa judaica de Purim.

**11. Moed qatan** 1) = Meia-férias, 59 páginas de fólio, contém regulamentos sobre o trabalho permitido durante a meia-férias.

**12. Chagiga** 1) = Festa, 53 páginas de fólio, contém regulamentos sobre as três festas de peregrinação dos judeus (Festa dos Tabernáculos, Páscoa e Festa das Semanas).

1) *Gemara palestiniiana e babilónica.*

2) *Apenas a Gemara palestiniiana.*

### **III. Nashim = Mulheres**

**1. Jebamot** 1) = Cunhadas, 244 páginas de fólio, contém a regra judaica de que a cunhada (a esposa do falecido sem filhos (a esposa de um irmão que morreu sem filhos), sobre graus de parentesco graus de parentesco, casamentos proibidos, bastardos, etc.).

**2. ketubot** 1) = texto escrito, 224 páginas de fólio, contém regulamentos sobre a ketubah (certidão de casamento), sobre o dia do casamento da virgem e da viúva, sobre a credibilidade da virgindade, etc. etc.

**3. Nedarim** 1) = Votos, 182 páginas de fólio, contém disposições sobre os votos e as suas obrigações.

**4. Nasir** 1) = Nazirite, 132 páginas de fólio, contém disposições relativas ao voto de Nazirite, que exigia a abstinência de bebidas intoxicantes, de cortar o cabelo da cabeça e de se contaminar com um morto.

**5. Sofá** 1) = a mulher suspeita de adultério, 98 páginas de fólio, contém disposições relativas à mulher judia suspeita de adultério.

**6. Giftin** 1) = Cartas de divórcio, 178 páginas de fólio, contém disposições sobre a carta de divórcio que um judeu pode emitir para a sua mulher.

**7. Qiddushin** 1) = Santificações, 164 páginas de fólio, contém disposições sobre o casamento e outros assuntos matrimoniais.

1) *Gemara palestiniiana e babilónica.*

### **IV. Nesikin = Indemnizações**

**1. Baba qamma** 1) = Primeira porta (de direito civil), 238 páginas de fólio, contém disposições sobre a obrigação de indemnização por danos públicos.

**2. Baba mezia** 1) = porta intermédia (do direito civil), 238 páginas de fólio, contém disposições sobre a descoberta, a guarda de bens, a compra e venda, etc.

**3. baba batra** 1) = última porta (do direito civil), 352 páginas de fólio, contém disposições sobre copropriedade, posse, venda de bens móveis e imóveis, direito sucessório, etc.

**4. Sanhedrin** 1) = tribunal de justiça, 226 páginas de fólho, contém regulamentos sobre a composição dos tribunais de justiça judaicos, sobre os procedimentos legais judaicos, os procedimentos legais judaicos e, sobretudo, sobre o direito penal judaico.

**5. Makkot** 1) = flagelação, 48 páginas de fólho, contém regulamentos sobre as infracções que eram punidas com flagelação, a forma como a flagelação devia ser executada, etc.

**6. Shebuot** 1) = Juramentos, 98 páginas de fólho, contém disposições sobre a natureza dos juramentos.

**7. Eduyyot** 2) = Testemunhos, 8 capítulos, contém testemunhos de autoridades mais antigas da Mishnah.

**8. Aboda zara** 1) = Idolatria, 152 páginas de fólho, contém regulamentos sobre as festas dos idólatras, sobre os ídolos e sobre os próprios ídolos, proibição de contacto próximo com idólatras, etc.

**9. Abot** 2) = (Ditos dos) Pais, 6 capítulos, contém uma coleção de ditos dos professores judeus da lei do período de 300 a.C. a 200 d.C.

**10. Horayot** 1) = regras, 27 páginas de fólho, contém regulamentos sobre ofertas especiais de pecado. sobre ofertas especiais de pecado.

1) *Gemara palestiniana e babilónica.*

2) *Não há Gemara.*

## V. **Kodashim** = santuários

**1. Zebachims** 1) = sacrifícios, 240 páginas de fólho, contém sobre os vários sacrifícios a serem oferecidos no Templo de Jerusalém. a serem oferecidos no Templo de Jerusalém.

**2. Menachot** 1) = ofertas de cereais, 219 páginas de fólho, contém regulamentos sobre a oferta de sacrifícios de alimentos a Javé.

**3. Chullin** 1) = impuro, 283 páginas de fólho, contém regulamentos sobre o abate de animais não destinados ao sacrifício sem anestesia.

**4. Bekorot** 1) = primogénito, 122 páginas de fólho, contém regulamentos relativos a seres humanos e animais que pertencem apenas a Javé.

**5. Arakin** 1) = Estimativas, 69 páginas de fólho, contém disposições sobre os montantes a pagar com base num voto, em função do valor de uma pessoa ou de uma coisa objeto de voto.

**6. Temura** 1) = Substituição, 67 páginas de fólho, contém disposições sobre a troca de um animal de sacrifício que é substituído por outro animal.

**7. Keritot** 1) = extermínio, 56 páginas de fólho, contém disposições sobre a punição de extermínio, ou seja, a morte natural na idade de 20 a 50 (segundo outros: 60) anos.

**8. Meila** 1) = transgressão, 43 páginas de fólho, contém disposições sobre a transgressão contra as coisas sagradas destinadas a Javé.

**9. Tamid** 1) = perpétuo, 66 páginas de fólho, contém regulamentos sobre os holocaustos perpétuos da manhã e da tarde no Templo de Jerusalém, etc.

**10. Middot** 2) = medidas, 73 páginas de fólho, contém regulamentos sobre as refeições e o mobiliário do Templo de Jerusalém.

**11. Kinnim** 2) = Ninhos de pássaros, 3 capítulos, contém regulamentos relativos ao sacrifício de pombas a serem oferecidas como oferta pelo pecado ou holocausto por mulheres no parto e outras pessoas com obrigações de sacrifício.

1) *Apenas a Gemara babilónica.*

2) *Gemara palestina e babilónica.*

## **VI. Toharot = Purificações** (eufemismo para: impurezas)

**1. Keli** 1) = utensílios, 30 capítulos, contém regulamentos sobre os vários tipos de impureza que os utensílios, roupas, etc. podem assumir.

**2. Ohalot** 1) = tendas, 18 capítulos, contém disposições relativas à impureza causada por uma pessoa morta.

**3. Negaim** 1) = pragas, 14 capítulos, contém disposições sobre a lepra das pessoas, a lepra nas pessoas, nas roupas e nas casas.

**4. Para** 1) = vaca vermelha, 12 capítulos, contém disposições sobre a vaca vermelha, cujas cinzas, misturadas com água, devem ser utilizadas para aspersão ritual em casos de impureza.

**5. Toharot** 1) = purificações (eufemismo para: impurezas), 10 capítulos, contém regulamentos sobre as impurezas rituais que só duram até ao pôr do sol.

**6. Mikvaot** 1) = banhos de imersão, 10 capítulos, contém regulamentos relativos aos banhos de imersão prescritos para os judeus em determinadas circunstâncias.

**7. Nidda** 2) = a mulher impura, 146 páginas de fólho, contém disposições sobre os requisitos de pureza de uma mulher menstruada e de uma mulher no parto.

**8. Machshirin** 1) = tornar-se impuro, 6 capítulos, contém regulamentos sobre as coisas que podem tornar uma pessoa impura.

**9. Zabim** 1) = os que sofrem de um fluxo impuro de sémen, 5 capítulos, contém disposições sobre o fluxo impuro de sémen.

**10. Tebul yom** 1) = aquele que tomou um banho de imersão no mesmo dia 4 capítulos, contém disposições relativas àquele que tomou um banho de imersão por razões de pureza e agora permanece impuro até ao pôr do sol. permanece impuro até ao pôr do sol.

**11. Yadayim** 1) = mãos, 4 capítulos, contém disposições relativas à impureza ritual e à purificação das mãos.

**12. Ukzin** 1) = talos, 3 capítulos, contém disposições relativas aos casos em que os talos, a casca, as sementes e as folhas envolventes de um fruto que se tornou impuro são impuros.

1) *Não há Gemara.*

2) *Gemara palestiniiana e babilónica.*

No final da 4ª ordem, nas edições do Talmude Babilónico, há sete tratados que são sempre incluídos, mas que não são tidos na mesma consideração que os outros 63 tratados talmúdicos. Estes sete tratados talmúdicos extra-canónicos datam de uma época em que a Mishnah já estava concluída. Em todo o caso, pertencem também, de alguma forma, ao Talmude babilónico.

Trata-se dos seguintes tratados:

1. Abot Rabbi Natan (Ditos dos Pais),
2. Soferim (tratado dos escribas),
3. Ebel rabati (regras de luto),
4. Kalla (noiva; relações conjugais),
5. Derek erez Rabba (o grande tratado "Modo de Vida"),
6. Derek erez suta (pequeno tratado, "Modo de vida"),
7. Perek hash-shalom (Tratado da paz).

## 4. A língua do Talmude

A língua da Mishnah é um hebraico completamente diferente do hebraico do Antigo Testamento. O hebraico da Mishnah é intercalado, entre outras coisas, por numerosas palavras estrangeiras das línguas aramaica, grega e latina. - A língua do Talmude palestiniiano, para além de um vasto vocabulário e de uma estrutura frásica puramente hebraica, é o aramaico palestiniiano judaico-palestiniiano. - A língua do Talmude Babilónico é a língua de vários dialectos aramaicos. - Uma dificuldade na compreensão da linguagem da Mishnah e do Talmud, para além do texto não vocalizado e puramente consonantal, reside nas muitas e muitas abreviaturas hebraicas.

## 5. Citação do Talmude

A Mishnah é citada de acordo com o número do capítulo do respetivo tratado (por exemplo, Aboda zara 1). - O Talmud palestiniiano é geralmente citado dando o número do capítulo e do parágrafo do tratado da Mishnah a que pertence a Gemara palestiniiana em questão (por exemplo, pal. pertence (por exemplo, pal. Aboda zara 1, 1). Como exceção, o Talmud Palestiniiano por número de página; refere-se à edição de Cracóvia 1609 (= Krotoschin 1866); a numeração de páginas do Talmud Palestiniiano não é uniforme (como no Talmud Babilónico). Talmud) é uniforme. - Uma vez que o Talmud babilónico é impresso quase sem exceção com o mesmo número de páginas, cita-se da seguinte forma: o nome do tratado, o número de folhas e a frente e o verso das mesmas, por exemplo, Baba mezia 114b (= tratado do Talmud babilónico "Babamezia", página 114, verso).

## 6. Comentários ao Talmude

Com a conclusão do Talmud, o comentário judaico sobre a Torá estava longe de estar completo. Inúmeros comentários ao Talmud foram e estão a ser escritos para explicar o Talmud em pormenor. Dois desses comentários do Talmud alcançaram uma reputação muito elevada no judaísmo e, como mencionado acima, são constantemente adicionados às edições do Talmud Babilónico. São eles o comentário Talmud de Rashi e o Tosafot.

1) O rabino Shelomo Yishaqi, que viveu nos séculos XI e XII (conhecido como Rashi), escreveu um comentário sobre a maioria dos tratados da Gemara do Talmud Babilónico, que é acrescentado às edições actuais do Talmud na margem interna do texto do Talmud (por exemplo, Jebamet 22a Rashi).

2. as Tosafot, que são impressas na margem exterior do texto talmúdico e constituem uma coleção de explicações, por vezes muito pormenorizadas, de passagens individuais da lei talmúdica. Os Tosafot provêm das escolas de direito judaico dos chamados Tosafistas, que viveram no norte de França e no oeste da Alemanha nos séculos XII e XIII. Citação: por exemplo, Jebamot 22a Tosafot.

## 7. Códices Talmúdicos

Para organizar a confusa corrente de palavras dos 3.000 rabinos que falaram no Talmude e, especialmente, para fornecer a cada judeu os ditos talmúdicos necessários para a sua vida prática, surgiu rapidamente no judaísmo o desejo de criar os chamados códices talmúdicos, que dariam à lei religiosa talmúdica uma forma tangível.

Maimonides (1135-1204) foi o primeiro a fazer esta tentativa com o seu Mishneh Torah ("Repetição da Lei"), mais tarde também chamado Jad chasaka ("Mão Forte"), porque aqui, em 14 (= valor numérico das letras hebraicas j e d) livros, os ensinamentos talmúdicos da lei são oferecidos numa ordem factual. Esta obra é citada por Maimonides de acordo com as secções individuais e o número de capítulos e parágrafos (por exemplo, Maimonides, Hilchot aboda zara 10, 5. 6).

Maimonides encontrou pouco apoio entre os judeus do seu tempo devido à sua atitude casuística.

Muito mais bem sucedido a este respeito foi o judeu Josef Karo (1488-1575) com o seu Shulchan aruch ("mesa posta"), que apareceu pela primeira vez em Veneza em 1564/65 e é atualmente publicado em edições que contêm até quarenta comentários sobre o Shulchan aruch. O Shulchan Aruch é citado de acordo com as suas quatro partes (Orach chajjim = caminho da vida; Yore dea = ensino do conhecimento; Choschen hammischat = escudo da justiça; Eben ha-ezer = pedra de ajuda); os parágrafos e subdivisões são indicados (por exemplo, Yore dea 147.5).

Por fim, para sermos completamente práticos, no final do século passado, o assessor rabínico Salomo Ganzfried publicou o Kizzur (um excerto do Shulchan Aruch), que passou por mais e mais edições até aos dias de hoje. Este kizzur é citado por secção e subsecção (por exemplo, kizzur 150, 11).

## II. História do texto do Talmude

## **1. Manuscritos Talmúdicos**

Muito poucos manuscritos antigos do Talmud sobreviveram do período anterior à invenção da imprensa (meados do século XV). A razão para este fenómeno é a frequente confiscação e queima de manuscritos do Talmud pela Igreja de Roma (por exemplo, a queima de manuscritos do Talmud pelo Papa Inocêncio IV através da bula "Impia Judaeorum perfidia" de 9 de maio de 1244, que ordenou a queima do Talmud em França). No entanto, a Igreja de Roma era antitalmúdica apenas porque via as passagens talmúdicas anti-cristãs como uma ameaça ao seu próprio poder. uma ameaça ao seu próprio poder, este Talmude da Igreja Romana era exteriormente esta queima do Talmude pela Igreja Romana era justificada por motivos puramente religiosos, mas na realidade não passava de uma questão puramente político-poderosa.

O único manuscrito completo do Talmude Babilónico encontra-se na Biblioteca Estatal de Munique (Cod. Hebr. 95) e foi escrito em 1343.

## **2. Edições impressas do Talmude**

Apesar da difusão rápida e generalizada dos livros, possibilitada pela invenção da imprensa, os judeus não aproveitaram inicialmente esse facto no que diz respeito ao seu Talmude. Só gradualmente, em 1483, é que começaram a imprimir tratados individuais do Talmud, seleccionando naturalmente os tratados menos susceptíveis de provocar indignação entre os povos não judeus. No final do século XV, apenas 12 dos 63 tratados talmúdicos tinham sido impressos pelos judeus.

Desde o início, os judeus sabiam como usar a auto-censura judaica para substituir as passagens do Talmude que eram ofensivas para o cristianismo por espaços brancos e em branco na impressão. Também mantiveram as primeiras impressões do Talmude muito secretas, de modo que mesmo os amigos cristãos dos judeus que apoiavam o Talmude nunca chegaram a ver o próprio Talmude.

Na primeira metade do século XVI, porém, os judeus tinham atingido o seu objetivo. Por quatro vezes, conseguiram publicar uma edição impressa completa do Talmude babilónico com a autorização do Papa romano. É digno de nota que essas impressões do Talmud foram todas feitas por cristãos, que de forma alguma publicaram o Talmud num sentido antissemita, mas estavam inteiramente a soldo dos judeus; e não é menos digno de nota que os próprios judeus sempre tiveram o negócio da impressão em suas mãos, deixando apenas o trabalho real de impressão para os gentios.

Na segunda metade do século XVI, houve uma certa reacção que levou o Papa romano a ser mais reticente na sua amizade aberta com os judeus, mais cauteloso na sua amizade aberta com os judeus. No entanto, isto não levou à proibição do Talmude, mas chegou-se a um compromisso: o Talmude, que era hostil ao cristianismo, seria verificado pelos censores papais, as passagens hostis ao cristianismo seriam alteradas ou suprimidas, e o Talmude purificado seria impresso com autorização papal.

Muito poderia ser dito sobre o sentido e o absurdo da censura papal ao Talmude. Acima de tudo, é evidente que o dinheiro judeu desempenhou um papel em todo este caso que não deve ser subestimado. Os censores papais do Talmude eram pagos por judeus, e alguns deles eram judeus batizados; no final do século XVI, a própria Roma apercebeu-se de que estes censores, que eram censores, que eram pagos por judeus, não eram fiáveis. Além disso, o Talmude, que tinha sido purificado pelo Papa, era compreendido e lido pelos judeus no seu sentido não censurado; os judeus sabiam o que as expressões alteradas realmente significavam; conheciam também as passagens talmúdicas que tinham sido completamente apagadas (como o comprovam os panfletos e folhetos judaicos publicados ao longo dos séculos). Os judeus sabiam o que as expressões alteradas realmente significavam; eles também conheciam as passagens talmúdicas que tinham sido completamente apagadas (como evidenciado pelos panfletos e folhetos judeus publicados ao longo dos séculos).

De acordo com o censor papal Marcus Marinus, uma nova edição impressa completa do Talmude Babilónico foi produzida pelo cristão Ambrosius Froben em Basileia, em 1578-81, que, com muito poucas excepções, se tornou o modelo para todas as edições subsequentes do Talmude até aos dias de hoje.

Nos séculos que se seguiram à publicação da edição do Talmude de Basileia de 1578/81, os judeus preencheram mais ou menos as lacunas deixadas pela censura do Talmude, de tal modo que o Papa foi obrigado a intervir várias vezes contra este Talmude, mais uma vez por razões puramente religiosas, ou seja, na realidade por razões de política de poder.

O texto talmúdico em circulação hoje - 70 edições completas do Talmud apareceram na imprensa - é canonizado na sua forma atual, ou seja é o texto talmúdico reconhecido por todos os reconhecidos por todos os reconhecidos por todos os judeus, que se baseia no texto talmúdico censurado de Basileia reconhecido por todos os judeus, que se baseia no texto talmúdico censurado de Basileia reconhecido por todos os judeus, que se baseia na edição talmúdica censurada de Basileia de 1578/81, que incorpora as alterações e supressões feitas pelos censores papais da época. as alterações e supressões efectuadas pelos censores papais da época.

### **III. Caraterísticas do Talmude**

É simplesmente impossível dar, em poucas frases, uma visão global das coisas que nos interessam no Talmud. Há dois grupos de ditos talmúdicos em particular que nos dizem respeito como não-judeus: 1. a relação entre o judeu e o judeu 2. todas as passagens talmúdicas que nos mostram o judeu no seu carácter judaico-oriental, sem qualquer máscara.

O material talmúdico que aqui nos é apresentado é quase impossível de ignorar:

As afirmações que tratam da importância do judeu, da lei judaica, e aqui em particular do Talmude e dos sábios talmúdicos que têm uma palavra a dizer no Talmude,

Os ditos talmúdicos sobre o povo eleito dos judeus, as afirmações talmúdicas que transbordam de prisão e desprezo pelos gentios:

a degradação insuperável da mulher gentia,

as instruções assassinas do Talmud para atacar os gentios,

a guerra do Talmude, a condenação talmúdica da mulher como ser sexual,

a impureza racial permitida no Talmude, que se harmoniza numa dialética virtuosa com as leis raciais judaicas,

a santificação do Talmud da fornicação cometida em segredo,

o desprezo talmúdico pelo trabalho,

os vários crimes sancionados pelo Talmude contra os não-judeus, como a usura, a fraude, o engano, o furto excessivo, o roubo, o rapto de uma mulher bonita, a receção de bens roubados, o contrabando, a evasão fiscal e salarial, o roubo de bens perdidos,

a declaração talmúdica da propriedade não-judaica como propriedade sem dono,

enganar os não-judeus, o que é permitido "por causa da paz",

Disposições talmúdicas sobre suborno, mentira e perjúrio,

a visão do Talmud sobre os processos judiciais e o traidor judeu,

a "sabedoria da vida" talmúdica universal,

as intermináveis explicações talmúdicas sobre a "Casa dos Espinhos" (aborto), sobre os piolhos, sobre os insectos,

os "truques" que o próprio Talmude permite que os judeus utilizem como "saída", como "saída", etc.

Como um fio condutor dos muitos milhares de páginas do Talmude, o ódio dos judeus aos não-judeus (cf. as citações das Partes 2 e 3, retiradas do Talmude sem censura [edição de Veneza 1520/23] ou do texto original hebraico de outra literatura judaica).

Não interferimos nos assuntos internos dos judeus; mas quando lemos os regulamentos talmúdicos relativos aos xales, às varas de oração, às ombreiras das portas, às várias orações e à sua recitação, às leis dietéticas, ao Sabbath e ao Shabbat e aos vários outros dias de celebração e comemoração, aos costumes de luto, então sabemos com certeza que o judaísmo vem de um mundo, de um mundo que é uma abominação para a sensibilidade europeia. É uma religião congelada na lei, que só conhece e observa a letra da lei e não a observa. Referimo-nos a uma palavra do judeu Jakob Klatzkin ("Der Jude" 1916/17, p. 614): "A Lei é a encarnação do judaísmo.... Fora da Lei, o judaísmo permanece sem forma; permanece, para usar a linguagem da Cabala, "uma alma nua". A educação na Lei é o objetivo de toda a literatura talmúdica. A legalidade é a forma de toda a religião e, de acordo com a crença judaica, é dada apenas a este povo escolhido.

De acordo com este ponto de vista, só os judeus podem tornar-se pessoas santas aceitando a lei; só os judeus podem fazer o bem; os gentios, ou seja, todos os não-judeus, vivem em pecado. Portanto, as atrocidades contra os não-judeus fazem parte da religião judaica. Assim, as religiões arianas, que oferecem ao homem que procura uma solução para os muitos mistérios da vida, no

Talmude e na literatura talmúdica, a religião judaica da lei, que descarta todos os problemas da vida com parágrafos da lei.

Não podemos deixar de estabelecer um paralelo com o sistema da Igreja Romana, que, no verdadeiro espírito do Talmude, procura regular a vida daqueles que são leais a Roma através de uma perpétua contagem, cálculo e pesagem. Tal como o Talmude, o ensino moral da Igreja Romana dissolve toda a moral num número infindável de questões morais, nas quais o católico comum já não consegue encontrar o seu próprio caminho e tem de procurar a decisão do seu confessor para cada dificuldade que surge - tal como o judeu segue a decisão de um dos 3000 rabinos talmúdicos ou do rabino que vive atualmente: O Talmude diz: "Se um talmudweiser cheira a pecado, não o podes envergonhar em público" (Menachot 99b), e a Igreja de Roma diz: "É um pecado grave dizer de um padre que ele gosta de ver as raparigas. É um pecado grave levar uma vida má no mesmo (mosteiro)" (1858, p. 251).

É também uma característica típica do Talmude judaico o facto de discutir o lado noturno e sombrio da vida humana de forma muito prolixa e, à semelhança da doutrina dos pecados da Igreja Romana, pode ser chamada uma doutrina da moral. Finalmente, os temas eróticos e afins ocupam um grande espaço no Talmude. Estes delírios talmúdicos sobre as mulheres e as raparigas só podem provir de um cérebro judeu oriental. Não é por acaso que, tal como no Talmude, os casuístas jesuítas também se ocupam extensivamente dos antecedentes da vida sexual mais íntima: e ao fazê-lo, estes processos são dissecados de uma forma feia e realmente "dissecados" e realmente "despidos" passo a passo perante os olhos dos homens, um processo um procedimento que já não tem nada a ver com considerações morais.

#### **IV. O carácter vinculativo do Talmude**

Os ensinamentos "anti-cristãos" e imorais do Talmude são um facto. É também um facto histórico que os judeus, ao longo dos séculos e até aos nossos dias, cometeram os actos descritos no Talmude. Mas será que o judeu que vive atualmente ainda está vinculado ao Talmude? Uma pergunta muito importante! Porque há uma diferença entre o povo judeu, se o povo judeu apenas segue os seus caminhos vergonhosos por instinto da raça judaica, ou se por detrás destas maquinações judaicas está o Talmude, que, com toda a sua autoridade religiosa, é a causa de todo o mal.

Admitimos que, na Mishnah e na Gemara que a segue, há por vezes - mas não tão frequentemente - leis que são tão limitadas no tempo que perderam a sua validade para o judaísmo contemporâneo (como, por exemplo, as disposições relativas ao Templo judaico em Jerusalém, que já não existe), mas - admitimos que há por vezes - mas não tão frequentemente - leis que são tão limitadas no tempo que perderam a sua validade para o judaísmo contemporâneo (como, Mas - e isto é importante para a leitura destas partes do Talmud - por mais longas que sejam - é precisamente nestas secções da Gemara que as sentenças têm validade geral, sentenças que realmente nos mostram o judeu sem máscara, sentenças que ainda hoje são plenamente válidas. Apenas um exemplo da riqueza de tais frases talmúdicas ocultas: "Assim como a mão pode matar, a língua também pode" (Arakin 15b).

Quando os judeus alegam ocasionalmente, por razões de tam-tam, que o Talmude contém apenas uma "coleção de opiniões doutriniais cujo carácter vinculativo não é estritamente obrigatório", deve ser dada a seguinte resposta: É verdade que o Talmud contém as opiniões de cada um dos rabinos talmúdicos, que podem ser encontradas no Talmud em uma confusão selvagem, de modo

que muitas vezes é bastante difícil determinar a decisão final do próprio Talmud sobre uma questão particular; mas esta é precisamente uma peculiaridade deliberada do Talmud: o judeu pode escolher entre os vários ditos do Talmud aqueles que melhor lhe convêm no momento; mas sob nenhuma circunstância o judeu pode escolher as leis talmúdicas que são obrigatórias para ele.

Mas não haverá uma diferença entre os judeus da Europa de Leste e os da Europa Ocidental a este respeito? É um facto bem conhecido que o judeu da Europa de Leste que foi educado numa das muitas escolas talmúdicas da Europa de Leste acredita no seu professor talmúdico que lhe garante que, desde a conclusão do Talmud, o mundo não experimentou qualquer enriquecimento do seu conhecimento. Segundo estes judeus da Europa de Leste, o judeu encontra tudo o que precisa no Talmud, e o que não está no Talmud não precisa de saber. O judaísmo, na sua forma mais rigorosa, foi transmitido de geração em geração nas escolas talmúdicas da Europa de Leste.

Mas o que dizer dos judeus modernos da Europa Ocidental e da sua relação com o Talmude? Esta é uma questão de particular interesse para nós, uma vez que somos maioritariamente - mas não exclusivamente - confrontados com estes judeus emancipados e assimilados do presente.

O judeu Samson Raphael Hirsch, na sua obra "On the Relations of the Talmud to Judaism and to the Social Position of its Adherents" (Frankfurt a. M., 1884), diz que "o Talmud é a única fonte da qual o Judaísmo flui, a fundação sobre a qual o Judaísmo existe, e a alma da vida que molda e sustenta o Judaísmo. De facto, o judaísmo... é, através de tudo e por tudo, um produto do ensino talmúdico e da educação e criação guiadas e cultivadas por ele.

O rabino estatal Dr. Mannheimer chamou ao Talmude "a força vital do judaísmo, a força vital do judaísmo e do lar, a bandeira e a escola do judaísmo e a educação da sua imprensa intelectual judaica" ("Jüdische Presse", 31 de janeiro de 1913).

"Só o códice judaico (do Talmude) dominava e moldava a nossa vida em todas as suas manifestações" (Jakob Klatzkin em "Der Jude", 1916/17, p. 613).

"Assim, durante séculos, o Talmud foi o educador, o disciplinador e o professor do povo judeu" ("Jüdisches Lexikon", vol. 4, 2ª edição, 1930, p. 855).

Do material contido no Talmud diz-se que: "muito de valor sobrenatural e eterno" ("Philo-Lexikon", 4ª ed., 1937, col. 739).

O Diretor do Colégio Rabínico Italiano, Elia S. Artom, na sua obra "La vita di Israele" ("A Vida do Judeu"), sublinha a grande importância das Leis Mosaicas e fala da autoridade central do Talmude, a cujas obrigações todos os judeus estão sujeitos nas suas acções.

Os testemunhos judeus sobre o Shulchan Aruch, que teve origem no Shulchan Aruch, que teve origem no Talmud:

"O Shulchan Aruch, literalmente 'mesa posta', foi publicado pela primeira vez em 1565 e é hoje o código definitivo da lei judaica reconhecido por todos os judeus" (Emil Bernhard-Cohn, "The Jewish ABC", 1935, p. 259).

O Shulchan Aruch, juntamente com os seus comentários, tornou-se o códice oficial do judaísmo ortodoxo no decurso do século XVII" ("Philo-Lexikon", 4ª ed., 1937, coluna 677).

Lá se vai o testemunho judaico! Admitimos também que muitos judeus modernos não compreendem uma única letra da língua hebraica ou aramaica para poderem ler o Talmud no original. No entanto, a percentagem destes judeus "não hebraicos" da Europa Ocidental não deve ser sobrestimada. Até 1933, era muito comum ver nas bibliotecas públicas da Alemanha muitos judeus que se reuniam nas salas de leitura no Sabbath, que possuíam exemplares do Talmud hebraico e que agora, de acordo com a regra talmúdica (Pessachim 68b; Beza 15b), estudavam o Talmud nas suas férias.

Mas e os judeus "não hebraicos"? Até recentemente, as instituições educacionais judaicas na Alemanha realizavam numerosas palestras sobre o Talmud; de facto, o número de palestras sobre o Talmud triplicou entre 1933 e o final de 1938. Os líderes espirituais dos judeus da Europa Ocidental são treinados nessas palestras; e esses homens então vão diante de seu povo e pregam o espírito do Talmud e nada mais. Mas e se o judeu moderno já não conhece o caminho do Sabbath para a sinagoga e já não se preocupa com estas coisas? Mesmo assim, ele aprende os ensinamentos do Talmude com os seus compatriotas judeus e aprende a comportar-se em relação aos gentios. Ao autor destas observações foi dito mais do que uma vez por judeus da Europa Ocidental que nós, como não-judeus, não nos devíamos aborrecer tanto com as "acções" dos judeus, porque é uma obra que agrada a Javé quando os judeus ricos enganam os não-judeus, etc., porque é a religião deles!

Sabemos, portanto, que o Talmud tem autoridade. O judeu do mundo atual é também um judeu talmúdico.

Quem ler agora as citações talmúdicas aqui apresentadas e refletir sobre o espírito talmúdico nelas oferecido até às suas conclusões finais, reconhecerá que a relação do Estado alemão com a minoria judaica, tal como estabelecida pelas Leis de Nuremberga de 15 de setembro de 1935, se baseia em factos que também determinam claramente a relação pessoal de cada membro do povo com o último judeu, mesmo com o chamado judeu "educado" ou "decente" na Alemanha e no estrangeiro. "É preciso salientar, mais uma vez, que o Talmud aqui em discussão é um livro religioso, no qual não falam indivíduos sem influência, mas a elite espiritual do judaísmo, e os líderes religiosos erguem a sua voz de comando; qualquer leitor pensante reconhecerá profundamente que o crescente antissemitismo em todo o mundo é demasiado justificado.

# SEGUNDA PARTE

## Do conteúdo do Talmude

### I. Judeus e gentios

#### 1. A Megalomania dos Judeus

Inúmeros ditos talmúdicos exprimem o ponto de vista e a firme convicção dos judeus, que acreditam ser o povo da terra.

##### **O universo só existe por causa dos judeus**

"Tal como o mundo não pode existir sem o vento, também não pode existir sem os judeus" (Taanit 3b; Aboda zara 10b).

"Cada indivíduo (judeu) deve dizer a si próprio: Por minha causa o mundo foi criado" (Sanhedrin 37a).

"A terra de Israel foi criada primeiro, e só depois foi criado o resto do mundo... A terra de Israel é irrigada com a água da chuva, o resto do mundo com o resto" (Taanit 10a).

"Quem preserva uma alma judaica é como aquele que preserva o mundo inteiro, que preserva o mundo inteiro" (Baba batra 1 la; Sanhedrin 37a).

"Aquele que destrói uma alma judaica é como aquele que destrói o mundo inteiro" (Sanhedrin 37a).

A circuncisão, que era comum no antigo Próximo Oriente, foi adoptada pelos judeus na medida em que a instrução de Javé a Abraão, o progenitor dos judeus, para ser circuncidado era o sinal de procriação da aliança entre Javé e o povo judeu. A circuncisão, por si só, tornou-se o símbolo da aceitação na comunidade da aliança, uma garantia de salvação do inferno; de facto, o próprio Talmud faz a afirmação:

"A circuncisão é importante; sem ela, o céu e a terra não poderiam existir" (Shabbat 137b; Nedarim 32a).

##### **Os judeus como príncipes do mundo**

"Onde quer que eles (os judeus) vão, tornam-se príncipes dos seus senhores" (Sanhedrin 104a).

"Todos os judeus são filhos de príncipes" (Shabbat 67a, Ila, 128a; Baba Mezia 113b).

Em todos os tempos, em todos os séculos, o judaísmo esperou o Messias, o Redentor. O judaísmo moderno, que se encontra em grande aflicção na Europa, apela, portanto, mais do que nunca, ao

Messias que removerá toda a aflição. A extensão total do apelo dos judeus ao Messias pode ser reconhecida quando se fala da profecia do Talmude:

"Assim que o Messias chegar, todos serão escravos dos judeus" (Erubin 43b).

### **O povo escolhido**

"Eu (Javé) farei de vós (os judeus) o progenitor das nações, farei de vós o escolhido entre as nações, farei de vós o amado entre as nações, farei de vós o rei sobre as nações, farei de vós o melhor entre as nações, farei de vós o mais confiável entre as nações" (Shabbat 105a).

"O Santo, Bendito seja, disse aos judeus: ...reconhecer-vos-ei, reconhecer-vos-ei como a única coisa preciosa no mundo" (Berakot 6a).

"O que é um terramoto? Quando o Santo, bendito seja, se lembra dos Seus filhos que vivem na miséria entre os povos do mundo (entre os gentios), quando Ele faz cair duas lágrimas no grande mar, de modo que há um som que é ouvido de uma extremidade do mundo para a outra extremidade do mundo: isto é um terramoto" (Berakot 59a).

"Ele (Moisés) pediu-lhe (Yahweh) que deixasse a Divindade habitar com os judeus. habitar com os judeus. Ele concedeu-lhe" (Berakot 7a; Baba batra 15b).

"Quando o Santo, Bendito seja, faz habitar a Sua Divindade, fá-la habitar apenas nas gerações dos judeus" (Qiddushin 70b).

"Todas as famílias da terra... todos os gentios da terra... só serão abençoados por causa dos judeus" (Yebamot 63 a).

### **A "comunidade santa" dos judeus**

Como povo de Deus, os judeus, ao contrário de todas as nações da terra, são o povo santo ou a congregação dos santos. Javé concedeu a santidade aos judeus para sempre, de modo que mesmo os mais perversos entre os judeus estarão cheios de bons méritos e não serão profanos como os gentios, ou seja, como os não-judeus. Em toda a literatura judaica está presente a ideia de que nunca houve uma pessoa má em Israel; mesmo os erros do Testamento dos antigos "grandes" israelitas são supostamente corretos. o Talmud, que é a única explicação correta do Antigo Testamento; Abraão, Isaac, Jacob, etc. são santos, e destes santos, e destes santos novamente, apenas os santos devem descender, ou seja, destes santos, ou seja, dos judeus do século atual.

"A caridade exalta uma nação, que são os judeus, porque se diz (11 Samuel 7:23): Quem é como o teu povo Israel, é um povo único na terra.... (Baba batra 10b).

"Não há povo como eles (os judeus) que seja digno de estar entre eles" (Jebamot 79a).

"Os bons: estes são os judeus" (Menachot 53a/b).

"Este povo (os judeus) é caracterizado por três qualidades: misericordioso, modesto e caridoso... e quem possuir estas três qualidades é digno de se juntar a este povo" (Yebamot 79a).

"Que cada homem (judeu) se considere um erudito" (Berakot 17b).

"Cinquenta portas do conhecimento foram criadas no mundo; todas, exceto uma, foram confiadas a Moisés" (Nedarim 38a).

"Viva vós, judeus! Sois todos muito sábios, desde o maior até ao menor" (Erubin 53b).

"O orgulho foi retirado aos judeus e deixado aos gentios" (Chagiga 5b).

"Os justos (judeus) são mais importantes do que os anjos ministradores (no céu)" (Sanhedrin 93a).

"Os judeus são mais amados perante o Santo, Bendito seja, do que os anjos ministradores; porque os judeus cantam uma canção de louvor a cada hora, os anjos ministradores apenas uma vez por dia" (Chullin 91b).

Relativamente a estes dois últimos ditos talmúdicos, é especialmente importante notar que, segundo os judeus, os anjos do céu falam apenas hebraico, que o hebraico é a língua do mundo celeste, mundano, que, finalmente, o serviço angélico no céu pertence apenas aos hebreus hebreus, mas que os judeus deste mundo, que ainda estão entre os povos do mundo, as nações do mundo, podem fazer o seu trabalho agradável a Javé, estão mais elevados aos olhos deste Javé do que os anjos judeus do céu.

### **Morte aos inimigos dos judeus!**

"Se um gentio bater num judeu, merece morrer..., e se alguém bater num judeu, é como se tivesse batido na Divindade" (Sanhedrin 58b). bateu na Divindade" (Sanhedrin 58b).

### **A beleza de Jerusalém**

"Dez kab (medida judaica oca = cerca de 20 litros) de beleza desceram sobre o mundo; Jerusalém recebeu nove kab e o resto do mundo um kab mundo" (Qiddushin 49b).

"A partir dela (Jerusalém), a beleza do mundo foi aperfeiçoada, tornou-se perfeita" (Joma 54b).

"Não há beleza como a de Jerusalém" (Abot de Rabi Natan, capítulo 28).

### **O significado do Templo para os gentios**

De acordo com a crença judaica, os gentios são completamente abandonados por Deus e pelo Seu Espírito e estão escravizados ao serviço do pecado. Tanto do ponto de vista ético como físico, os gentios, todos os não-judeus, são absolutamente impuros. Só através do Templo judaico de Jerusalém é que os gentios podiam ser ajudados de alguma forma.

"Ai dos gentios que perderam alguma coisa (que cometeram um pecado)! Eles não sabiam o que estavam a fazer. Enquanto o Templo (em Jerusalém) existiu, foi a expiação para eles. E agora? Quem fará expiação por eles agora?" (Sukkah 55b).

"Desde o dia em que o Templo foi destruído, a chuva para o mundo diminuiu" (Taanit 19b).

### **Abraão**

Os judeus acreditam que Deus criou o mundo apenas por causa dos méritos de Abraão. Este príncipe de Deus - como o Antigo Testamento judaico designa o progenitor dos judeus - é, portanto, segundo os judeus, também o líder de todo o mundo.

"Quando o nosso pai Abraão foi levado do mundo, todos os grandes homens das nações se levantaram e disseram: Ai do mundo que agora perdeu o seu líder!..." (Baba batra 91a).

### **A glória dos judeus no mundo vindouro**

De acordo com os judeus, o mundo futuro pertence apenas aos hebreus. Os judeus. Todo o Israel deve ser reunido lá, mesmo os antigos judeus que se afastaram de Javé no deserto; mas os gentios, ou seja, todos os judeus, estão excluídos das bênçãos do mundo vindouro. mundo vindouro.

"No mundo vindouro... os justos (judeus) sentar-se-ão com coroas nas suas cabeças e desfrutarão da glória da Divindade" (Berakot 17a).

"Todos os judeus têm uma parte no mundo vindouro" (Sanhedrin 90a).

"Um dia, os justos (judeus) serão saudados como o Santo. Santo, bendito seja Ele" (Baba batra 75b).

As nações acabarão por se juntar aos judeus

De acordo com a visão judaica, o mundo gentio, ou seja, todos os não-judeus, só tem a oportunidade de continuar a existir na Terra porque os hebreus actuam como mediadores da bênção divina e, em particular, porque alguns não-judeus se deixam repetidamente associar aos judeus. Assim, os indivíduos do mundo gentio são salvos por se juntarem voluntariamente a Israel.

"Espera (assim diz Javé), tenho multidões e multidões de gentios que te darei (o judaísmo)" (Shabbat 104a).

"Segundo a tua palavra, assim dirão um dia os gentios (aos judeus)" (Berakot 32 a).**2. A posição dos judeus em relação aos gentios**

### **Ódio ao gentio**

O gentio, ou seja, o não judeu, é um estranho para Javé e para o seu povo; o judeu é o estranho, aquele que está fechado a Deus; o mundo gentio é constituído apenas por ímpios, contra os quais se dirige a batalha de Javé, ou seja, Judá.

"Pressionamo-los (os goyim) para baixo, batemo-los em pensamento: esta será sempre a nossa ocupação" (Pesachim 87b Rash i).

"Levanta-te e debulha, filha de Sião, porque eu (Javé) farei o teu coração de ferro, e as tuas garras serão endurecidas, de modo que destruirás muitos povos". (Erubin 101a).

"Tal como não há outra preparação para a cal senão a queima, também não há outro meio para os gentios senão a queima" (Sota 35b).

"Os gentios envergonhar-se-ão, mas os judeus regozijar-se-ão" (Baba Meziah 33b).

"Os gentios tremerão, mas os judeus não tremerão" (Sukkah 29a).

"Os gentios tremerão perante eles (os Judeus), os gentios tremerão, os Judeus tremerão, mas os Judeus não tremerão" (Shabbat 156a).

"Os gentios são chamados trabalhadores da iniquidade..., os trabalhadores da iniquidade vão para o inferno, todos os gentios abandonados por Deus" (Sanhedrin 110b Rashi).

"Senhor do mundo.... preparaste o inferno para os maus (gentios), mas preparaste o paraíso para os justos (judeus)" (Erubin 19a).

### **Desprezo pelo gentio**

O mundo gentio, moral e religiosamente insubstancial, ou seja, todos os não-judeus, de acordo com a visão judaica, cria para Yahweh e para o povo judeu que lhe foi confiado e, portanto, não tem nenhum fruto temporal ou eterno para Deus e Seu reino. nenhum valor ou significado para Deus e Seu reino. Deus só conta os hebreus; os gentios não existem para Deus. Para a Igreja de Deus, ou seja, para os judeus, o mundo gentio também não tem valor. Para o judeu, portanto, há apenas desprezo por todos os gentios. .

"O homem (judeu) é obrigado a dizer três bênçãos todos os dias: que ele não me fez um gentio, que ele não me fez uma mulher, que ele não me fez uma mulher, que ele não me fez ignorante" (Menachot 43b).

"Quem não se envergonha, os seus pais certamente não estiveram no Monte Sinai" (Nedarim 20a).

"Quem vê a multidão dos goyim, diz (Jeremias 50:12): Envergonhada está a tua mãe, envergonha aquela que te deu à luz" (Berakot 58a).

"Que aquele que vê os túmulos das nações diga (Jeremias 50:12): Envergonhada é a tua mãe, envergonhada é aquela que te deu à luz. tu" (Berakot 58b).

### **A repugnância de ser incircunciso**

Para o judeu, o termo "prepúcio" é sinónimo de "gentio", enquanto a palavra "circuncisão" se refere ao judeu. Abraão foi circuncidado por ordem de Javé, para que não houvesse nada de profano nele; o progenitor dos judeus tornou-se, através da circuncisão, o pai de um povo santo, que olhava com um desprezo sem limites para todos os circuncidados.

"Como é repugnante a incircuncisão! Só os ímpios (os gentios) se envergonham dela, como se diz: Todos os gentios são incircuncisos" (Nedarim 21b).

### **Impureza do gentio**

O gentio que foi abandonado por Deus e por todos os bons espíritos, isto é, pelos judeus, só é criado para ser impuro e frívolo. frívolo. Aos olhos dos judeus, o gentio é a matéria humana

carnal, sem nada de divino. Os gentios, ou seja, todos os não-judeus, são considerados impuros em si mesmos. impuros.

"O gentio e a mulher gentia são impuros" (Shabbat 83a).

"Yehoshua ben Joezer de Cereda e Yehoshua ben Yochanan tornaram impura a terra dos gentios" (Shabbat 14b, 15a).

"As habitações dos gentios são consideradas impuras" (Pessachim 9a; Ohalot 18:7).

"A casa de um gentio não é considerada uma habitação" (Erubin 62a, 75a).

"O pátio de um gentio é como um estábulo" (Erubin 62a, 62b).

Uma longa lista de todas as coisas que são proibidas aos judeus porque vêm das mãos de gentios impuros pode ser encontrada em Aboda Zara 29b a 39b.

"O prosélito (o gentio que se converte ao judaísmo) não vem de uma gota de semente pura (kosher)" (Sanhedrin 36b).

"O nascimento de um prosélito teve lugar em santidade (dentro do judaísmo), mas a sua concepção teve lugar em impureza (dentro do não judaísmo)" (Yebamot 98a; Sanhedrin 58a).

### **Incitamento a atrocidades contra os gentios**

Tal como o mundo gentio é, na opinião dos judeus, absolutamente estranho a Deus e excluído do seu plano de salvação, também estes povos do mundo são incapazes de fazer algo de bom. Todos eles são escravos do pecado e especialmente da adoração carnal. O "reino da iniquidade", ou seja, todos os não-judeus, opõe-se à "santa igreja de Javé".

"A sabedoria dos gentios tornou-se imunda" (Chagiga 5b).

"O gentio é suspeito de derramamento de sangue" (Erubin 62a; Aboda Zara 22a).

"Se um judeu tiver o seu cabelo cortado por um gentio, deve olhar-se ao espelho" (Aboda Zara 29a).

"Se queres ficar cego, deixa que um gentio te maquie os olhos. Se queres morrer, deixa que um gentio te maquie os olhos" (Nidda judeu) (Nidda 55b).

"Nenhum gentio pode fazer a circuncisão de um judeu, porque eles (os gentios) são suspeitos de derramamento de sangue" (Aboda zara 26b).

"O gentio é geralmente um perpetrador de violência" (Baba batra 45a, 45a Rashi, 54b Rashi).

"Os gentios costumam roubar a terra" (Sukkah 30a).

"A maior parte dos gentios são licenciosos na sua fornicação" (Ketubot 13b).

"Um gentio não tem pai. Não há necessidade de justificar este facto porque eles (os gentios) estão imersos na fornicação" (Yebamot 98a).

"As concubinas são populares entre os gentios" (Rosh Hashanah 4a).

"Os gentios dormem com as mulheres dos seus companheiros. E se ele for ter com ela e não a encontrar, dorme com o animal que encontrar..."

"O animal de um judeu é-lhes mais caro (aos gentios) do que a sua própria amada... Rabi Yehudah relata que viu um gentio comprar um ganso no mercado, pô-lo a dormir, estrangulá-lo, assá-lo e comê-lo" (Aboda Zara 22b).

"Uma criança não judia é, portanto, declarada impura, para que não acostume uma criança judia ao ato sexual masculino" (Shabbat 17b). ao ato sexual masculino" (Shabbat 17b).

"Um servo gentio não tem restrições" (Baba Mezia 71a).

"É proibido guardar gado numa estalagem de gentios, porque eles (os gentios) são suspeitos de bestialidade, nenhum animal macho para os homens, nenhuma fêmea para as mulheres, e todas as fêmeas para os homens e os machos para as mulheres" (Aboda Zara). fêmeas" (Aboda Zara 15b).

"Uma mulher (judia) não deve estar sozinha com eles (gentios), porque são suspeitos de fornicção" (Aboda Zara 22a).

"Eles (juízes gentios) aceitam subornos antes de assinarem o veredito" (Gittin Z8b).

"Quando os judeus comem e bebem, preocupam-se com as palavras da Lei e com os cânticos de louvor; mas quando os gentios comem e bebem, preocupam-se apenas com as palavras de folia" (Megillah 12b).

### **Desprezo pelo gentio**

Segundo os judeus, nenhum gentio sabe quem é o seu pai. Para os judeus, a mulher gentia é a encarnação da fornicção, uma vez que o casamento entre não judeus não é de todo possível e está reservado apenas aos "santos" e "justos" deste mundo, ou seja, os judeus.

"As mulheres gentias devem ser consideradas impuras desde o nascimento" (Shabbat desde o nascimento) (Shabbat 16b, 17a; Aboda Zara 36b Nidda 31 b).

"Qualquer pessoa que tenha dormido com uma mulher gentia é culpada, porque dormiu com uma prostituta" (Sanhedrin 82a; Aboda zara 36b).

"A criada gentia é uma prostituta" (Aboda Zara 36b Rashi).

"Uma mulher judia não deve dar à luz um gentio, porque assim ela é ajudada a dar à luz uma criança para a idolatria. Nem pode um gentio dar à luz uma mulher judia, porque eles (os gentios) são suspeitos de derramamento de sangue... pois eles (os gentios) podem encostar a mão ao Templo (da criança) e matá-la sem que ninguém se aperceba... Uma mulher judia não pode dar à luz um filho de um gentio, porque está a criar um filho para a idolatria. idolatria. Uma mulher gentia também não pode amamentar o filho de uma mulher judia, porque é suspeita de derramar sangue... pois ela (a gentia) pode manchar o mamilo com veneno do exterior e matar a criança" (Aboda Zara 26a/b).

## **O gentio é como o gado**

Na opinião dos judeus, o gentio, ou seja, o não judeu, na sua imoralidade moral e religiosa, perdeu ele próprio a sua natureza humana original e tornou-se animalesco, pelo que não merece ser chamado "homem". O Talmude fala muitas vezes de "homem homem", que se refere sempre apenas ao judeu.

"Vós (judeus) sois as minhas ovelhas, as ovelhas do meu pasto, povo que sois. "Vós" significa povo, mas os gentios não são chamados povo. homens" (Yebamot 61 a).

"Os gentios não são chamados povo" (Yebamot 61 a Tosafot).

"Podem os gentios ser chamados homens? Não! Porque está escrito (Ezequiel 34:31): Mas vós sois as minhas ovelhas, as ovelhas do meu pasto; sois homens, sois chamados homens; mas os gentios não são chamados homens" (Keritot 6b).

"Vós (judeus) sois homens, sois chamados homens, mas os gentios não são chamados homens, são chamados gado" (Baba Mezia 114b).

"A sua carne (dos gentios) é como a do burro" (Berakot 25b; Shabbat 150a; Yebamot 98a; Nidda 45a).

"Rab Shilah mandou açoitar um homem porque ele tinha comido uma mulher gentia. uma mulher gentia. Então o homem foi queixar-se ao rei. O rei mandou um oficial atrás dele e, quando este chegou, foi-lhe perguntado Porque mandaste açoitar este homem? Ele respondeu: "Dormiu com uma jumenta: Tens testemunhas? Ele tem: Sim! Então veio Elias, que lhes apareceu como um homem, e deu testemunho disso. O outro: Se é assim, então ele merece morrer. Quando ele (Rab Shilah) estava a sair, um homem disse-lhe: "O Todo-Poderoso faz milagres para os mentirosos? Ele (o Rab): Reprovado! Não são eles (os gentios) chamados de burros? chamados de burros? Diz-se (Ezequiel 23:20): A carne deles é como a de um jumento. Quando (o Rab) o viu (o homem) sair para lhes dizer (aos gentios) que lhes tinha chamado burros, disse: "Este homem é um perseguidor, e a lei diz: 'Se alguém te quiser matar, mata-o'. Então, bateu-lhe com o seu bastão e matou-o" (Berakot 58a).

"A sua semente (dos gentios) é a semente dos cavalos" (Yebamot 29a Rashi, 22a Tosafot, 98a; Ketubot 3b Tosafot).

"A sua semente (dos gentios) é como a semente dos animais" (Ketubot 3b Tosafot).

"O casamento (dos gentios) é como a relação sexual com animais" (Sanhedrin 74b Tosafot).

"A relação sexual com um gentio é considerada relação sexual com um animal" (Ketubot animal) (Ketubot 3b Tosafot; Sanhedrin 74b Tosafot).

"Aqueles que vivem apenas em fornicação, como os nossos burros e animais, são os gentios" (Sanhedrin 57a Rashi).

## **II. Da doutrina moral talmúdica**

### **Assassinato**

Entre os pecados graves do judeu que podem ser expiados com a morte estão a idolatria (apostasia de Javé), a contaminação do sangue (profanação da raça judaica) e o assassínio. No entanto, uma vez que a atitude do judeu em relação ao gentio é especial, o assassínio do gentio é definido de forma mais precisa:

"O derramamento de sangue é de um gentio contra outro gentio, e de um gentio contra um judeu. O derramamento de sangue de um judeu contra outro judeu e de um não judeu contra um judeu é punível de um judeu para um judeu, mas não é punível de um judeu para um não judeu" (Sanhedrin Jew) (Sanhedrin 57a).

"Matem o melhor dos gentios!" (Aboda zara 26 b Tosafot).

## **Guerra**

### **Belicismo**

O belicismo dos judeus, tantas vezes demonstrado nas últimas décadas, explica-se pela afirmação religiosamente sancionada do código religioso judaico-talmúdico:

"É permitido incitar os maus (os gentios) neste mundo à guerra" (Berakot 7b; Megillah 6b).

### **Receio de envolvimento pessoal na guerra**

"Se fores para a guerra, não vás em primeiro lugar, mas em último, para que possas regressar primeiro a casa" (Pesachim 113a).

Há várias razões para os judeus participarem nas chamadas guerras voluntárias (as guerras de conquista do rei judeu, as guerras de conquista do rei judeu David): ("...), ...se um homem tomou uma esposa, seja ela virgem ou viúva.... se alguém tem medo ou é tímido de coração, se não consegue estar nas linhas de batalha, se não consegue ver uma espada desembainhada...se alguém tem medo dos seus pecados, com os quais o ensinamento da Lei lhe diz como se pode arrepender em todas as circunstâncias." (Sota 43a/44a).

Nas chamadas guerras obrigatórias, todos os judeus têm de ir para a guerra; o Talmud deixa em aberto a questão de saber se as guerras contra os não-judeus devem ser consideradas obrigatórias ou voluntárias (Sota 44b).

Uma particularidade da religião judaica é a multiplicidade de meios que permitem ao judeu alcançar a justiça (cumprimento dos mandamentos contidos nas Leis Mosaicas e no Talmude, "boas obras" especiais realizadas no seio do judaísmo e em relação aos não-judeus a odiar, etc.); mas, apesar desta multiplicidade de meios de salvação, apesar das muitas palavras pomposas da literatura religiosa judaica, o judeu fica com uma grande incerteza sobre a sua relação com Deus. O judeu vive num medo constante da morte e do julgamento de Deus. De acordo com a visão judaica, o medo da morte é uma característica essencial do homem, ou seja, do judeu.

## **Cobardia**

"Se alguém (um judeu) for forçado a adorar um ídolo sob ameaça de morte, deve adorá-lo e não se deixar matar" (Aboda zara 27b).

"Quando Rabi Yochanan Ben Zakai adoeceu, os seus discípulos foram visitá-lo; quando ele os viu, chorou... Porque chorais? Agora que estou a ser levado ao Rei dos Reis.... a quem não posso iludir com palavras.... a quem não posso subornar.... não devo chorar?" (Berakot 28b).

## **Mulher**

### **Desrespeito pelas mulheres**

De acordo com a visão judaica, a mulher é sobrecarregada com nove maldições como resultado do pecado. Nove maldições, tais como o castigo da menstruação, a perda de sangue durante a primeira relação sexual, o sangue da gravidez durante a primeira relação sexual, a gravidez, o parto, a criação dos filhos, etc. Todas estas coisas naturais são colocadas sob a maldição do pecado, e a própria mulher é considerada como uma coisa altamente inferior.

"A mulher é uma mangueira cheia de sujidade, mas todos correm atrás dela" (Shabbat 152a).

"Ai daqueles cujos filhos são mulheres!" (Qiddushin 82b; Baba batra 16b; Sanhedrin 100b).

"O homem (judeu) é obrigado a dizer três bênçãos todos os dias: que ele não me fez um gentio, que ele não me fez uma mulher, que ele não me fez ignorante" (Menachot 43b).

"Não é permitido que três coisas passem pelo meio (de duas pessoas), e ninguém passa pelo meio delas: o cão, a tamareira e a mulher; alguns também dizem, o porco; outros também dizem, a cobra" (Pesachim 11a).

"Quem agir de acordo com os conselhos da sua mulher cairá no inferno" (Baba Mezia 59a).

"Mais amarga que a morte é a mulher!" (Yebamot 63a).

### **A mulher como ser sexual**

Tal como o Talmude fornece ao judeu regras precisas para a condução da sua vida quotidiana, o Talmude, ou seja, um código religioso, contém também regras de conduta extremamente numerosas e pormenorizadas para a vida das mulheres, especialmente para a vida conjugal da mulher judia. regras de conduta para a vida das mulheres, especialmente para a vida conjugal da mulher judia, que está ligada a Javé e aos seus decretos mesmo nas funções mais naturais do corpo humano. O nosso sentimento natural proíbe-nos de dizer mais do que sugestões a este respeito.

"Todo o homem (todo o judeu) que não tem mulher vive sem alegria.... não é um homem" (Yebamot 62 b a 63a).

"Tu roubas a paz à minha alma (Lamentações 3:17) ... O que significa isto? ... Esta é a bela cama com a bela roupa de cama... ... Esta é a cama com a roupa de cama e a mulher que a limpou" (Shabbat 25b).

"Quando o nosso amor (entre marido e mulher) era forte, dormíamos na largura de uma espada; agora que o nosso amor não é tão forte, não é tão forte, uma cama de 60 côvados (cerca de 30 metros) não é suficientemente grande para nós, não é suficientemente grande" (Sanhedrin 7a).

"O Santo construiu Eva à maneira de um armazém; tal como o armazém é estreito em cima e largo em baixo para conter o fruto, assim a mulher é estreita em cima e larga em baixo para conter a criança" (Berakot 61a).

"A mulher foi feita apenas para ser bela" (Ketubot 59b).

"Põe os teus olhos apenas na beleza, porque a beleza é o principal numa mulher. a beleza é o principal" (Taanit 3 la).

"Havia quatro mulheres bonitas no mundo: Sara, Abigail, Raquebede e Ester ... Rachab foi cortejada pelo seu nome, Jael pela sua voz, Abigail pelo seu nome, e Michol, a filha de Saul, pela sua aparência... Quem pronuncia o nome de Racab recebe imediatamente uma ejaculação" (Megillah 15a).

"Uma mulher (uma judia) prefere um kab (medida judaica = 2,05 litros) de devassidão a nove kab litros) de devassidão a nove kab de abstinência" (Sota 20a, 21b; Keiubot 62b).

"Não há nada que uma mulher (uma judia) inveje mais do que a coxa do seu companheiro" (Megillah 13a).

"O sangue menstrual não pode ser guardado para o gato" (Shabbat 75b).

"O sangue menstrual e a carne morta que se desfez são puros" (Temura 34a).

### **A mulher na vida conjugal**

"A mulher é uma criatura sem forma e só entra em aliança com Aquele que faz dela um produto acabado, pois diz-se que Aquele que a faz dormir é o seu Criador" (Sanhedrin 22b).

"Ela (a judia) serve de almofada ao seu marido" (Erubin 100b).

"O ventre da mulher (judia) só é abençoado pelo ventre do homem da mulher" (Berakot 51b).

"Quem casar com uma virgem está livre (da oração diária), quem casar com uma viúva está obrigado... Porque o primeiro está disperso, o segundo não (Berakot 1 la, 16a/b; Sukkah 25a).

"Se (uma mulher) for rebelde contra o seu marido, ele deve deduzir 7 denários (cerca de 7 Reichsmark) do seu dote... Em que sentido é que é rebelde? Rab Hona ensinou: "Em relação ao casamento" (Ketubot).

"Os judeus são santos porque não têm relações sexuais durante o dia. durante o dia. Raba ensina: No entanto, é permitido num quarto escuro. Além disso, Raba ensinou: Um sábio (talmúdico) é permitido se ele escurecer (o quarto) com sua roupa" (Shabbat 86a; Ketubot 65b; Niddah 17a).

"É proibido ter relações sexuais durante o dia. Porque está escrito (Levítico 19:18): Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Porque é que isto acontece? Respondeu Abajie: Ele pode ver algo feio nela, ver algo feio nela, e ela pode tornar-se repulsiva para ele" (Niddah 17a).

"Qualquer um (judeu) pode fazer o que quiser com a sua mulher. É como quando se compra carne ao talhante: se se quiser comê-la com sal (crua), come-se; se for assada, come-se; se for cozida,

come-se; se for cozinhada, come-se; se for fervida, come-se; da mesma forma acontece com o peixe que se compra ao pescador" (Nedarim 20a/b).

"Se o homem carregar a semente primeiro, nascem raparigas; se a mulher carregar a semente primeiro, nascem rapazes" (Berakot 60a; Niddah 25b, 28a, 31a).

"Se uma mulher (judia) pedir ao seu marido para ter relações sexuais com ela, terá filhos como não havia no tempo de Moisés" (Erubin a idade de Moisés" 100b; Nedarim 20b).

## **Casamento**

### **Capacidade matrimonial**

O mundo gentio, ou seja, todos os não-judeus, estão fora do Reino de Deus; segundo a visão judaica, não podem fazer nada de bom; por conseguinte, não podem viver juntos num casamento ordenado por Deus, mas também neste aspeto estão apenas escravizados ao pecado, ou seja, à fornicação, ao adultério.

"Não há casamento entre gentios" (Sanhedrin 52b Tosafot).

"O casamento (dos gentios) é como a relação sexual dos animais" (Sanhedrin 74b Tosafot).

### **Leis do casamento**

Preservar a pureza da raça judaica é um dos principais objectivos da religião judaica, que está bem ciente do valor da raça. Notável, no entanto, é a adição, feita por razões religiosas, de que a relação sexual entre judeus e gentios, que é proibida em si mesma, só é imperdoável se houver procriação.

"Não darás da tua semente para fecundar uma mulher gentia" (Megillah 25a).

"O casamento com ela (a gentia) é inválido" (Qiddushin 68b).

"Se (no entanto) um gentio acompanha uma judia, a criança é bastarda" (Yebamot 16b, 45a, 46a, 70a, 99a; Qiddushin 70a, 75b; Aboda zara 59a).

"O teu filho com uma mulher gentia não é chamado teu filho, mas o filho do filho dela" (Yebamot 17a, 23a; Qiddushin 68b).

"O que é que está torto e não pode ser endireitado? Se alguém (um judeu) se envergonha (por dormir com uma mulher que lhe é proibida) e gera um bastardo. Só se ele gerar, caso contrário não" (Chagiga 9b).

### **Casamento**

"Uma mulher é adquirida por três coisas diferentes (para o homem como esposa): por dinheiro, por uma carta ou por um sono (qiddushin la).

"Uma rapariga de três anos e um dia pode ser casada por coito" (Yebamot 57b; Qiddushin 10a; Sanhedrin 55b, 69a; Nidda 44b).

"Se uma rapariga (uma judia) se casar antes de atingir a idade da menstruação, é-lhe permitido quatro noites, como ensina a escola de Shaminai, ou - como diz a escola de Hillel - até a ferida sarar" (Ketubot 6a; Nidda 11b, 64b).

"Uma vez alguém (um judeu) foi ter com Rab Gamaliel e disse: 'Rab, eu dormi sobre ela, eu dormi sobre ela e não encontrei sangue. Mas ela (a mulher) disse: Rab, eu era virgem. Ele (o Rabi) disse-lhe: Traz-me o lençol! Quando lho trouxeram, ele ensopou-o em água e lavou-o; então encontraram muitas gotas de sangue, gotas de sangue (o lençol estava tão sujo antes de ser lavado que estas manchas não se viam). Então ele (o Rab) disse-lhe (ao judeu): 'Vai e desfruta da tua compra" (Ketubot 10a).

### **Obrigações e direitos dos cônjuges**

"Todos aqueles (judeus) que não se esforçam por 'crescer e multiplicar-se' são como aquele que derrama sangue... Tal pessoa merece a morte" (Yebamot 63b/64a).

"Se alguém (um judeu) tomou uma mulher e viveu com ela durante dez anos sem ter filhos, já não pode ficar com ela" (Yebamot 64a).

"Se alguém (um judeu) não tem filhos, é como um homem morto" (Nedarim 64b).

"Deveis morrer neste mundo e não vivereis no mundo vindouro... porque não vos empenhastes em 'crescer e multiplicar'" (Berakot 1 Oa).

"De acordo com o ensinamento (judaico) da Lei, as pessoas (judeus) sem emprego são obrigadas a fazer amor diariamente, os trabalhadores uma vez por semana, os condutores de burros uma vez por semana, os condutores de camelos uma vez por mês, os barqueiros uma vez de seis em seis meses" (Ketubot 61b).

### **Direito dos bens conjugais**

O desrespeito pelas mulheres acima referido está também expresso nas disposições talmúdicadas que regem os bens matrimoniais.

"O que a mulher encontra e ganha com o seu trabalho pertence ao homem" (Ketubot 65b).

"Ele (o marido) herda-a (a mulher), mas ela não o herda a ele" (Baba batra 111b).

### **Divórcio**

Fica inteiramente ao critério do judeu emitir uma carta de divórcio à sua mulher casada pelas razões mencionadas na parte seguinte. A própria mulher não tem meios legais para obter o divórcio. Segundo os judeus, não há divórcio, mas apenas uma dissolução do casamento pelo marido.

"A escola de Shammai ensina: Podes repudiar a tua mulher se encontrares nela algo de vergonhoso, porque diz (Deuterónimo 24:1): 'Porque ele encontrou algo vergonhoso nela'. A escola de Hillel ensina: Mesmo que ela tenha queimado a comida dele. Rab Aqiba ensina: mesmo

que ele (o marido) ache outra mulher mais bonita; pois diz: "Se ela não achar graça aos olhos dele" (Gittin 90a).

O judeu pode despedir a sua mulher sem indemnização "se ela for uma gritadora. O que é um gritador?... se ela falar alto sobre a relação sexual... se durante a relação sexual neste pátio os seus gritos forem ouvidos noutra pátio" (Ketubot 72b).

Os defeitos físicos de uma mulher podem levar ao divórcio se o homem casou com a mulher na condição de ela não ter defeitos físicos; esses defeitos são: "Uma verruga peluda é um defeito físico, uma verruga sem pêlos só é um defeito físico se for grande, se for grande; se uma verruga sem pêlos for pequena, não é um defeito físico defeito do corpo" (Ketubot 75a); outro defeito do corpo: "se os seios estiverem tão afastados como a largura de uma mão. A distância normal, segundo Abajie, é de três dedos" (Ketubot 75a).

## **Fornicação**

Muitas vezes, o Talmude fala de fornicação sem que o código religioso judaico aborde o carácter condenável destas coisas.

Segundo os judeus, o desejo sexual é difícil de conquistar. Daí a injunção talmúdica:

"Se alguém (um judeu) vê que o seu instinto mau o está a dominar, deve ir para um lugar onde não seja conhecido, vestir-se de preto e seguir o impulso do seu coração; apenas não profane o nome (Divino) em público" (Moed qatan 17a; Chagiga 16a; Qiddushin4 0a).

## **Votos**

Para a anulação dos votos, ou seja, da obrigação voluntariamente assumida de se consagrar a si mesmo ou a um objeto da sua posse a Deus, ou de se abster de um prazer permitido em honra de Deus, a casuística rabínica encontrou as mais diversas formas. A promessa solene do voto, portanto, não tem grande A promessa solene do voto, portanto, não tem grande força legal para o judeu.

"(Se alguém fez um voto), então pode-se abrir uma saída para ele. Pode-se abrir uma saída para ele (para tornar o voto nulo e sem efeito) com a honra do pai e da mãe (que não teriam aprovado o voto). pode-se abrir uma saída para ele referindo-se à honra de Deus: portanto, não há voto algum" (Nedarim 64a).

Se alguém (um judeu) desejar que todos os seus votos para o ano inteiro sejam anulados, deve dizer no início do ano: "Todos os votos que vou fazer são anulados" (Nedarim 23b).

## **Mentir**

"Por uma questão de paz, é permitido fazer pouco caso das suas palavras" (Yebamot 65b).

"Grande é a paz, porque até Deus mudou as suas palavras por causa dela" (Yebamot 65b; Baba mezia 87a).

"Quem espalha um boato mau sobre um menor está isento de castigo" (Ketubot 40b, 44b).

## Deceção

"Saúda-os (gentios) por causa da paz" (Shebiit 4:3; 5:9; Gittin 61a).

"Que o homem (judeu) seja sempre sábio no temor. Uma resposta gentil acalma a raiva. Ele aumenta a paz com os seus irmãos, com os seus parentes e com todas as pessoas, mesmo com os judeus gentios em castigo, para que ele (o judeu) possa ser amado em cima e aceite em baixo" (Berakot 17a).

"Alimentai os pobres dos gentios com os pobres dos judeus, visitai os doentes dos gentios com os doentes dos judeus e enterrai os mortos dos gentios com os mortos dos judeus, por causa da paz" (Gittin 61a).

"Uma (uma mulher judia) pode, por causa da hostilidade, pagar pelos filhos (da mulher gentia)" (Aboda Zara 26a).

"Uma (mulher judia) pode também dar à luz uma mulher gentia no Sabbath por causa da hostilidade" (Aboda Zara 26a).

"Trata o gado de um gentio como tratarias o gado de um judeu... para evitar inimizade" (Baba mezia 32b). (Para evitar inimizade" (Baba Mezia 32b).

"É permitido lisonjear os maus (gentios) neste mundo como lisonja" (Sofá 41b).

## Astúcia

"Poderão os justos (judeus) usar de astúcia? Sim, podem! Eles lidam com os puros na pureza e com os perversos na perversidade" (Megillah 13b; Baba batra 123a).

É explicado como é que a consagração do primogénito, tal como prescrita por Javé, "pode ser feita com astúcia" (Temura 10bm24b).

"Se alguém (um judeu) disser à sua mulher (como voto): Ela é lixo para mim como a minha mãe (ou seja, proibida de ter relações sexuais), então abre-lhe uma saída do outro lado (para que possa dormir com a sua mulher)" (Nedarim 13b).

Para contornar o requisito de perdão do empréstimo do sétimo ano do Talmud, o próprio Talmud sugere a seguinte forma ao conceder um empréstimo: "Eu, N. N., dou-vos a conhecer, juízes do lugar, juízes do lugar, que pagarei qualquer dívida pendente em qualquer altura (mesmo no sétimo ano)" (Shebiit 10:4).

## Trabalho

O trabalho é uma maldição aos olhos do judeu. Tal como o Antigo Testamento judaico assegura aos judeus que os estrangeiros farão o trabalho dos judeus (Isaías 61:5), o Talmude confirma frequentemente esta aversão judaica a todo o trabalho

"O trabalho é uma tortura!" (Taanit 12b).

O Santo, bendito seja, disse aos judeus: "Filhos, pedi emprestado por Minha causa, celebrai a santidade do dia (a festa), confiai em Mim, Eu pagarei" (Beza 15b).

"Vós (judeus) não tendes necessidade de vos levantar cedo e de vos deitar tarde e comer o pão do trabalho, de vos deitar e comer o pão do trabalho, pois Ele (Javé) dá-o aos Seus amados, aos Seus amados (os judeus) mesmo enquanto dormem" (Joma 77a).

"Quando me levanto de manhã, encontro tudo pronto para mim. Todos os gentios correm para a porta da minha casa; quando me levanto de manhã, encontro-os todos diante de mim" (Berakot 58a).

"Que o homem (judeu) ensine sempre ao seu filho uma ocupação que seja pura e fácil. O que é isso? Rab Chisda disse: O trabalho de agulha. (Berakot 63a; Qiddushin 82a).

"O homem (judeu) nasceu para trabalhar. Porque está dito: 'O homem nasce para trabalhar'. Mas, a princípio, eu não sabia se trabalhava com a boca ou com o corpo. Mas como se diz: "A sua boca fê-lo", temos de dizer: Ele foi criado para trabalhar com a boca. Mas eu não sabia se era para trabalhar com a lei (judaica) ou para trabalhar com a fala. Mas, como se diz: "Não deixes que este Livro da Lei se afaste da tua boca", deve dizer-se: Ele nasceu para o estudo da lei". (Sanhedrin 99b).

## **Moralidade salarial**

A relação de comunhão entre Javé e os judeus baseia-se na frase "do, ut des" ("Eu dou para que tu possas dar"). O hebreu cumpre os seus mandamentos, que abrangem todo o povo judeu, e espera agora de Javé uma recompensa correspondente.

"No ensinamento (judaico) da Lei, não há nem mesmo o mais leve mandamento para o qual não haja recompensa neste mundo" (Menachot 44a).

## **III. Da vida jurídica talmúdica**

Dois pensamentos correm como um fio vermelho através da vida jurídica talmúdica. I. O gentio não tem direitos; 2. A fraude contra os gentios é permitida.

### **Justiça**

"Quando um judeu e um gentio forem a tribunal, se lhe puderes fazer justiça (ao judeu) segundo a lei judaica, far-lhe-ás justiça (ao gentio) e dir-lhe-ás (ao gentio): Assim é segundo a nossa lei; mas se lhe puderes fazer justiça (ao judeu) segundo a lei dos gentios, far-lhe-ás justiça (ao judeu) e dir-lhe-ás (ao gentio): Assim é de acordo com a vossa lei; mas se nem isso for possível, então vinde a ele (o gentio) com engano" (Baba qamma 113a).

"Tais (escrituras de doação) emitidas em escritórios não judeus são inválidas" (Gittin 9b).

"Se ouvires de um tribunal judeu que ele morreu ou foi executado, então deixa a sua mulher casar de novo; mas se ouvires de um oficial não judeu que ele morreu ou foi executado, então não deixes a sua mulher casar de novo" (Gittin 28b). casar de novo" (Gittin 28b, 29a).

"Qualquer certidão de divórcio assinada por um gentio como testemunha é inválida" (Gittin 10a).

"A certidão de divórcio forçado é válida se a coação tiver sido exercida por um judeu; se um gentio tiver participado nela, é inválida... De acordo com o ensinamento da Lei, a carta de divórcio forçado por um não judeu também é válida; mas foi declarada inválida para que todas as mulheres (judias) não corressem para um não judeu para se separarem do seu marido" (Gittin 88b; Baba batra 48 a).

"Um tribunal não judeu executa sem um exame cuidadoso" (Yebamot 25b). sem um exame cuidadoso" (Yebamot 25b).

"Aqueles que são executados pelo governo (dos gentios) recebem expiação, uma vez que foram executados sem justiça; mas aqueles que são executados pelo tribunal (judeu) não recebem expiação, uma vez que foram executados com justiça. executados com justiça" (Sanhedrin 47b).

"Se alguém (um judeu) matar um gentio com a intenção de matar um judeu com a intenção de matar um gentio, ... deve ser absolvido" (Sanhedrin 78b).

"Se o boi de um judeu derrubou o boi de um não judeu, ele (o judeu) está isento de indemnização; mas se o boi de um não judeu derrubou o boi de um judeu, ele (o não judeu) deve pagar todos os danos" (Baba qamma 37b; Sanhedrin 85b Tosafot).

"Se um boi se dirigir a um gentio e matar um judeu, então ele (o judeu) deve ser absolvido" (Baba qamma 44a).

"Aquele que magoa o seu servo não judeu está isento de tudo" (Baba qamma 87a).

"Um gentio é executado por uma quantia inferior a uma peruta (pequena moeda de cobre, centavo)... porque causou sofrimento a um judeu" (Aboda zara 71 b). um judeu" (Aboda zara 71 b).

"Um gentio não pode ser testemunha" (Yebamot 47a).

## **Suborno**

"Não aceitarás um suborno! Mas isto só se aplica se o aceites como suborno, mas Qama aceitou-o como recompensa" (Ketubot 105a).

## **Roubo de bens perdidos**

"O que (o gentio) perdeu é permitido (guardar), pois Rab Chama Ben Gorya ensina em nome de Rab: De onde é que é permitido a um gentio perder? Diz (Deuterónimo 22:2): "Com tudo o que o teu irmão perdeu, deves devolvê-lo ao teu irmão, deves devolvê-lo ao teu irmão, mas não a um gentio" (Baba Qamma 113b).

"Um (judeu) que devolve o achado a um não judeu....Yahweh não lhe perdoará" (Sanhedrin 76b).

"Se alguém (um judeu) descobre algo, deve anunciá-lo se a maioria for judia, mas se a maioria for não-judia, não precisa de o anunciar" (Baba Mezia 24a).

"Se (uma casa) for alugada a um não judeu, então (o que for encontrado) pertence ao descobridor (judeu), mesmo que o tenha encontrado no meio da casa" (Baba mezia 26a).

"Se alguém (um judeu) encontrou um barril de vinho numa cidade onde a maioria dos habitantes são gentios, então este achado é permitido" (Baba Mezia 24b).

"Quando é que isso pode acontecer? Quando, por exemplo, alguém fez um achado, embora isso também possa ser uma desvantagem, embora isso também possa tornar-se uma desvantagem; porque quando o governo (não judeu) ouve falar disso, tira-lho (ao judeu), mas, por enquanto, é vantajoso para ele" (Berakot 60a).

"O achado de um servo gentio e de uma criada gentia pertence-lhe (ao senhor judeu)" (Baba Mezia 12a).

"Se alguém (um judeu) encontra algo numa mercearia, isso pertence-lhe" (Baba mezia 26b).

"Se alguém (um judeu) encontra dinheiro num lugar onde há muitas pessoas, ele pertence-lhe porque o dono desistiu dele; ele não sabia que alguém o tinha; ele não sabia que alguém o tinha perdido" (Baba mezia 21b).

"Se alguém (um judeu) encontrar algo nas ruas públicas ou em grandes praças ou em qualquer lugar onde haja muitas pessoas, isso pertence-lhe porque o dono renunciou a isso" (Baba mezia 24a).

"Se alguém disser: Ai de mim! Perdi o meu dinheiro. Então renunciou a ele (e o achado pertence ao judeu que o encontrou)" (Baba mezia 23a).

## **Roubo**

"É proibido o furto, o roubo, o rapto de uma mulher bonita, e coisas semelhantes, de um gentio contra um gentio, e de um gentio contra um judeu contra um judeu, mas de um judeu contra um gentio é permitido" (Sanhedrin 57a).

## **Roubo**

A sua alma (a do judeu) cobiça o roubo e a fornicação" (Chagiga 11b).

"Roubar o gentio é permitido" (Baba mezia 48b Tosafot, 61a Tosafot, 87b, 111b; Bekorot 13b, 13b Rashi, 13b Tosafot).

"Portanto, não se deve preocupar se ele (o gentio) for roubado; apenas não deve haver profanação do nome (Divino) e o engano não deve vir à luz" (Baba qamma (Baba qamma 113a Rashi).

## **Enganador**

"Aquilo em que ele (o gentio) se enganou é permitido" (Baba qamma 113b).

## **Propriedade não reclamada**

"Ele (Javé) deixou o dinheiro dos gentios como sem dono" (Baba qamma 38 a Rashi).

"Ele (Javé) espalhou a riqueza deles (dos gentios) entre os judeus" (Baba qamma 38a e 38a Tosafot).

"Os bens dos gentios são como o deserto, e quem se apodera deles primeiro, apodera-se deles primeiro" (Baba batra 54b).

"A riqueza dos ímpios (gentios) é tomada pelos justos (judeus)" (Pesachim 68a).

### **Contrabando**

"Isto (que se deve mentir ao cobrador de impostos e enganar os costumes) aplica-se a um cobrador de impostos gentio" (Baba qamma 113a).

"Pode-se enganar e iludir completamente os costumes" (Baba qamma 113a).

### **Evasão salarial**

"Por outro lado, é permitido a um judeu defraudar um gentio. permitido" (Sanhedrin 57a).

"O roubo de um gentio é permitido. Se este roubo é permitido, quanto mais no caso de um assalariado! trabalhador!" (Baba Mezia 87 b).

"O patrão (judeu) pode dizer ao seu servo: 'Trabalha para mim sem que eu te dê o sustento! É claro que isto só se aplica a um servo gentio. Porque a esse pode dizer: 'Trabalha todo o dia e, à noite, vai mendigar e comer! Mas isto não se aplica a um servo judeu. Porque dele se diz: 'Ele comerá e beberá bem contigo! (Baba Qamma 87b).

"Quando alguém (um judeu) contrata trabalhadores.... paga-lhes o mais baixo de todos os salários" (Baba mezia 87a).

### **Usura**

"Não cobrarás a mais a um gentio... não cobrarás a mais ao teu irmão! " (Baba Mezia 70b).

"Pode-se pedir-lhes emprestado (aos gentios) e emprestar-lhes com usura" (Baba Mezia 70b).

Uma vez, alguém (um judeu) quis arrepender-se (e pagar os juros usurários e o roubo). Mas a sua mulher disse-lhe: "Cabeça oca! Se te arrependeres (e devolveres tudo), a tua cinta não ficará para trás. Então ele absteve-se de o fazer e não o fez" (Baba Qamma 94b).

"O Todo-Misericordioso disse: ...um dia castigarei aquele que empresta o seu dinheiro a um judeu por usura em nome de um não judeu" (Baba mezia 61b).

"Os sábios (talmúdicos) podem emprestar uns aos outros com usura, pois sabem que a usura é proibida (entre os judeus); apenas dão presentes uns aos outros" (Baba mezia 75a).

## **IV. A divisão talmúdica do cabelo**

Na seleção de páginas que se segue, somos confrontados com um mundo completamente estranho à nossa maneira de pensar e tipicamente judaico. Um fraseado virtuoso e uma dialética afinada são características da "mente" judaica, que, no entanto, já não tem qualquer mente, mas apenas uma desolação que mata o espírito. É a corrupção judaica da mente que pode transformar o preto em branco.

"Podeis pôr um jarro de água ao lume (no Sabbath), não para a aquecer (a água), mas para fazer desaparecer o frio" (Shabbat 40b) .

"Não se deve sacudir a palha da cama com a mão, mas com o corpo" (Shabbat 50a, 141a).

"Quem tiver saído da área do Sabbath, mesmo que seja por um côvado (cerca de meio metro), não pode voltar a entrar. Rabi Eliezer ensinou: Se forem dois (côvados), pode voltar a entrar, mas se forem três, não pode" (Erubin 52b).

"As mulheres não podem brincar com nozes (no Sabbath) porque podem fazer sons que são proibidos (no Sabbath), mas ainda mais porque podem causar fissuras (a produção de sons e ainda mais o alisamento das fissuras que ocorrem quando se brinca com nozes. as fissuras na casca da noz são proibidas como trabalho no Sabbath)" (Erubin 104).

"Um ovo posto no dia da festa pode ser comida de acordo com a escola de Shammai (no dia da festa), mas é proibido de acordo com a escola de Hillel" (Beza 6b; Eduyot 4, 1).

Ensina-se que no dia da festa só se pode cortar lenha com o "lado masculino" do machado, mas não com o "lado feminino" do machado (lado masculino do machado: estreito e pontiagudo; lado feminino: largo) (Beza 31 b).

"Se ele (o tabernáculo na Festa dos Tabernáculos) estiver coberto de flechas, ele (o tabernáculo) é utilizável se for macho (hastes de flechas afiadas para inserção nas flechas); mas é inútil se for fêmea (hastes de flechas para inserção nas flechas)" (Sukkah 12b).

"Quem dorme numa cama de dossel pode pôr a cabeça de fora da cama de dossel e dizer o Shema... quem está num quarto não pode pôr a cabeça de fora do quarto e dizer o Shema" (Sukkah 10b).

"As rãs não são ordenadas para santificar o Nome (Divino)" (Pesachim 53b).

Há cinco coisas que farão perder a vida de quem as fizer, e farão cair o seu sangue sobre a sua cabeça: ...quando cortas as unhas e as atiras para a rua. Porque uma mulher pode passar por cima deles e ter um aborto espontâneo" (Niddah 17a).

"Se alguém (com um membro excitado) cair de um telhado (sobre uma mulher deitada no chão) e ficar preso no chão e ficar preso (nela), é responsável pelos quatro pagamentos (por lesões corporais)" (Jebamot 54a; Baba qamma 27a).

"E se ele (o animal) abanar a cauda (e causar danos)? (Deve ser paga uma indemnização?)... E se ele (o animal) abanar o dedo médio (membro) (causando danos)? (e assim causasse um dano): A questão permanece em aberto" (Baba Qamma 19b).

"Será que neste lugar (na púbis da mulher) há algo que se considera engolido ou uma 'casa de segredos'? De que forma é que isto é significativo? Se uma mulher colocou um pedaço de carniça do tamanho de uma azeitona no lugar do seu companheiro, se disserdes que é considerado engolido, é uma impureza engolida; mas se disserdes que é considerado secreto, não se torna impuro ao tocar-lhe, mas ao transportá-lo" (Nidda 42b).

"Se (uma mulher) notar uma mancha de sangue no seu corpo, é impura se a mancha de sangue estiver em frente à vulva; se não estiver em frente à vulva, é limpa. Se estiver no calcanhar ou na ponta do dedo grande do pé, ela é impura. Se estiver no jarrete ou na parte interna do pé virada para dentro, é impura; se estiver virada para fora, é limpa. Se estiver nos lados, seja ali ou acolá, é limpo. Se ela encontrar uma mancha de sangue na camisa, é impura; se for abaixo da cintura, é impura; se for acima da cintura, é limpa. Se vir uma mancha de sangue na manga da camisa, é impura se a manga chegar à zona púbica; se não chegar, é limpa. Se ela tirou a camisa durante a noite e se cobriu com ela, então está impura onde quer que esteja a mancha de sangue, porque a camisa está a mover-se para trás e para a frente" (Niddah 57b).

"Se uma mulher alta veste uma camisa de uma mulher baixa, ou uma mulher baixa veste uma camisa de uma mulher alta, então se (a mancha de sangue) chegar ao lugar da vergonha da mulher alta, ambas são impuras, mas se não, então a mulher alta é limpa e a mulher baixa é impura" (Niddah 58a).

"Um homem só pode deixar água junto ao muro do seu vizinho a uma distância de três palmos; mas isto só se aplica a um muro de tijolo. muro de tijolo. No caso de um muro de pedra, é preciso manter um palmo de distância para não causar danos. Numa parede de pedra, é permitido de todo" (Baba batra 19b).

"É preciso distinguir entre um monte de esterco comunitário e um monte de esterco privado" (Eru, bin 8 a).

"O Santo, Bendito seja, deu a Moisés (a lei religiosa) que uma coisa pode ser declarada impura de 49 maneiras e limpa de 49 maneiras" (Soferim 16). pode ser declarada limpa" (Soferim 16).

## IV. Ditos Talmúdicos

Na época dos editores talmúdicos, já tinham surgido certas regras de vida judaicas, regras de vida que se reflectiram no código religioso judaico e que ainda hoje determinam o pensamento e a ação judaica a partir de um pensamento e de uma ação judaica religiosa por razões religiosas.

"Sê perspicaz! Estende a mão e come! Pega e bebe! Pois o mundo que estamos a deixar é como um banquete de casamento... Meu filho, se tens alguma coisa, que te corra bem, porque no mundo subterrâneo já não há prazer, e mesmo a morte não se demora" (Erubin 54).

"Quem quiser gozar, que goze!" (Berakot 10b).

"Não tenhais medo da grandeza!" (Pesachim 55a).

"Que o homem (o judeu) use sempre uma linguagem que o apresente como inocente!" (Pessachim 3 a).

"Prefere a língua dos sábios!" (Pessachim 3a).

"Que o homem (o judeu) tenha sempre cuidado com a sua resposta! resposta!" (Megillah 25b).

"Que o homem (o judeu) seja sempre flexível como uma cana, mas não duro como um cedro" (Taanit 20a, 20b).

"O que é que um homem (o judeu) deve fazer para ser amado pelo seu povo? para ser amado pelo seu povo? ... Ele deve amar ser rei e fazer de governante, e ser generoso, ser generoso com o povo!" (Tamid 32a).

"O homem (o judeu) deve sempre adaptar-se à mentalidade do povo! à maneira do povo!" (Ketubot 17a).

"Assim como a mão pode matar, a língua também pode!" (Arakin 15b).

"Qual é a ocupação do homem (o judeu) na terra? Ele fica mudo!" (Chullin 89a).

"Assim que a sabedoria chega ao homem (o judeu), chega também a sabedoria! a astúcia!" (Sota 21 b).

## **TERCEIRA PARTE**

### **Do conteúdo do Shulchan Aruch e de outra literatura judaica**

As ideias talmúdicadas são aprofundadas e expandidas no Shulchan Aruch e noutra literatura judaica.

#### **I. Judeus e gentios**

##### **A megalomania dos judeus**

"Só os judeus são importantes no mundo; eles são o trigo, mas os gentios são a palha" (Isaac Abrabanel, Commentary on Isaiah, Jeremiah, Ezekiel and the 12 Minor Prophets, on Isaiah 41, page 63, back page, left column, Amsterdam edition 1642).

"Antes de qualquer outro povo, ela (a providência divina) estende-se à descendência de Abraão" (Aarão Ben, José, Comentário ao Pentateuco, sobre o Êxodo 3,15).

"Ele (Javé) abençoa os judeus através da (sua) vitória" (Aaron Ben Elihu, Keret Torah, sobre Deuteronomio 33:26).

"Eis que sois formosos... Ele (Javé) diz aos judeus: Salve, judeus, quem é como vós? Judeus, quem é como vós?..."

"A justiça judaica exalta os judeus acima de todas as nações da terra" (Midrash Shir hash-shirim suta 1, 15).

"Eu (o judaísmo) sou como o fundador da paz aos Seus (de Javé) olhos" (Midrash Shir hash-shirim suta 8:10).

"O Sustentador do Mundo... se os judeus, quando estavam no Monte Sinai, não tivessem dito. 'Tudo o que o Eterno falou, nós faremos e obedeceremos', o mundo teria se derretido em esterilidade e vazio" (Midrash Shir Rabbah, par. 1 ao cap. 1, 9).

"Israel está entre as nações como o coração está entre os membros" (Yehuda Halevi, Kusari 2:56).

"Israel é a nação por cuja causa existe tudo o que é bom no mundo" (Bereshit Rabbah, par. 66 para Ch. 27:28).

"Na sua essência, ela (a língua hebraica) é a mais nobre" (Yehuda Halevi, Kusari 2:68).

"As raízes e os princípios de todas as ciências vão apenas de nós (judeus) para os caldeus, depois para os persas e medos, depois para os gregos e finalmente para os romanos" (Yehuda Halevi, Kusari 2:66).

"Tu és bela, minha amada, e não há defeito em ti: isto refere-se a Jacob e aos seus filhos, entre os quais não há maldade nem defeito" (Midrash Shir hash-shirim suta 4:7).

"Os teus descendentes são como um jardim de romãzeiras; como um jardim de romãzeiras é belo, assim são os judeus belos e as suas obras são vastas" (Midrash Shir Hashshirim suta 4:13).

"Quem se coloca contra os judeus é como se estivesse contra o Santo, bendito seja Ele" (Mechilta, par. Hashira [Beschallach] 6 para Ch. 15:7).

"Não foi por amor que Salomão (o rei judeu) se envolveu com mulheres estrangeiras, mas com a intenção de as tornar queridas (a Javé) e de as converter ao judaísmo" (Midrash Shir Rabbah, par. 1 ao cap. 1, 1).

"Os que são capazes entre os gentios dizem aos judeus: A quem quer que sirvam, nós iremos convosco" (Midrash Shir Hashshirim Suta 5:9).

Eles (os gentios) dizem aos judeus: "Iremos convosco, pois está escrito (Cântico dos Cânticos 6:1): Para onde foi o vosso amigo, para que o procuremos convosco? Mas os judeus respondem-lhes: Vós não tendes parte nele, mas (Cântico dos Cânticos 2:16): Meu amigo é meu, e eu sou dele...". (Mechilia, par. Hashira [Beschallach] 3 ao cap. 15:2).

"Quem, de entre os gentios, se juntar a nós (os judeus) goza exclusivamente da sorte que nos coube, sem, no entanto, ser nosso igual" (Yehuda Halevi, Kusari 1:27).

"Abraão, príncipe e pai dos verdadeiros crentes" (Aaron Ben Eiihu, Kerei tora, sobre Deuteronomio 33:4).

"Quando o nosso pai Abraão se circuncidou a si próprio, aos seus filhos e à sua casa, os seus prepúcios formaram um verdadeiro monte, o sol brilhou sobre ele, surgiram vermes e um odor que era como a mirra diante de Deus, como a mirra e a fragrância do altar... Abraão suportou a dor da circuncisão para que Deus duplicasse a sua recompensa" (Midrash Shir rab sua recompensa" (Midrash Shir Rabbah, par. 2 ao cap. 4:6).

"Abraão está sentado às portas do inferno e não deixará entrar ninguém que seja circuncidado. Mas o que é que ele faz com aqueles (judeus) que pecaram gravemente (e que por isso devem ir para o inferno)? Ele tira o prepúcio das crianças que morreram antes da circuncisão, coloca-o nos pecadores (judeus) e deixa-os descer ao inferno" (Bereshit rabba, par. 48 ao cap. 18, 1).

A posição dos judeus em relação aos gentios

"Amai todos (os judeus) e odiai os goyim, os enganadores e os traidores! traidores!" (Kizzur 29:13).

"Malditos sejam todos os gentios! Abençoados sejam todos os judeus!" (Shulchan Aruch, Orach diaijim 690, 16).

"O prepúcio é a pior nódoa de todas as nódoas" (Pirke Rabbi Eliezer, cap. 29; na edição de Veneza de 1544: folha 23, verso, coluna da direita; na página de Amesterdão, coluna da direita; na edição de Amesterdão de 1707, folha 28, verso, alterado para: "O teu prepúcio é a pior nódoa de todas as nódoas"; na edição de Lviv de 1867, falta a frase inteira).

"Todos os incircuncisos (literalmente: os incircuncisos) caem no inferno" (Bechaj Ben Ascher, Kad hakemach; na edição de Constantinopla de 1515: folha 46, verso, coluna da esquerda; na edição de Veneza de 1545: folha 43, verso, coluna da esquerda; na edição de Lublin de 1596: folha 43, verso, coluna da esquerda; na edição de Lviv de 1880 a 1892: vol. 2, folha 4, verso).

"A circuncisão atesta-nos (aos judeus) que estamos limpos" (Shemot Rabbah, par. 23 ao cap. 15, 1).

"Se eles (judeus) encontrarem uma coisa impura ou um não-judeu imediatamente após as abluções rituais de purificação) uma coisa impura ou um não-judeu, a purificação deve ser repetida" (Shulchan Aruch. Yore dea 198, 48). No comentário Be'er heieb, esta passagem é acompanhada por uma lista de coisas impuras: "um cão, um burro, um tolo, um gentio, um camelo gentio, um camelo, um porco, um leproso".

"Um animal abatido por um gentio é considerado carniça, mesmo que o gentio seja jovem e não seja ainda um idólatra, e mesmo que outros (judeus) o estivessem a observar" (Shulchan Aruch, Yore dea 2, 1).

"O pão com ovos espalhados por fora é proibido por causa desses ovos, pois são algo cozinhado pelo gentio" (Kizzur 38, 4).

"O leite ordenhado por um gentio é proibido se nenhum judeu estiver a ver" (Shulchan Aruch, Yore dea 115, 1; Kizzur 38:13).

"O queijo e outras coisas nas mãos de não-judeus são proibidos, mesmo que estejam selados e tenham um selo de que são kosher (limpos), pois não podemos saber quem os selou" (Kizzur 46:19). saber quem os selou" (Kizzur 46:19).

"Qualquer coisa cozinhada por um não-judeu, mesmo que tenha sido feita em recipientes judaicos e numa casa judaica, é proibida" (Shulchan Aruch, Yore e dea 113).

"Se alguém comprou utensílios que pertencem à refeição a um judeu gentio, é proibido usá-los, mesmo que sejam novos... utensílios, é proibido usá-los... até que tenham sido imersos, para que possam passar da impureza dos gentios para a santidade dos judeus" (Kizzur 37, 1).

"Todas as mulheres gentias são prostitutas" (Shulchan Aruch, Eben ha-ezer 6:8).

"Todos os judeus têm uma parte no mundo vindouro, mas todas as outras nações são como burros" (Isaac Abrabanel, Commentary on Isaiah, Jeremiah, Ezekiel and the 12 Minor Prophets, on Hosea4, página 230, contracapa, coluna da esquerda, edição de Amesterdão de 1642).

"Os gentios cujas almas são do espírito impuro são chamados porcos" (jalkut Rubeni al hat-tora, folha 10, contracapa, edição de Amesterdão de 1690).

"Darás ao cão (a carne arrancada ao animal vivo), e poderás dá-la tanto ao gentio como ao redondo... Porque é que se diz: ao cão? Para vos ensinar que o cão tem a preferência. Porque é dito: "Nenhum cão levantará a língua contra nenhum judeu" (Rashi sobre Êxodo 22:30).

"Quem come com um incircunciso é como se comesse com um cão; porque, como o cão é incircunciso, assim é aquele que tem o prepúcio incircunciso. Quem se juntar a um homem que tem o prepúcio incircunciso é como se estivesse a tomar um morto. Quem se banha com ele é como se se banhasse com um leproso. Na sua vida são como os mortos, e na sua morte são como os cadáveres do campo" (Pirke Rabbi Eliezer, cap. 29, edição de Veneza de 1544, folha 24, primeira página, coluna da esquerda, linhas 2 a 7). Na edição de Lemberg 1:867, a passagem completa é a seguinte "Quem come com aqueles que contradizem Javé é como se estivesse comendo pão impuro, e quem se banha com um persa é como se estivesse se banhando com um leproso".

## **II. Ensino da moral**

### **Assassinato**

"Deus permitiu o sangue e os bens dos gentios; o sangue (Deuteronómio 20:16): Não deixarás viva alma alguma; os bens (Deuteronómio 20:14): Comerás os despojos dos teus inimigos. (Wajjiqra rabba, par. 13 ao cap. 11, 1).

"Todo aquele que derrama o sangue dos ímpios (os gentios) oferece (a Javé) um sacrifício" (Simon Darshan, Jalqui Shimoni, folha 245, verso, coluna da direita, nas edições de Veneza 1566, vol. 1, e Frankfurt a. M. 1687; folha 431, verso, na edição de Livorno 1650-1657, vol. 1).

"Só aquele que mata um judeu transgride a proibição; não matarás" (Maimónides, Hilchot Rozeach 1:1).

"Matem o melhor dos gentios, esmaguem os miolos do melhor dos escravos!" (Mechilia, Beschallach, par. 1 ao cap. 14, 7).

"Se os judeus têm vantagem sobre os gentios...., estamos proibidos de tolerar até mesmo um entre nós" (Maimónides, Hilchot Abodu zara 10, 5.6).

"De acordo com todas as leis, é permitido matar uma pessoa assim (idólatra, cristão, gentio). Os nossos filósofos também o permitem e declaram: Matem aquele que não reconhece nenhuma lei (judaica)! E, do mesmo modo, a doutrina (judaica) da lei diz, relativamente aos idólatras (cristãos, gentios): "Não deixes viver nem uma alma! Se tal pessoa pode ser morta, quanto mais os seus bens! Um idólatra (cristão, gentio) merece a morte sem piedade" (Sefer Ikkarim III, capítulo 25).

## **Mulher**

"A mulher (judia) deve lavar o rosto, as mãos e os pés do marido; deve servir-lhe o copo; deve fazer-lhe a cama; deve estar diante do marido e fazer-lhe a cama; deve estar diante do marido e servi-lo; deve dar-lhe uma vasilha de água" (Shulchan Aruch, Eben ha-ezer 80:4).

## **Casamento**

Eles (os gentios) não podem casar-se" (Shulchan Aruch, Eben ha-ezer 44:8).

"Se um gentio e uma mulher gentia, ou um judeu que se tornou gentio, se casam de acordo com a sua nova religião, e se subsequentemente se tornam judeus, então o casamento anterior não é tido em conta; a mulher pode deixá-lo (o homem) sem uma certidão de divórcio, mesmo que ele tenha vivido com ela durante muitos anos; pois foi apenas fornicação" (Shulchan Aruch, Eben ha-ezer 26, 1).

"Aqueles que se converteram ao judaísmo com os seus filhos não conhecem o luto um pelo outro, porque aquele que se converteu ao judaísmo é como uma criança recém-nascida, e o parentesco do tempo em que ainda não eram judeus já não é parentesco" (Kizzur 203:5).

"A relação sexual é um dos prazeres do Sabbath; portanto, os sábios (talmúdicos) devem praticar o coito Sabbath após Sabbath" (Shulchan Aruch, Orach chajjim 280, 1.2).

"Não se deve fazer amor no início ou no fim da noite, mas sim à meia-noite... nem em locais públicos, nem em jardins e parques, mas em casa... nem à luz... nem mesmo durante o dia... nem enquanto se viaja... Não se deve dormir com uma mulher se ela for repugnante durante o ato sexual... se ele ou a sua mulher estiverem embriagados" (Shulchan Aruch, Eben ha-ezer 25, 3- 9).

## **Deceção**

"É proibido visitar ou cumprimentar um gentio no seu feriado. Se encontrares um gentio na rua, cumprimenta-o discretamente e com dificuldade. É proibido cumprimentar um gentio para retribuir o cumprimento; mas neste mundo é bom cumprimentar o gentio primeiro, para que o gentio não se torne forte; é necessário cumprimentá-lo primeiro" (Shulchan Aruch, Yore dea 148, 1).

## **Solidariedade**

"O nível mais elevado de justiça, para além do qual não há nada, é quando alguém (um judeu) ajuda um judeu empobrecido antes de esse judeu ficar completamente empobrecido, dando-lhe um presente apropriado de forma honrosa, ou emprestando-lhe dinheiro, ou fazendo negócios com ele, ou dando-lhe algum tipo de comércio ou negócio ou emprego, de modo a torná-lo forte novamente" (Kizzur 34:13).

## **Trabalho**

"Deus criou os gentios, embora sejam como animais, em forma humana... mas não os criou para outro fim senão o de servirem os judeus dia e noite, e nunca deixarem de o fazer. Não é apropriado que os judeus sejam servidos por animais na forma de animais, mas por animais na forma de homens. (Midrash Talpilot, página 255, edição de Varsóvia, 1875).

## **Moralidade salarial**

"O homem (judeu) que não se esforça pelo bem visível não se esforça pela recompensa visivelmente boa" (Yehuda Halevi, Kusari 5:27).

## **III. Vida jurídica**

### **Judiciário**

"É proibido (a um judeu) obter justiça através da mediação de um gentio" (Shulchan Aruch, Ishpat, 4:2).

"Um painel judicial de três pessoas, uma das quais é um prosélito (um não judeu que se converteu ao judaísmo), não pode julgar um judeu, a menos que a mãe ou o pai do prosélito fossem prosélitos judeus" (Shulchan Aruch, Choshen ham-mishpa 7, 1).

"É proibido ser julgado por ele (um não-judeu) (Shulchan Aruch, Choshen ham-mishpat 22:2).

### **Roubo de bens perdidos**

"Guardar o 'objeto perdido' de um gentio é permitido (ao judeu que o encontra) é permitido, pois diz (Deuteronómio 22:1): 'A perda do teu irmão'. Mas se o achador judeu devolver o achado ao perdedor não judeu, comete uma transgressão da lei, porque reforça o poder dos transgressores. transgressores. No entanto, se ele devolve o achado com a intenção de santificar o Nome (Divino), então a sua ação é louvável. louvável" (Shulchan Aruch, Choshen ham-mishpat 266, 1).

### **Bens roubados**

"Se alguém (um judeu) roubou alguma coisa e outro (judeu) aparece e ajuda-o a levar os bens roubados, então esta (vedação) está isenta de pagamento (Shulchan Aruch. Choshen Habimiscnpat

"Se um judeu comprou algo a um ladrão e o revendeu a outro judeu, e um gentio vem e alega que lhe foi roubado, e acaba por o retirar ao segundo comprador de acordo com a sua lei, então o primeiro judeu deve devolver o dinheiro ao segundo, se o ladrão for conhecido como tal; mas se o ladrão não for conhecido como tal, o primeiro judeu não precisa de devolver o dinheiro ao

segundo, pois pode dizer: "Talvez o gentio esteja a mentir" (Shulchan Aruch, Choshen ham-mishpat 356, 10).

## **Enganar os gentios**

"É permitido tirar partido do erro de um gentio. É permitido enganá-lo em aritmética. É permitido não pagar as suas dívidas" (Shulchan Aruch, Choshen ham-mishpat 348:2).

"Se alguém (um judeu) faz um negócio com um gentio e outro (judeu) aparece e engana o gentio na medida, no peso ou no número, o lucro deve ser partilhado, quer ele tenha ajudado a troco de pagamento ou de graça" (Shulchan Aruch, Choshen ham-mishpat 183:7).

"Se alguém (um judeu) envia um goy a um gentio para recolher dinheiro, e ele (o gentio) se engana e dá demasiado, tudo pertence ao mensageiro" (Shulchan Aruch, Choshen ham-mishpat 183:7).

## **Dívidas**

"Se alguém (um judeu) não paga as suas dívidas (aos gentios), é permitido" (Shulchan Aruch, Choshen ham-mishpat 369, 6).

"É permitido não lhe pagar (ao gentio) a dívida" (Shulchan aruch, Choshen ham-mishpat len) (Shulchan aruch, Choshen ham-mishpat 348:2).

"Um judeu que deve algo a um gentio não é obrigado a pagar nada aos seus herdeiros se o gentio morrer e nenhum judeu morrer e nenhum gentio souber disso" (Shulchan Aruch, Choshen ham-mishpat 283, 1).

## **Usura**

"(Deus) ordenou-nos que emprestássemos aos gentios com juros. Só podemos emprestar-lhes nesta condição (de juros) não para os beneficiar ou ajudar, mas para os prejudicar exigindo juros. Prejudicá-los exigindo juros. É proibido atuar desta forma para com um judeu" (Maimonides, Sef er Mitzvot, 198º mandamento).

"Pode-se emprestar dinheiro a um gentio a juros usurários (nos meios-dias), porque de outra forma o negócio estaria perdido (os meios-dias são um dia parcial de descanso para o judeu). (Shulchan Aruch, Orach Chaiyim 539:13).

"É permitido (durante os dias de luto) emprestar-lhes (gentios) com usura através do intermediário de estranhos, porque de outra forma o negócio seria perdido" (Shulchan Aruch, Yore dea 380, 7).

"A que se pode comparar a usura? Àquilo que uma cobra morde, e ele não sabe quem o mordeu, e não o sabe até que ela apareça (e a dor comece). Assim são as consequências da usura até que ele se ponha em cima dela" (Shemot rabba). (Shemot rabba, par. 31 para Ch. 22:25).



**Hundreds of books  
Translated from the  
Third Reich originals!**

**RJG Enterprises Inc.  
PO Box 6424  
Lincoln NE 68506 USA  
[www.third-reich-books.com](http://www.third-reich-books.com)**

